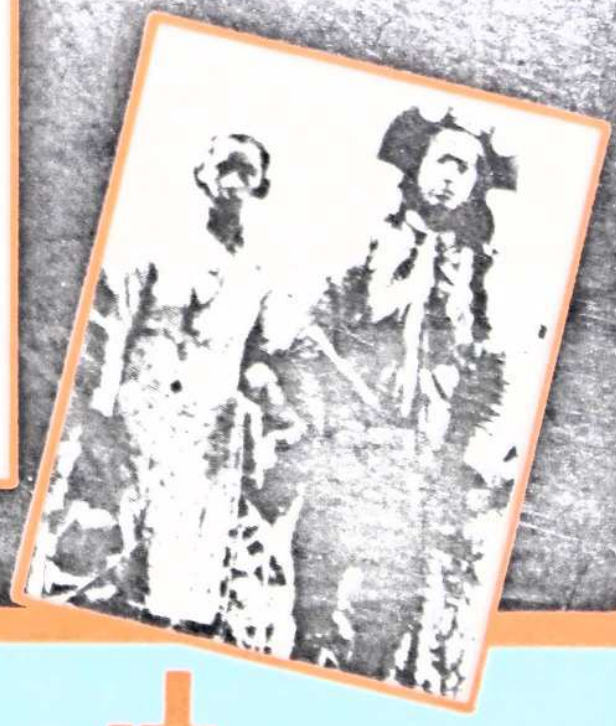
LAMPIÃO: as MULHERES e o Cangaço

ANTONIO AMAURY CORRÊA DE ARAÚJO











TRAÇO EDITORA

ANTÔNIO AMAURY C. ARAÚJO

LAMPIÃO:
AS MULHERES E O CANGAÇO

TRAÇO EDITORA

Copyright © 1984
Antônio Amaury Corrêa de Araújo

Editor responsável:
Carlos da Costa

Revisão:
Deborah S. Peleias

Layout da capa:
Carlos das Neves

Reproduções fotográficas:
Armando Nishixama

Composição e impressão:
A Tribuna de Santos
Rua João Pessoa, 347 — Santos
Telefone: 32-8692

Direitos reservados:
Traço Editora e Distribuidora Ltda.
Rua São Joaquim, 437 — Liberdade — SP
CEP 01508 — Tel.: 270-3847

Impresso no Brasil
Pinted in Brazil

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Câmara Brasileira do Livro, SP

Araújo, Antônio Amauri Correia de, 1934 —
A687L Lampião: as mulheres e o cangaço / Antônio Amaury C. Araújo. — São Paulo : Traço, 1985.

Bibliografia.

1. Cangaço — Região Nordeste — Brasil 2. Lampião, 1900-1938 3. Mulheres no cangaço I. Título.

84-2089 CDD-301.18509812

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Região Nordeste : Cangaceiras : Sociologia 301.18509812
2. Brasil : Região Nordeste : Cangaceiros : Sociologia 301.18509812
3. Brasil : Região Nordeste : Mulheres no cangaço : Sociologia 301.18509812
4. Nordeste : Brasil : Cangaceiras : Sociologia 301.18509812
5. Nordeste : Brasil : Cangaceiros : Sociologia 301.18509812
6. Nordeste : Brasil : Mulheres no cangaço : Sociologia 301.18509812

À minha família:

Elydio e Benedicta, meus pais,
René Maria, a companheira de sempre,
e Antônio Amaury, Carlos Elydio
e Sérgia Reneé, nossos filhos.

SUMÁRIO

O "CANGACEIRO" CAIPIRA 9
PRÓLOGO 13
LUISA E O CABELEIRA 18
AS MULHERES E LUCAS, DA FEIRA 21
AS VÍTIMAS DE RIO PRETO 25
A MULHER DE JOSÉ LEÃO DA CUNHA 27
A ESPOSA DE JESUÍNO BRILHANTE 30
SERTANEJAS E ANTÔNIO SILVINO 33
VICENTE, DE MARINA 43
MULHERES NA VIDA DE CHICO PEREIRA 45
A COMPANHEIRA DE MEIA-NOITE 48
O CANGACEIRO, DE CATULLO 51
A PUNIÇÃO DE CABRAS 70
MULHERES MARCADAS 74
ZÉFA PERDIDA 92
MARIA, DE AZULÃO 95
A VESTIMENTA DAS CANGACEIRAS 102
LILI, SEBASTIANA E ÁUREA 111
OTILIA E ROSINHA, AS MULHERES DE MARIANO 115
ENEDINA 128
LÍDIA, A MAIS BELA CANGACEIRA 131
ELEONORA, E SEU TRISTE FIM 148
MOÇA, DE CIRILO DE INGRACIA 154
CRISTINA, DE PORTUGUÊS 162
MARIA BONITA 168
MAIS CANGACEIRAS 257
A ESPOSA FOI TESTEMUNHA 287
ANA ROSA, A DESGRAÇA DE JORGE HORÁCIO 291

ASSOMBRAÇÕES 296
O SEXO 308
O BAILE DOS CANGACEIROS NA FAZENDA 328
ANEXO (Explicativa) 339
DETALHES SOBRE A NARRAÇÃO 340
FLORZINHA E OUTRAS MULHERES 341
AS MÃES 360
AS ORIGENS DAS MULHERES NO CANGAÇO 374
GLOSSÁRIO 385

O "CANGACEIRO" CAIPIRA

Franklin MAXADO

Um paulista é o maior conhecedor do tema *Cangaço* no país. E isso pode soar estranho (como pareceu a mim anteriormente) a quem não saiba que São Paulo, atualmente, é a maior cidade nordestina. Ela junta migrantes dos Estados brasileiros, facilitando a pesquisa sobre assuntos do Nordeste. Como amigo de Amaury, e como escritor de Cordel, posso atestar isso.

E o que digo, eu provo!

Quero mostrar aqui a imagem do Amaury que a TV Globo não ousou no programa "8 ou 800", em 1976. Dono de uma memória extraordinária para fatos, nomes e números (talvez, só Maluf e Dadá, de Corisco, tenham igual) Amaury só não ganhou o prêmio máximo porque desistiu no último programa, desconfiando dalguma cilada, como bom estudioso das estratégias dos cangaceiros.

Sei que o dinheiro não lhe tenta. Mas, vamos conhecer este paulista, visto por um baiano.

Antônio Amaury Corrêa de Araújo, ainda meninote, leu livretos do tipo Literatura de Cordel em sua Araraquara, noticiando a morte de Corisco, o "Diabo Louro", no sertão da Bahia, em 1940. Cidade importante do centro territorial do Estado de São Paulo, Araraquara não só atraiu a família de Amaury (nascido em 1934, na minúscula Boa Esperança do Sul) como também os vendedores de folhetos, como o daquele "Morto em Combate o Famoso Corisco".

Só mais tarde, aos 16 anos, o tema do Cangaço voltou às mãos de Amaury: o livro "Lampião", do escritor Ranulpho Prata. Devorou-o com os olhos de metralha.

Sua curiosidade de jovem estudante e o fascínio do tema levaram-no a sempre procurar revistas e jornais que contassem as aventuras dos cangaceiros. E das poucas informações das reportagens sensacionalísticas, das matérias destorcidas ou incompletas, criou-se-lhe a vontade de estudar o assunto e de conhecer os remanescentes do Cangaço.

Lampião tentava outras gentes de outros lugares. Mesmo depois de morto!

Como rapaz interiorano, Amaury não fugiu à regra dos "rachas" com bola de borracha e os namoros furtivos com as moças bonitas no centro da cidade. E de ter outros passatempos. Entretanto, cumpria seus estudos. Fez logo dois vestibulares ao mesmo tempo: Odontologia e Belas Artes. E foi aprovado em ambos. Formou-se, em 1956, como cirurgião-dentista e como professor de Desenho, permanecendo em Araraquara clinicando.

A mudança para São Paulo fez seu consultório de dentista o colocar em contato com muitos nordestinos. Voltou-se à sedução de penetrar nos mistérios do Cangaço e, com seu gosto interiorano pela prosa, não foi difícil ganhar a confiança de muitos e auscultar-lhes os casos. Afinal, todo migrante ou imigrante tem uma história para sair do seu torrão. No caso do nordestino, muitas são de violência, de perseguição política, de injustiça, além das de seca.

Já espiritualmente dentro do ambiente do Cangaço, travou conhecimento com antigos policiais perseguidores de cangaceiros. Ouviu-os pacientemente. Várias vezes, voltou a ouvi-los com as mesmas perguntas para confirmar dados e fatos na acuidade de pesquisador estóico e apaixonado, já que não ganhava para essa atividade.

Teve acesso a casos que a história comum não conta. Também, procurou a versão dos cangaceiros sobreviventes, coiteiros ou de "paisanos" (esta era a denominação dada aos sertanejos não envolvidos com o Cangaço mas que foram testemunhas de fatos).

A curiosidade e o fascínio do tema fizeram-no viajar (doze vezes até agora) ao sertão nordestino. Em uma dessas viagens, foi hóspede do único irmão vivo de Lampião. Retribuiu a hospedagem, em 1969, e teve João por 23 dias em sua residência em Santana (São Paulo). Aproveitou a oportunidade para levá-lo à sua irmã Maria, conhecida familiarmente pelo apelido de Mocinha, residente em São Paulo desde 1967. Não é preciso adiantar o que isso pôde dar a Amaury a fim de se inteirar das causas para o ingresso de Lampião no Cangaço, primeiramente como "cabra" de Sinhô Pereira.

E Amaury foi amigo do chefe dos Pereiras, estando com ele em três ocasiões: janeiro e fevereiro de 1970 e em 1977. Acompanhando o velho Sinhô em seu retiro no astral mineiro, estava seu primo Cajueiro, outro veterano das escaramuças sertanejas. Também, narrou-lhe o que sabia.

Com Sinhô Pereira, o homem que Lampião considerou "o mais valente que conheceu", em 1926, na visita que fez ao padre Cícero do Juazeiro, Amaury tem várias gravações e correspondência. Material imprescindível para quem estuda as lutas do Cangaço.

Outros grandes nomes envolvidos, como o famoso rastejador Batoque, foram ouvidos por Amaury. João Gomes Jurubeba e seu irmão Davi, corajosos lutadores, cuja família perdeu 17 membros no campo de luta. O famosíssimo José Saturnino Nogueira, considerado por Lampião seu "inimigo número um" pelos desmandos causados à família dos Ferreiras.

O coronel João Bezerra da Silva, matador do "Rei e da Rainha do Cangaço", foi outro anfitrião de Amaury, em Garanhuns, nas suas andanças pelo Nordeste, no rastro residual dos cangaceiros. Ouviu da sua própria voz os preparativos e como foi o assalto fatal à Gruta de Angico, à beira do Rio São Francisco. Dos integrantes da volante que chefiou, conversou com Tntonho Jacó, Mané Véio, Pedro Barbosa, Abdon Cosme, Zé Panta, entre outros ex-policiais.

Mané Varjão, Odilon Flor, Bem-te-vi, o cabo Rocha, Antonio Izidoro, Zé Grande, o soldado Ananias, Manoel Flor, Raimundo Nogueira Barbosa, lhe contaram muitas coisas sem reservas.

Em Sergipe, recolheu informações com antigos comandantes de volantes, como o coronel João Lins e o capitão José Luiz. O contratado Joaquim Góis lhe revelou outros detalhes novos.

Muitos outros nomes surgem, como o de Jackson Alves de Carvalho, Pedro Barbosa dos Santos, Paulo Soares Ferro, Eufrasiano e o Nenê Cajuí.

Dos parentes do corajoso Clementino Furtado, o "Quelé do Pajeú", gravou muitos depoimentos, esclarecendo a forma de como Lampião o atacou por duas vezes para matá-lo.

De antigos coiteiros e protetores do chefe dos cangaceiros, Amaury conseguiu inúmeras gentilezas. Como a de Antonio da Piçarra. Na gravação de um dos seus depoimentos, aconteceu um fato inusitado e hilariante. Um cabrito sorrateiramente começou a comer o fio do gravador no canto do alpendre de sua casa.

Outros nomes foram contatados e, apesar de não serem proeminentes nas histórias do Cangaço, serviram para esclarecer

pontos obscuros. Se fôssemos citar todos, a lista seria imensa. Aos interessados, deixo a leitura dos livros de Amaury.

Quero apenas destacar dessas mais de três décadas de estudos e pesquisas, as hospedagens que o dr. Amaury concedeu à filha de Lampião e de Maria Bonita — Expedita — e à viúva de Corisco — Dadá — em sua morada na zona norte da capital de São Paulo. Dadá ali permaneceu por mais de cinco meses, do ano de 1968, em tratamento médico. A amizade e a gratidão fizeram Dadá contar episódios acontecidos no meio dos grupos que jamais haviam sido revelados. Dessas conversas, surgiu o livro "Gente de Lampião: Dadá e Corisco".

Amaury me revelou que ficou impressionado com a memória de Dadá. Dava pormenores de datas, detalhes, fatos, informações e nomes que, checados em outras fontes, se mantinham inalterados ou confirmados.

Outros cangaceiros foram ouvidos ou privaram da amizade de Amaury, como Zabelê, Labareda (ou Angelo Roque da Costa, o "Anjo Roque"), Saracura, Deus-te-guie, Balão, Criança, Marinheirinho, Volta Seca, Cearense, Zé Sereno, Adília, José, Soares, Lavadeira, entre muitos outros.

Ainda, conheceu e conhece pessoalmente muitos pesquisadores do tema, incluindo Rodrigues de Carvalho, Joaquim Góis, Maria Cristina Mata Machado, Aglaê de Lima, Luiz Wanderley Torres, Estácio de Lima, Arthur Shaker, André Capelo e Carlos Alberto Dória.

Pelo seu reconhecido saber, é sempre consultado para orientar roteiros de filmes, de novelas ou "scripts" sobre o tema.

Este livro de Amaury mostra o lado sexual ou o das mulheres no Cangaço, lado pouco explorado nesse mundo. Aliás, como é tudo brasileiro neste país ainda colonizado.

Como amigo e colega de Antonio Amaury (ele também escreve folhetos de Cordel), espero não ter abusado da intimidade para mostrar o seu valor a fim de matar a curiosidade dos seus numerosos leitores, através das edições e reedições de obras sobre temas bem brasileiros, já que o Nordeste também é Brasil, embora muitos não sintam isso.

São Paulo, março de 1984.

PRÓLOGO

Estudioso e interessado pela temática cangaço, que o somos há mais de três décadas, sempre notamos a lacuna que havia em torno de um trabalho que focalizasse a figura da cangaceira.

Nos inúmeros livros constantes da bibliografia que envolve Lampião, Cangaceiros, Cangaço, alguns cuidam de dar, em rápidas pinceladas e com pálidas cores, o retrato das cangaceiras.

Nenhum porém cuidou somente do elemento feminino em face a esse problema, que existiu por tanto tempo e em tão vasta área da região nordestina.

Animados e estimulados por pessoas interessadas em conhecer a atuação, o sofrimento, a conduta, o pensar, o viver das mulheres que foram envolvidas na voragem do drama desenrolado nas terras do Rei do Cangaço, espicaçados pela vontade do editor Carlos Costa, da Traço Editora, em não deixar cair no olvido esses episódios, resolvemos elaborar da melhor maneira possível esse "Lampião: As Mulheres e o Cangaço".

Não vamos terminar porém sem manifestarmos nossos agradecimentos às mulheres que nos auxiliaram, com informes, notícias, dados sobre os fatos dos quais, na maioria das vezes, participaram.

Por exemplo, dona Maria Ferreira Queiroz, a dona Mocinha, a única remanescente da irmandade de Lampião, que tantas passagens da vida familiar nos fez reviver, ela que estava presente quando da morte de sua mãe, em conseqüência provavelmente ao que tudo indica, de um enfarto fulminante, pois estava deitada em uma rede.

Isso naquele longínquo 22 de maio de 1920, um sábado que não esqueceu jamais, no lugar chamado Engenho, situado entre Matinha de Água Branca e Mata Grande e que pertencia a uma pessoa chamada Luiz Fragoso.

Dona Cyra Britto Bezerra, a devotada esposa de João Bezerra da Silva, o comandante da volante que eliminou Lampião, Maria e outros no combate de Anjico, e que nós conhecemos já no posto de coronel da reserva remunerada.

Pois dona Cyra viveu no mundo dos cangaceiros desde sua infância, quando passava as férias na fazenda de seu avô, cujo nome era Antônio de Britto, sendo mais conhecido no entretanto, pelo vulgo de Sinhôzinho, do Gerimum, por ser essa a denominação de uma das suas fazendas, e falecido, há não muito tempo, com quase um século de idade. Foi grande proprietário na ribeira do São Francisco.

Durante uma de suas férias no latifúndio avoengo, é que dona Cyra pela primeira vez travou contato, indiretamente, com Lampião.

Era noite alta quando acordou com o barulho de vozes e risadas altas.

Levantou-se e viu uma réstea de luz sob a porta fechada de uma das salas.

O barulho provinha dali, onde jogavam baralho ruidosamente.

Voltou para o quarto e dormiu.

No dia seguinte soube que os cangaceiros tinham passado a noite toda divertindo-se na mesa de jogo.

Passou o tempo. Casou-se com um militar e um belo dia a cidade onde residia foi invadida por um bando de cangaceiros destemerosos e atrevidos nas lides das armas.

Não teve dúvidas, de armas na mão enfrentou os assaltantes e auxiliou na defesa de Piranhas.

Dona Joaninha, a esposa de João Ferreira, o irmão de Lampião que nos recebeu por três vezes em sua residência e que foi nosso hóspede durante vinte e três dias em São Paulo, contou-nos passagens da estada do cunhado e sua gente na Méca Sertaneja, do encontro com o padre Cícero, do namorico de um dos Ferreiras, o Antônio, com uma das filhas do poeta João Mendes de Oliveira, a que trazia por nome Maria. Um namoro rápido, descompromissado, inconseqüente porque dez meses depois o cangaceiro morria.

Dadá, ah Dadá... Impossível a qualquer pesquisador sério escrever sobre a terra e gente do cangaço sem a colaboração dessa verdadeira enciclopédia viva da história lampiônica.

Mormente quanto aos fatos que aconteceram no decorrer da existência de mulheres nos grupos.

Que memória privilegiada!

Quanta segurança nas informações!

Vou dar um pequeno exemplo do que afirmamos. Quando Dadá narrou-nos o episódio em que Corisco ficou aleijado, Cru-



Maria Ferreira Queiroz, irmã de Lampião, em companhia do autor no ano de 1967.



João Gomes Jurubeba, Licor e Gertrudes. Ele, um antigo perseguidor dos cangaceiros e elas primas legítimas de Lampião. Licor foi, talvez, a primeira paixão do rei do cangaço. Foto tirada pelo autor no ano de 1970 em Serra Talhada (antiga Vila Bela).

zeiro e Roxinho morreram, isso no combate da fazenda Lagoa da Serra, falou-nos Dadá que ela vinha na frente com os dois paisanos Grigorio e Cabeção, servindo de guia.

Puxou um pouco pela biblioteca da memória e de um dos escaninhos onde guardava zelosamente as ocorrências daquele dia, nos disse:

— Um dos guias tava com uma camisa que tinha listras fininhas de pé (queria dizer que eram listras verticais finas) i o outro camisa clara.

Muito bem, pensei, minha comadre está exagerando dessa vez. Imaginem só se é possível alguém lembrar-se das cores de camisas de quem somente foi visto rapidamente! Além de que, ao nos dar esses pormenores, exatamente três décadas tinham se passado.

Pouco tempo depois ficamos conhecendo Zé Grande. Era irmão de antigos e famosos componentes de forças volantes e cresceu convivendo com as histórias e feitos das tropas.

Algum tempo após a morte de Lampião, entrou também na força apesar de não ter ainda completado os dezessete anos, e passou a perseguir Corisco e Ângelo Roque (Labareda) que tinham permanecido ainda na liça.

Seu primeiro combate foi justamente esse da Lagoa da Serra.

Fiquei curioso em tirar a prova dos nove, em relação à memória de Dadá, e perguntei-lhe se se lembrava dos nomes dos guias que estavam com os cangaceiros e de como estavam vestidos.

— Lembro sim. Nóis prendemos us dois dipois do fogo, (isso Dadá não havia nos contado, porque logo aos primeiros tiros os dois paisanos sumiram de suas vistas) era o Grigorio i Cabeção. Us dois tavi di camisa. Um tinha a camisa riscadinha assim (e fez o gesto com os dedos como que traçando riscas verticais) a du outro eu num mi alembro.

Minha curiosidade estava satisfeita e Dadá passava com méritos no teste de memória. Aliás, em outras confrontações que fizemos de informes seus, saiu-se também sobejamente vencedora.

Conhecemos em Serra Talhada (que nos tempos de Lampião ainda trazia o poético nome de Vila Bela) uma das primas de Virgolino, Licor, e uma sua irmã.

A primeira delas fora uma das paixões do jovem cangaceiro e quando de seu casamento com Enoque de Meneses no

ano de 1923 ele ficou furioso e à frente de seu grupo invadiu a casa em que o padre Keller realizaria a cerimônia e esperaram o ataque de uma tropa volante que estava nas proximidades.

O combate foi prolongado e violento.

Com a comida e as bebidas destinadas aos convidados à sua disposição, tomaram a sanfona do tocador; por sinal, quando conversamos com Licor perguntamos o que achava do primo. Respondeu-nos:

— Era um bandido.

Argumentamos: — Mas dizem que ele foi levado a essa vida etc., etc., etc. E repetimos a defesa feita por João Ferreira e dona Mocinha.

Licor disse: — É verdade, está tudo certo, mas ele era um bandido!

— Ora, se a senhora reconhece que no início de tudo ele foi vítima, como é que era bandido?

— Porque ele tirou a sanfona do tocador? Porque estragou o baile? Se tirou a sanfona era bandido!

Curiosamente a mágoa toda não era pelos assaltos, pelas mortes, pelo tiroteio no local do casamento, mas por ter tirado a sanfona, que animaria o baile.

Agradecemos ainda a Adília, Sila e outras personagens que irão desfilar nas páginas a seguir.

Lembramos somente que mais dois trabalhos estão em preparo: "Quem Foi Lampião" e um outro intitulado "Lampião: As Cidades Invadidas".

Bom proveito nesta leitura.

LUÍSA E O CABELEIRA

Desde a remota antiguidade a vida guerreira e os guerreiros fascinaram as mulheres. E isso aconteceu em todos os povos e lugares, nas tribos mais primitivas, em monarquias hereditárias e nas sociedades com o mais alto grau de civilização e progresso.

Algumas foram causadoras de guerras famosas, que ficaram marcadas na história, como Helena de Tróia. Outras, causaram a destruição da própria pátria e levaram seu povo ao domínio estrangeiro por se unirem a um "guerreiro", como é o caso de Cleópatra, do Egito.

Mesmo na mitologia encontramos esses exemplos: as Amazonas e sua rainha Hipólita, guerreiras famosas e valentes da Grécia, na Germânia temos as Walquírias temidas.

A América e o Brasil, em particular, não fugiram à regra.

Lembremos de Maria Quitéria, a baiana heróica que lutou na Guerra da Independência do Brasil; Anita Garibaldi, a catarinense que lutou ao lado de seu amado pela República de Piratini e pela unificação da Itália. A virgem Maria Rosa das lutas do Contestado, e as sertanejas que sofreram, morreram e lutaram na Guerra de Canudos.

Os movimentos místicos fanatizaram mais às mulheres que aos homens; quando da repressão a esses surtos, as mulheres lutaram muito mais do que os próprios companheiros.

O Reino da Pedra Bonita é um dos primeiros exemplos do que afirmamos, Canudos é outra mostra sangrenta, a destruição do Núcleo do Beato Lourenço no lugar Mata Cavalos, na Serra do Araripe e, posteriormente, a luta para acabar com os fanáticos de "Pau de Colher", a Guerra dos Caceteiros como também é conhecida.

Em todos esses episódios a figura da mulher sertaneja se destaca. Tanto lutando como auxiliando os lutadores. Tanto vivendo o drama, a tragédia, como sofrendo suas conseqüências, participando dos mesmos, não se omitindo.

No mundo do cangaço aconteceu o mesmo, embora sua participação no cangaço "volante" tenha demorado a ocorrer e

quando o fez, causou grande impacto, transformando todo um modo de vida.

Tivemos desde as "estrelas", como Maria Bonita, Dadá, Lídia, Ignacinha até as simples figurantes, como Maria amante de Juriti, Verônica, Maria companheira de Labareda, Florência ligada a Rio Branco, etc. No entanto, é necessário irmos aos tempos anteriores a Lampião para encontrarmos as primeiras influências femininas, nesse mundo estranho do cangaço.

Gustavo Barroso afirma no seu "Heróis e Bandidos":

"A mulher sertaneja conserva as características de honestidade e bravura das mulheres de antanho, companheiras dos exploradores e dos bandeirantes. Meninas e moças se encontram de clavinote em punho ao meio das refregas. Uma criança de quinze anos, filha do bandido Amâncio, fuzilava os assaltantes da casa, com o pai agonizando sobre os joelhos. Num tiroteio, meteram uma bala na perna de Adolfo Meia-Noite. A esposa carregou-o aos ombros, fugindo sob uma chuva de balas! Umas gastam o último vintém para vingar o marido, o pai ou o irmão. Ricardina de Lavras, a cangaceira, mandou matar o padre Victor, vigário de Campo Grande, na Parayba. Helena Maciel, irmã de Antônio Conselheiro, subsidiou o bandido Estácio José da Gama. Anna do Bonfim, mãe do cangaceiro João do Bonfim, matava à faca. Outras, como a negra Xica Barrosa, dão-se até à vida de cantadoras de desafio e, excepção raríssima, assombram o sertão como se fossem Saphos degeneradas e obscuras". (Pg. 72, H.B.).

Eis, em rápidos traços, o que eram as mulheres sertanejas daqueles tempos. Seu estofo de bravura e coragem, seguidora fiel, também, do mesmo código de honra do sertão que não admite levar afronta para casa, que se deixe sem a devida resposta a ofensa física ou moral.

Criadas na escola de fidelidade familiar são excelentes alunas e seguidoras do código que diz: "olho por olho, dente por dente"; e muitas vezes, quando o irmão, o marido ou o filho titubeam em desafrontar-se de um inimigo, espicaçam-no, açulam-no, estimulam-no e auxiliam-no ao revide.

Vamos recordar alguns exemplos:

Luísa, este o nome da moça que amou o temido Cabeleira nos distantes tempos de 1776.

Mais de dois séculos nos separam desses fatos. Segundo o escritor Franklim Távora, esse cangaceiro andava em companhia do pai e de um sujeito pardo, que atendia por Teodósio.

Sua mãe, Joana, era dominada pelo marido. Um sujeito de maus bofes, Joaquim o seu nome, que introduziu e estimulou o filho na estrada do crime.

Quando prometeu a Luisinha que se regeneraria, diante da insistência e pedidos que a jovem lhe fazia, eis que a mesma falece.

Aprisionado em um canavial, foi levado para a capital, Recife, onde foi julgado juntamente com o pai e com Teodósio.

Foram condenados à forca e executados em 1776, no largo das Cinco Pontas.

Crendo-se no que cantavam os poetas populares, o jovem não respeitava as mulheres, o que fugia totalmente às normas daquelas eras.

Cantavam:

"Fecha a porta, gente.
Cabeleira aí vem.
Matando mulheres,
Meninos também".

Ou então, já repartindo a culpa e o terror que espalhavam, os feitos do filho igualando-se aos do progenitor, gerando a seguinte quadrinha popular, em voga entre a população amedrontada:

"Corram, minha gente
Cabeleira aí vem;
Ele não vem só,
Vem seu pai também".

Estes foram os primeiros cangaceiros a terem seus nomes gravados na memória popular e na crônica escrita.

AS MULHERES E LUCAS, DA FEIRA

Bem antes de Lampião vir ao mundo, mas muito antes mesmo, isto é, lá pelos idos de 1823, o negro Lucas Evangelista, que por ter nascido em Feira de Sant'Ana era comumente conhecido por Lucas da Feira, espalhava o terror por essa região.

Nascera em 1807, e com quinze anos de idade aquilombara-se, formando um nutrido grupo de malfeitores ferozes, cujo número chegou a trinta.

O livro "Lucas, o Demônio Negro", de Sabino de Campos, nos serve como fonte de pesquisa.

Quando começaram a correr as novidades sobre os contínuos ataques do grupo cangaceiro de Lucas, as estradas que demandavam Olhos D'Água (parece ser a antiga denominação de Feira de Sant'Ana) principiaram a ficar desertas e a serem evitadas.

Soldados foram enviados para prendê-lo. Nada.

Construiu em torno de seu coito um original sistema de alarme.

Estabeleceu uma espécie de rede, elaborada com cipós resistentes, em cuja ponta havia um chocalho, e este ficava exatamente em seu coito.

Quando alguém ou alguma coisa ia de encontro a rede eis que o tilintar do chocalho alarmava os que estivessem no coito, alertando-os.

Um século depois, os cangaceiros de Lampião usaram do mesmo sistema. Só que em lugar de cipó colocavam linha resistante e disfarçada com carvão. O fio de linha ou barbante era untado com sebo de carneiro e nele se esfregava o pó de carvão, escurecendo-o.

Teve ainda a perspicácia e possibilidade de montar uma rede de informantes, acoitadores e auxiliares, que de tudo o avisavam e preveniam.

Lucas também foi um sátiro.

Sua primeira vítima, ao que consta, foi uma tal de Bernardina, mulatinha que permaneceu em sua companhia por três

meses, sendo então despedida com algumas peças de tecidos para vestidos e quarenta e cinco mil réis.

Logo depois deflorou Eufrosina, uma moça branca que residia a uma distância de mil e quinhentos metros de Feira de Sant'Ana.

O bandoleiro negro resolvera que tinha em relação às moças brancas, os mesmos direitos que os fazendeiros e patrões tinham para com as jovens escravas.

Logo em seguida atacou uma mulata adolescente, Ana Gomes. O pai da jovem entrou em luta com o raptor e foi esfaqueado, mas a moça conservou sua virgindade.

Um casal de lavradores foi atacado pelo ex-cativo. A mulher, apelidada Mariquinhas, lutou bravamente em defesa da sua honra até ser dominada.

Seu marido, José Vicente, caiu morto durante a luta.

Foram inúmeras as vítimas das tropelias do bandoleiro. Latrocínios foram praticados nos ermos das estradas e nas casas situadas nos tabuleiros desertos.

Um sertanejo, João Gomes de Oliveira, foi assassinado por conhecer a localização do coito de Lucas.

Quando de sua morte, estava acompanhado por duas filhas solteiras, que foram obrigadas a saciar os instintos do criminoso.

Curiosamente já por esse tempo, Lucas usava uma colher de prata para testar se existia veneno na comida que lhe era servida.

Fato que cem anos depois seria repetido por Lampião, pois a prata em contacto com o veneno escurece. Mas também é bom que se lembre que muitas sertanejas foram para a companhia do temido salteador por livre e espontânea vontade.

Certa ocasião invadiu a residência de um lavrador que tinha três filhas virgens em casa e tentou raptá-las, mas o homem lutou com o assaltante sendo derrubado a coices de armas.

Na balbúrdia da luta, as moças fugiram noite afora, adentrando pelo mato e saindo duas léguas adiante, em uma fazenda.

Tempos após na casa de Francisco Correia, branco e proprietário, desvirginou-lhe as três filhas e assassinou-o quando tentava defendê-las.

Ao filho do mesmo, Joaquim Correia, não ofendeu. Nos princípios de março de 1844, foi morto um dos homens de maior confiança de Lucas.

Aconteceu esse fato num início de noite, quando Nicolau chegou ao bando acompanhado por um mulher de nome Alexandrina; nas proximidades de Lagoa Salgada, ao reunir-se ao grupo, se viram tiroteados sendo logo abatido o malfeitor Nicolau. Por um erro de pontaria Lucas atingiu Alexandrina, matando-a.

A cabeça de Nicolau foi cortada, espetada na ponta de um pau e levada em triunfo para Feira de Sant'Ana. Seu corpo transportado no lombo de um animal, foi queimado perante três mil pessoas nessa mesma cidade.

Outro elemento de proa do grupo, José, morreu em janeiro de 1848 quando pretendia, e mandou avisar a família de sua intenção, raptar uma jovem de nome Maria Paulina.

O pai, simples lavrador, resolveu entregar a filha à proteção do fazendeiro vizinho. Este, de sobrenome Suzarte, tomou-a sob sua proteção e ao ser avisado que o malfeitor vinha tentar o rapto, e que estava escondido em casinholo próximo para dali tentar a ação, antecipou-se com alguns moradores seus e terminou matando o bandido.

Com a continuidade das mortes no bando, deserções e prisões, Lucas acabou ficando só.

Nesse tempo, o malfeitor resolveu levar para sua companhia a bela moçoila branca, Adélia, que tinha então só quinze anos de idade.

Lucas conseguiu carregá-la, certo dia. Mas a jovem negou-se terminantemente a qualquer relacionamento sexual com o sátiro negro.

Nada conseguindo, o bandido exasperou-se e crucificou a infeliz donzela em espinhoso pé de mandacaru.

Não foi esta, porém, a primeira vez que agiu assim. Muitas mulheres e meninas, depois de serem defloradas, violadas, maculadas, por todos da malta, foram amarradas a árvores, recobertas com mel e deixadas ali para serem picadas por insetos ou morrerem de fome e sede.

Sendo traído por um compadre seu, Cazumbá, foi ferido em uma emboscada e mesmo assim conseguiu escapar, ficando com o braço esquerdo inutilizado pela descarga do bacamarte carregado com chumbo, pregos e chifre.

Alguns dias depois, descobriram que estava em uma palhoça localizada no lugar chamado poço Gurunga, junto com uma mulatinha de nome Maria Romana.

Esta rapariga deu o alarme da chegada do numeroso grupo que vinha prendê-lo.

Com o braço quebrado, não podendo lutar, sobrou-lhe o recurso da fuga.

Tentou-a.

Foi novamente baleado.... no mesmo braço esquerdo e para desgraça sua no mesmo lugar do ferimento anterior.

A moça fugiu, aproveitando a confusão que se formou.

A notícia de sua captura precedeu sua entrada na vila de Feira de Sant'Ana, e ao adentrar na vila a caravana foi recebida com vivas, rojões, fogos de artifício e enorme regozijo popular.

Não demorou muito e seu braço teve que ser amputado. Continuou na prisão refazendo-se para enfrentar o Tribunal do Júri.

Foi condenado a morte.

Por questões de segurança foi levado para a capital e daí, pasmem senhores, a pedido de Sua Majestade D. Pedro II, levado ao Rio de Janeiro porque Sua Majestade manifestou o desejo de conhecê-lo pessoalmente.

Assim foi feito em segredo.

Depois iniciou-se o caminho inverso, do Rio de Janeiro para Salvador e desta, passando por Cachoeira, para Feira de Sant'Ana onde seriam aguardadas as petições de apelação que intentara por seu procurador.

Negadas estas e confirmada a sentença de morte, foi mesmo enforcado no Campo do Gado, no dia 27 de setembro de 1849.

É curioso saber que o carrasco foi Joaquim Correia, que se ofereceu voluntariamente, pois não era senão o mesmo menino cujas três irmãs foram defloradas pelo sentenciado e cujo pai, Francisco Correia, fora morto também por ele.

AS VÍTIMAS DE RIO PRETO

Um mulher foi a causa da morte do cangaceiro Rio Preto.

Gustavo Barroso o chama de "o mais feroz cangaceiro do sertão", e diz que era possuído de "insaciável sensualidade, que vivia a violentar mulheres, de surpresa, nos caminhos, ou cercando-lhes as casas, quando andavam os maridos comprando o gado". Narra ainda o martírio e morte de uma infeliz jovem vítima do celerado. "Negara, a mesma, sujeitar-se e satisfazer-lhe os desejos, e o cangaceiro amarrou-lhe braços e pernas, e toda a horda soez e vil cevou no pobre corpo os instintos infames. Depois, entupiu-lhe a boca, nariz e ouvidos com areia socada, deixando-a ainda palpitante a padecer morte horrível. Alguns dias mais tarde, os parentes da vítima acharam o corpo. Estava disforme, túmido, empastado de sangue, estriado de líquidos viscosos, com arroxeadas manchas e lentas filas de formigas pretas. Os urubus tinham começado a bicá-la."

Até aqui a descrição do escritor cearense, que muitas vezes escrevia sob o pseudônimo de João do Norte, seria de esperar e desejar que os familiares da mocinha fizessem justiça com as próprias mãos. Não sabemos qual a razão que os peou. O bandido continuou em seu sendeiro de crimes.

Voltemos à narrativa com que Gustavo Barroso nos brinda.

"Uma tarde, numa venda, comentando o caso da moçoila, Xico Leite, rico criador da Parayba, berrou alto — que com mulher de sua família o negro não tirava paluxio (não faltava ao respeito). E, mais tarde, ao voltar para casa, certeiro tiro prostou-o no barro duro da vereda a escabujar nas vascas da agonia. Nessa mesma noite, Rio Preto cercava-lhe a casa, onde só estava a mulher, porque os dois filhos, dois rapazotes, andavam na vila, e a violentava."

Voltemos ao passado. É fácil calcular o desespero da mulher, viúva pelo traiçoeiro assassinato do marido e na mesma noite estuprada pelo criminoso. Duas vezes ofendida, tanto física quanto moralmente. Por certo deve ter sido com a cabeça baixa e debulhando-se em lágrimas de vergonha e ódio que contou aos filhos o que sucedera na ausência dos mesmos, da morte do genitor e do ultraje.

E os dois irmãos deliberam liquidar a fera do sertão. O nome de Rio Preto fazia tremer aos mais valentes e ousados sertanejos. Mas o ódio e o desejo de lavar com o sangue do criminoso a honra ofendida, fez com que os rapazes se enchessem de coragem invulgar. Eis o que aconteceu.

"Passaram-se meses. Por uma tarde fresca e suave de inverno, o bando de Rio Preto, vindo do Rio Grande do Norte, cortava pelo espinhaço das serras, descia as abas penhascosas dos contra-fortes alcantilados e apeva, já com estrelas no céu, numa fazendola insulada no vasto *plaino* do sertão da Parayba.

Noite alta, o cangaceiro acordou, e de chinelas, em ceroulas, chegou ao alpendre, encostando-se na parede a satisfazer uma necessidade. De umas moitas defronte, onde dormiam porcos, saíram grunhidos de suínos despertos, estremunhados. Estalaram folhas secas, si se pudesse, apesar do escuro, lobrigar algo sob a ramaria densa do carcavão, ver-se-iam dois rapazes, cosidos com o solo, armas apontadas, com fiapos de algodão nas miras para serem vistas na escuridão, acomodando-se melhor, rastejando, o que acordava os porcos. Novo estalar de folhas, novos grunhidos estremunhados. O Rio Preto correu o olhar em torno, inquiriu a treva: depois, fitou o céu e rosnou:

— "O setestrello tá alto. Já vae madrugando. Porco a esta hora não grita. É coisa que há naquela moita?"

Pensou um instante e *rio:* — "Serão *aquelles* meninos do Leite?" Ergueu o braço e falou alto, com desprezo: — "Vão prá casa meninos!"

Na moita estalaram fecharias. Dois relâmpagos clarearam os vultos negros das cousas. O *éco* respondeu lá ao longe, na serra, o ruído das detonações. E o Rio Preto, que já procurava a aldraba da porta, *tacteando,* caiu de costas com duas balas no peito bronco."

Foi assim que, por causa da vilania de ter abusado da honra de uma mulher casada, e ainda após ter assassinado seu marido, os filhos desta, dois rapazelhos pacatos e desacostumados das lides guerreiras deram fim ao célebre cangaceiro.

A MULHER DE JOSÉ LEÃO DA CUNHA

Novamente recorremos a Gustavo Barroso, que fala sobre o episódio de José Leão da Cunha, pois o mesmo era seu ancestral, fazendeiro rico e importante da região do Jaguaribe onde ocorreram esses fatos.

Era José Leão o chefe inconteste da família lá pelos fins da década de 1820, quando a viúva de um Cunha, rica e já entrada em anos, quis casar-se com um moço, pertencente à família Pataca, gente mais pobre embora que aparentado aos Cunhas.

José Leão opôs-se ao casamento pois os bens da viúva deveriam continuar com sua gente e não ir aumentar a riqueza da outra.

Mas a velha insistiu e contrariando a todos os parentes conseguiu à custa de muito dinheiro a dispensa do Bispo de Pernambuco e casou-se com o jovem.

Tempos depois o marido viajava, e ao pernoitar em uma rede armada no alpendre de uma fazenda, foi encontrado morto ao amanhecer.

Uma agulha de coser sacos, fina e comprida, cravada no coração fora a causa de sua morte.

A primeira e mais forte suspeita recai sobre José Leão, que ao ser contrariado no seu desejo, aliás desejo não, ordem da não realização do casamento, fez com que fosse visto como mandante do crime.

A família do assassinado prometeu vingança e aguardou ocasião propícia.

Em um certo dia, um grupo dos Patacas e seus cangaceiros invadem as terras de José Leão, o qual estava com dois filhos, o portador da notícia da avançada inimiga, algumas *creanças*... e a mulher.

José Leão refugiou-se na cavalariça e os dois filhos homens, mais o indivíduo que trouxera a notícia do assalto, foram a um cômodo da casa que estava transformado em sala de armas. Era de paredes altas, como soem ser as das velhas casas de fazendas do sertão, sem janelas, porta de madeira resistente e com fechadura de broca.

Mas, passemos a "Heróis e Bandidos" onde se lê:

"Vendo-os ali, quando já a horda inimiga transpunha as entradas, a mulher de José Leão, cuidando salvar os três naquela quase fortaleza, deu volta à chave e atirou-a, atarantada, dentro dum pote d'água.

A récua entrou furente, aos berros de morte. Varejou a casa sem encontrar homens até que o primeiro sequaz chegou à porta da estrebaria. Ouviu-se um tiro. O bandido rolou escabujando. Avançaram todos para aquela dependência. Mal punham os pés além dos batentes, caíam mortos. Lá do canto, olhos em fogo, arma aperrada, o matador de Tristão Alencar espreitava.

Cada tiro era uma queda.

Outros assaltantes tentaram desesperados esforços para arrombar a porta do paiól. Os de dentro pediam em altos brados que a abrissem, porque desejavam morrer ao ar livre, lutando. Cercada pelos Patacas, empurrada a coice de bacamarte, inquirida brutalmente pelo paradeiro do marido e pela chave da sala de armas, a esposa de José Leão, louca de pavor, com os filhos miúdos a se agarrarem nas saias, puxava os cabelos em desespero, chorando convulsivamente.

Não conseguindo rebentar a porta nem com um ariete improvisado numa estaca do curral, resolveram os atacantes dar cabo, fosse como fosse, do chefe da família.

Matá-lo-iam e seriam satisfeitos. Pegaram a pobre mulher e os meninos. Fazendo deles escudos às balas, penetraram na cavalariça. Saltaram de faca, seis ou oito, sobre Cunha. A luta foi terrível. Sucumbindo ao número, o valente caiu crivado de facadas. Ainda vivia, sangraram-no ao pescoço.

Um dos cangaceiros teve sinistra idéia: incendiar a casa, torrando os três "cachorros" enfurnados no quarto. Rejubilando, sanhudamente, a súcia desmanchou cercados, bebedouros e curraes, arrastou varas, estacas, carnaúbas, moirões e esteios, empilhou-os às portas, sobretudo a do refúgio dos inimigos e ateou-lhes fogo. Montaram a cavalo e partiram em brusca arrancada, com alegre algarido, furando os carrascaes, galopando pelos vargeados.

A casa ficou a arder com altas labaredas beijando o madeiramento seco, as vigas de aroeira, as cumieiras e terças de pau d'arco, os caibros de mororó."

E prolonga-se na descrição do fogaréu que acaba por atingir o lugar onde estavam as armas, a pólvora, e os três infeli-

zes trancados que morrem na explosão. Sobre a dona da casa finaliza assim:

"A mulher do José Leão rondava o incêndio de olhos esbugalhados, gritando, torcendo as mãos, com os filhos pequenos tremendo, enrodilhados às saias".

A ESPOSA DE JESUINO BRILHANTE

Dona Maria era a esposa legítima de um pacato lavrador e vaqueiro que trazia o nome de Jesuino Alves de Melo Calado.

Isto até a idade de vinte e sete anos, quando tornou-se conhecido como Jesuino Brilhante.

Estas informações vamos encontrá-las num trabalho do escritor Raimundo Nonato. Seu livro "Jesuino Brilhante, o cangaceiro romântico", é mais um elo na corrente da história do cangaço.

O casal tinha quatro filhas e um filho, o caçula.

No ano de 1871, o destino resolveu terminar com a vida pacífica do jovem pai de família.

O furto de um caprino, propriedade da gente de Jesuino, por um membro da família dos Limões, pretos valentes e famosos por seus atrevimentos, deu início a uma seqüência de lutas e mortes.

Um irmão de Jesuino foi agredido, dentro da vila de Patu, uns dias depois do furto por Honorato Limão, que ficou vangloriando-se do sucedido dentro da humildade em que ocorrera o episódio.

Alguém avisou Jesuino do que acontecia; estava em uma casa bastante próxima.

Honorato falava alto para que todos ouvissem e Jesuino escutava calado.

Sua mulher em dado momento, chamou-lhe a atenção com as seguintes palavras: (segundo Raimundo Nonato): "Quem ouve tanto desaforo deve ter perdido a vergonha".

Essas palavras, ditas a queima-roupa, pela mulher, mexeram com seu brio de sertanejo.

Armou-se.

Entrou na venda e matou o preto Limão a punhal.

Estava iniciada a guerra entre os dois clãs.

Sua vida foi cheia de lances marcantes.

Ordenou vários casamentos, como quando o noivo depois de seduzir a jovem negava-se a reparar o mal, ele intervinha a favor da desprotegida.

Contam ainda que, certa vez uma pobre mulher disse-lhe que um valentão da região, sabendo que o marido da mesma estava ausente dissera que viria dormir com ela nessa noite.

Jesuino teria ficado dentro da casa, no quarto e este, ao ser invadido pelo malfeitor, foi palco da luta, pois o cangaceiro armado de punhal já aguardava o atrevido que foi crivado de pontaços.

Salvou a honra da honesta sertaneja.

Não teve dúvidas em matar um de seus melnores homens quando este movido pela força irrefreável do sexo, tentou abusar de uma donzela colocada sobre a proteção do cangaceiro zeloso das questões morais.

Em ocasiões em que a polícia ou outros inimigos o atacavam, procurava refúgio na Casa de Pedra, esconderijo da serra do Cajueiro, onde em tempos anteriores seu tio José Brilhante buscava também abrigo e enfrentava as volantes.

O sobrinho seguiu-lhe os passos.

Sua família, a esposa Maria e os filhos acompanhavam-no, bem como seus comandados em número que não ultrapassava a uma dúzia, e escondiam-se ali na Casa de Pedra.

Esse grupo atuava no Rio Grande do Norte e Parayba, lutava cantando como o fizera durante o combate na cidade de Imperatriz (atualmente denominada Martins) a moda da Corujinha.

"Corujinha que anda na rua
Não anda de dia
Só anda de noite
Às Ave Maria..."

ou esta outra estrofe que cantavam enquanto carregavam e disparavam os terríveis e mortíferos bacamartes:

"Corujinha que vida é a tua?
Bebendo cachaça, caindo na rua
Isto é bom, corujinha!
Isto é bom!"...

Interessante, e aqui vamos fazer um reparo para marcarmos bem o fato; quase todo cangaceiro tinha como um ponto de honra máxima, na vida guerreira, não ser preso jamais.

Morrer, ficar aos pedaços, tudo isso era uma possibilidade bastante presente para quem escolhia o cangaço.

Segundo Câmara Cascudo, seu pai ao perseguir o cangaceiro Rio Preto ouvia-o cantar assim:

"Rio Preto foi quem disse
E como disse não nega;
Leva bala e leva chumbo,
Morre solto e não se entrega..."

Já do famoso Antônio Silvino, os cantadores afirmam que seria esta a opinião. Exaltando a morte do pai teria se externado desta forma:

"Foi morto a tiros lutando
Na rua dum povoado
Vimos ele cair cair morto
No mais doloroso estado
Porém tivemos a glória
De o não ver desfeitado".

Não ser preso era o que importava. A morte, para quem se defendia das grades da prisão, era uma medalha honrosa, motivo de orgulho para os descendentes.

Curiosamente esse cangaceiro foi obrigado, em virtude de grave ferimento, a entregar-se:

"Num recado que mandei
Aonde a polícia estava
Eu pedia garantia
Dizendo que me entregava,
Mesmo porque — estava certo
Daquela não escapava".

Mas voltemos a Jesuino Brilhante, este sim, seguiu a conduta tradicional dos antigos cangaceiros, — tombou no campo da luta.

Sua esposa, Maria, findou casando-se com um dos cabras do falecido.

SERTANEJAS E ANTÔNIO SILVINO

Muitas vezes o indivíduo é levado, por circunstâncias alheias à sua vontade, a trilhar um caminho que não é de seu agrado.

Aconteceu com Manoel Batista de Moraes.

Seu pai, alcunhado Batistão, foi vítima de um grupo de capangas do coronel Luis Antonio Chaves Campos, que tinha a chefiá-los o delegado, irmão que era do referido coronel.

Como sempre acontece nessas ocasiões, nos sertões, os filhos responsabilizavam-se pela vingança.

É a lei de Talião. "Olho por olho, dente por dente."

Para cumprir o juramento feito, Nézinho (o apelido carinhoso com que Manoel Batista era tratado no seio familiar) passa a fazer parte do grupo cangaceiro de seu primo Silvino Aires.

Mas andou pouco tempo com o mesmo, visto que Silvino resolveu dissolver a quadrilha, e Nézinho, seu irmão Zeferino e alguns outros elementos deliberaram ficar sob as ordens de Mansidão, por ser ele pessoa de confiança do chefe anterior. Novamente a sorte lhes foi adversa.

Em um tiroteio, Mansidão foi gravemente ferido, vindo a falecer logo depois.

O grupo estava outra vez sem chefe e para o comando do mesmo foi elevado Nézinho, que passou a ter o nome de guerra de Antônio Silvino, em homenagem a seu primo e primeiro professor nas artes e artimanhas do cangaço.

Durante sua vida condenável, foi um fiel seguidor das normas de cavalheirismo seguidas por antigos cangaceiros daqueles tempos.

Respeitador incorruptível da instituição familiar, jamais, ao que se conhece, abusou de mulher ou moças. E também não permitia que os seus homens o fizessem.

Chegou mesmo a resolver à bala algumas negativas de casamento, após a sedução e desvirginamento de incautas donzelas, como vamos ler a seguir.

Salomé é ingênua e pura como as flores do sertão e no seu coração só existe candura e bondade.

Nos seus 15 anos é um anjo de pureza:

"Parecia a deusa Vênus,
Olhar atraente e lindo,
Lábios de cor purpurina,
Vivia sempre sorrindo,
Como se fosse uma santa
Caída do céu infindo".

Mas o dono da terra e chefão político do lugar, é o coronel João Mendonça de Oliveira, proprietário da fazenda Cabrobó, de onde, ajudado por dezenas de capangas e pela prepotência de dono, controla toda a redondeza, mandando e desmandando.

O coronel Mendonça tem um filho, Julião, rapagão impulsivo, metido a macho, que vive a deflorar mocinhas, abandonando-as depois à própria sorte.

A beleza de Salomé acaba por atrair Julião.

Procurando conquistar a jovem, Julião começa a se aproximar da fazenda do velho Agostinho, fingindo bons propósitos e logo bancando o apaixonado.

Sabendo que nada conseguiria pela maldade, Julião aparenta por Salomé o mais terno dos amores.

Até lhe promete casamento.

Sentindo despertar no coração a idéia do amor, Salomé é também dominada pelo desejo que invade todas as moças aos quinze anos, o doce sonho do casamento. E não vacila em se dedicar a Julião, com toda a ternura de sua alma.

Julião disso se apercebe. É vivo, tem a experiência do conquistador e sabe que o terreno está aberto. Tem certeza de que Salomé não resistirá a seus avanços.

Depois, Julião é filho do coronel Mendonça, o dono todo poderoso daquelas terras. E nada lhe acontecerá.

Seu cérebro imoral arquiteta o crime.

Mais de um ano se passa após seus primeiros encontros na fazenda do velho Agostinho. Salomé já se acha inteiramente envolvida pelo amor. Está ciente que vai se casar. E o destino se encarrega de preparar a armadilha para a infeliz jovem.

Numa tarde em que Salomé se despe e mostra seus encantos, antes de se meter nas águas para o banho, pensa estar só com as flores plantadas à beira do riacho, ou as aves que pousam pelos galhos.

É nesse instante que Julião a abraça.

Cheia de pavor Salomé resiste, mas Julião é mais forte e não a solta. Para enganar jura-lhe eterno amor. A jovem tudo tenta inutilmente para libertar-se de suas mãos. Então Julião, feito fera, encosta o punhal na garganta de Salomé, e a jovem desmaia, — desmaia de pavor.

Então o monstro a violenta:

"Salomé enquanto estava
Desmaiada sobre o chão,
O monstro lhe fez o mal,
Com tão brutal coração,
Deixando a pobre coitada
Na vala da perdição".

Praticado o crime, Julião foge e vai se acoitar na casa do pai, onde mais de trinta capangas, de rifle na mão, estão preparados para defendê-lo.

Tem sido sempre assim. Já está acostumado.

Salomé desonrada, ultrajada, volta para casa. O velho Agostinho treme de ódio ao ouvir a história.

A revolta queima sua alma de sertanejo.

Não tem outra atitude. Pega o bacamarte, enche-o de balas e vai à fazenda Cabrobó. Exigirá do coronel Mendonça que o filho repare o crime cometido.

Mas que pode um homem só contra dezenas?

Mal chega à fazenda Cabrobó, o velho Agostinho é desarmado e preso pelos capangas do coronel Mendonça. Por conta de sua ousadia, o coronel manda que os cabras apliquem no atrevido uma surra brutal e violenta.

Será uma lição bem dada no velho Agostinho.

Para que fique sabendo que ninguém pode desrespeitar um coronel do sertão. E para que ele saiba, também, que filho de coronel não casa com qualquer vagabunda.

Espancado, física e moralmente, o velho Agostinho retorna para casa. Não tem para quem apelar.

Mas então acontece o inesperado:

"Justamente nesse tempo
Na fazenda Catolé,
Chegou Antônio Silvino,
E encontrou Salomé,
Chorando de fazer dó,
Mas sem dizer porque é".

Antônio Silvino se aproxima com seus cabras. E novamente visita a fazenda Catolé. Quando bate pelos arredores e vem dar por aquelas bandas, o "Rifle de ouro" jamais deixa de procurar o velho Agostinho, seu amigo de muitos anos. É como se fosse um parente muito estimado; além disso tem adoração por Salomé, a quem ama como filha.

Os cangaceiros chegam, Agostinho e a família correm ao encontro de Antônio Silvino. E relatam a tragédia.

Antônio Silvino se enche de fúria. Tranqüiliza o velho Agostinho e diz que vingará Salomé.

Fiquem certos todos que ele trará Julião, o criminoso, nem que seja aos pedaços, para casar com a moça que ele desonrou.

Nem o demônio o salvará.

Gritando para os cabras, o bandoleiro mete-se no rumo da fazenda Cabrobó.

Rifles na mão e animados com mais uma batalha, os cangaceiros avançam de estrada afora, dispostos a tomar a fazenda e derrubar a força do coronel.

Na fazenda Cabrobó são recebidos à bala.

A resistência é feroz.

Ajudado pelos filhos e a capangagem, o coronel reage com forte tiroteio. À frente dos bandidos, Antônio Silvino os encoraja para a luta.

Transforma-se a fazenda Cabrobó num campo de batalha. Numa gritaria louca, os cangaceiros avançam contra a propriedade. Mas são detidos por saraivadas de balas:

"O coronel João Mendonça
Entrou na luta também,
E contra Antônio Silvino
Bala vai e bala vem;
O fumaceiro cobriu
Que não se viu mais ninguém".

Mais algumas horas, contudo, e a cidadela é vencida. Cai a fazenda Cabrobó em poder dos cangaceiros.

Antônio Silvino prende João Mendonça e o filho.

Lá fora os cabras se divertem correndo atrás dos capangas do coronel que tentam se esconder no mato.

Antônio Silvino ameaça o coronel.

Diz que Julião terá que casar com a jovem que ele deson-

rou. Julião e o velho protestam. Antônio Silvino encosta o punhal no peito de Julião e grita:

— Vais morrer desgraçado! Ou então casa!

O argumento é forte e logo convence os dois, Julião e o pai concordam no casamento.

Amarrados e conduzidos pelos bandoleiros, o coronel Mendonça de Oliveira e seu filho Julião, são levados para a casa de Salomé. De lá então, em companhia do velho Domingos e da família, seguem para a igreja.

O casamento terá que ser feito logo.

Julgando tal casamento meio atrapalhado, o padre ainda quer criar embaraços, mas Silvino, pegando estrategicamente do rifle, facilmente resolve a questão.

"Já com a mão na alavanca
Do rifle naquela hora,
O padre disse — Silvino,
Se você quiser agora,
Eu casarei este moço,
Até com Nossa Senhora."

E a justiça se fez, porque esta era a justiça numa terra sem lei, onde o Direito era um produto da força e onde os mais humildes viviam à mercê dos mais poderosos.

Reparada na sua honra, Salomé aceita ser esposa do homem que tentou atirá-la na lama do pecado.

Mas foi corrigido o erro, pois Antônio Silvino promove seu casamento não sem antes obrigar Julião a prometer respeito e carinho pela esposa, sob pena de ser sangrado impiedosamente como se sangra um bode. Julião promete, e, esta promessa, Antônio Silvino tem certeza de que ele a cumprirá. Tão certo como dois e dois são quatro.

É assim a justiça do sertão.*

Mas o grande cangaceiro não era somente o homem que obrigava a reparação das ofensas sofridas por inocentes moçoilas sertanejas.

Era também o típico Santo Antônio da época, o santo casamenteiro e, além do mais, o reconciliador de casais separados por questiúnculas domésticas.

---

* Págs. 84 a 88 do livro "Antônio Silvino, o Rifle de Ouro", do escritor Severino Barbosa.

Vamos transcrever um fato inusitado nos anais do cangaço:

"Foi no dia 10 de outubro de 1899, que Antônio Silvino visita a usina ou engenho Jundiá do município de Escada, em Pernambuco. A finalidade dessa investida era assassinar o senhor do engenho, coronel Santos Dias e retomar-lhe a filha que ele, por sua vez, havia tomado ao genro. A moça era a esposa do dr. Tavares de Melo. Tendo surgido entre o casal uma questão doméstica (da qual não tratamos aqui, porque em briga de marido e mulher nem que nos paguem, metemos o bedelho), Santos Dias revelando-se se não um mau chefe de família, pelo menos um homem destituído de bom senso, se meteu no desentendimento. E o fez de forma parcial e desastradamente.

Comentavam as más línguas que o velho convidou o casal para ir passear em sua casa, e aí tomou a filha do genro, expulsando-o ainda de sua residência, após aplicar-lhe uma série de pescoções.

Mas acontecia que Tavares era amigo de Antônio Silvino, seu coiteiro, certamente a quem se queixou da prepotência do sogro, tomando-lhe a mulher, e ainda por cima esquentando-lhe o couro. O bandoleiro tomou-lhe as dores e comprou a briga prometendo vingá-lo. Daí a sua ida a Jundiá, como Achiles a Tróia[34], com a finalidade de retomar a Helena e restituí-la ao malogrado Menelau pernambucano, após fazer um sarapatel com o velho senhor do engenho.

Todavia, foi infeliz nos seus propósitos. Na ocasião, a moça não se encontrava na casa do pai, e este, a quem pretendia eliminar para vingança do amigo, logrou escapar a tempo. Tomando um trote, fugiu desabalado até a estação de Frexeiras. Já começava anoitecer, quando os cangaceiros entraram na residência de Santos Dias. E vendo Silvino uma pessoa fugindo embrulhada num lençol, pensou que fosse o velho, a quem desejava liquidar, alvejou-a. Aproximando-se para verificar se de fato era o coronel, encontrou agonizando uma pobre mocinha de 13 ou 14 anos de idade. Fora a filha do usineiro, Feliciana Santos Dias, inocentemente sacrificada, sem que nada tivesse com a desastrada questão havida entre os três brigões, pai, irmã e cunhado.

Segundo o testamento de Antão Godê, parte integrante da

---

34 Homero-Ilíada, págs. 152 e seg.

sinistra expedição, o bandoleiro chefe, após constatar o lamentável engano, pôs as mãos na cabeça e chorou de pena e indignação pelo horripilante crime que involuntariamente cometera Retirou-se imediatamente e jamais deixou de se lastimar por esse desastre que tanto lhe remordia a consciência. Até pouco antes de morrer, dizem que por vezes, malgrado seu, lamentava, o único ato de toda a vida de banditismo que considerava realmente um crime".

Este episódio, por sinal, foi descrito em versos por Francisco das Chagas Batista no cordel intitulado "Antônio Silvino, vida, crimes e julgamento" e que abaixo transcrevemos.

"Estava eu na guarda local,
Quando um doutor me chamou
E me disse — Amigo Antônio,
Minha esposa me deixou
E, se você for buscá-la,
Seis contos de réis lhe dou.

Está em Santa Filonila
A mulher a quem procuro
Na usina de Santos Dias,
Traga-me, que eu asseguro
Terá seis contos de réis
Isto eu lhe garanto e juro.

Fui com meu primo Argemiro
E um grupo que lá juntamos
Cercar a usina citada;
Porém quando lá chegamos,
Nem o major nem a filha
Em sua casa encontramos.

Uma mocinha da casa
Talvez por ser imprudente
Passou em frente a meu rifle
Que a feriu inconsciente...
Lamentei a morte dela,
Por ter morrido inocente".

Os cantadores sempre exaltaram o respeito que esse chefe de cangaço dedicava às mulheres, mas este mesmo autor, Fran-

cisco das Chagas Batista, nesse mesmo folheto faz uma revelação praticamente inédita sobre o proceder de Antônio Silvino, mostrando que não existe regra sem exceção. Diz ele:

"Na mesa de rendas todos
Bem perto de Soledade,
Eu consenti os meus cabras,
Fazerem perversidade
Com a família dos Coutos,
Com quem tenho inimizade.

Num irmão do Zé do Couto
Dar uma surra mandei.
E o compadre João da Banda
Dar na mãe dele deixei
Do velho Couto um paiol
De algodão incendiei.

Foi esta a primeira vez
Que consenti espancar
Uma mulher, pois no velho
É que o compadre ia dar;
Não o achou, deu na velha
Prá viagem aproveitar.

Então ordenei à velha
Que com o marido repartisse
As pancadas que levou
E ao Zé do Couto pedisse
Prá ele ir criar seus filhos
E comigo não bulisse".

Antônio Silvino, parece, andou tendo algumas amásias durante o tempo que percorreu os sertões, tanto é assim que teve um casal de filhos naqueles poucos momentos que poude dedicar-se ao amor.

Durante as várias visitas ao amigo Rodrigues de Carvalho, para trocarmos idéias sobre a temática do cangaço, morador na cidade do Rio de Janeiro, falamos também da vida do velho Antônio Silvino.

Rodrigues conhecia, pessoalmente, um filho do antigo cangaceiro, aposentado como oficial da Marinha mercante, e, nos

contatos que manteve com o mesmo, soube que quando os filhos visitavam o pai na Detenção do Recife, o preso privava-se da alimentação para dá-la às crianças.

Voltando ainda ao caso do ataque à usina do coronel Santos Dias, temos a opinião de Antônio Teodoro dos Santos, dada em versos, no folheto "A vida criminosa de Antônio Silvino", que abaixo transcrevemos:

"Silvino estava rezando
Um doutor ali chegou
E disse: Amigo Silvino
Minha mulher me deixou
Dou-te uma caixa de bala
Você querendo buscá-la
Seis contos de réis lhe dou!

Ele aí lhe respondeu:
— Atrás disso é que eu andava
Pois quando ela nascia
Silvino já engatinhava
Prá mulher não quero bala
Portanto prá derrubá-la
Basta um caroço de fava ...

A dita mulher estava
Acoitada na usina
Dum coronel cangaceiro
Que gostava da menina.
E sempre cantava a ela:
— Tu és a moça mais bela
Desta zona nordestina!

Silvino ajuntou seus homens
E p'ra lá se dirigiu
Quando apontou na estrada
O povo todo fugiu
Apenas o coronel
Caiu num tacho de mel
Na hora de diluiu!

Nisto a mulher do doutor
Já correndo assombrada

Silvino jogou-lhe a corda
Ela veio na laçada
Ele então sorrindo:
— Tenha calma, venha vindo
Novilha braba danada

Silvino disse p'ra ela:
— Tenha vergonha na cara!
Você deixou seu marido
Porque ele é um arara
Com toda soberba eu digo
Se acontecesse comigo
Você caía na vara!

Disse ela: — Ah! seu Silvino
Não precisa me bater
Eu só deixei meu marido
Pelo seu mau proceder
Porém não deixo jamais
Ainda sendo Satanás
Sou com ele até morrer".

Interessante a idéia que o vate visionou do episódio. Colocando o coronel como amante da moça e não como pai, em realidade. Também matando-o no tacho de mel e por fim laçando-a como se fosse uma brava novilha.

Sem dúvida a primeira transcrição é a correta, mas não poderíamos deixar de mostrar esses versos deliciosos do "Poeta Garimpeiro".

Concluindo nossas anotações sobre Antônio Silvino, o mesmo morreu em Campina Grande, onde está sepultado, isso no ano de 1944, quando residia em casa de sua prima Teódulina.

VICENTE, DE MARINA

Aqui um pequeno informe sobre o comportamento altamente contraditório de um dos cabras mais valentes, corajosos e aquele que, segundo informou-nos Sinhô Pereira, era o seu melhor atirador: Vicente.

Dono de uma pontaria certeira. Quer com rifle quer com revólver.

Sinhô disse-nos que Vicente atirando com revólver as balas do mesmo passavam pela boca de uma garrafa, saindo pelo fundo.

Atiravam moedas para cima e acertava o minúsculo alvo em movimento.

Cabra de confiança, filho de escravos que tinham servido à família Pereira devotadamente, um dos escolhidos para acompanhar Luiz Padre e Sinhô quando resolveram deixar os sertões, onde tanto haviam lutado, procurando vida nova e paz naquele mundo desconhecido e estranho a eles, recém-chegados aos cerrados goianos.

A mãe de Vicente chamava-se Marina e daí advém o seu nome de guerra nas lutas de antanho, com o qual tornou-se bastante conhecido, Vicente de Marina.

Do pai não conseguimos saber qual o nome, perdeu-se nas brumas do passado, no esquecimento das senzalas, no anonimato da escravatura.

Durante os tempos em que participou das lutas cruentas que travaram os Pereiras e os Carvalhos, já era casado ou vivia em concubinato com uma mulher de cor preta chamada Minervina.

Comumente, entre os que a conheciam, chamada Preta e, com o passar dos anos, por Preta Velha.

Também filha de ex-escravo, quando do término da escravatura ficou por ali, como tantos que permaneciam com os antigos senhores, por se acharem completamente despreparados para enfrentar o mundo que se lhes deparava além das divisas das fazendas, e Minervina conheceu e ficou com Vicente, com quem procriou três filhos.

Dissemos, linhas atrás, na opinião abalizada e insuspeita de Sinhô Pereira, perspicaz condutor de lutadores e valentes, que Vicente era corajoso e não tremia durante as refregas sangrentas das quais participava.

Mas a conduta do cangaceiro era completamente diferente, quando permanecia na fazenda junto com a companheira severa e autoritária.

Transformava-se, da onça bravia dos entreveros mortíferos do cangaço, em pacato e meigo bichano que Minervina manejava a seu bel prazer.

Vicente não tinha o direito de contrariar a mulher sob forma alguma, senão ..... lá vinha uma surra por cima, apanhava de causar dó.

Não reagia, sofria o castigo calado. Levava vassouradas, tapas, socos e pontapés. Tinha medo da mulher.

Talvez por essa razão é que acompanhou os primos Luiz e Sinhô para Goiás com tanta satisfação e permaneceu com os mesmos até a morte.

Tempos depois, umas três ou quatro décadas, morreu também Minervina.

MULHERES NA VIDA DE CHICO PEREIRA

Jardelina Nóbrega foi a companheira de Chico Pereira. Companheira, não, namorou-o quando o conheceu, com doze anos, noivou aos treze e casou-se quando ia pela casa dos catorze anos de idade.

Casamento mesmo, correto e certo perante o representante de Deus na terra. Embora o noivo não estivesse presente e fosse representado por terceiro.

Chico Pereira fora levado a viver fora da lei por questões de família, por vingança, como tantos e tantos que procuraram resolver seus problemas que a justiça não resolvia, empunhando um rifle, entrecruzando cartucheiras no tórax e formando um grupo punitivo.

Desse casamento nasceram três filhos, um dos quais o padre Pereira Nóbrega, que escreveu o livro "Vingança, Não", do qual nos servimos como fonte de informação para este episódio.

Mas vamos ao fato que induziu Chico Pereira ao cangaço.

Seu pai, o coronel João Pereira, fora ferido de morte durante um conflito em seu barracão de mercadorias. Levado para sua fazenda Jacú, ainda teve forças para pedir aos filhos que não queria vingança.

Deixaram por conta da polícia para prender dois criminosos, porque outros dois morreram durante a luta, mas qual, prenderam nada.

Chico Pereira tomou a si a incumbência, visto que a lei mostrava-se desinteressada, e conseguiu aprisionar Zé Dias, entregando-o ao delegado de Sousa.

A mãe de Chico Pereira, Maria Egilda, procurava conter os filhos Chico Abdias e Aproniano, que pensavam em vingança.

Fazia-os ver o caminho perigoso em que poderiam enveredar.

A triste estrada sem retorno do cangaço.

A vergonha que para um quarto irmão, Abdom, que estudava Medicina no Rio de Janeiro, também contava.

Se a justiça cumprisse com seu dever, teríamos tido um chefe de cangaço a menos.

Mas.....

Logo depois foi libertado Zé Dias.

Tempos depois apareceu morto em um caminho.

Teria sido Chico Pereira? Sim.

Depois dessa morte formou um grupo, foi até ao Juazeiro do Padre Cícero, porém só permaneceu ali por uns três ou quatro meses e voltou para sua terra, a Paraíba.

Pouco depois, um seu amigo, Chico Lopes, levou uma surra de chibata de um chefe político de Sousa, o dr. Otávio Mariz, que batia e gritava:

— Vá dizer ao Chico Pereira que venha apanhar também. Ele tinha um irmão no bando de Lampião, e foi esse que acabou intercedendo para que o cangaceiro emprestasse metade de seu grupo.

Aquele concordou e cedeu quarenta homens, que ficaram sob as ordens de seus dois irmãos, Antônio e Livino.

Chico Pereira juntou outro tanto e oitenta e quatro homens cercaram e invadiram Sousa no dia 27 de julho de 1924.

Aliás, esse assalto é sempre relatado como tendo sido obra e arte de Lampião, mas realmente nem presente estava. Não porque temesse algum perigo ou desgostasse de tal façanha. Ocorre que havia sido baleado no pé e não podia locomover-se.

Houve muita perseguição e muita luta após essa ocupação de Sousa.

Chico Pereira, picado por uma cascavel, ficou quase morto dentro de um canavial.

Escapou por pouco de morrer pelo veneno, já que as balas não liquidavam.

Depois disso resolveu casar-se com sua noiva Jarda.

Em maio de 1925, era realizado o casamento em Pombal, Paraíba, só com a noiva na igreja, e um representante do noivo, que ficara na fazenda.

Chico Pereira, logo após preso por um roubo que não praticara, mas os que o praticaram, já previamente instruídos, disseram que fora a seu mando.

E nem aconteceu na Paraíba, mas sim no sertão potiguar, em uma fazenda de propriedade de um octogenário, o coronel Quincó.

Levado para o Acari, depois para Natal, mas ao ser retirado da prisão para responder ao júri no Acari, mataram-no na estrada.

Simularam um acidente (cada um dos quatro militares já havia dado uma pancada com coice de fuzil no preso algemado) com o carro e assim, a 28 de outubro de 1928, morreu o jovem por um crime que não cometera.

O chofer Genésio Cabral de Lima, então sargento, escreveu, mais de trinta anos depois, uma carta ao filho da vítima, o padre Pereira Nóbrega, contando com detalhes o crime em que fora coadjuvante.

Jarda ficou viúva muito jovem, menos de dezoito anos, três filhos para criar e defender da imposição moral do sertanejo.

Moral arraigado como dente na boca, como unha na carne, que exigia desafronta, que clama vingança.

E ela não desejava.

Continuou viúva para sempre. Ela e a sogra, dona Maria Egilda.

A COMPANHEIRA DE MEIA-NOITE

Zulmira, segundo nos informou pessoalmente Rodrigues de Carvalho e também no seu "Serrote Preto" repete o mesmo nome.

Ou Alexandrina Vieira, uma morena como fala no livro "Vingança, Não" o padre Pereira Nóbrega.

Talvez exista divergência no nome, não no fato. Na realidade o cangaceiro Meia-Noite possuía uma mulher ali perto da divisa de Pernambuco com Paraíba.

Esposa, segundo os sacramentos da Igreja, recebida pelo assecla de Lampião em cerimônia oficiada pelo padre Floro, nos conta o padre Nóbrega, que também diz ser Rufino o nome do cangaceiro.

Amante, afirma Rodrigues de Carvalho, e vivendo em um local chamado Tataíra, teriam se unido por interesses mútuos de segurança e um pouco de amor, o nome do negrinho seria Antônio dos Santos, e natural de Alagoas.

Após o assalto a Sousa, houve desavença entre os irmãos de Lampião (que não participou da empreitada) e o Meia-Noite, este dirigiu-se para onde estava a companheira e ficou ali descansando tranqüilamente.

Por poucos dias, porém.

Alguém foi até a cidade de Princesa Izabel e contou ao coronel Zé Pereira que o cangaceiro estava acoitado no sítio Tataíra.

O coronel enviou a seguir, um grupo de doze homens de sua confiança ao lugar, com ordens terminantes de trazê-lo vivo ou morto.

Conversando com Manoel Benício (em janeiro de 1969, na cidade de João Pessoa, quando o mesmo já era aposentado no posto de coronel) este narrou o combate e afirmou: — "Quem pediu as oreias do neguinho foi esse seu criado".

Pois bem, lembremos o que aconteceu naquela noite de agosto de 1924.

O grupo enviado por Zé Pereira chegou no lugarejo já noite alta. Procuraram pelo cangaceiro casa por casa, até que ao chegarem a uma das últimas foram recebidos à bala.

Zulmira, ou Alexandrina, demonstrou ter uma coragem digna do companheiro que escolhera. Este Meia-Noite (houve vários com esse apelido no cangaço) foi um dos sujeitos de mais coragem entre aqueles valentes.

Atiravam os dois, mantendo o grupo enviado por Zé Pereira à distância, e o tempo foi passando com a troca de balas e desaforos.

Manoel Benício, então tenente, comandava uma volante forte com oitenta homens e estava em perseguição aos assaltantes da cidade.

Caíra no rastro dos malfeitores, tal e qual cachorro no rastro da caça, e estava acampado com sua tropa a duas léguas do lugar do tiroteio. Quando ouviram o estrondar das catorze armas à distância, tiveram logo a certeza de que era um confronto entre companheiros e cangaceiros.

O oficial marchou com sua tropa para o lugar do combate e ali chegou ainda com o escuro da noite.

Dentro do casebre, Meia-Noite sentiu que não deveria mais manter a mulher ao seu lado e pediu garantias para sua retirada.

Os soldados cessaram o fogo e a moça saiu do casinholo.

Agora sozinho, Meia-Noite continuou a queimar cartucho em cima dos noventa e dois homens.

Parece brincadeira!

Um sujeito sozinho, enfrentando a morte que o ameaçava pela boca de noventa e dois fuzis, e sem um pingo de medo.

É muito atrevimento e muita coragem também!

Lá pelas tantas, eis que o cangaceiro avisou que ia embora. Ainda debochava dos inimigos.

O dia já vinha chegando, misturando uns farrapos de luz com os restos das trevas noturnas e a fumaça do tiroteio o auxiliava a encobrir a casinhola já completamente estragada pela ação destruidora das balas.

De repente, Meia-Noite deixou de atirar e escapuliu.

Segundo o padre Pereira Nóbrega, sua esposa foi aprisionada e meses depois deu à luz um garoto, filho do cangaceiro.

Rodrigues não nos conta qual o sucedido com Zulmira.

Sobre o fim de Meia-Noite contou-nos Manoel Benício.

Ao sair daquele cerco incrível o cangaceiro teve um braço quebrado.

Uma ironia do destino.

Aguentar por várias horas servindo de tiro ao alvo para

noventa e dois sujeitos escopeteiros e não receber um raspão sequer, e ao saltar uma cerca fraturar o braço, foi mesmo um azar danado!

Procurou um caboclo que morava ali pelos matos, conhecido como benzedor e curador, para colocar o osso no lugar.

Feito o serviço, como quem não quer nada, vai o falso amigo até Princesa e denuncia que o cangaceiro está em sua choça. Praticamente indefeso.

O coronel José Pereira mandou um pequeno grupo, com ordens de eliminá-lo definitivamente, e dentre os quatro ou cinco cabras que foram incumbidos da tarefa sinistra havia um que já pertencera ao bando de Lampião.

Se não nos falha a memória era Giboião. Um outro antigo cangaceiro recusou-se a participar da empreitada, dizendo que não trairia jamais um antigo companheiro.

Morto o indefeso Meia-Noite, o coronel Zé Pereira mandou que se desse um fim ao cabra que aceitara trair o ex-comparsa, após a empreitada.

Coisas do sertão e dos coronéis daquele tempo.

O CANGACEIRO, DE CATULLO

Por certo conhecendo o modo de agir desses antigos cangaceiros é que o imortal Catullo da Paixão, cearense, inspirou-se para compor esse delicioso, belo e imorredouro poema que intitulou-se "O Cangaceiro".

Vamos transcrevê-lo para que o leitor tenha a oportunidade de conhecer a maneira de como se portavam os indivíduos obrigados a viver à margem da lei, contra a própria vontade, nos tempos de então.

Vamos copiar até o preâmbulo (com o qual, aliás, estamos de pleno acordo) das pp. 196 até a 225 do livro "Meu Sertão", edição Bedeschi, 1939.

Iniciemos: "Para a boa comprehensão deste poema, peço permissão ao Sr. Gustavo Barroso, para transcrever as seguintes observações que faz sobre os cangaceiros, no seu livro "Terra do Sol".

Anda um desses bandidos romanticos por uma ribeira. Chega-lhe a noticia de que um individuo por astucia ou força, deshonrou pobre e ingenua moça, sem irmãos ou pae que a desafronte, recusando-se, vilmente, a reparar o mal.

Dá-lhe caça, alcança-o, e se se recusa à reparação crivao-o de balas, espeta-o na faca e deixa insepulto o cadáver, como lição aos seductores atrevidos. O cangaceiro desta espécie é incapaz de roubar e jamais consente que seus acostados roubem.

Tem em grande conta a sua honra e não ha mais susceptível pudonor que o seu. Um chefe de cangaceiros paira por uma região. Todos os foragidos, todos os criminosos, procuram-no para se alistarem no seu bando.

O cangaceiro vae recebendo-os, indagando-lhes a vida.

Fugindo o individuo á perseguição por crime de morte, entra para o bando; por atentado ao pudor ou á bolsa é, imediatamente, fusilado".

O CANGACEIRO

A Luis Carlos

Eu me chamo Sivirino
Sapiranga, sim, sinhô.

Sou fio de Zé Fôstino,
que era fio d'um tropêro
Frô dos Santo, meu avô.

Sou naturá de Umbuzêrô,
da Parahyba do Norte,
a terra das patativa
que amo cum todo o amô
de valente cangacêro!...
Apois cangacêro eu sou.

Não paga a pena, seu moço,
eu dizê pruque rézão
já varei cum a parnahyba
mais de vinte coração!

Minha história é atrapaida,
é toda cheia de ispinho,
e, cumo lá diz o outro
seu moço, as aguas passada
já não móve mais muinho.

Ói, moço,..... Não ha munto,
distante um casá de legua
de S. Migué de Traipú,
eu fisguei um cavaiêro,
o fio d'um fazendêro,
cumo quem fisga um tatú.

Esse garôto e canáia
um dia róbou de casa
a neta de um camboêro,
que era um hôme tão bondoso,
e, depois abandonou
aquele anjo *fermoso,*
cumo de fôsse, seu moço,
um cachorro, o Cão Leproso!!!

Pró tê matado o canáia,
a justiça que divia
me tê dado uma medáia,
me chama de criminoso!!!

Quando meu pae, que Deus tenha
no Santo Rêno da Glóra,
ao pé d'um monte de lenha,
Mazômbo, os óio fechou,
a fia que mais amava
nestes braço me intregou.

Inda me alembro, seu moço!

Abraçado no pescôço
do véio, que se finava
eu chorava, eu saluçava,
garrado cum minha irmã,
cumo á boquinha da noite,
chora e geme uma acáuã!!

De noite, fazendo quarto,
óiando o pobre do véio,
taliquá, má cumparando,
— São Pedro cum as barba branca,
cum os seus cabello branquinho,
drumindo o somno da morte
n'um véio banco de pinho.....
chorava, cumo, sintido,
o pásso que foi firido,
cum um tiro, dento do ninho!!

E quando, ao rompê da ôróra,
o véio foi carregado,
n'uma rêde, istrada à fora!!.....
Quando elle foi sipurtado
prú báxo d'uns cajuêro,
alli, naquelle momento,
eu fiz este juramento:
me torná n'um cangacêro.

* * *

Dêxei meu pae sipurtado,
vortei lanhado de pena,
chorando a sorte tyranna!

Mas porêm, quando cheguei,
i intrei na minha choupana,
a minha mãe incontrei,
cum o coração mais lanhado
e mais duente que o meu!!

Prá dizê tudo, seu moço
n'um domingo amafadado
aquella santa morreu!!!

A morte era naturá!
Depois da morte do véio,
não poude mais suportá!

* * *

Meu pae não perdeu a vida
pulos anno!! Não sinhô!

Morreu prú via d'um hôme
que era rico, e, prú capricho,
uns mulambinho de terra
do pobre véio rôbou!

O jaburú quiz um dia
que meu pae jurasse farso
n'uma questã que elle teve
cum um honrado lavradô.

O lavadrô era pobre.....

Meu pae, que era um hôme nobre,
bateu o pé!..... Não jurou.

A Justiça que fazia
tudo o que o hôme quiria,
im mênо de duas hora,
butou o véio prá fóra!.....
E tudo ansim se acabou!!

Despois que eu vim prô cangaço,
ha munto que o tá ricaço,
cummigo as conta ajustou!!

Ói, moço: vêje lá
se eu tenho rêzão...
ou não

* * *

Um dia, eu táva banzando,
deitado n'uma toucêra
de verde sanacury,
quando vêjo vim, d'alli,
o Antonio dos Picapáu,
amuntado n'um quartáu.

O coração piquinino
sartava cumo um cabrito!

Vendo o Antonio que era eu
gritou de lá: "Sivirino!...
"A tua érmã!... Dei um grito,
que o cabôco istremeceu!

Apois quando eu disse: — "Fala!"
elle gritou lá da istrada:
Foi trazôntônte róbada!!....
E alevantando a açoitêra,
deu de ispóra no quartáu,
e se assumiu entre as fóia
de duas guapurinhêra!!

* * *

Três dias andei a percúra,
atraz do tarapamtão,
(o fio d'um figurão.....)
mato abáxo, mato arriba,
e só discansei, seu moço,
quando eu tirei o pirão
do buxo daquelle cão,
cum a ponta da parnahyba.

* * *

Gibão e chapéu de côro
N'uma orêia derribado;
um guarda-peito de onça
no peito, sarapintado,
cravinóte sêmpre iscravo
dos bom, cumo vassuncê,
Mas um cangacêro honrado,
taliquá, cumo me vê.

.....
.....
.....

Seu moço, váincê prégunta
se argum dia eu fui murdido
da tatajúba do Amô?

Arrespondo a vassuncê!

De tanto e tanto soffrê
o coração, que padece,
fica duro, cumo um calo!
No soffrimento indurece!!
Calêja na disventura,
cumo as pata dos cavallo,
na istrada de pedra dura!

Dexê acendê meu cachimbo
e iscuti um causo, seu moço,
se um causo qué me iscutá!

* * *

Amuntado no Caxito,
eu siguia de viage
e passava pula Serra....
d'alli, de Jabitacá,
quando vi uma morena,
fazendo renda de birro,
imbaixo d'uma guaipá.

A cabôca, cum o pézinho
im riba d'um panacú,
de páia de burity,
era fermosa, era bella,
e tinha a pelle amarella,
cumo frô do muricy.

Do lado, d'onde se via,
de tarde, o Só se iscondê,
o mio novo cricia
entre os pé de macachêra!!.....
E, do outro lado, prú báxo
d'uma grande ribancêra,
o vento fresco da tarde
brincava, cumo um minino,
cum as fôia das goiabêra.

Bem em frente do currá
da banda do côpiá,
as cabra mansa, as ovêia
cumia o capim mimoso
do mimoso capinzá.

Num lindo itapinhoã
Cantava um guriatã.

Um papagaio, assanhado,
táva gritando atrepado
na roda véia dum carro,
e a casa, onde as trepadêra
pulas parede assubia,
tão piquena, paricía,
um ninho de João de Barro.

O avô da moça iscutando
as pizada do animá,
trazendo dois pote cheio
de leite fresco, "Bás tarde"
me disse lá do currá.

Pediu qui eu disapiasse.

Ammarrou o meu cavallo
n'uma cuiêra viçosa,
inquanto a moça, bondosa,
cum os cabello preto, preto,
cumo os penna dos anum,
me trazia uma tijela
de leite, adonde, boiava
o ouro do girimum.

Do girimum tinha ella
o ôrôma, o chêro e a cô!
Tinha uns óio piquinino
de guanumby, que seu moço
cunhece prú bêja-frô.

Não tinha a boca da rosa
Vrêmêia e munto pequena!
Tinha o tamanho d'um bêjo
aquella boca morena!!!

Eu não sei li dizê, não,
o que nós dois, eu e ella,
Sintiu, naquelle instantinho
muxurumdando, seu moço,
na bôca do coração!!

Eu óiava!! Ella me óiava!.....
N'um abri e fechá dos óio,
ambos os dois já se amava!...

Já era a bôca da noite
E cumu a noite nascia
um bocadinho arrufada
eu pedi uma apouzada.

Tio Luca, que era ansim
que o avô era chamado,
era um hôme arrespeitado
im todo aquele lugá.

Sem medo de não inrrá,
tinha mais de cem jânêro;
Mas porem era véinho
alegre e conversadêro.

Apois, a noite passei
n'uma conversa cumprida
uvindo o véio contando
a históra da sua vida.

Virúca (apois era esse
o nome da tentação),
fazia renda do lado!....
Mas porêm, moço, o pió,
é que o Amô, esse ispião,
cá dento e lá dento della,
fazia renda o marvado
nos nossos dois coração!

Tio Luca me contou
que a sua neta quirida
já táva prá se casá
com o fio d'um fazendêro
fermoso, rico e bunito!

E, depois, prú via della
im segredo me tê dito,
súbe que ella não amava
o moço, que munto longe
da sua casa morava!.....

Me perdôe, patrãozinho,
se o diabo d'um pingo d'agua
me quizé atreiçuá!

E prá cunversa cortá
no outro dia, patrãozinho,
quando o véio tio Luca
foi meu cavallo arriá,
eu e ella, ambos os dois,
n'um grande abraço, a chorá,
n'um adeus se adispidía!.....

Ella ficava!.... Eu partia!!

* * *

Nunca mais eu atravessei
a Serra Jabitacá.

Apois Viruca não ia
cum um moço rico casá?!

Pulas conversa du véio,
eu assuntei, que elle tinha
pulo moço munto amô,
e se ella não se casasse
cum o moço, o pobre do véio
murria louco de dô!

O moço tambêm amava
Viruca, que era uma frô!
Mas porêm, do meu amô,
do prêmêro amô que eu tive,
era pussive isquece?!

Não, seu moço, era impossive!
.....
.....
.....
Já tres mez era passado.

* * *

Lá, no fundo do sertão,
lá, bem no fundo, patrão
eu morava num ranchinho,
Mais maió um mucadinho
do que um ovo de jacú.

Lá dentro, a casa, a casinha
de riqueza táva cheia!.....

Ói só: uma candêia
um póte d'agua, um urú,
uma coitemba, uma cúia,
um tronco de tabibúia,
um couro sêco de ovêia,
uma garruncha, um quincé,

a istêra de catolé.....
e, na parede apregado,
um Sinhô Curcificado,
uma image do Sinhô,
image que tinha sido
d'um dos meu tatáravô.

De tudo que eu pissuia,
(que eu nunca pissuí nada!.....)
Só tinha aquella riqueza,
aquella image sagrada!

Patrão!.... Aquele mucambo,
aquella triste casinha,
adonde morreu meu pae,
e a minha mãe, coitadinha,
era cumu uma igrêjinha,
lá nos mato do sertão,
adonde seu moço, eu vinha,
faze minha dévônção!

Crêia váincê, se eu pudesse,
prá todo luga que eu fôsse
carregava aquella casa
dentro do meu coração!

Mas porêm..... Sim!..... Eu dizia
que trez mez era passado.

Uma vez, táva assentado
na porta do meu ranchinho
quando abispei, munto longe,
n'uma dóbra do caminho,
um vurto, vindo da istrada!!

A tarde táva, eu me alembro
um bucado anevuáda.

Saquei do canto a garruncha
e, entonce, firme, isperei,
"É um caçadô!... é um tropêro!..."
Cummigo mêmo eu pensei.

E o vurto vinha siguindo!...
Vinha vindo!... Vinha vindo!...

E quando mais se achegava,
Sôrtei um grito da boca!

Meus óio não me inganava!

Ora, vêje vassunce!...

Era..... Viráca!!! A cabôca!!

Sim!!... Patrão!... Era Viráca!...
A neta do tio Luca!!

Agora, vêje, patrão,
o que foi que ella me disse.

Me disse que ha uma sumana
táva de casa fugida,
correndo os capão de mato
cumo uma pomba perdida!

Que fartava pouco tempo
pro dia de sê casá!

Que tinha andado iscundida,
drumindo dentro das tóca,
noite e dia, na isperança
de me vê, de me incontrá....

Que ánte quiria morrê
disprezada, cumu o Cão
que vendê seu coração,
cumo o avô ia fazê!

Chorou, seu moço!..... Chorou!.....
De vez im quando dizia
que uma coisa só sintia: —
era matá de disgosto
o pobrezinho do avô!

Depois, dizia que Deus
seus pecados perduava!.....

Dizia que me adorava!.....

Que não casando cummigo,
cum otro hôme não casava!!

E entonce, assungando a sáia,
os pingo d'agua alimpava!

Depois, eu falei! Eu disse
que tômbêm amava munto!
Mas porêm, que ánte quiria
morrê ansim, cumo o cão,
que sangrá o coração
d'um véinho, sim sinhô,
que um dia este cangacêro
na choupana gasaiou.

Pidi que se assucegasse,
e, depois, considerasse
quantos pingos d'agua o véio,
já não tinha derramado!

Tarvez que, já sipurtado,
drumisse, naquella hora!....
Pidi, supriquei, roguei
que era percizo hi se embóra!....

Acunsêiêi que casasse
cum o moço, que era inducado,
e só quiria fazê
a sua filicidade!.....

Que era uma coisa bunita
fazê, tão perto da morte,
do véinho, esta vontade!

Apois eu falei. Eu disse:
quatro légua, bem puxada,
fica o sapé do vôvô!

O tempo amiaça chuva,
Mas porêm tenho um cavallo,
que corre mais que um prêá.

Vassuncê váe na garupa.....
n'um instantinho tâmo lá.

Introu de novo a chorá,
dizendo que o aguacêro
não tardava dispencá!

Saluçando, de juêio,
supricava que eu dexasse
(Não pulo amô: — prú piedade)
debaxo daquellas páia
aquella noite passá.

Depois, é que eu vi que a noite
tâva mêmo arrenegada!

Gimía a mata assombrada
cum os bêjo bruto do vento,
apois, naquele momento,
arrembentou, n'um tôrrangue,
o istrondo da trêvuada,
e lá no céo, de repente,
uma gibóia de sangue
passou n'uma disparada!!!

Entonce, forrando o chão
cum o couro secco de ôvêia,
butei a ceia que eu tinha.

Um coração de viado,
im riba da trempe, assado
no brazêro da cuzinha.....
Um pouco de macachêra.....
Café frivido im chalêra.....
E uma cúia de farinha.

Ella, calada, fingia
que cumia um pedacinho
de macachêra... e bibia
uns gólinho de café.

Eu, cumendo, disfraçava!....

Prú báxo dos óio, oiava!....
E o coração me dizia:
"Sivirino!..... cumo é triste
uma casa sem muié!!!"...

A chuva braba cahia,
e, ás vez, inté paricia
querê levá pulus mato
a casinha de sapé!!

Iscouciando e bufando,
se ispojando entre as fôiage,
lá forá, o vento curria,
cumu um cavallo sarvage!

Istremeceu de sobrôço
pidindo um tiquinho d'agua
fingindo que tinha sêde.

Despois, cahiu de juêio,
cum as mãos cruzadas prô Christo,
que táva im pé, na parede!

Rezava!!!

Inspetada nos cabello,
trazia uma frô dos mato,
frô quirida das abêia!!
E ella, ansim, istremecendo,
mansinha, cumo uma ovêia!...
Piando, cumo um pintinho,
quebrando a casca do ovinho,
táva, seu moço, mais bella,
mais triste e mais amarella
que as areia dos caminho!

Quando acabou de rezá,
introu de novo a chorá
me pidindo que eu dêxasse,
(não pulo amô, — prú piadade),
debaxo daquellas páia
aquella noite passá.

Cumo táva linda e bella!
Ai, de quem bebe, patrão
o mais pió dos veneno,
N'uns pinguinho de sereno
de dois óio, cumo os della!

Entonce, tomei corage,
e disse, sem mais aquella: —
"aminhã, de minhã cedo,
vassuncê vórta cumigo
prá Serra Jabitacá.

"O noivo não sabe nada!.....
Druma a noite assucegada!.....

"Aminhã, cumo o avôsinho
"Vendo váincê, vae ficá!..."

Butando a istêra no chão,
eu disse: "Vá se deitá!....."

Tirando o pé da chinella,
na istêrinha se assentou;
n'um véio gibão de couro,
a cabecinha apouzou;
e ao despois, a luz dos óio
foi, pouco a pouco, iscondendo,
taliquá dois vagalume
se adispidindo da noite,
quando o dia vem rompendo.

Drumia!..... Se não fingia,
paricia tá sonhando!
O azeite de Carnaúba
na luz fria da candeia
foi se apagando!..... apagando!

Fui de vagá!.... de mansinho!....
De vagá!.... de vagarinho!....

E a frô dos cabello della,
cumo quem bêja uma santa,
não négo, patrão!..... Bêijei!
Tive entonce uma vertige!!....

Senti um gosto na boca
das fôia dos mato virge!!

Correu pru todo o meu corpo
uma coisa, que eu não sei!
Pensei na Virge Maria
e im minha Mãe eu pensei!
Depois, a imagem do Christo
da parede dispreguei!.....

Do outro lado da istêra
de catolé, me deitei!!!
E entre nós dois, eu e ella,
a Santa Image butei!!!
Quando, ás vez, o coração
Mais disinquiéto batia,
eu me agarrava cum o Christo,
rezando uma Ave-Maria!!!

Quiria a carne uma coisa
que o isprito não quiria!!
Pru São Cosme e São Damião!
Im certas ocasião,
quando o diabo nos consome,
Um hôme deve sê hôme,
e eu fui hôme e fui christão!

Váince me intende, patrão!!

.....
.....
.....

Má vinha rompendo o dia,
ainda a gente sentia,
pulos mato mangangá
o ôrôma frio da noite
e o chêro do temporá,
e o meu cavallo corria
cum seu dono e cum Virúca,
prá casa do tio Luca,
na Serra Jabitacá!

O que eu não posso dizê
é aquella satisfação
que o avô, vendo a netinha,
sintia no coração!

O avôsinho inda chorava
cum a sua neta abraçada,
e cumo um doido, chorando,
eu rumpia pulos mato,
no meu cavallo isquipado.

* * *

Im riba da serrania,
o girá-só da minhã,
lá, munto longe, si abria!

N'uma festa de aligria,
no meio da mataria,
parece qui indoidicia,
todos os pásso a cantá!!

Paricia uma cabôca,
vistida toda de verde,
a Serra Jabitacá!.....

Seu moço!.... A minhã chêrava!!

Não vale a pena alembrá!!!
Não vale a pena, seu moço,
pruquê é uma grande verdade:
que é a mais grande das bestêra,
na bestêra desta vida,
a gente dá de cumida
na boca d'uma sôdade!!

.....
.....
.....
.....

Mas porêm naquella noite,
naquella istêra deitado,
ou, mió, curcificado,

cumo se fosse uma cruz,
sarvei minh'arma, seu moço!...
Seu moço, eu sarvei minh'arma!!

Mas porêm (pur esta luz!....)

Im nome do Pae, do Fio,
do Isprito Santo e Maria,
e do Amô, prú quem suffria....
Eu suffri mais que Jesús!!!

VOCABULÁRIO

Parnahyba — faca.
Comboêro — guia dos comboios.
Mazômbo — triste, isolado.
Acáuã — ave de canto triste e agoureiro.
Carregado numa rede — é como se carregam os cadáveres no sertão.
Cangaço — bando de cangaceiros.
Banzá — estar pensativo.
Quartão — cavalo manso, castrado.
Tarapantão — que diz ser valente.
Caxito — nome do cavalo.
Panacú — cesto.
Burity — espécie de palmeira.
Macacheira — aipim.
Muricy — árvore malgipeácea.
Copiá — alpendre.
João de Barro — pássaro que faz o ninho de barro, do feitio de uma casa.
Guanumby — beija-flor.
Quicé — faquinha.
Mucambo — choupana.
Sobroço — medo.
Tôrranque — estrondo.
Sarvei minh'arma — expurguei-a de todos os crimes, pela nobreza da ação.

A PUNIÇÃO DE CABRAS

Até aqui vai a cópia dessa jóia que nos legou o mestre dos poetas sertanejos, o velho e inesquecível Catullo.

Mostrou-nos através de suas belas rimas como os nordestinos viam alguns daqueles cangaceiros de velha cepa.

Dos tempos em que até esses homens transviados da lei respeitavam a honra e mantinham um rígido código moral.

Os chefes mantinham o controle firme sobre seus homens, não permitiam deslizes e puniam com a morte até mesmo os seus cabras de mais confiança quando caíam em tentação.

Neste poema de Catullo temos o cangaceiro solitário, não abandoleirado, que luta contra os desejos da carne, embora sendo provocado, tentado, insinuado a fazer amor com a linda sertaneja.

Resiste.

Consegue sufocar a vontade e sair vencedor da luta.

Luta mais dura, mais difícil, embora incruenta, do que as brigadas que tem com as forças que os perseguem

Mas esse exemplo, o rei dos poetas sertanejos, encontrou nos cangaceiros da "velha" escola.

No dobrar do século, as coisas foram se alterando, surgiu um novo fenômeno no cangaço, Lampião, com novas idéias e novos costumes. E uma das inovações foi a formação de subgrupos, o que estrategicamente provou ser muito válido, mas a distância que separava o chefe supremo dos que saíam à frente dos grupos volantes fazia com que perdesse o controle sobre os mesmos.

Daí os estupros, as violações, os "gerá" que eram debitados na conta de Lampião.

Segundo os dados que colhemos com antigos componentes do bando do monarca das caatingas, por mais de uma vez foram castigados "cabras" que desobedeceram as ordens de não abusar de moças, filhas ou parentes de coiteiros.

Temos conhecimento de pelo menos duas execuções ordenadas por Lampião como punição por estupro.

Uma, segundo gente do bando, foi em terras da Bahia, lá para os lados do Arrasta-pé, onde passaram uma noite inteira

comendo e bebendo, sambando, em casa de um coiteiro de confiança.

Ao romper do dia e já estavam se preparando para viajar, eis que estoura a novidade. Uma das meninotas tinha sido violada por um dos cangaceiros.

O grupo estava todo ali, no terreiro, e Lampião perguntou à menina.

— Qual delis qui foi?

Ela não teve dúvidas e apontou para Sabiá.

O chefe imediatamente ordenou que o matassem a cacete.

Um dos encarregados dessa triste tarefa foi Mourão.

Massacrado o companheiro, cuidaram de enterrá-lo.

Havia um monte de varas ali, no terreiro, para a construção de cercas e cercados e também outros tipos de madeiras para várias finalidades.

Lampião ordenou que cavassem uma cova bem perto do monte. Depois mandou que colocassem o cadáver de Sabiá, que ficou todo deformado pelos inúmeros e violentos golpes, sentado.

Isso mesmo.

Não quis que deitassem o corpo e sim que enterrassem sentado.

Perguntei o porquê dessa posição aos cangaceiros e cangaceiras que conheço, mas a única resposta que obtive foi:

— Não sei porque.

Ou então, pouco esclarecedor:

— Foi por castigo.

Jogaram terra sobre o defunto. Fecharam a cova e sobre a mesma o capitão mandou que colocassem as madeiras.

Assim foi feito.

Dois ou três dias depois desse macabro acontecimento, chega à fazenda a volante do sargento Manoel Neto, provavelmente o inimigo número um que Lampião resistiu durante toda a sua vida de cangaceiro.

Chegou e falou com o dono da casa.

Vinha no rastro do grupo.

— Num dianta iscondê, qui eu venho nas pisada dus cangacêro e o rastro veio dá qui. Podi i contando ondi é qui tão os homê.

Lampião deixara o coiteiro à vontade, com a recomendação de dizer a verdade, não precisava esconder nada.

O coiteiro disse tudo. Contou do baile, da violação da meninota, do castigo recebido por Sabiá e do lugar em que tinha sido enterrado.

Manoel Neto duvidou do caso.

Para acabar com sua dúvida mandou que o morador tirasse toda a madeira de cima e descobrisse a cova.

Quando esta ficou descoberta pediu que retirasse a terra para constatar se realmente havia um cangaceiro enterrado ali.

Se não houvesse, coitado do coiteiro por ter mentido.

Mas ao ser removida a pouca terra que recobria o morto, Manoel Neto viu, na posição sentada o cangaceiro Sabiá.

Dizem que teria dito então.

— Agora acredito na lei do cégo véio (era como muitos costumavam chamar Lampião por ser cego da vista direita) eli teve palavra.

Tornaram a cobrir o cadáver com a terra, madeiras e seguiram em busca do grupo.

Labareda, no depoimento que prestou ao autor do livro "Mundo estranho dos cangaceiros", afirma que quem matou Sabiá foi ele, Labareda.

Mas pelos informes da maioria o fato passou-se da maneira como está narrada acima.

Dadá, Zé Sereno, Balão contaram-me assim.

O outro cangaceiro morto por ter quebrado o regulamento do grupo, foi, vejam só a ironia do destino, o Mourão. Ele ajudou a massacrar de cacete o infeliz companheiro e não aprendeu a lição.

Ao cometer o mesmo pecado (também mexeu com mulher de coiteiro) foi punido com a morte.

Agraciado porém, pela sorte de ser morto de uma maneira mais suave, mais rápida e menos dolorosa.

Um tiro de revólver na cabeça encerrou para sempre a carreira do cangaceiro.

Já que tocamos no nome de Manoel Neto, linhas atrás, e o assunto é mulher vamos esclarecer que nas vezes que conversamos com os parentes e amigos do mesmo, em Pernambuco, João Gomes Jurubeba (falecido), Davi Gomes Jurubeba, Manoel Flor (Falecido), procuramos saber se era verídica a informação dada por Joaquim Góis no seu livro, de que Manoel Neto jurara sobre o cadáver de sua noiva, a qual teria sido morta por Lampião, que dedicar-se-ia à perseguição e morte dos cangaceiros.

Todos negaram o fato.

Jamais Mané Neto (como também era chamado) cortejou moça como noiva. Portanto não passava de engano essa notícia.

Por sinal, Manoel Neto faleceu a uns dois ou três anos no Hospital Militar do Recife, sem nunca haver namorado sequer.

Mas, passemos a conhecer a vida e o procedor dos cangaceiros, volantes e mulheres no tempo de Lampião.

MULHERES MARCADAS

A história do cangaço é uma história de sangue, morte, dor, humilhações e sofrimentos. Não é novidade. Tanto causado por cangaceiros como por soldados volantes e contratados.

Porém, existe um episódio nisso tudo que é verdadeiramente chocante.

Todavia aconteceu. E a vontade de mantermos nossa linha de fidelidade aos fatos nos obriga a mexer nessa chaga.

Até hoje não se sabe, concretamente, de quem partiu a idéia de marcar a fogo as mulheres.

Talvez, e é bem provável que assim tenha sido, Lampião estivesse inocente nestes atos. Mas como chefe, e tendo se omitido na condenação dos mesmos, acaba como co-autor.

O executor de tão desumana ação era o temido Zé Baiano.

Uma pessoa no seu juízo normal não se prestaria a essa abjeta atitude que fere a dignidade humana.

Quando, dias após as "ferras" que fez em Canindé do São Francisco, Sergipe, encontrou-se com seu compadre Corisco, e foi pelo mesmo repreendido, travou-se o seguinte diálogo:

— Mais cupadi Zé Baiano, ferrá as muié qui nu lhi fizero nada! Inda si fossi us maridu qui são macaco tá certo! Mais as muié...

O negrão cortou logo a argumentação do compadre justificando:

— Cumpadi Curiscu, quando cumecei a vive dijunto cum us meu parenti, us Ingracia, andanu pur essi mundo todo, viajando daqui prá li, num ia mais quasi nem lá pelus lado im qui morava a véinha mia mai, qui u cumpadi sabi qui nóis qui semo cangacero u mió qui si faiz é di invita incontra cum a famia da genti; purque us macaco adipois caba discubrinu i é aquela disgracera toda qui u cumpadi sabi.

— Mais u qui tem a vê issu tudo cum as ferra das muié, cumpadi Zé Baiano?

— Puis tem, cumpadi. Num é qui uma veis passô uma volanti lá in Chorrochó na casa da véia mia mai, i quandu u comandanti sobi qui ela morava ali foi inté a casa preguntá adondi qui eu andava. A véinha num sabia di dize. Eli tornô

a pregunta i começo a fica brabo. Num demorô muito i eli mando um dus macaco deli, Vicenti Marques, dá um aperto im mai. U disgraçado andô dando uns tapa i uns punta pé na véia i ela nada di discubri ondi qui eu tava. Conta Teodóra, conta Teodóra, eli dizia.

— I éla sabia? — perguntou Corisco.

— Sabia u que cumpadi! Sabia é nada, nem qui quizessi conta éla num podia memo. Mais vai dai u Vicenti panhô um caceti i disandô a da pancada im mai. Inté qui ela caiu nu chão cum a cabeça quebrada di pau.

— Virgi! — disse Corisco.

— Quandu a volanti si ritirô u pessuá levô mai prá dentro di casa i cuidaro dela. Tamem nessa mema noite um dus qui assistiu tudo mi procurô nu mato i contô tudo direitinho. Fui vê mai i ela cabô sarano. Mais a testa ficô fundada pur uma das cacetada qui levô. U osso fundô prá dentru. Intão eu mandei faze essi ferro qui leva meu nomi, J. B., prá marca as muié di macaco.

— Mas cumpadi Zé Baiano, você tinha di marcá era essi macaco, u Vicenti. Não as muié qui num tem nada cum us mar feito dus marido, — argumentou Corisco.

— I mia mai tinha arguma coisa qui vê cum us mar feito meu? Purque qui us macaco fizero issu cum ela? Purque qui num vinhero fazê cumigo? Si elis num pudero fazê cumigo i batero im mai si eu num pudé pega us macaco prá marcá eu marco as muié delis.

Diante dessa justificativa, embora não concordando, Corisco e outros cangaceiros, dentre os quais Luiz Pedro e Mariano, calaram-se e deixaram de fazer as duras críticas que vinham fazendo permanentemente ao ato bárbaro.

Na mente perturbada de Zé Baiano, estava vingando-se cada vez que ferrava uma inocente mulher de soldado. Estava, quem sabe se não pensava assim, seguindo a lei do "olho por olho, dente por dente", — quem poderá saber o que anda por sua cabeça?

Sua mãezinha após o injustificado espancamento que sofreu por parte do soldado, foi tratada pelos vizinhos e acabou recuperando-se... em parte.

Porque traria para todo o sempre a marca dessa violência. Sofrera afundamento do osso frontal. Uma concavidade profunda era o resultado de uma das fortes cacetadas recebidas.

Determinado dia, Zé Baiano conseguiu encontrar-se com a velha mãe, escutou da própria boca desta a história do acontecido.

Viu a testa da mãe com aquela depressão profunda e tomou a deliberação de agir do mesmo modo com os soldados que tivessem o azar de cair em suas mãos, e na impossibilidade de prendê-los, faria isso com suas mulheres.

Mandou um ferreiro sertanejo executar um ferro de marcação com as iniciais J. B. e uma palmatória. O sadismo que trazia latente aflorou com a fúria de uma erupção vulcânica.

Não separava-se da dupla de instrumentos inquisitoriais e utilizava-se da mesma com sinistra eficiência.

Ranulfo Prata, no seu livro "Lampião", afirma que o "negro" Mariano trazia pendurada no cinturão, uma palmatória enfeitada com laços de fitas e que se destinava a castigar as pessoas que não lhe davam dinheiro.

Cita até o episódio de uma criança cuja avó recusou-se a dizer onde guardavam os haveres e foi castigada com vários "bolos" sendo, porém, os mais suaves que o braço *herculeo* já dera.

Transfere para Mariano os pecados do negro Zé Baiano, este sim, preto mesmo, já Mariano era branco amorenado pelo sol do sertão.

Zé Baiano tinha prazer em ser mau.

Foi o que aconteceu quando invadiram o povoado ribeirinho de Canindé do São Francisco, em Sergipe.

Estive no local, quando já quarenta e um anos haviam decorrido do trágico episódio.

Antigas árvores de frondosas copas, em cujas sombras se passaram os fatos que vamos narrar, ainda se alteiam na povoação.

Gente humilde constitue sua população, poucas casas e esparramadas pela margem do rio, assim é o lugarejo.

Por esse tempo, janeiro de 1932, um oficial do Exército, do 28.º B.C., comandava a volante estacionada nesse lugar.

Seu nome, Tenente Matos.

Nessa zona do estado, Lampião contava com uma rede bem organizada de coiteiros, espiões, informantes e admiradores.

Contando com o auxílio dessa gente foi arquitetada e executada brilhantemente, é necessário que se reconheça, uma manobra ímpar na sua vida de guerrilheiro das caatingas.

A mãe de nosso amigo Leônidas, dona Delfina F. Santos, foi incumbida por Lampião de falar com o tenente.

Aqui um esclarecimento, Joaquim Góis no seu livro "Lampião, o último cangaceiro", comete um engano quando, ao falar desse episódio, diz o seguinte:

"Como para justificar a sua crença na lealdade dos filhos da terra, a sexagenária Delfina da Fazenda 'Pedra D'água', aparece a denunciar o coito de Lampião, e nas 'Pias do Felipe'.

O tenente comandante a ouve com um riso cético nos lábios e, como desencargo de consciência, lhe pergunta:

— E quem lhe contou esta história, dona Delfina?

— Nem sei não, seu tenente. Isso é qui o povo anda espaiano por ai.

Aquela velhice trêmula dava conta da missão diabólica de que Lampião a encarregara".

Pois bem, dona Delfina nesse princípio do ano de 1932 encontrava-se viúva desde o ano anterior, porém não tinha nada de "sexagenária" e muito menos de "velhice trêmula".

Não havia ainda chegado à casa dos quarenta, era uma sertaneja morena e forte, vendendo saúde, vitalidade e falecendo em 15-06-1969.

Realmente ajudou várias vezes os diversos grupos de cangaceiros, porém, com maior constância e eficiência, os de Lampião e Zé Sereno, que em tempos posteriores, mas ainda na época do cangaço, tornou-se compadre de uma sua filha e do marido da mesma, o Rosalvo.

Pelas notícias e informações que soubemos, foi a única mulher a ser presa sob a acusação de coiteira de Lampião.

Isto ocorrendo logo em seguida aos fatos que vamos narrar.

Depois de dona Delfina ter feito brotar no cérebro do tenente Matos a idéia de prender ou matar Lampião, foi a vez do cunhado da mesma, Zuza Marques, adubar e fazer florir essa intenção, com detalhes e pormenores do local, onde estacionaria, descuidadamente, o grupo de bandidos.

Acenou com a facilidade do ataque e com a surpresa do mesmo, as dificuldades da defesa e comprometeu-se a servir de guia.

Matos precisava, porém, de um número maior de soldados para assegurar o êxito da empreitada perigosa e chamou uma volante de Sergipe, comandada pelo tenente Manoel Ramos, e a volante baiana do sargento Miranda.

Ficou a força com um total de cinqüenta e um homens.

No dia de Santos Reis, 6 de janeiro, ainda com o escuro da madrugada cobrindo a caatinga, o Tenente Matos mandou sua tropa marchar para o combate, que esperava, fosse o último de Lampião.

Cinqüenta homens dispostos deixaram Canindé no rumo das "Pias do Felipe" guiados por Zuza Marques e seu companheiro Zé Nobre. Na cidade permaneceu um soldado que dera parte de doente e ficou curtindo sua febre na cama.

Quando as forças combinadas, sob o comando do tenente Matos, chegavam ao coito vazio, o bando de Lampião entrou de sopetão na vila desguarnecida de Canindé.

O soldado que estava de cama, pulou, saltou pela janela e fugiu célere para o mato.

Segundo nos contou Zé Sereno, que participou da invasão, dirigiram-se em primeiro lugar ao quartel de onde foi tirado um cunhete de balas e, por Volta-Seca, um dolmam militar. Em seguida atearam fogo ao prédio onde se localizava o mesmo.

A fumaça despreendida do incêndio foi avistada em Piranhas, que se localizava um pouco mais abaixo, no lado alagoano.

Em janeiro de 1969, em sua casa de Garanhuns, o coronel João Bezerra que havia se tornado conhecido no Brasil todo por ter comandado o ataque em que morreu Lampião, contou-nos que ao avistar o rolo de fumaça saiu em direção ao lugar que fica diretamente em frente à vila de Canindé, estando porém, com seus oito companheiros, na margem alagoana do Rio São Francisco.

Nessa altura, algumas pessoas do lado de Sergipe, chegaram em uma canoa e João Bezerra requisitou-a depois de ser informado da direção tomada pelo grupo que se dirigia para a propriedade de Sinhôsinho, do Girimum e que era avô de dona Cyra, futura esposa de João Bezerra.

Quando desceram o rio, avistaram na margem de Sergipe o bando de Lampião, tendo acontecido nessa ocasião uma rápida troca de tiros que não resultou em ninguém ferido, em nenhum dos lados. Essa informação também nos foi confirmada por Zé Sereno que estava presente e narrou-nos todos os acontecimentos que se passaram em Canindé, bem como os tiros na canoa.

Quanto ao ato de ferrarem as mulheres, disse-nos Sereno que ele e mais um companheiro foram mandados por Lampião para prenderem o grupo de mulheres que os observavam da porta de uma casa.

Eu, o autor, perguntei o porquê da prisão para ferrá-las e respondeu-nos:

— Lampião tinha recebido uma carta das mulheres dizendo que sabiam que ele não gostava de cabelos curtos, mas que os cabelos eram delas, e elas cortavam do jeito que queriam. Quando eu e o outro chegamos perto das mulheres, falei:

— U capitão tá chamando.

Uma respondeu, desconfiada:

— Qui capitão?

— U capitão Lampião!

— Lampião? Vigi Nossa Sinhóra!!!

— Nossa Sinhóra não, é u capitão Lampião memo!

E Zé Sereno continuou:

— Aí levamo as muié até onde Lampião tava com a carta na mão.

Mostrou a carta e perguntou se tinham escrito aquilo e elas começaram a chorar de medo. Três delas, Izaura, Natália e Anízia eram filhas de dona Virge. Por sinal que a mulher do soldado Maninho, Natália trazia o ventre volumoso por estar em final de gravidez.

Lampião confabulou com Zé Baiano, que após ouvi-lo atentamente tratou de acender uma fogueirinha, em cujas chamas esquentou o seu ferrete, com as iniciais J.B.

Breve o ferro ficou tão vermelho quanto as brasas e Izaura teve a desgraçada sorte de ser a primeira a receber a marca na face.

Os habitantes, inermes e chocados pelo pavor, eram testemunhas da cena horripilante.

Pedidos implorando misericórdia, choro convulsivo, descontrole nervoso, nada abrandou o coração de pedra de Zé Baiano que cumpriu com eficiência o seu papel de algoz.

O cheiro de carne queimada impregnava o ar do vilarejo e Zé Baiano tomou-se de alegria ao saber que Maria Marques, a única das prisioneiras que não era filha de dona Virge, era irmã de Vicente, o soldado que havia deixado sua mãe com o osso da testa afundado por pancadas.

Era também, para sua maior desgraça, aparentada com a família Marques, de Santa Brígida e arredores, gente cujo clã tinha vários membros como contratados das colunas volantes que perseguiam os bandoleiros.

Elias Marques, por exemplo, cujos parentes afirmam ter sido ele coiteiro de Lampião, e que, depois de terem um atrito, aderiu às forças policiais.



Esta fotografia é reconhecida como sendo, também, de Maria Marques o que a nós parece ser engano. Deve ser de alguma outra vítima de José Baiano.



Foto de Maria Marques, ferrada por Zé Baiano com as iniciais J.B. em princípios de janeiro de 1932.

Um irmão de Elias, Jacó e o filho do mesmo, conhecido como Antônio Jacó (ainda hoje é vivo e muito nosso amigo, seu nome real é Euclydes Marques) e mais alguns outros.

Mas voltemos ao martírio sofrido por Maria Marques, que nessa época era proprietária de uma pequena bodega, ali em Canindé, a qual foi completamente desfalcada nesse dia fatídico.

Os cabras embriagados e turbulentos demonstraram seu desrespeito aos bens alheios, atirando tudo o que encontravam sobre o balcão e nas prateleiras para o meio da rua.

Peças de fazenda, panelas, alimentos e outros variados objetos foram jogados sobre o pó da rua de terra.

A pobreza aproveitou do que foi possível e o resto os próprios cabras destruíram na sua fúria de irresponsáveis.

Parecia um bando de vândalos.

Maria Marques sofreu toda infelicidade.

Nessa ocasião já era casada e mãe. Uma sua filha, hoje moradora em Ribeirão do Pombal, na Bahia, assistiu a toda horrível cena, apavorada e chorando. Teria, então, em torno de nove anos. Nós conhecemos, em nosso consultório, duas filhas dessa menina de Canindé, netas portanto, da vítima de Zé Baiano, a qual faleceu no ano de 1979, ainda levando na face a marca deixada pelo ferro incandescente naquele malfadado dia de Reis do ano de 1932.

Existem fotos dessas infelizes sertanejas trazendo na face a cicatriz da queimadura, o J. B.

Seriam estas quatro mulheres as únicas a sofrerem tal castigo e humilhação?

Não, existe, ao que sabemos, prova documentada ou fotografada de ocorrências semelhantes a esta de Canindé.

Amigos meus, que nasceram e viveram na região de Curaçá, nos tempos em que Lampião "governava" os sertões, afirmam que Zé Baiano também andou deixando sua marca nas faces de moradoras daqueles ermos.

Numa demonstração que sua mente doentia imaginava-o dono de gado humano e que sua propriedade não tinha divisas nem limites.

Sergipe ou Bahia eram terras que viviam sob o peso de sua alpercata ferrada e nas quais sua vontade era lei.

Fala-se muito sobre o ato de ferrar as quatro mulheres de Canindé.

Jornais e revistas trouxeram fotos das pobres vítimas e relatos pormenorizados sobre o triste acontecimento.

Os livros sobre a vida de Lampião comentam e narram essa barbaridade de Zé Baiano.

Somente essa.

Haveria, porém, existido outras sem que os jornais, revistas e livros tivessem publicado?

Emílio, irmão do nosso amigo Cândido Antônio dos Santos, contou-nos que na fazenda Baixa Verde, localizada nas caatingas existentes entre Curaçá e Barro Vermelho, morava uma numerosa família de caatingueiros, gente que ele chegou a conhecer, pessoalmente, quando andava atrás do gado ou quando essas pessoas iam a feira de Curaçá. Eram os irmãos Davi, Gregório, João Cirilo, Salustiana e Florência que era casada com Bertolino.

Esse pessoal sobrevivia com o parco produto que a pequena roça lhes fornecia após extenuante, incerto e duvidoso resultado de seu trabalho agrícola.

Tinham que contar com o favorecimento de um clima inconstante, com chuvas propícias no momento exato, que o Sol não fosse tão inclimente, que as secas não castigassem com tanto rigor e por muito tempo o sertão.

Além de que essa gente já não possuía mais o vigor da juventude, pois haviam entrado para o rol dos cinquentões quando a má sorte fez com que, por algumas vezes dessem abrigo, fornecessem alimento e água a volantes que paravam no terreiro de seu casinholo, quando em busca ao bando de Lampião.

Por esse tempo, nos anos de 1933 e 1934, muitos sertanejos que haviam perseguido os cangaceiros como contratados, já estavam desmobilizados e, alguns deles, haviam sido mortos quando reconhecidos pelos cabras que não admitiam tal perseguição.

Juviniano, ao receber baixa da volante em que se encontrava incorporado, ficou morando no riacho do Icó e esperando ser preso e morto de uma hora para outra, não tinha condições de deixar a região e para preservar sua vida passou a denunciar aos cangaceiros todos os que davam coito às forças.

Ele, cuja existência estava por um fio pelo motivo de ter andado no rastro de Lampião, por livre e espontânea vontade, não tinha pejo em denunciar criaturas humildes que não podiam recusar nada às forças policiais, que ao chegar em qualquer lugar não pediam. Exigiam ou tomavam.

Juviniano acabou denunciando os moradores da fazenda Baixa Verde como coiteiros da polícia.

Foi a conta.

Quando menos esperavam, o terreiro da casa encheu-se de cangaceiros vingativos e de ato contínuo Zé Baiano deitou seu ferrente nas brasas e quando o mesmo ficou rubro marcou Davi, Gregório e Florência nas duas faces.

Depois retiraram-se satisfeitos pela torva vingança praticada.

Os pobres coitados, para eliminarem a marca ultrajante, partiam castanhas verdes de caju e aplicavam o sumo cáustico sobre as partes queimadas.

A ferida ficava maior e mais feia do que a anterior, mas, segundo eles, disfarçava o humilhante J. B. Um dos irmãos, João Cirilo, a irmã Salustiana vulgarmente conhecida por Salu. o cunhado Bertolino e os filhos de Florência, não sabemos o por quê, escaparam de todo e qualquer castigo.

Uma outra mulher, dona Joana de Lídio, moradora naquela região havia se casado com um viúvo que era pai de dois rapazes, Ricardo e Miguel.

Esses enteados de dona Joana, forçados pela miséria, foram trabalhar na estrada que vai de Patamuté para Curaçá.

Lampião soube e ao surgir a oportunidade apareceu de surpresa na casa dos mesmos. Chegou de supetão, mas houve um desencontro, os dois irmãos não se encontravam presentes.

Na falta dos enteados, dona Joana pagou pelos "pecados" dos mesmos.

Teve seus cabelos cortados a faca e a nuca e as faces tisnados com o ferro em brasa. Tudo feito pelo implacável Zé Baiano.

Estes tristes acontecimentos são do conhecimeno de todos velhos moradores da região de Curaçá e Barro Vermelho, ali no sertão baiano.

Citam que até uma parenta do padre Berenguer, nesse tempo dono de uma fazenda localizada nas imediações, foi ferrada por Zé Baiano.

O caso aconteceu assim: os cangaceiros tinham conhecimento que o padre Berenguer possuía um automóvel e pediram que o mesmo transportasse Lampião e mais alguns cabras até um determinado lugar.

Muito a contra gosto o padre atendeu o pedido dos cangaceiros. No meio da viagem conseguiu simular um desarranjo no motor e deixou a malta a pé. Este episódio ocorreu em fins de 1928 ou princípios de 1929.

Os cangaceiros marcaram-no com sua inimizade e quando Zé Baiano achou a oportunidade prendeu essa parenta do padre (os informantes não souberam precisar qual o grau de parentesco, se sobrinha ou tia do pároco) e sem titubear um momento marcou-a com o ferro em brasa, na face.

Nosso amigo de muitos anos, Cândido Antônio dos Santos, também é natural de Curaçá.

Nos tempos de sua juventude chegou mesmo a tocar na banda da cidadezinha. E viveu ali naquela era de terror e medo.

Um dos seus primos, Félix, filho do velho Zéca Papoco, escapou por um triz de morrer nas mãos dos cangaceiros, por ocasião do massacre na fazenda Morcego, quando foi morto o proprietário Domiciano.

Cândido contou-nos que chegou a conhecer ali mulheres que traziam a marca do ferro de J. B. nas faces. Não lembrava-se, porém, dos nomes.

Mas diante da idoneidade do informante, podemos passar adiante o fato, pois o mesmo merece, de nós, todo o crédito.

Uma das formas que os cangeceiros usavam para vingar-se das esposas ou filhas dos que os traíam, dando informes à polícia sobre seu roteiro, denunciando coiteiros que os auxiliavam, apontando o local de coitos no qual se abrigavam ou qualquer outra informação, era o de quebrantar-lhes a moral, ofender-lhes a honra.

Não temos notícia da morte de nenhuma mulher, a não ser de uma moça, por Gato, em outubro de 1937 e, já depois da morte de Lampião, de mais duas, por ordem de Corisco.

São muitos os casos em que Lampião obrigou marido e mulher a ficarem nus, havendo então a completa quebra do orgulho das pessoas ciosas do seu comportamento digno e honesto perante a sociedade.

Após a ocorrência de tais fatos, as pessoas passavam a ficar trancadas, evitavam aparecer em público, envergonhavam-se do acontecido.

O pudonor da mulher sertaneja não lhe permitia aparecer quando desconhecidos eram recebidos em casa. Ficava então fechada nos quartos ou na cozinha, longe, portanto, dos olhares curiosos de pessoas estranhas.

Agora, imagine-se, quando uma mulher dessas era submetida a vexames sexuais por um grupo de indivíduos inescrupulosos e violentos, como deveria sentir-se arrasada, psicológica e moralmente, perante a comunidade e a família.



Maria Marques, pouco antes de seu falecimento. Trazia ainda na face a cicatriz do ferro em brasa com que fora estigmatiza quarenta e sete anos antes.

Em fins de 1930 ou princípios do ano seguinte, o grupo comandado por Lampião conseguiu aprisionar o vaqueiro Manoel e sua esposa Anna, moradores da fazenda São Paulo, localizada lá para os lados do município de Bonfim.

Chegaram logo ao romper do dia e Lampião estava ciente de que, após a sua última passagem por ali, o vaqueiro fora até cidade denunciar a sua presença às autoridades.

Os cangaceiros vinham todos montados e chegaram a galope riscando o terreiro da casa levantando poeira ao estacarem subitamente os animais.

O chefe da malta olhou para o vaqueiro, o qual quedava-se estático e apavorado, perguntou:

— O vaqueiro daqui é ocê? Ocê é qui é "seu" Manoel? Ainda tremendo com a surpresa da visita indesejada, o vaqueiro respondeu gaguejando de medo:

— Sô eu sim sinhô, capitão.

Lampião disse, satisfeito:

— Da vêis passada, quando nóis saimo daqui, ocê curreu pra arengá tudo aos macaco. Mais hoji, ninguém vai lhi ajuda, tá uvindo seu cabra safado, seu sem vergonho miserávi!

O rei do cangaço não se deu nem ao trabalho de desmontar, ordenou que seus homens amarrassem bem o casal, depois de despojá-los de todas as roupas e assim, completamente nus, fez com que fossem colocados em dois animais em pêlo.

Rumaram todos, num estranho cortejo, para o vilarejo próximo.

Até os próprios cabras, parece, ficaram constrangidos com a nudez do casal, da mulher principalmente, destoando completamente da norma vigente na conduta sertaneja, recatada e pudica.

Ao chegarem próximos da igrejinha, pararam.

Lampião mandou que seus homens desmontassem o casal e que fossem buscar os míseros moradores para presenciarem o que seu cérebro arquitetava.

Breve chegam os coitados, com o medo estampado nas faces, apreensivos quanto ao que os aguardava, e dão de frente com os conhecidos, amarrados, silentes, nus.

Lampião grita, para que todos o ouçam, a razão de estarem os dois assim. Chama-os de traidores e declara que o vaqueiro vai morrer para servir de exemplo e lição para todos. Diz que esse é o fim que espera todos os traidores.

Desembainhou seu comprido punhal e usando da técnica adquirida pela prática e experiência em outros crimes iguais, sangrou-o na fossa supra clavicular.

Depois da morte do vaqueiro, após rápida e curta agonia, ordenou que a esposa do mesmo fosse violentamente vergastada por seus comandados com chicotes de três pernas.

A mulher nua e indefesa, pois estava ainda amarrada, ficou com o corpo todo lanhado com os vergões vermelhos da surra.

Anna não tinha nem forças para chorar.

Saciada sua sede de vingança, montaram e partiram estrepitosamente.

O corpo do morto ficou ali, sobre o chão poeirento, o sangue derramado formando uma poça perto do cadáver.

Anna começou, então, a sair do estado de choque em que se encontrava, a chorar baixinho e depois aumentando, aumentando, passou a gritar, a debater-se, a descabelar-se e todos viram que já não era a mesma pessoa que conheciam.

Enlouquecera.

As mulheres passaram a cuidar de Anna, enquanto os homens trataram de sepultar o defunto vaqueiro.

Outra ocorrência bem semelhante a esta vamos encontrar na ocasião em que Lampião tentou entrar em Simão Dias.

Ao fazer a avançada no rumo da cidade passou primeiro na fazenda do velho "coronel" Fausto Dodô, e depois de realizar o saque de todos os haveres de algum valor seguiu para o velho engenho Olhos d'Agua, cujo proprietário era igualmente um "coronel" de barranco, isto é, de patente adquirida ou ofertada pela Guarda Nacional.

Transcreveremos o fato como o conta Joaquim Góis, que estava ali na cidade de Simão Dias, naquele 28 de outubro de 1930, uma sexta-feira, que jamais lhe saiu da mente, segundo disse-nos.

Em "Lampião, o último cangaceiro", Joaquim relata desta maneira o esboço da figura do "coronel" Martinho Ferreira.

"Este velho sertanejo era duro como o carrasco onde nasceu, cresceu e lutou, onde numa desacertada hora trocou os cardos das caatingas pelos baixios dos canaviais, sem cana do banguê de Olhos d'Agua, engenho velho e falido, que há muito não moía e que se havia 'pegado' para sempre.

Lampião, na sua retirada, levou preso Joãozinho, o filho caçula do coronel Fausto, cuja vida oscilava nas duas pontas

deste dilema fatal, ou o dinheiro na manhã do sábado ou a morte pela sangria na ponta do punhal de Volta-Seca.

Na noite pesada que se deitava sobre o velho engenho Olhos d'Agua, Lampião saindo do seu ventre negro, estacionou com os seus sicários em frente ao grupo de casebres abandonados, escombros trágicos da antiga senzala em que os escravos do coronel Nhonhô Zacarias, presos aos troncos, tinham as carnes cortadas pelo chicote do feitor.

Agachados, na postura de monstrengos, os casebres abriam as bocas das suas portas por onde, tantas vezes, saíam em música magoada e fúnebre, estes versos de revolta surda e de vingança impotente:

Samba nêgo qui o tempo é teu,
Samba nêgo qui o tempo é teu,
Samba nêgo branco num vem cá.
Si ele vim, cacete é de levá.
Samba nêgo qui o tempo é teu.
Samba nêgo qui o tempo é teu.

Em uma tantas braças adiante, dormindo, o perfil da casa grande, construída dentro das linhas severas do estilo colonial, assobradada, com as suas sete janelas olhando para o norte. As trevas fechadas da noite proibiam a Virgulino Ferreira tirar uma visada justa do cenário em que se encontrava. O instinto de cão humano do sertão lhe dizia que estava dentro e perto de um engenho e que todo o senhor de engenho é rico.

Movimentou as peças do seu grupo e, em poucos instantes, a casa grande estava debaixo de cerco.

As pancadas das bocas dos fuzis doem no silêncio profundo da noite. Coronel Martinho Ferreira e sua família foram colhidos pela surpresa do ataque. Em palavras agressivas e brutais, Virgulino Ferreira o intima e coage a que lhe dê dois contos de réis, importância que avalia insignificante para a presumida riqueza da sua nova vítima.

— E ói qui tou li pedino poucoô Tou seno munto bom cum você!

Com aquela coragem fria dos homens destemidos a quem o medo da morte não acovarda, o velho Martinho Ferreira, curtido nas lides cruentas dos jagunços dos Guerras e dos Mendes de Bom Conselho, hoje Cícero Dantas, foi pronto e franco na réplica:

— Lampião, eu não tenho dinheiro aqui. Se tivesse, lhe dava. Amanhã mandarei lhe levar o dinheiro por meu filho, aonde você estiver.

Corisco não se contém com a resposta do coronel e lhe responde com insolência:

— Ah! É assim qui você trata a maió oturidade do sertão? Véio safado! Barba de sabão! Ou você tá pensano qui nóis vai aquerditá im sinhá de engenho quebrado?

Era a primeira vez que o coronel Martinho Ferreira assistia a alguém duvidar de sua palavra, duvidar dele, de quem um fio da sua barba branca valia mais do que qualquer documento assinado em cartório, com selo, testemunhas e firmas reconhecidas.

Ele, Martinho Ferreira, sertanejo para quem a honra era tão sagrada como a vida, varão de "contra-peso e medida", homem de fato, lei e verdade, via seu lar achincalhado, a família ultrajada, dona Marcolina, sua esposa, surrada pelos cabras, para que descobrisse o lugar onde pudesse estar escondido o dinheiro! E tudo sem lhe ser dado esboçar um gesto de reação ou uma represália à desonra recebida!

Os seus filhos, com exceção de Mário, que conseguiu fugir tiveram as mãos arrebentadas de bolos pela tão falada "laço e nó", nome dado à palmatória feita do âmago vermelho da baraúna, que o negro Zé Baiano tornou em instrumento de agonia para as criaturas indefesas.

As mãos das suas filhas ficaram em carne pisada de sangue, só pelo fato de usarem o cabelo cortado, ouvindo ainda de Lampião estas palavras de um contra-senso moral monstruoso:

— Tou fazeno isso pra dá inducação a voceis, qui seu pai numca lhe deu. Muié qui corta o cabelo é muié ruim!

Como remate na baixeza daquele cenário, despiram dona Marcolina e com pedaços de cana a esbordoaram com sadismo de loucos. As flagelações não lhe doíam tanto como a conspurcação do seu pudor de matrona pura, pela insânia dos celerados.

Diante da dor e das lágrimas das filhas, chorando pelos sofrimentos por que estava passando a sua mãe, a cabroeira animalizada as advertiu:

— Deixe de chôro bêsta! Deixe pra chorá adispois qui a rêde saí!

Frase curta e cruel que levava o sentido de uma condena-

ção à morte, provavelmente, pesando sobre a cabeça do chefe da família.

O coronel do engenho Olhos d'Agua, tolhido pelas bocas dos fuzis, petrificado pela desonra, tinha os sentidos embotados na insensibilidade dos mortos. Os irracionais teriam nojo daquela passagem infame e a indignidade ocultaria o rosto para não presenciá-la.

Findo o saque na casa, encerrada a façanha canibalesca, os bandidos inteiraram ao seu chefe do "dever" cumprido, na missão de depredar, de destruir todo o lar do coronel e da sevícia e profanação nas pessoas da sua família.

O tiranozinho insatisfeito mentaliza ainda fazer mais longa a situação de vencido humilhado que submetera a velhice desamparada do coronel Martinho Ferreira. E esticando o dedo, como um pedaço de osso envenenado, para o burro em que viajava, preso, o filho de Fausto Dodô, ordena-lhe, numa voz tonitroante:

— Monte na garupa daquele safadinho e vamo. Si inté amenhã o pai dêle e seu fio num me trazê o dinhêro, voceis me paga!

No rosto da esposa, nua e acabrunhada, de Martinho Ferreira, solta estas palavras de sarjeta:

— E você, sinhá burra véia, tomém vai!

Escancharam a pobre senhora na anca do cavalo de um dos bandidos e desembestaram, em corrida louca, rumo ao Estado da Bahia.

Na cancela que dava saída do engenho descobriram que a infeliz senhora estava "incomodada" e a desmontaram da garupa do cavalo, jogando-a ao chão como um volume qualquer.

E lá se foi a caravana que insultava até a escuridão da noite e que para o coronel Martinho foi a sala de espera do inferno e para a sua família um pesadelo de condenados à morte."

Agora passemos a transcrever o final desse mesmo episódio. A volta do coronel.

"No engenho, a chegada de Martinho Ferreira, repercutiu como o alarido de uma aparição do outro mundo. Toda a família, que acendeu velas a N. S. da Boa Morte, correu para ele. As lágrimas de dona Marcolina, sua esposa, profanada na sua intimidade física e na pureza dos seus sentimentos cristãos, as mãos inchadas das filhas, ainda rorejando sangue, fustigadas pelos castigos e pelos bolos da palmatória de Zé Baiano, toda a

angústia daquele clima de desespero o envolveu pelo resto da vida. O choque emocional que caiu sobre Martinho Ferreira adoeceu-lhe a razão e fato deplorável levou os seus últimos dias passeando na calçada da sua residência, de onde só saía se mãos amigas o retirassem."

Não nos conta Joaquim qual seria o trauma que dona Marcolina carregou dessa data em diante. Provavelmente deve ter sido similar ao do marido.

ZÉFA PERDIDA

A primeira mulher com quem Lampião encontrou-se na Bahia, ao atravessar o Rio São Francisco vindo do sertão pernabucano, foi uma sertaneja conhecida por todos com o curioso vulgo de Zéfa Perdida.

Quem era essa mulher que teve a "honra" e o "privilégio" de receber em seu casebre, isolado lá no meio das caatingas, o rei do cangaço que vinha devidamente acompanhado por sua guarda de segurança?

Aliás, aqui já é até um exagero chamar-se os que o acompanhavam de guardas de segurança, eram na verdade os derradeiros acompanhantes e sobreviventes do grupo numeroso que haviam atacado Mossoró, poucos mais de um ano antes.

Quando pisou em solo baiano, na segunda quinzena de agosto de 1928, Lampião já trazia a informação de onde morava Zéfa Perdida, e para esse lugar dirigiu-se, incontinenti, com os seus cinco companheiros: Virgínio, que era seu cunhado; Ezequiel, o seu irmão caçula, dos homens, e que era vulgarizado no grupo como *Ponto-Fino,* por ter boa pontaria; Luiz Pedro, compadre e homem de confiança; Mariano, que salvara todo o bando do envenenamento na fazenda Ipueiras, no Ceará; e, por fim, Mergulhão, um sertanejo pernambucano que teve a triste sina de ser o primeiro dos seis a dar a viagem ao mundo desconhecido das trevas.

A recomendação para procurar a casa de Zéfa Perdida, onde teria comida e abrigo, foi dada, segundo nos informou Zé Sereno, que era neto da mesma, por um dos filhos dela que estivera "trabalhando" no grupo de Lampião durante a "campanha" que este desenvolvia nos estados do Ceará, Paraíba e Pernambuco.

O grupinho rumou célere.

Chegaram esfomeados, sujos e rasgados. Cansados da fuga.

No princípio foram vistos com receio pela dona da casa, que tendo os filhos enfronhados na vida do cangaço tinha sempre medo de desconhecidos armados, que poderiam muito bem ser força ou paisanos inimigos em busca de vingança.

Mas quando Lampião identificou-se, dizendo que fora indicado por Antônio de Ingracia, tudo se facilitou.

Zéfa preparou a comida para os homens. Duas galinhas foram sacrificadas, limpas, e os pedaços foram colocados em uma panela de barro para cozinhar. Enquanto aguardavam o prato forte, bebiam cachaça e comiam pedaços de bode torrado (assado) no forno, conversando no lado de fora do casebre. Alguns escorados na parede de barrote, outros acocorados sobre os calcanhares, na posição característica de descanso do habitante do interior.

Quando a galinha cozinhou, foi aquela festa. Devoraram todos os pedaços com o acompanhamento de farinha de mandioca.

Tomaram o café feito na hora, e Lampião pagou regiamente a hospedagem. A única coisa que trouxera em abundância era dinheiro.

Depois retiraram-se em paz.

Porém, algum tempo depois, os filhos de Zéfa entraram no grupo do monarca das caatingas, Antônio, Cirilo, e os sobrinhos destes, Manoel Moreno (o da Bahia), Zé Baiano, Zé Sereno e outros mais, engrossando as fileiras dos fora da lei e fortalecendo os laços da família com essa gente.

A parentela era numerosa, muitas mulheres e moças, que recebiam os cangaceiros com satisfação e alegria.

Quando chegavam era uma festa.

Comida, bebida e bailes. Dinheiro nunca faltando.

Namoricos. Eram para muitos, segundo seu modo de ver, os heróis. Os cabras ficavam se esfregando nas cabrochas fogosas, ardentes e provocantes. Apertos e afagos pelos cantos.

Um dos componentes desse grupo familiar, Tomaz, que residia na região de Chorrochó e com ramificações para os lados de Curaçá, contou-me que vinte e duas mulheres e moças dos parentes dos Ingracias foram amantes, amigas ou namoradas dos cangaceiros.

Sendo correto esse número não deixa de ser um recorde digno de nota, pois o máximo de mulheres de que eu tinha conhecimento, pertencendo a uma mesma família, com relacionamento afetivo e, digamos emocional, com a gente de Lampião eram os Santos, de Sergipe, cujo grupo feminino girava em torno de meia dúzia.

Como se vê, as do ramo Ingracia venceram por larga margem.

E segundo garantiu-nos esse elemento da família, nenhuma delas foi forçada, iam com os cabras de livre e espontânea vontade.

Posteriormente aos anos do cangaço, acabaram casando-se, amancebando-se por ali mesmo ou mudando-se para lugares distantes.

Aqui mesmo em São Paulo temos gente que viveu essa aventura.

MARIA, DE AZULÃO

A companheira do cangaceiro Azulão foi uma das primeiras mulheres a participar da vida errante dos grupos.

Seu amante, natural das imediações de Serra Negra, Bahia, um preto alto, forte e primo carnal de outro elemento que ganhou renome nas lides cangaceiras, Balão.

A mãe de Azulão era irmã do pai de Balão. Azulão entrou para o bando, ao que tudo indica, no ano de 1929, e pouco depois que Lampião admitiu Maria em sua companhia, esse cabra trouxe, também, para acompanhá-lo a "sua" Maria.

Possuía, depois de ter adquirido experiência e conhecimentos de luta, as veleidades de chefe e vez por outra saía acompanhado de alguns poucos companheiros, a fazer incursões predatórias e de saque, sertão a dentro.

Seu coestaduano, Horácio de Oliveira, o conhecemos quando nos procurou para utilizar-se de nossos serviços em odontologia, e narrou-nos sua última batalha, pois residia nas imediações onde se deu o fato e o conhece bem.

O grupo desta vez composto por Azulão, sua amásia Maria, Cangica, Zabelê, Calais, Arvoredo e mais uma mulher, cujo nome não sabemos e nem a quem acompanhava, viera dos lados de Jacobina.

Passaram a noite acoitados na caatinga, e ao romper da madrugada seguiram para a casa da fazenda Morrinhos, cujo proprietário chamava-se Zezé Almeida.

O dono encontrava-se na varanda com um filho, o vaqueiro Mariano, e mais um velho quando o bando tomou chegada repentina.

Ao chegarem, pediram ao dono jóias e dinheiro e o moço foi para dentro da casa. Dentro em pouco ouviu-se um tiro e o jovem veio correndo ver o que tinha acontecido e encontrou a pai caído, esvaiando-se em sangue.

Alucinado com o choque da cena, só teve tempo de dizer:

— U qui foi isso?

E recebeu um tiro de parabellum, tombando morto no mesmo instante.

Um dos cangaceiros ordenou ao vaqueiro, que assistira inerme aos assassinatos:

— Vá prepara u dicume!

— Num vô — respondeu o homem, demonstrando uma coragem suicida em vista das cenas que se desenrolavam ante seus olhos.

O cangaceiro atirou em Mariano, que tombou ao chão e foi sangrado na mesma hora, na *fossa* clavicular.

O velho, continuava sem articular uma palavra, e com os olhos baços viu um dos cabras aproximar-se de arma na mão e perguntar-lhe:

— I ôce véio, u qui é qui diz?

Pela primeira vez desde a chegada do grupo ele falou:

— Eu num digo nada.

Respondeu ao cangaceiro com voz tremente pela idade e pelo que havia visto.

— Intão vai ficá vivo.

Uma das mulheres olhava, cismada, o sangue espalhado no chão e que corria do vaqueiro sangrado.

Disse para Azulão que estava ao seu lado:

— Nóis tamo cortado.

O chefe inquiriu:

— I por que?

— Purque nóis nunca matemos ninguém prá dá tanto sangue assim. E apontou o corpo do vaqueiro Mariano que ainda continuava sangrando.

Depois desse morticínio, seguiram viagem e passaram pela casa de uma preta velha por nome Minervina. Pessoa muito conhecida por ser rezadeira, benzedeira e curandeira.

Quando o grupo passou por ali, ainda zombetearam com algumas piadas e dixotes, aborrecendo a negra.

Cruzaram o rio Jacuípe como quem vai em direção a Mairi, e pararam na fazenda Carrancuda.

O dono das terras era conhecido por "João das Carrancuda" e teve a má sorte de estar em casa, e por desgraça maior, acompanhado por suas filhas.

Os cabras queriam dinheiro.

Pediram ao fazendeiro, que negou ter qualquer importância em seu poder. Espancaram-no. Insistiram em que tinha de arranjar dinheiro. Tornaram a bater-lhe e nada do homem prometer qualquer quantia, pois provavelmente nada possuía nessa ocasião.

Enquanto alguns se divertiam em surrar João das Carrancuda, outros corriam a casa procurando coisas de valor.

Porém, nada.

Embora fosse dono de grandes extensões de terras, o fazendeiro não possuía, naquele instante, nada que pudesse despertar a cobiça dos cabras, afora uns cobertores, que foram de imediato surrupiados.

Então os homens caíram sobre as duas filhas do seu "João".

Abusaram das moças.

Violentaram-nas.

Saciaram os desejos reprimidos na carne jovem das sertanejas indefesas.

Estas gritaram, pediram, suplicaram, choraram, imploraram.

Mas de nada valeu tudo isso.

Até que por fim, satisfeitos, retiraram-se.

Viajaram nessa mesma noite. Avisaram a um morador daqueles ermos que iriam ficar nas proximidades de uma roça de batata que existia ali, e onde deveria mandar no dia seguinte, 14 de outubro de 1933, levar comida e água.

O caatingueiro prometeu que assim seria feito e quem levaria o pedido seria sua filha.

Mas duas tropas de soldados haviam se unido para a perseguição ao troço de cangaceiros.

Eram as do sargento José Fernandes e a de José Osório de Farias, mais conhecido por Zé Rufino.

Caíram na pista do grupo e passaram na casa da preta Minervina.

Perguntaram-lhe se havia visto o grupo de cinco homens e duas mulheres.

Ela respondeu que sim e chamando os dois comandantes para dentro do casebre semi-escuro, começou a rezar.

Orou durante um certo tempo. Fez cruzes no ar e jogou água benta com um raminho de arruda na direção que o grupo seguira.

Terminando, disse a Zé Rufino:

— Podi sigui viagi, seu sargento. Us cabra tão cum us passo torado (cortado) i u sinhô vai sê filiz nessa viagi. Num vai tê pirjuizo ninhum nu fogo cum elis. Podi sigui discansado.

A volante partiu e o rastro dos cangaceiros saltava aos olhos menos acostumados a descobri-los. Era o mesmo que

ler num jornal o roteiro traçado. Parecia mesmo coisa feita, tal a evidência da passagem deles por ali.

Quando chegaram na casa do caatingueiro, seriam pouco mais de nove horas.

Não, ninguém tinha visto os cangaceiros, disseram os moradores.

Porém, o sargento José Fernandes observou uma menina que tomava o rumo do mato com duas vasilhas. Uma com comida e outra com água.

O sargento parou-a e perguntou-lhe:

— Adondi qui vai indo?

— Vô leva esse carderão di cumida i essa água prus trabaiadô qui tão na roça.

O sargento tornou:

— Quem são esses trabaiadô?

— São da fazenda.

José Fernandes e Zé Rufino confabularam e resolveram averiguar. Disseram à menina:

— Nóis vamo junto leva essa cumida. Quando a genti chega pur perto ôce avisa.

Não tinham caminhado quase nada quando a menina avisou:

— É logo ali na roça di batata.

Os comandantes ordenaram aos soldados que fizessem o cerco com cuidado para verificar se eram os trabalhadores mesmo que estavam esperando a comida ou os bandidos.

Foram em silêncio. Com todo o cuidado foram chegando, chegando...

E viram os cabras comendo ovos cozidos, batatas cozidas e bebendo o café que lhes fora levado mais cedo.

Surpreendidos os cangaceiros pouco puderam resistir. Logo tombaram Zabelê e Maria, mortos.

Azulão caiu bastante ferido, juntamente com Cangica, este com um balaço mais leve.

Arvoredo, Calais e a outra mulher escaparam pelo mato. Os sargentos mandaram cortar as cabeças dos mortos para levarem como prova do feito de armas, da luta vitoriosa.

Cangica pediu pela vida, que não o matassem. Ao seu lado quase estertorando, o chefe Azulão ainda falou:

— Morri cumo homi cabra!

Terminada a trágica tarefa da degola, deram uma busca nos cadáveres.

No bornal do cangaceiro Azulão, o sargento Zé Rufino achou uma nota de 1 conto de réis.

Esse pormenor a pesquisadora Cristina Mata Machado ouviu do próprio Zé Rufino, em maio de 1968.

As quatro cabeças foram levadas para Geremoabo e, posteriormente, enviadas a Salvador onde ficaram expostas por mais de três décadas.

Horácio de Oliveira foi uma das muitas pessoas a ir dar uma olhada no campo de luta.

Disse-nos que o chão estava todo revolvido e que a fuzilaria da polícia desenterrara muitas batatas.

Segundo Anita Vitória de Cerqueira Barreiros, criança nessa época, a população de Mundo Novo, apavorada com as notícias de que seria atacada por Lampião e seus cabras, refugiou-se nos matos. Tendo a própria declarante sido levada por seus pais, Eulário Vitório (Caboclão) e Alice (Yaya), para esconder-se.

Todos os bandos que percorriam as caatingas, quer fossem quer não fossem chefiados pelo rei do cangaço, era tidos, pelo povo, como liderados por Lampião. E os crimes cometidos pelos mesmos eram lançados em sua conta.

É por esse motivo que encontramos muitas acusações de mortes e roubos creditados a Lampião, que não raras vezes, encontrava-se a centenas e centenas de quilômetros de distância do local onde aconteciam os fatos.

E talvez até o chefe supremo agisse intencionalmente diante desta situação.

Muitos cangaceiros procuravam imitar o capitão nos mínimos detalhes. Não diremos no armamento, nos trajes, no carrego todo do cangaço que era padronizada para eles. Mas, por exemplo, todos sabem que Lampião era cego da vista direita e passou a usar óculos por isso, e vai daí que temos vários outros, geralmente por espírito de imitação, usando-os também.

Manoel Moreno, o da Paraíba, é um dos que aparecem de óculos escuros, dançando com Durvinha em foto tirada por Abraão Benjamim e que em muitas reportagens e revistas é confundido com o "terror dos sertões". Zé Baiano, o temível ferrador, idem.

Outro que usou óculos, sem necessidade, foi Manuel Juriti, mais conhecido simplesmente por Juriti, também em muitas fotos é confundido com Antônio Ferreira, irmão de Lampião.

Manoel Moreno, o da Bahia, da mesma maneira que os

anteriores. Zé Sereno também usou óculos, porém teve motivos para tanto. Um acidente que sofreu, já na vida de cangaceiro e que passamos a narrar.

O grupo havia deixado as imediações de Santa Brígida e dirigia-se para os lados do Raso da Catarina, aquela região inóspita, deserta, agressiva, que tantas e tantas vezes lhe servia de refúgio.

Viajavam a pé e seguiam, como de hábito, em fila indiana. Em último lugar Zé Sereno, imediatamente a sua frente, Luiz Pedro. Caminham, caminham, e, em determinado momento, no chapéu de Luiz Pedro enrosca-se um galho flexível de caatingueira, dá alguns passos para a frente e o galho acompanha seus movimentos distendendo-se ao máximo, quando se solta, voltando à posição natural, atinge com violência o olho direito de quem vinha logo a seguir, Zé Sereno.

O impacto foi violento e repentino. Com o golpe imprevisto o cangaceiro tombou desmaiado sem ter tido tempo de dizer um ai.

Os cangaceiros continuaram caminhando por um certo tempo até que alguém deu por falta do jovem.

Começaram a trocar idéias e opiniões sobre o que teria acontecido com o faltante.

Foi isso, foi aquilo, onde está, onde não está, eram as perguntas que se faziam uns aos outros. Luiz Pedro disse:

— Ele vinha aqui, atrás de mim, bem pertinho, quarque coisa eli mi chamava. Num sei u que é qui podi tê cuntecido.

Lampião ouviu todos falarem e continuava calado, quando chegou a uma determinada conclusão, falou:

— Vai vê qui u mulequi fugiu!

Zé Baiano, primo do rapaz, ofendeu-se com essa opinião e respondeu:

— Eu duvido, capitão. Eu duvido qui na minha famia nunca teve cabra froxo! Vamos vorta atrais prá si ve u qui foi.

Voltaram.

Não foi necessário andarem muito para encontrarem o rapaz caído, desmaiado, os dentes fortemente cerrados e a região do olho direito já bastante inchada.

Desequiparam-no. Tiraram-lhe as armas e Zé Baiano carregou-o às costas.

O grupo procurou um lugar propício logo adiante e acampou.

Maria Bonita mandou um dos "meninos" procurar e cortar um galho bem novinho de umbuzeiro.

Quando o mesmo lhe foi entregue, raspou-o bem e colocou a raspa dentro de uma vasilha, com um pouco de água e açúcar. Mexeu bem e começou a pingar a mistura no olho atingido.

Agora todo o lado direito do rosto já estava deformado pela inflamação.

Passaram ali a noite. O silêncio era quebrado de vez em quando pelos gemidos do jovem. No alvorecer da manhã seguinte, seguiram viagem, e nesse mesmo dia chegaram em uma fazenda de gente amiga.

Procuraram algum remédio que desse alívio a Zé Sereno. Alguém disse que leite de mulher seria bom para ferimento na vista.

A esposa de um dos moradores dera à luz há pouco tempo e estava amamentando ainda sua criança.

Trouxeram a mulher que prontificou-se a deixar cair algumas gotas de leite do seu seio no olho ferido, o que foi feito em seguida.

Passaram aí o resto do dia e também a noite. No dia seguinte foi repetida a operação e a inflamação já começara a regredir.

Dormiram ali novamente.

No terceiro dia, com o rapaz em melhores condições, viajaram.

Desde essa ocasião, Zé Sereno não atirou mais com a direita, passou a atirar só com a canhota tal e qual Lampião.

A VESTIMENTA DAS CANGACEIRAS

A vida cangaceira de Lampião pode ser dividida meridianamente em duas partes distintas:

— A primeira, desde seus primórdios até o mês de agosto de 1928.

Nesse mesmo mês e ano, ele e mais cinco companheiros deixaram o Estado de Pernambuco e, cruzando o Rio São Francisco, invadiram o Estado da Bahia e em seguida o do Sergipe.

Estava ampliado seu campo de ação, aumentada a área de seu reinado e, sem saber, dado o início para a transformação do modo de vida dos cangaceiros e introdução de um novo elemento no cangaço. A mulher.

Até essa época a presença feminina fora proibida em todos os bandos que talavam os sertões.

Segundo nos informou o irmão de Lampião, João Ferreira, e sua esposa, dona Joaninha, que moravam em Juazeiro do Norte, e presenciaram o fato, quando o célebre cangaceiro, atendendo ao chamado do Padre Cícero Romão Batista, ali esteve e foi visitado pelo mesmo, deu-se o seguinte episódio:

Certa noite, provavelmente na de quatro ou cinco de março do ano de 1926, o famoso "padim" dos sertanejos dirigiu-se à casa onde os cangaceiros estavam hospedados e que pertencia ao poeta popular João Mendes de Oliveira.

Ali chegando, depois de ter as mãos beijadas pelos temíveis guerreiros do sertão, conversou com Virgolino (o Lampião) exortando-o a que deixasse aquela vida.

Disse o padre:

— Você deve deixar essa vida. Ela é muito perigosa. Mude-se para bem longe, onde ninguém o conheça. Vá viver em paz trabalhando.

— Já sô muito conhecido, padre. Respondeu-lhe Virgolino.

— Você arruma uma mulher, se casa, argumentou o padre.

— I eu mi caso? Falou o cangaceiro surpreso.

— Casa sim. Vai viver em paz, ter filhos.

— Mais nessa vida di cangaceiro num si podi di tê muié, padre.

— Ora, você deixa disso, dessa vida. Vai ser pai de família.

Conversaram um pouco mais e o padre retirou-se. Lampião e o grupo deixaram a cidade no domingo, dia sete, com fardas novas, azuis, do Batalhão Patriótico, que fora formado pelo dep. federal dr. Flóro Bartolomeu, fuzis novos e a incumbência de perseguir a coluna Prestes.

O tempo passou. Na Bahia, no ano seguinte ao de sua chegada, conheceu a sua outra metade, Maria.

Com a admissão dessa mulher estava aberto o precedente, e outros companheiros também trouxeram suas amantes ou as arranjaram para que os acompanhassem.

O cangaço transformou-se.

Entre os cangaceiros sobreviventes, que conhecemos, as opiniões variam.

Balão, por exemplo, acha que a presença feminina foi o fim do cangaço. Explica que a mulher não tinha a resistência do homem, e muitas vezes atrapalhava ao ficar doente ou quando em gestação.

Esse o motivo para não se interessar por uma companheira naquela vida. Ele que tem vinte e três filhos de cinco mulheres!!

Disse-nos que sua mãe ao lhe dar a bênção avisou-o:

— Ocê nessa vida nunca devi di tê muié, nem tomá banho di má (mar), sinão ocê fica di corpo aberto!

Durante o cangaço, Balão não teve companheira e sempre escapou dos perigos.

Os que as tiveram, como Zé Sereno e Criança, acham que o destino foi traçado para ser daquela maneira e nada o mudaria.

A maioria das pessoas julga que as cangaceiras desempenhavam o papel de dona-de-casa no mundo estranho e controvertido do cangaço. Visualizavam as cangaceiras fazendo comida, costurando ou cuidando de crianças.

Lêdo engano.

A comida sempre foi tarefa dos homens, nos coitos, nos acampamentos, antes e depois das mulheres serem admitidas.

Obedeciam certa escala para tal mister.

Dia tal é Fulano, no dia seguinte, Beltrano e depois, Sicrano.

Das mulheres, ao que se sabe através da narrativa delas próprias e dos companheiros sobreviventes, somente Dadá, às

vezes, ajudava na distribuição da comida ao pessoal do grupo, e ao estar Lampião presente, este pedia-lhe que o fizesse.

A grande maioria esperava ser servida. Até mesmo que lhe dessem a comida na boca como o fazia Zé Baiano com sua amante. Colocava um guardanapo no colo e incumbia-se de alimentá-la. Veja bem, caro leitor, não estamos afirmando ser essa a regra geral, mas fatos que aconteceram mais de uma vez. E mesmo no caso específico de Zé Baiano e Lídia, não era todo santo dia que o ferrador de Chorrochó estava de bom humor para esses gestos de galanteria, mas também, não se pode afirmar que tal gesto fosse ocasional no temido cangaceiro.

Recordam os que com ele conviveram nos tempos de antanho, da figura rude e grosseira da "pantera negra dos sertões", desmanchando-se em delicadezas para com sua dama.

Escolhia os melhores pedaços de carne, os mais macios, cortava-os e levava-os aos lábios da amada. Terminada a refeição, dava-lhe de beber do cantil, carinhosamente, e por fim, num requinte de cavalheirismo apaixonado, limpava-lhe os lábios rosados com fino lenço de linho.

Mesmo a costura de bornais e de outras peças da indumentária própria do cangaceiro não era feita por mulheres.

Lampião e outros cangaceiros sabiam, perfeitamente, costurar em uma máquina de mão.

As mulheres, quando muito, costuravam suas vestimentas.

Dadá, certa vez, permaneceu meses no Raso da Catarina, em companhia de pai Davi e os seus, andou costurando, e bastante. Mas a finalidade maior era fazer com que a roda do tempo girasse mais depressa.

Criou enfeites, inovou. Ocasião em que o vestuário do cangaceiro foi enriquecido com enfeites de bonito visual. Flores estilizadas de variadas cores, tanto nos bornais, como em suas alças.

E isso é fácil de se comprovar. As fotos anteriores a esse ano mostram os chapéus e bornais, sem flores bordadas com capricho e bom gosto.

Sem os variados desenhos, recortados em couro branco, costurados às abas e copas dos grandes chapéus cangaceiros.

Figuras de grande variedade, que iam desde estrelas com oito pontas, outras dentro de círculos, flores dentro de círculos e criações incríveis de árvores de Natal estilizadas, além de medalhas e moedas.

Essas figuras e essa vestimenta, embora usada por tempo bastante curto, em relação à existência total do cangaço, tornou-se como que sua marca registrada. Embora, repitamos, tenha sido usada no ano de 1932 até a morte de Corisco em 1940.

Esse período de oito anos caracterizou a existência de um fenômeno que durou bem mais de um século, por uma razão bastante simples: o progresso dos meios de comunicação.

Nesses oito anos os cangaceiros foram filmados e fotografados em tal quantidade como nunca o tinham sido em tempos anteriores.

A história desse fenômeno do Nordeste teve em Benjamim Abraão o seu Pero Vaz Caminha.

Mas, um Caminha que captou e deixou para o futuro, com suas máquinas e lentes, fotos e filmes que dizem muito mais que cartas descritivas.

Assinalou e marcou um modo de vida que desapareceu para sempre no sertão nordestino.

Mas voltemos às flores que Dadá bordou nos bornais quando no Raso da Catarina.

Logo depois, os bandos de Corisco e Lampião encontraram-se e o chefe supremo dos cangaceiros enfeitiçou-se pelos enfeites coloridos.

Aqui, um parêntese, até essa época os bornais e alças dos mesmos eram enfeitados com soutaches e galões coloridos costurados nas bordas, sobrepondo-se e entrecruzando-se em X num trabalho bonito, porém perdia de longe em beleza e vistosidade ao executado por sua comadre.

Não teve acanhamento e disse à Dadá:

— Cumadi Dadá podi faze um bordado dessi prá mim?

Sim, podia.

Ao entregar os bornais bordados a Lampião, Dadá ouviu-lhe um reclamo:

— Mais só esses, cumadi?

— É, um jogo di bornal, capitão.

— Não, assim num dá. I si eu perdê? Precisa bordá um jogo sobressalente.

E lá foi Dadá atender as vontades do capitão Virgolino, o Rei do Cangaço.

Logo, todos do bando exibiam bornais bordados, chapéus enfeitados, imitando a Lampião.

Dadá, nos deu, em 1968, quando hospedou-se em nossa casa por mais de cinco meses, uma descrição minuciosa dos trajes femininos do cangaço.

Existiam dois tipos de vestimentas. O primeiro, de "entrar" no mato, de viajar sem paradeiro certo, de luta, traje típico do cangaço que vamos passar a descrever.

Essa roupa possuía características especiais, pois tinha que ser feita para enfrentar com relativo conforto e comodidade as caminhadas, o sol abrasador, as chuvas torrenciais e inconstantes, a necessidade de levar uma série de bornais, cantis, cartucheiras para balas de revólver e outros acessórios.

Usavam um vestido de mescla ou gabardine de cor cinza-claro, cujo comprimento ia abaixo dos joelhos. Suas mangas chegavam à altura dos punhos, onde terminavam enfeitadas por dois galões coloridos.

Na altura dos seios havia também dois galões com intervalo de dois dedos entre um e outro. Esses galões formavam desenhos variados a gosto de quem os usava e segundo o capricho de quem o confeccionava.

Mais abaixo, na altura da cintura, outros dois galões, geralmente nas cores vermelho um, e outro, branco.

Um pequeno bolso era confeccionado à altura do seio direito, e um pouco abaixo da linha da cintura dois bolsos maiores. À altura dos quadris, um do lado direito e outro do lado esquerdo.

Nas mãos, luvas do mesmo tecido do vestido. O pano grosso e resistente defendia a epiderme contra os agressivos espinhos do mandararús, do xique-xique, do quipá, do alastrado, da palma. A vaidade feminina requeria que essas luvas fossem enfeitadas com bordados de flores de cores vistosas.

A característica mais marcante dessas luvas é que são destinadas a proteger o dorso das mãos.

Não tinham o lugar de colocar os dedos.

Como segurá-las no local, no dorso das mãos sem cair?

Esse problema foi resolvido com facilidade.

Na altura do punho foi colocado um botão e do lado oposto aberta uma casa quando se abotoava a luva, a mesma não saía do lugar. Também nessa mesma altura, entre a casa e o botão, escrevia-se o nome da dona. Corroborando essa prática, quando da morte de Maria Bonita, a revista "A Noite Ilustrada" trouxe fotos das luvas em que se lê "Maria", bordado.

Nos dedos, anéis de ouro com pedras preciosas ou semi-

preciosas, de maior ou menor valor, ostentavam as mulheres, de acordo com a importância do homem a quem acompanhavam.

Os pés eram calçados com alpercatas de boa confecção e resistentes, não olvidaram, porém, o detalhe dos enfeites.

Eram estes enfeites de desenhos variados e prespontados.

Nas pernas, até ao meio da coxa, meias do mesmo pano do vestido e amarradas aí, com elástico, ficando bem justas. Era uma proteção segura contra arranhões em espinhos ou galhos secos.

Sobre essas meias usavam-se botas, ou melhor, perneiras de couro de bode bem macio.

Conseguia-se tal maciez procedendo-se da seguinte maneira: primeiro o couro era bem curtido, em seguida submetido a uma forte esfregação com caroços de algodão, e assim o mesmo ficava tão macio quanto pelica.

Só então executavam as perneiras. Todas caprichosamente trabalhadas com botões encapados com celulóide.

Algumas apresentavam enfeites coloridos que contrastavam com a cor original do couro. No lado externo da barriga da perna eram colocadas uma série de pequenas fivelas, destinadas a fechar a perneira e ao mesmo tempo ajustavam firmemente à perna de quem as usasse.

As perneiras chegavam à altura dos joelhos, protegendo e enfeitando ao mesmo tempo.

Ao pescoço, traziam lenços de seda com cores berrantes e fortes, presos por alianças de ouro, normalmente, e raras vezes por outros tipos de anéis.

Traziam ainda ao pescoço correntes de ouro e trancelins valiosos, além de correntinhas.

Sempre em ouro, suspensas às correntes, medalhas e medalhões com incrustações de pedras preciosas, tais como brilhantes, rubis ou esmeraldas.

Presas ao lenço, geralmente traziam medalhas de santos protetores ou algumas como simples enfeite.

Sob o vestido de pano grosso, usavam outro de seda ou de de qualquer tecido fino, calças da época e sem porta-seios.

As cangaceiras, quase sempre jovens, com idade variando dos catorze aos vinte e dois anos, deveriam portanto ter seios firmes, o que dispensava qualquer sustentação artificial. Mas quando nos períodos de gestação e parto?

A pergunta fizemos à Dadá.

Respondeu-nos que nessas ocasiões amarravam, fortemente, uma faixa de pano comprimindo o busto.

Nas longas viagens a cavalo usavam um guarda-pó de pano grosso bem resistente e, em épocas de chuva, uma capa.

Passados a tira-colo levavam dois bornais enfeitados com bordados de flores em cores vistosas: amarelas, verdes, azuis e vermelhas.

O pano desses bornais era sempre de grande resistência. Possuíam alças largas, também bordadas com capricho e com motivos idênticos, isto é, flores estilizadas.

Um dos bornais tinha uma outra faixa larga utilizada para, depois de tudo estar no seu devido lugar, ser passada pelo tórax e presa por um botão, mantendo tudo bem firme e seguro.

Era, comparemos, uma espécie de cinto largo, só que usada no tórax.

Nos bornais, levavam roupa sobressalente, em um, e no outro, alguma munição e ouro arrecadado aos inimigos, presenteados pelos amigos ricos ou comprado a mascates.

Fazendo companhia aos bornais e também sustentados por alças enfeitadas, dois cantis. Um com água e outro com açúcar, ou então cachaça ou conhaque.

Estes cantis também eram recobertos com o mesmo tecido usado para os bornais, e a mesma linha de enfeites coloridos, com botões rápidos e esmaltados, criando um bonito contraste com o couro escuro.

Uma panelinha recoberta com pano enfeitado era levada, geralmente, na altura das costas. Dentro da mesma uma série de remédios de urgência.

Ali havia iodo, cânfora, arnica, água de Genuilo e os tradicionais remédios de pau dos caboclos, raspa de casca de quixabeira, raspa de umburana, pimenta esmagada para ser usada como emplasto. Às vezes, também uma seringa de borracha, dessas que inflam e soltam o ar pela pressão manual, para curativos.

Como armamento, as mulheres levavam um revólver de calibre variado, de acordo com a preferência da portadora, uma cartucheira com duas fileiras de balas, para a arma.

Levavam ainda, quase todas, um pequeno revólver de calibre vinte e dois, cuja descarga servia de orientação para o encontro da pessoa que se extraviava após as fugas e correrias dos combates.

Na cintura, um pequeno punhal de três quinas, tendo o cabo enfeitado com rodelas de ouro, num processo artesanal de bom gosto e capricho.

As mulheres não usavam o chapéu de couro típico dos cangaceiros, utilizavam-se do chapéu de *baeta,* com enfeites na copa, na testeira e na barbela. Algumas, porém, preferiam usar só com barbicacho.

Sob o chapéu, um lenço de cores lisas, cobrindo a cabeça e as maçãs do rosto e amarrado sob o queixo. Esse lenço, em regra geral, era de seda ou jérsei.

Como se vê, um traje, em que quase tudo tem uma utilidade prática, um lugar determinado e acima de tudo permitindo que as mulheres, se necessário, pudessem sentar, deitar, rolar pelo chão, sem que os bornais, cantis ou acessórios se perdessem; esse "carrego" formava como que um todo com o corpo humano.

O segundo tipo de vestido era usado pelas mulheres quando ficavam acoitadas em lugares secretos e havia certeza de não serem atacadas por volantes ou inimigos outros.

Usavam então o traje "civil". Um vestido, comumente de seda ou de outro tecido fino e leve.

Através das fotos de Benjamim Abraão podemos ver Maria Bonita com seu vestido de seda claro e com bolinhas.

Em outra fotografia, não muito divulgada, também de autoria desse árabe que ficou famoso justamente por ter conseguido as boas graças e a permissão dos cangaceiros para, convivendo com os mesmos, retratar e filmar o seu estranho viver, vemos Maria Bonita em um vestido claro (provavelmente branco) e com estampa de meias-luas ou pétalas coloridas.

Eram, de uma forma geral, vestidos idênticos aos usados por jovens de cidades pequenas e que estavam em moda nesse tempo.

Mas mesmo quando usavam esse traje "civil", não deixavam as compridas meias que chegavam ao terço médio das coxas e que apesar de nada graciosas, defendiam tão bem contra espinhos e garranchos. Também como com as roupas de "entrar" no mato, continuam calçando os pés as alpercatas quando estão com seus vestidos de seda.

Nos dedos vemos os mesmos anéis de ouro com os vários tipos de pedras preciosas ou semipreciosas, as correntes e correntinhas de ouro, os medalhões e medalhas também desse nobre metal.

Os cabelos presos, e do lado direito sobre a orelha, ostentavam uma presilha branca, provavelmente de porcelana, celulóide ou plaquet (um tipo de metal).

A uns dez centímetros acima dessa primeira presilha e do mesmo lado, uma outra da mesma cor e formato da primeira, também segurando os cabelos e enfeitadas.

Assim vestida, ou melhor dizendo, com todos esses paramentos especiais para aquele modo de vida, as mulheres estavam aptas a participarem do mundo do cangaço.

E quando viajavam a cavalo?

Segundo nos esclareceu Dadá, o vestuário era o mesmo, somente era utilizado um guarda-pó também de gabardine.

Realmente mais um requinte nos trajes do cangaço.

Na verdade, isso parece incrível, pois muitos imaginavam os componentes dos bandos como uns mulambentos esfarrapados (como algumas vezes andaram, devido às dificuldades causadas pelas perseguições mais intensas), qual mendigos da estrada.

Porque a vida no cangaço, como a vida em geral, tinha os seus altos e baixos, também.

Coisas da vida.

LILI, SEBASTIANA E ÁUREA

Um dos cangaceiros que mereceu fama pela excelência da pontaria foi Lavandeira.

Era branco amorenado, cabelos lisos, valente e tinha por companheira uma moça também branca, bonita.

O casal era natural da região de Nambebe, na Bahia. Ele entrou para o grupo no ano de 1929 e levou-a quando Lampião permitiu a entrada de mulheres nas suas hostes.

Lili deve ter gostado muito da vida do cangaço, pois quando seu amante faleceu no combate da Serra da Canabrava, município de Patamuté, no ano de 1933, ela chorou muito, porém dias depois, juntava-se ao cangaceiro Manoel Moreno (o baiano), primo de Zé Sereno, Zé Baiano, sobrinho dos Ingracias (e não o outro Manoel Moreno, que era da Paraíba) e passaram a viver juntos.

A vida com Manoel Moreno por certo não lhe trouxe atrativos.

Ele era o tipo mais errado que se possa imaginar para as exigências daquela vida.

Não gostava de violência e evitava, tanto quanto fosse possível, as "brigadas" com as forças policiais.

Adorava festas e bailes e só então aparecia.

Vivia quase sempre escondido nalgum coito seguro.

É bem provável que já por esse tempo, Lili andasse em namoricos com outros elementos.

Tinha o riso fácil a qualquer um e gostava de brincadeiras com os "mininos" dos grupos.

Mas emoções faltavam na companhia de Manoel Moreno.

Passou-se algum tempo e Lili ficou conhecendo um dos homens mais valentes da história do cangaço, um elemento que tinha acompanhado Corisco durante bastante tempo, Moita Brava.

Este cabra era natural da Várzea da Ema, avermelhado, mais ou menos alto, e ao ir para o grupo, fez-se acompanhar por seu irmão Antônio, que ganhou o apelido de Carrasco.

Quando Lili juntou-se a Moita Brava, o casal passou a

andar em companhia do grupo de Ângelo Roque, pois este admirava muito a coragem do ex-cabra de Corisco.

Havia, entre o pessoal que acompanhava Ângelo Roque, um moço apelidado de Pó Corante e Lili começou a trair seu amásio com este.

Durante algum tempo ninguém desconfiou de nada.

Procuravam encontrar-se quando Moita Brava fazia suas razias pelos povoados e fazendas, nas viagens costumeiras na vida do cangaço.

Mas, diz o velho ditado, tantas vezes vai o pote à fonte que um dia se quebra.

E acabou acontecendo.

Não se sabe se por já nutrir alguma desconfiança ou ouvir conselhos de alguém, o fato é que uma das viagens de Moita Brava foi encurtada e quando o mesmo retornou ao pouso, pegou a "esposa" em flagrante adultério com Pó Corante.

Não teve dúvidas, sacou do revólver e descarregou toda a carga sobre a jovem que não teve oportunidade para defender-se.

Pó Corante correu, entrou no mato e escapuliu milagrosamente, salvando-se do mesmo destino que, por certo, o aguardava.

Mas o pessoal de Ângelo Roque, numa atitude inusitada, completamente alheia à regra geral, passou a mão em suas armas e mandou bala em Moita Brava, que fugiu pelos matos até sair em um coito onde estavam Corisco e os seus.

Chegou todo lanhado pelos espinhos que o castigaram na fuga e com as roupas furadas pelos tiros dos comparsas.

Lamentou ao Corisco ter deixado sua turma, anteriormente, mas acabou ficando com o mesmo por pouco tempo.

Moita Brava logo depois arranjou outra companheira, Sebastiana.

Era alta, magra, maçãs do rosto salientes, cabelos castanhos escuros e compridos, introspectiva e sem beleza física, que chama atenção.

Essa moça viveu o fim do cangaço e nem mesmo os companheiros sabem qual o destino dela e muito menos do casal.

Simplesmente desapareceram.

Mas antes do final, tiveram um filho, que foi entregue para ser criado pelo promotor de Água Branca, dr. Manoel Cândido, com uma carta, a qual transcrevemos do livro "Bandoleiros das Caatingas", pp. 106 e 107, e diz o seguinte:

"Ilustríssimo sr. dr. Manoel Cândido, o fim desta carta é somente para lhe oferecer esta criança para o sr. criar e então faça de conta que será seu próprio filho, então foi nascido no dia 10 de outubro de 1937. Achei mais bem acertado mandar para si assim por diante levarei o seu roteiro já de mim de trás que conhecido e muito bem informado, só não farei lhe explicar agora. Bem, o sr. me desculpe o presente que lhe mando, se lhe faltei com o respeito lá haja de desculpar também o papel ser ordinário porque na ocasião outro melhor não encontrei, nada mais do seu amigo sincero e criado seu Manoel, eu agora que lhe darei o meu nome garboso Coronel Moita Brava e a mãe Sebastiana Rodrigues Lima. Algumas lembranças a comadre 'Moita Brava', filho da Bahia".

O menino, que nasceu no município de Águas Belas, em Pernambuco, foi batizado na matriz de Mata Grande, com o nome de Joaquim Manoel Calumbi.

Mas que fim levou Manoel Moreno, o segundo "marido" de Lili?

Bem, parece que achou a presença de uma mulher ao seu lado imprescindível, deve ter gostado dos carinhos de Lili, pois, quando esta o abandonou, não demorou muito para arranjar uma substituta.

Áurea.

Acreditamos ser ela natural do Estado de Sergipe, município de Poço Redondo, que deu um vultoso contingente de elementos, homens e mulheres, para as fileiras do cangaço.

Tinha cabelos encrespados, bons dentes, lábios sensuais e sempre abertos num sorriso.

Dava-se bem com o amante, pois também não gostava do perigo.

Em Sergipe existe um sítio conhecido por Poço da Volta, mas o sertanejo simplifica-lhe o nome somente para "Volta".

Ali Manoel Moreno tinha um coiteiro chamado Zezinho da Lasca, grande violeiro e que promovia festas juninas animadíssimas.

Sempre com a presença dos moradores dos arredores, que gostavam dos arrasta-pés que iam até o clarear do dia.

Manoel Moreno sabia que a noite de São João seria festejada pelo coiteiro e dirigiu-se com sua gente para lá.

Como chegaram em paz e tinham ali muitos conhecidos, foram bem recebidos por todos, entraram na dança e na cachaça que rolava à vontade.

A festa estava cada vez mais animada dentro da casa, enquanto lá fora a chuva caía e, sem que ninguém percebesse ou desconfiasse, a volante baiana de Odilon Flor (dos famosos meninos de Nazaré, grande inimigo e perseguidor de Lampião), fazia o cerco.

Além de ser uma tropa aguerrida, traziam também uma metralhadora.

Ao iniciar-se o tiroteio foi um pandemônio, as paredes da casa de barrote deixavam as balas atravessarem, ferindo e matando os pares de dançarinos.

Manoel Moreno, Áurea e Gorgulho foram mortos nessa noite, o dono da festa e outras pessoas saíram baleados.

A volante cortou as três cabeças e levou-as para o quartel.

Os corpos foram abandonados no campo de luta e, posteriormente, enterrados por moradores do lugar.

OTÍLIA E ROSINHA, AS MULHERES DE MARIANO

Mariano era um cangaceiro da velha guarda. Foi um dos cinco que vieram com Lampião para o Estado da Bahia. Atravessaram o Rio São Francisco, vindo de Pernambuco, nas alturas da Serra do Periquito e adentraram o território baiano nas proximidades de Rodelas.

Era também chamado pelos comparsas de Mariano "Cabeção", pois até seu chapéu de couro tinha que ficar mais ou menos equilibrado sobre sua cabeça grande. Aliás, isso pode ser facilmente constatado em fotos da época.

Sua mulher, no bando, foi Otília. A mulher de Corisco, Dadá, sempre que nos fala desse casal, se refere a ela por "cumadre" Otília e "cumpadre" Mariano, elogiando sempre a ambos.

Era Otília Maria de Jesus, natural ali da terra de Rui Barbosa e Castro Alves; era baixa, morena escura e bastante comunicativa. Foi para a companhia desse chefe de grupo, provavelmente, em 1932 ou princípios de 1933; não sabemos ao certo.

O que se pode afirmar com certeza, é que no dia quatro de fevereiro do ano de 1934 deixou o sertão de Alagoas e, juntamente com seu "marido", Dadá, Corisco, Criança, Limoeiro e mais sete cabras, foram para as caatingas bravias do Riacho do Navio, em Pernambuco.

Ali, as duas mulheres grávidas deveriam dar à luz, pois o lugar era ermo, vegetação fechada, agressiva.

Esse local, escolhido por Mariano, que o conhecia bem desde os tempos em que vivera com Lampião nos combates nesse Estado, era a Serra dos Periquitos.

Mariano sabia onde havia uma minação d'água, já tinham vindo prevenidos de comida em abundância.

Armaram as tordas perto da nascente e ficaram descansados por dias e dias. Para as noites tinham um cuidado especial: torciam dois carretéis de linha, formando um cordão que em seguida era engordurado e escurecido com carvão; ao anoitecer, levavam esse cordel do acampamento até a mina d'água, em ziguezague, ao rés do chão; na ponta que ficava no acampamento, pendia um pequeno chocalho que tintilintaria, caso alguém ou alguma coisa batesse na linha.

Mas um caçador fortuito descobriu o coito, acidentalmente, e foi à vila mais próxima dar o alarme.

Várias volantes foram reunidas e fizeram o cerco, mas na última hora foram salvos por um companheiro e pelo barulho do chocalho.

Conseguiram escapar, nessa noite, sem dar um tiro.

No dia seguinte, num limpo da caatinga, onde tinham descansado o restante da noite, mal Dadá começou a caminhar na frente do grupo, topou com um soldado apontando-lhe o fuzil.

— Valei-me Santo Antônio do Pambu! — gritou Dadá.

E viu, surpresa, a caixa da culatra estourar nas mãos do militar.

Depois de várias peripécias (que narramos com pormenores, em nosso livro "Gente de Lampião, Dadá e Corisco", edição Traço Editora), Otília pariu seu filho, sendo assistida na boa hora por sua comadre Dadá, no dia 21 de abril, ainda no território pernambucano.

Seguindo a praxe das outras mulheres e o costume do grupo, depois de três dias mandaram um coiteiro levar a inocente criança para o padre de Mata Grande. Junto foi um bilhete que, segundo C. Nery Camello, no livro "Alma do Nordeste", dizia o seguinte:

"Sr. Padre Firmino".

Mando essi minino para o senhor criar. Pode criálo que ele não é culpado dos mal-feitos do pai. Nasceu no dia 21 de abril, ás 8 horas da noite. Filho de Mariano Laurindo Granja e Otilia Maria de Jesus. Peço ao senhor para ser o padrinho e Nossa Senhora a madrinha.

Mariano Granja

O padre Manoel Firmino Pinheiro levou a criança à pia batismal e deu-lhe o nome de José. Talvez em homenagem a Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, que foi enforcado num 21 de abril.

Mas Otília teve a má sorte de ser feita prisioneira em fins desse mesmo ano. O episódio aconteceu na fazenda Nica, situada entre Geremoabo e Bebedouro, no Estado da Bahia.

Os cangaceiros estavam na casa da fazenda, despreocupadamente, quando, pela estrada que passa próxima da mesma, vinha a volante de Zé Rufino.

Os soldados notaram o movimento na casa, muita gente, vultos estranhos andando ou sentados perto dos candieiros, pois

já era noite, e foram chegando com precaução, aproximando-se no escuro até receberem ordens para atirar.

Mariano era o que estava mais perto do foco de luz, e por isso foi o mais visado, levando um balaço na perna, um pouco acima do joelho.

Os cangaceiros, apanhados de surpresa, pouco atiraram, fazendo só os disparos necessários para cobrir a retirada, e recolherem-se ao seio acolhedor da caatinga, coberta pelo manto crepe da noite.

A companheira de Mariano, que estava dentro da casa, ao ouvir os primeiros tiros, apressou-se e escondeu-se debaixo de uma cama que havia no quarto, ficando bem quieta.

Não acompanhou o pessoal que dispersou-se pela escuridão da noite.

A volante chegou com cuidado, entram na casa, vêem o sangue do ferimento de Mariano, mas não podem, à noite, seguir-lhe o rastro. Mandam preparar a ceia.

Enquanto aguardam, ficam conversando sobre o acontecido.

A velha dona da casa tratando de bem servir os soldados, dá ordens às outras moradoras sobre o que fazer.

Em dado momento vai até o quarto e percebe que alguém está ali escondido.

Abaixa-se e vê a cangaceira que lhe pede:

— Por favô sia dona, num mi intregui. Eu lhi intrego tudo qui eu tenho aqui. Pur Nossa Sinhora num mi intregui.

A velha respondeu:

— Ah, ôce qui tai hein sua negrinha?

A moça continuou a rogar baixinho, para que não fosse denunciada, mas a velha, falando alto, disse:

— Ô tenenti, vem vê quem tá aqui nu quarto.

Zé Rufino acorreu e prendeu a cangaceira. Após jantarem, o tenente mandou armar uma rede para a prisioneira e colocou várias sentinelas, bem alertas, pois temia uma tentativa do grupo cangaceiro para tentar libertá-la.

Realmente, os cabras quando notaram a falta de Otília, ficaram ali perto e viram todo o movimento da sua prisão mas nada puderam fazer, pois tinham que levar o ferido para lugar seguro e a volante era numerosa e aguerrida.

No dia seguinte, os policiais arranjaram uma montaria para a mulher e levaram-na para a cadeia de Geremoabo.

Dizem que muitas vezes, à noite, ela era retirada da cela e levada para os arredores da cidade, sendo espancada violentamente. Depois da surra, era novamente trancafiada na cadeia.

Na época do final do cangaço, em 1940, foi libertada e ficou morando nas proximidades dessa mesma cidade.

Mas, depois de sua prisão, o amante não ficou solitário por muito tempo. Arranjou outra companheira, Rosinha. Por sinal, com esta veio também uma irmã, por nome Adelaide, que juntou-se a um dos homens de Mariano.

Esse homem que viveu quase oito anos no cangaço, é hoje nosso amigo e solicitou-nos a não divulgação do seu relacionamento com Adelaide, e por essa razão omitimos aqui seu nome.

Mas, o tenente Zé Rufino, parece que estava destinado a ser uma pedra no caminho de Mariano.

No ano de 1937, Mariano resolveu acoitar-se na caatinga da fazenda Cangalêcho. Rosinha estava em estado de gestação bastante adiantado, na altura do sétimo para o oitavo mês mais ou menos, e sua irmã e companheira, da mesma forma, e precisavam se resguardar, esperando a "boa hora".

Nosso amigo Joaquim Góis, a quem tivemos o prazer de conhecer pessoalmente, em janeiro de 1968, durante seis anos viveu nas volantes em luta contra os cangaceiros, primeiramente como contratado e, posteriormente, como soldado da Força Pública de Sergipe, e resolveu pôr em letra de forma o seu viver nesse tempo. Infelizmente Joaquim faleceu em 1970, senão teria nos brindado com outros excelentes trabalhos do assunto.

Escreveu ele um livro muito interessante, denunciando, também, colegas de farda que nada faziam para combater o banditismo, fazendeiros poderosos que os protegiam e políticos influentes que até beneficiavam-se deles.

E é ele quem nos conta como o tenente Zé Rufino acabou descobrindo o coito.

Em janeiro de 1970, conversando com o soldado "Bem-te-vi", que participou no combate, estando presente também Dadá, e aquele narrou-nos detalhes inéditos do fato, elucidando a mim e a Dadá sobre o episódio.

Um dos elementos que estavam no coito e sobreviveu a todos os reveses e perigos, é nosso conhecido e amigo, Criança, que também deu-nos seu testemunho inestimável sobre o acontecido ali, e que, só quem estava com eles (cangaceiros) poderia saber.

Vejamos como Joaquim narra a descoberta do coito, a partir da p. 192 do seu livro "Lampião, o último cangaceiro", editado em 1966.

"A notícia localizava-o no povoado Cangalêcho, onde se fecharia para sempre a história espantosa de um dos mais famosos sicários de Virgulino Ferreira.

O tenente José Rufino arranca do Raso da Catarina, numa das batidas mais célebres de que se tem lembrança na campanha de repressão ao banditismo, e após cobrir centenas de quilômetros, ao longo do sertão baiano, chega às cidades de Porto da Folha e Gararu, no Estado de Sergipe.

É aí que se encontra com o árabe Abraão Benjamim, cineasta amador, possuído da mania de filmar um combate real e autêntico, entre as volantes e o grupo de Lampião.

Não movia ao árabe o desejo louvável de realizar um documentário histórico, mas a ambição comercial de ganhar dinheiro com a exibição do filme nos cinemas de todas as cidades.

No seu linguajar estropiado e difícil, pede ao tenente José Rufino que lhe facilite a filmagem, admitindo-o na sua tropa.

A resposta do comandante da volante foi ríspida e dura:

— Dentro de pouco tempo vou brigar com os cangaceiros, mas não sei o lugar e nem a hora e, para ser melhor entendido, nem o senhor e nem ninguém me acompanhará.

Voltou-lhe as costas, bruscamente e, à frente dos seus homens, atirou-se no aberto das caatingas à procura do rastro dos bandidos na terra de ninguém.

Nos meandros da vereda a tropa move-se no passo silencioso dos felinos.

A noite aninha-se devagar no seio da caatinga e pousa sobre a areia, ainda quente, dos despovoados.

O tenente José Rufino encurva em anel a sua tropa e cerca a casa do afamado coiteiro, Mané Véio.

Aqui abro uns parênteses na narrativa de Joaquim Góis para um esclarecimento ao leitor.

Como se vê não eram somente cangaceiros, contratados ou soldados que tinham apelidos ou nomes de guerra.

Havia na força de Alagoas, nesse tempo, um soldado natural da região de Santa Brígida, aparentado até com Maria Bonita, o nosso amigo Euclydes Marques da Silva, também chamado por Antônio Jacó, e no seio dos seus camaradas conhecido como "Mané Véio".

Foi esse soldado um dos participantes da tropa que o tenente João Bezerra utilizou no combate em que Lampião morreu e foi por nós minuciosamente descrito no nosso livro "Assim Morreu Lampião".

Pois esse Mané Véio de que trata Joaquim Góis nada tem a ver com o outro, a não ser a coincidência do apelido.

Prossigamos com a narrativa:

"O oficial sabia de cor e salteado, a história inteira do perigoso delator, a crônica do coiteiro mais astuto e manhoso de Lampião.

Ninguém melhor do que ele possuía a arte da simulação, no modo como guiava os volantes para os lugares e esconderijos de que seu terrível patrão estava sempre ausente.

E o fazia com a simplicidade convincente de quem dizia a verdade, de quem conhecia o roteiro transitado pela horda de malfeitores, cuja pista ele disfarçava na informação errada, na indicação, propositadamente, contrária, rumando para os pontos opostos aqueles em que se ocultavam os bandoleiros.

Os homens do tenente José Rufino vigiam, pacientemente, a casa do esperto Mané Véio.

Ninguém entra e ninguém sai.

Gritam pelo coiteiro e os seus gritos se calam na solidão pesada que envolve tudo.

Mané Véio estava ausente, despistando mais uma vítima da sua manobra traiçoeira.

Levara o sargento da polícia sergipana, Odon Matias, para a fazenda Barriguda, local apontado por ele e em que Lampião estaria no descanso das longas jornadas.

José Rufino acampa num velho curral, sem perder dos olhos a casa do coiteiro, já agora, ocupada por dois dos seus soldados.

Escuta os rumores que correm dentro da noite escura e misteriosa do sertão.

Escuta e espera.

Os galos cantavam quando Mané Véio volta à casa. Preso e apresentado a José Rufino, este o interroga a seu modo.

Não ameaça, não amedronta e nem espanca.

Conversa, argumenta, convence.

Mané Véio já o conhecia pelos pedaços de informações que os outros coiteiros lhe transmitiram.

Mentir era inútil e tentar enganá-lo era perder tempo.

Defrontaram-se, dentro daquele velho curral dois sertanejos formados na ciência dos subterfúgios, na arte das negaças, no jogo psicológico dos truques entre a verdade e a mentira.

José Rufino bate em cheio no que quer saber e o que diz ao coiteiro é mais uma afirmativa do que uma pergunta:

— Por que você guiou o sargento Odon Matias para a Barriguda, sabendo que os cangaceiros não estavam lá?

— Pra num sê morto pru eles, seu tenente.

— E onde estão os bandidos?

— Tão no Cangalêcho. O sinhô qué eu vô li buta in riba dêles.

Na resposta ao oferecimento do coiteiro é que se reflete e se revela a prudência do tenente Zé Rufino; o cuidado que ele tinha pela vida dos desgraçados, colocados entre as balas dos cangaceiros se os delatassem e o fuzil da polícia se lhe mentissem.

— Não, Mané Véio, você não vai. Preciso de você vivo. Se os bandidos souberem que você fez isso, eles o matarão. Basta que você me diga se existe casa aqui por perto.

— Inziste inhô sim, a coisa dum quarto de légua, vosmicê vai incontrá u'a. E pode preguntá qui o dono sabe adonde é o Cangalêcho.

A manhã se retirava das caatingas quando José Rufino encobria-se com a sua tropa, na mataria falha de um chão eriçado de pedras miúdas, contorcido em curvas e aberto em ralos vazios e rentes.

Seguir os rastros dos bandidos foi sempre uma tarefa árdua, um quebra-cabeça intrincado, pois, esses filhos do sertão conheciam todos os dirfarces do terreno e todos os passes de mágica com que iludiam os menos avisados.

Marginavam caminhos andando sobre as pedras, sobre a face dura do chão, arrastando feixes de matos que lhes apagavam as pegadas.

Veredas, entradas, saídas, desvios, cruzamentos, rodeios, curvas, atalhos, todo um emaranhado de acidentes que eles gravavam na memória, mapas vivos desenhados pela experiência de todos os dias.

O sol estava naquelas alturas quando José Rufino dá entrada na fazenda Cangalêcho.

Em torno de uns dos tanques, para espanto seu, a rastaria dos bandidos bate nos olhos de todos, às claras de mais, como feitas de propósito.

Mas só na terra que circundava o tanque, pois além poucos metros, o chão estava limpo, sem o menor vestígio de pés humanos na sua superfície.

Era tão absurdo o que os olhos de todos viam que deu lugar a que a ignorância do contratado "Capão", alvitrasse esta explicação ridícula:

— Seu tenente! Num será qui os home tão dentro do tanque!

Os rastros existentes ali, ficavam ali mesmo, nem saíam nem entravam.

O tenente José Rufino, homem afeito a todas as surpresas nas coisas e nos acontecimentos do sertão, não atinou com uma explicação para aquilo.

Ele mesmo foi rastejar, procurando ler e adivinhar na página naquele pedaço de terra o significado do que via sem poder compreender.

Mandou que dois dos seus homens ficassem de sentinela nas duas entradas dos caminhos, que se dirigiam para o tanque.

Um sol de asfixia parava no meio do céu, quando o rastejador Gervásio indica à tropa os sinais da pista por ele descoberta.

Ao mesmo tempo, dois contratados trazem para o tenente um menino de doze anos, conduzindo entre as mãos um embrulho enrolado num lenço vermelho, cheirando a perfume de feira.

O conteúdo do embrulho: um quilo de café moído.

Os bandidos estavam perto e ninguém duvidava mais que em pouco tempo haveria tiroteio.

Interrogado o garoto, nada se pode saber diante da barreira do seu silêncio obstinado.

Nem agrados, nem promessas, nem insinuações, nem presentes, nada conseguiu romper a teimosia daquela criança fechada numa resistência de espantar.

José Rufino recorre à medida extrema, advertindo ameaçador ao menino:

— Já que você não quer dizer onde estão os bandidos, vai ser sangrado.

E voltando-se para o contratado "Capão", ordena seca e fingidamente enfurecido:

— Sangre este corninho na guela.

A lâmina do punhal de "Capão" escorrega da bainha, suja de nódoas de ferrugem, mortal como uma serpente, já mordendo

a carne tenra da garganta da criança, pára, numa pausa cheia de expectativa.

"Capão" grita, rouco de raiva:

— Diga aonde tão os bandido seu pestinha ou eu li arranco a muéla pulas costa.

O garoto parece talhado no miolo da arueira ou da baraúna, rijo, impenetrável, rebelde.

Era bem um símbolo do meio saturado de descrença, indiferente ao medo, fatalista e resignado.

Mudo, inacessível diante das investidas selvagens do contratado "Capão", para tudo e para todos só oferecia uma resposta:

— Num sei de nada, qué matá, mate.

Devia existir um motivo poderoso para a atitude corajosa daquela criança.

E havia.

No coito em que se refugiavam os bandidos estava também o coiteiro João do Pão, pai do garoto.

Comove a resistência desse pirralho e a gente sente vontade de tê-lo apertado ao peito para beijá-lo pela coragem do seu gesto.

O tenente José Rufino, sertanejo para quem a alma de sua gente é clara e aberta como o sol que incendeia a terra bravia, sabe que aquele rebento novo de uma raça de mártires, resume no seu corportamento toda a história amarga da região oprimida, da parte agreste do Nordeste, onde a vida é uma adivinhação sem esperança de ser explicada.

Desiludido de que do mutismo daquele menino não lograria nenhum indício revelador do coito dos criminosos, José Rufino segue o rastejador que a pouco descobrira a pista dos perseguidos.

De súbito, José Rufino sente nas costas a pancada de uma pequena pedra, certeiramente jogada pelo contratado Genésio.

Olha para trás, por sobre o ombro e recebe em gestos o sinal do seu comandado, apontando para o lado esquerdo.

À sua vista, surgiam, armadas, grotescamente, as barracas dos bandidos, todos absorvidos no jogo, seu vício e passatempo nas horas de folga, passadas na segurança dos coitos".

Até aqui ficamos com a descrição do nosso falecido amigo Joaquim Góis.

Vamos reviver a luta e seu desideratum, baseados no que nos contaram o soldado "Bem-te-vi" e cangaceiro "Criança" que estavam presentes, como já dissemos:

— Nóis tava jogando, no coito, que a gente quando tava discansano u que mais fazia era jogá. Era o Vinti-um, Trinta-i-um, Suéca i si passava o tempo jogano. Tinha um na imboscada (de sentinela) i de repente foi tiro.

— Demorou muito o combate? — perguntei a Criança.

— Olha, num sei, mais num passô di meia hora. E, não foi mais di meia hora. A volante chegô di surpresa, atirando i logo acertaro cumpadre Mariano, i Pavão ou Zepelim não sei bem, vi ferido Pae Véio. Nóis ainda tentamo tira eli, qui tava baliado, mais tornaro acerta eli i mataro, i nóis deixamo nu chão prá podê corre.

Perguntei a "Criança" (baseado no que Joaquim Góis escreveu e nas conversas que mantivemos por várias vezes na sua casa, em Aracaju):

— Mas dizem que Pae Véio estava vivo quando a polícia entrou no coito e Mariano também.

— Não sinhó, nóis num dexava nunca um baliado, prá num dá o gosto da polícia matá. Quando nóis vimo qui tava morto mesmo foi qui nóis deixamo. Agora, di cumpadri Mariano num sei, nóis tava brigando assim um pouco longe. Quando nóis vimo qui num dava mais prá briga, qui nóis só ia até tê prejuizu maió, aí nóis corremo.

Novamente ocorreu-me perguntar a "Criança" sobre os que estavam presentes. Pois o livro "Lampião, o último cangaceiro" afirmava a presença de "Deus-Te-Guie" nesse grupo, e no mês de janeiro de 1970, em Paripe, fomos recebidos em sua casa. Levados pela mão amiga de Dadá, estabelecemos conversa e perguntamos se o mesmo estivera presente no fogo do Cangalêcho.

— Não, nunca estive ali. Prá falar a verdade nem mesmo cheguei a conhecer Mariano. Quando entrei pro cangaço foi no grupo de Ângelo Roque, o Labareda, e que já tinha acontecido a morte de Mariano tempos atrás.

"Criança" respondeu-nos:

— Dali nóis saímos, eu, Santa Cruz, num sei se Pavão ou Zepilim, um dos dois morreu i outro saiu com nóis, Rosinha a mulher de Mariano, i parece que tinha mais um, num sei.

Baseados nas informações de Joaquim, dissemos:

— Não seria "Diferente"?

— Num sei. Mais acho qui não, "Diferenti" era aparentado cum "Zé Sereno" i costumava a andá mais eli. Não mi lembro.

Deixemos os cangaceiros e vamos ouvir um atacante, "Bem-te-vi":

"Quando u tenente tirou a pista dos cabras, eli feiz sinal cum a mão prá genti i avançanu cum cuidado, sem fazê baruio. Mais elis tinha um cangaceiro imboscado, qui deu u alarma. O tiroteio cerrou-se pur poco tempo, nóis peguemo elis de surpresa i cum coisa di u'a meia hora já tava acabado. Aí fomo tirá arguma pista dus qui fugiro, prá vê si tinha argum baliado. Argum sangue qui deixassi, nu chão, nas foia di mato. Num tinha. Vortemos pru coito ondi tava as barraca qui elis tinha armado. Tinha trêis pessoa caída. U coiteiro qui tava jogano cum elis i foi baliado i tava morto, dois cangacero firido quasi morreno i otro qui elis quizero arrastá cum elis quandu fugiro tinha caído mais longi um poco i nóis cortemo a cabeça i troxemo prá li.

O tenenti Zé Rufino discubriu qui um dos baliado era o chefi delis, Mariano".

Aqui vamos abrir novamente um parênteses e voltar ao nosso Joaquim Góis, que nos conta a cena do fim de Mariano.

"Aproximando-se novamente de Mariano, José Rufino chama 'Bem-Te-Vi' e, mostrando-o ao inferior, explica-lhe:

— Este é o assassino do seu pai. Você pode saciar a sua vingança. Ele ainda está vivo.

'Bem-Te-Vi', como um louco, saca do punhal escancha-se no quase cadáver de Mariano e sua mão sobe e desce em golpes brutais.

Apunhala com tanta fúria o corpo do bandoleiro, que se ouve aquele rangir estridente e áspero da ponta da arma branca atravessando as carnes e os nervos da vítima, furando e mordendo a terra seca.

Jamais um homem matou com tanta alegria, com tanta volúpia, com tanto sadismo.

Era a vingança do filho estraçalhando o corpo daquele que abatera, friamente, o autor da sua vida.

Era a lei, a terrível e inflexível lei das caatingas."

Voltemos à conversa com o soldado, "Bem-te-vi", cujo nome real é Severiano:

— Nóis peguemos as armas dus cangacero, us anéis, u dinheiro, us borná, punha, cartuchera, u qui tinha ali se pegô. Já tinham cortado a cabeça de Pae Véio i do otro cangacero i nóis vortemos prá dondi tinha ficado Mariano...

Recorremos novamente à pena vibrante de Joaquim Góis.

"O que vê estarrece e assombra.

O cangaceiro a quem o punhal vingativo de 'Bem-te-vi' e balas de José Rufino haviam prostrado como morto, vivia ainda e num esforço que se poderia chamar de o milagre do desespero, ensaiava levantar-se.

Os dedos enorme e crispados tentavam afastar dos olhos enevoados a pasta dos cabelos empapados de sangue, a cabeleira escorrendo uma espécie de mingau feito de suor e sangue.

Ele todo era uma sangria, um corpo todo aberto em talhos profundos de punhal, de pedaços de aço incandescentes que as descargas da polícia despejaram sobre ele.

Uma visão para não se esquecer.

'Bem-te-vi' ao ver Mariano vivo contra todas as probabilidades do possível, face ao número absurdo de punhaladas que ele sofreu das suas próprias mãos e dos balaços recebidos, desembainha a Colt e encostando-a no peito do assassino de seu pai, prepara-se para o tiro de misericórdia.

Corta o ar a advertência de José Rufino:

— Tenha cuidado com a cabeça que eu preciso dela.

Nove detonações ensurdecedoras, à queima-roupa, perfuram o corpo já todo esburacado de Mariano e a resistência física do bandido pára na imobilidade da morte".

Bem, esse foi o fim desse chefe de grupo, do qual todos os companheiros, com quem tenho conversado, gostavam. Aliás, até mesmo alguns paisanos falam favoravelmente a Mariano.

Dizem que era um dos que tinha mais humanidade e benevolência. Afirmam até que era incapaz de uma crueldade. Teria sido mesmo ele o autor da morte do pai de "Bem-te-vi"?

Segundo os companheiros, é impossível!

Mas vejamos o fim de sua companheira Rosinha. Ela e sua irmã Adelaide (que também estava em adiantado estado de gravidez, como já o dissemos), escaparam com vida e acompanharam os sobreviventes.

Estabeleceram um coito num pé de serra e aguardaram a hora do nascimento das crianças.

Chegou por fim o dia e mais uma desgraça abateu-se sobre o grupelho. Adelaide morreu do parto e o bebê também.

A criança de Rosinha foi enviada a um padre.

Pouco depois encontraram-se com outros grupos.

Murmúrios. Confabulam os chefes de grupo, os maiorais do cangaço opinam.

Uns acham que a "viúva" pode e deve continuar no grupo de qualquer maneira. Outros são de opinião que deve ser mandada para casa de parentes e calar a boca.

Luiz Pedro se faz porta-voz de um grupo que conseguira convencer com sua argumentação.

Achava, esse grupo, que toda mulher cujo companheiro morresse, e a mesma não achasse um substituto nos bandos, deveria ser eliminada para que o segredo dos "pontos", dos "coitos' e coiteiros não fossem revelados, colocando em perigo a segurança dos fornecedores e protetores.

Corisco foi contra essa tese.

Dizia que encontraria outros "pontos", outros abastecedores de armas e munição.

Foi voto vencido.

Rosinha teve o azar de não despertar o desejo do concubinato em nenhum dos companheiros. Luiz Pedro fez valer seu parecer, sua sentença.

As últimas frágeis resistências foram facilmente vencidas.

Enviaram Santa Cruz, Criança e outros elementos que tinham pertencido ao grupo de Mariano buscar munição em um "ponto" distante.

Removido esse primeiro obstáculo, disseram à Rosinha que ela seria mandada para a casa dos pais. Apronta-se para viajar.

Seu companheiro de jornada seria Pó Corante, o segundo, pois o primeiro com esse apelido foi morto juntamente com Nevoeiro e Jurema lá para os lados de Macuré, já levando ordens precisas dos chefes de como deveria agir.

Foram.

Pó Corante ao retornar prestou contas a quem lhe incumbira de executar tão traiçoeira missão.

Rosinha fora morta a punhal e enterrada em cova rasa no meio de uma caatinga brava.

Outra versão diz que Pó Corante eliminou-a durante a travessia do Rio São Francisco, quando a canoa em que viajavam estava próxima da margem alagoana, e o cadáver atirado às águas.

ENEDINA

Enedina, de Zé de Julião (no grupo, o marido era apelidado como Cajazeiras). Esta jovem, nascida, criada ali em Poço Redondo, foi envolvida pela voragem dos acontecimentos que o cangaço desencadeava.

Sua vida parecia ter tudo para transcorrer em harmonia, paz e tranqüilidade.

Era uma mulher alegre, risonha, estatura mediana, morena clara, cabelos compridos encrespados e que, por incrível que pareça, acompanhou o marido pouco tempo depois do casamento para o ... cangaço.

Nem um nem outro tinha intenções criminosas e, menos ainda, o desejo ou necessidade de viveram do furto ou assalto.

Seu marido, José do Nascimento, era filho de um fazendeiro, que se não era milionário pelo menos tinha o suficiente para viver sem nenhuma preocupação econômica.

O sogro de Enedina, Julião do Nascimento, tinha muitas propriedades, frutos colhidos durante uma vida de labor, austeridade e poupança rigidamente traçada e executada pelo rijo sertanejo.

O casal teve seu enlace matrimonial sacramentado no ano de 1937. Pouco tempo depois, como um maldito presente de núpcias, José foi obrigado a deixar a cidadezinha de Poço Redondo, em virtude da injustificada perseguição que passou a sofrer, por parte de alguns comandantes de volantes.

Para evitar que os problemas fossem num crescendo irreversível, a família achou por bem que o moço se retirasse para um lugarejo situado às margens do velho "Chico".

Algum tempo depois uma volante chegou ao lugarejo, procurando-o.

Escapou em uma canoa e, sabendo que não teria mais sossego, resolveu como último recurso que lhe restava ir procurar abrigo e proteção no bando de Lampião.

Enedina ao ser informada da atitude do marido, não teve dúvidas, seguiu-lhe os passos e foi juntar-se ao mesmo.

Esse foi o primeiro e único caso em que um casal, legalmente constituído, aderiu à vida cangaceira.

A moça, no meio de tanta gente já sua conhecida, de amigos e amigas de infância e juventude, não estranhava nada. Ao mesmo tempo permanecia ao lado do marido, apoiando-o, confortando-o, amando-o.

Passam a viver mais em companhia do grupo de Zé Sereno, cujos componentes eram quase todos naturais de Poço Redondo, e estão com essa gente, abarracados no Angico, naquela madrugada de 28 de julho de 1938, quando Lampião, Maria e mais nove pessoas foram mortas de surpresa.

Enedina foi uma das que morreram no alvorecer do dia. Quando o tiroteio principiou, mortos Lampião, Maria e outros mais, o restante do grupo dispersou-se pelos matos em fuga desabalada.

Fugiram, como o faziam sempre que a situação era igual, cada qual para um lado, sem preocupação de ver quem estava escapando ou ficando morto no chão. Nesse dia, nessa hora, Criança, Dulce, Sila, Diferente, subiram por um dos barrancos que existem ali, quando um tiro atingiu Enedina no alto da cabeça, atirando pedaços do cérebro, esquirolas ósseas e sangue no vestido de Sila que caminhava à sua frente.

A moça, que era alegre e risonha, tombou morta. Não sofreu um segundo de agonia.

Fotos tiradas nesse dia mostram uma cabeça de testa estreita, curta, como sendo a de Enedina. Realmente é verdade, só que esse frontal pequeno ficou assim, porque a bala que o atingiu provocou um estrago danado.

Nas fotos tiradas em vida podemos notar que o frontal dessa moça era amplo, os olhos de muita vivacidade, denotando inteligência e alegria no viver.

O ex-prefeito de Poço Redondo, Alcino Alves Costa, que nos recebeu e hospedou com a tradicional cortesia sertaneja, disse-nos que José de Julião, tempos depois, casou-se com uma irmã de sua falecida esposa e depois de uma existência atribulada, por motivos políticos e rancores pessoais, acabou assassinado em uma emboscada por pessoas de partido oposto ao seu, no dia 19 de fevereiro de 1961.

Era a violência cobrando seu tributo mais uma vez.



Gente do chefe de grupo Zé Sereno que tem a sua direita sua companheira Sila e a sua esquerda, toda sorridente, Enedina.

LÍDIA, A MAIS BELA CANGACEIRA

Segundo as várias informações prestadas por pessoas (companheiros, companheiras e ex-coiteiros) que conheceram a cangaceira Lídia, era essa morena a mais formosa das mulheres que viveram no cangaço.

Era baiana, morena, dentes brancos, bem alinhados numa articulação perfeita e lábios com um lindo desenho, provocantes e sempre com um sorriso fácil a iluminar-lhe o rosto bonito. Sempre muito alegre e brincalhona.

Ainda bastante jovem quando foi para a companhia de Zé Baiano, embora nossos informantes não pudessem afirmar taxativamente, julgam que sua idade então estava em torno dos dezoito anos, era dona de um corpo bem delineado por graciosas curvas, cabelos pretos e estatura mediana.

Não se sabe como Zé Baiano, tido e havido pela maioria dos que o conheceram como um preto feio (embora uma ex-cangaceira, cujo nome preferimos não declinar, o julgasse simpático, numa prova de que realmente existe gosto para tudo), o nariz era até afilado, faces chupadas, malares salientes com os ossos esticando a pele e queixo comprido, tenha conseguido conquistar (será que conquistou ou impôs sua vontade) os favores da linda sertaneja?

Foi esse casal o protagonista do mais violento e conhecido drama passional de que se tem notícia na história "interna" dos bandos cangaceiros.

Causou pasmo aos próprios companheiros os requintes de brutalidade utilizados por aquele, que Joaquim Góis chama de "Pantera Negra dos Sertões", na sua vingança ao se saber traído.

Já o escritor Rodrigues de Carvalho, nosso amigo de vários anos, não deixa por menos, denomina-o de "Gorila de Chorrochó", e também satirizando, afirma que Zé Baiano sem roupas e preso pela cintura com uma corrente seria negociável por qualquer sujeito esperto. Enganaria a qualquer dono de circo ou diretor de jardim zoológico, faria com que pensassem estar adquirindo um antropóide.

Esse Rodrigues!!!

Apesar da idade avançada tinha essas tiradas mais próprias da adolescência. Deus que o tenha em paz.

Mas não paravam nesses escritores as comparações nada lisongeiras e apelidos marcantes, que ajustavam-se qual luva no modo de ser, nas atitudes, na ação do indivíduo.

Os próprios companheiros dizem que tinha pele acinzentada, escamosa e a boca rasgada, com lábios finos, lembrando a de um sapo cururu.

Teve Zé Baiano, em um dos combates iniciais da sua vida de bandoleiro, um ferimento no braço direito que lhe tolheu para sempre o uso pleno do mesmo.

Mas não a ponto de deixá-lo inutilizado para o uso das armas.

Não lhe permitia, é certo, toda a desenvoltura de movimentos que lhe seria habitual, mas ainda mantinha a agilidade suficiente e força necessária para sustentar o fuzil e manobrar com destreza a alavanca do mesmo.

Comenta-se muito o seu permanente erotismo que parecia jamais ser saciado.

Afirmam que era o mais rico dos cangaceiros, tendo amealhado mais dinheiro que o próprio Lampião, porque este era um mão aberta, um "pato" nos jogos de baralho com que se entretinham nas horas mortas dos coitos, o seu divertimento predileto, juntamente com os bailes.

Já Zé Baiano só pensava em guardar dinheiro e ouro. Não jogava como os companheiros, talvez para não arriscar o que tinha obtido com o "suor do seu rosto" e, pasmem amigos leitores, aplicava grandes importâncias na agiotagem!

O sovina emprestava somas razoáveis, a juros altos, aos comerciantes de Aracaju, que tinham por intermediários alguns coiteiros do bandido.

Afirmava-nos Joaquim Góis, em janeiro de 1968, que o dinheiro de Zé Baiano ainda assegurava algumas casas de comércio da capital sergipana e que o total emprestado girava em torno de 200 contos de réis, no ano em que o mesmo deixou o mundo dos vivos, isto é, 1936.

O ouro e jóias que obtinha serviam para enfeitar sua amada, tornando-a, segundo informam as suas antigas companheiras, a mais rica das cangaceiras.

Qualquer manifestação de desejo era logo satisfeita, prazerosamente, pelo amante apaixonado. É claro que dentro das

limitações impostas pelo isolamento em que viviam e nas medidas pelo modo de vida que levavam.

Por exemplo, quando os cangaceiros tinham animais de sela para viajarem, isso nos anos de 1930 até parte de 1932, Lídia possuiu um burro que destacou-se dos demais pelo porte.

Chamava-se Brinquinho e era tratado com todo o cuidado. Tinha os arreios todos enfeitados e que chamava atenção pelo capricho da manufatura.

Zé Baiano também tinha um burro cujo nome era Calunga. Animal fogoso, de porte bonito, com sela também trabalhada.

Mas sem a riqueza de detalhes que caracterizavam o de sua amante.

Nos coitos em que tinham possibilidade de ficar mais à vontade, e com maior segurança, o temido ferrador transmudava-se. Era quase uma réplica da figura do dr. Jeckil, de "O Médico e o Monstro". Ali no acampamento, cuidava carinhosamente com excesso até de desvelo a sua Lídia.

Os melhores pedaços de carne ele os escolhia com cuidado e cortando-os em bocados menores levava-lhes à boca.

Todo apaixonado, dava-lhe de beber e limpava-lhe os róseo lábios com fino guardanapo de linho — parece — já o dissemos algures.

Quem o visse nessas atitudes galantes, jamais imaginaria que o refinado "cavalheiro" pudesse transformar-se no cruel carrasco, que sentia prazer em deixar as iniciais J. B. impressas a ferro em brasa na carne de suas vítimas.

Porém, isso realmente ocorria.

E era um sátiro que sofria de priapismo, o terrível negro! Ruim como um judeu.

Sempre pronto a saciar seus instintos sexuais na primeira mulher ou moça que lhe caísse sob as garras.

Por certo, em outros tempos e com as antigas leis, teria o mesmo castigo que sofreu o cabra Manoel Duda.

Outrossim, para esclarecimento, em termos de comparação de comportamento entre o cangaceiro baiano de Lampião e o sergipano Manoel Duda, vamos transcrever na íntegra a sentença que foi proferida pelo juiz Manoel Fernandes dos Santos contra este.

Agradecemos a cópia que temos ao ilustre dr. Antônio Baptista Pereira Júnior, pela nímia gentileza de nos tê-la fornecido.

Ei-la:

"SÚMULA: Comete pecado mortal o indivíduo que confessa em público suas patifarias e seus deboches e faz coças de suas vítimas desejando a mulher do próximo para com ele fazer suas chumbregâncias.

Vistos, etc.

O adjunto do promotor público, representou contra o cabra Manoel Duda, porque no dia 11 do mês de Nossa Senhora Sant'Ana, quando a mulher do Xico Bento ia para a fonte, já perto della o supracito cabra que estava de tocaia em uma moita de mato, sahiu de lá de sopetão e fez proposta a dita mulher, por quem roia brocha, para coisa que não se pode fazer à lume, e como ela se recusa, o dito cabra abrafalou-se ella, deitou-a no chão, deixando as encomendas della de fora e ao Deus dará, e não conseguiu matrimônia porque ella gritou e veio em assucare della Nocreto Correia e Clementos Barbosa, que prenderam o cujo flagrante, e pediu a condenação delle como incurso nas penas de tentativas de matrimonia proibido e a pulso de sucesso porque a dita mulher estava peijada e com o sucedido deu à luz a um menino macho que nasceu morto.

As testemunhas, duas são de vista porque chegaram ao flagrante e bisparam a perversidade do cabra Manoel Duda e as demais testemunhas são testemunhas em avaluenos.

Dizem as leis que duas testemunhas que assistem a qualquer naufrágio do sucesso faz prova, e o juiz não precisa de testemunhas de evaluemos e assim:

CONSIDERO — que o cabra Manoel Duda, agrediu a mulher de Xico Bento, por quem roio brocha para conxambrar com ella, coisas que só o marido della competia conxambrar, porque eram casados pelos regime da Santa Igreja Catholica Romana.

CONSIDERO — que o cabra Manoel Duda, deitou a paciente no chão e quando ia começar as suas conxambranças, viu todas as encomendas della que só o marido tinha o direito de ver.

CONSIDERO — que a paciente estava peijada e que em conseqüência do sucedido, deu a luz de um menino macho que nasceu morto.

CONSIDERO — que a morte do menino trouxe prejuízo na herança que podia ter quando o pai dele ou a mãe falecesse.

CONSIDERO — que o cabra Manoel Duda é um suplicante debochado que nunca soube respeitar as famílias de suas

vizinhas, tanto que quis também fazer conxambraças com a Quitéria e a Clarinha, que são moças donzellas e não conseguia porque ellas repugnaram e deram aviso à polícia.

CONSIDERO — que Manoel Duda é um sujeito perigoso e que se não tiver uma causa que atalhe a perigança delle, amanhã está metendo medo até nos homens por vias da suas patifarias e deboches.

CONSIDERO — que Manoel Duda está em pecado mortal porque nos Mandamentos da Igreja é proibido desejar a mulher do próximo e elle desejou.

CONSIDERO — que sua majestade imperial e mundo inteiro precisam ficar livres do cabra Manoel Duda, para secula, seculorum amém, arrefem dos deboches praticados e senvergonhezas por elle praticadas.

CONSIDERO — que o cabra Manoel Duda é um sujeito sem-vergonha que não nega as suas coxambranças e ainda fez isnoga das encomendas de suas victimas e por isso deve ser botado em regime por este juízo.

POSTO QUE:

Condeno o cabra Manoel Duda, pelo malifício que fez a mulher de Xico Bento e por tentativa de mais outros malifícios iguais, a ser CAPADO, capadura que deverá ser feita a MACETE.

A execução desta pena deverá ser feita na cadeia desta villa. Nomeio carrasco o carcereiro. Feita a capação depois de 30 dias o mesmo carcereiro solte o cujo cabra para que se vá em paz.

O nosso prior aconselha — Homini debochado deboxatus mulheroru, inovacabus est sententias quibus capare est macete macetorim carrascus sinefacto nortre negare pete.

Cumpra-se e apregue-se editaes nos lugares públicos. Apelo ex-oficio desta sentença para o Dr. Juiz de Direito desta Comarca.

Porto de Folha, 15 de outubro de 1833.

a) Manoel Fernandes dos Santos

Juiz Municipal suplente em exercício.

Obs.: Porto de Folha situa-se no atual Estado de Sergipe, ao lado norte, marginal do Rio São Francisco".

Bem, esta é a transcrição, inclusive com termos e palavras que hoje em dia causariam estranheza.

Tais como: *abrafalou-se*, não *conseguiu matrimonia*, a *pulso de sucesso, testemunhas em avaluemos, naufrágio do sucesso, roia a brocha, conchambrar, perigança, arrefem, isnoga*, etc., etc.

Assim é o mundo! Em 1833 castigavam-se os mais afoitos com a capação a macete e seu cortejo de conseqüências dolorosas e irreversíveis, ainda assim não faltavam tarados.

Donde se conclui que não são esses castigos que irão resolver tais problemas.

Já são passados século e meio e não conseguimos descobrir ainda os remédios para esses problemas que se fazem eternos.

Curiosamente, recordamos que o mesmo Rio São Francisco que viu o ataque de Manoel Duda e sua capação, passados cem anos, também assistiu no mesmo município de Porto da Folha, do qual fazia parte a Vila de Canindé, outra tragédia, a invasão do lugar e a marcação, com ferro em brasa no rosto de quatro indefesas mulheres ali residentes.

Mas voltemos à morena Lídia.

Segundo nos informam elementos que compuseram as hostes do cangaço, a moça tinha "fogo".

Quando o amante saía de viagem nas razias ou Blits Kreig que comumente praticavam, as amásias permaneciam escondidas nos coitos sob a guarda de alguns cabras, Lídia se aproveitava e atirava-se às conquistas.

Não era tarefa difícil, visto o estado perene de excitação sexual em que viviam, além da beleza da jovem.

O maior obstáculo era o receio a Zé Baiano, este era um elemento que alardeava sua prepotência e fazia ver à "vítima" de sedução que pensasse duas vezes antes de decidir-se a ceder aos encantos da mulher.

Mas não faltou quem arrostasse tal dilema.

A "bomba", porém, estourou quando do caso com "Bem-te-vi".

Este cabra entrou para o grupo de Corisco bem novo. Teria em torno de catorze ou quinze anos. Era branco aloirado e com altura de 1,75 m., pouco mais ou menos.

Certa vez em que Durvinha, a companheira de Virgínio, ficou grávida e pediu a Corisco e Dadá que deixassem o rapaz ficar em sua companhia pois já o conhecia desde os tempos de infância.

O moço foi e depois do parto resolveu não retornar mais àquele grupo, ficando com o pessoal de Virgínio e Durvinha.

Foi quando começou seu namoro com Lídia.

Passaram-se dois ou três anos até que fosse tudo revelado a Zé Baiano.

Segundo nos contam elementos que estavam presentes ao fato, aconteceu assim:

Zé Baiano saíra em viagem por alguns dias e Lídia aproveitou para encontrar-se com "Bem-te-vi" no mato.

Mas um companheiro que estava há muito de olhos em Lídia, pois há tempos vinha cobiçando seu corpo bem feito, percebeu quando esta entrou no mato e que "Bem-te-vi" fizera o mesmo logo depois.

Seguiu-os com cautela.

Em silêncio procurou-os.

Não longe do coito encontrou-os entrelaçados em plena luta-livre amorosa.

Dadá nos disse que esse cabra era natural de Várzea da Ema, um baiano de corpo curto, pernas compridas e finas, os braços longos, alto, preto retinto e feio. Feio de causar medo. Seu apelido no grupo era Coqueiro.

Alguns autores citam Besouro, não temos notícias de nenhum elemento com esse vulgo e como todas as informações que Dadá nos deu, quando pesquisadas, confrontadas, averiguadas, se revelavam corretas, ficamos com sua afirmativa.

Coqueiro quando descobriu os amantes no entrevero sexual não teve pejo, tentou tirar vantagem com Lídia.

Declarou seu desejo em possuí-la.

A moça altivamente recusou-se.

Teria dito:

— A um cabra como você num me entrégo.

"Bem-te-vi" desde o primeiro instante fugira com as calças nas mãos.

Não havendo quem a defendesse, ameaçou-a:

— Apois intão vô contá a Zé Baiano quando eli torná da viage. O dá u eu conto. E com menosprezo ela respendeu-lhe com um muxoxo:

— Pois podi contá. Mais ocê num mi comi!

E o danado do negro não deixou por menos.

Quando Zé Baiano retornou, com todos presentes ali no coito, mal havia saudado os comparsas quando Coqueiro narrou para que todos ouvissem o que presenciara no mato.

Zé Baiano deve ter ficado cinza de ódio e quando esperava, talvez que a mulher negasse tudo, deixando pelo menos a

dúvida pela verdade, eis que a doidivanas demonstrou mais coragem do que muita gente.

Confirmou o acontecido.

E acrescentou que só fora denunciada porque recusara-se a ser possuída pelo relés camarada.

Lampião que assistira em silêncio o desenrolar do episódio, atinou com as intenções de Coqueiro num relance e ordenou a Gato que o matasse.

Este incontinenti atirou com o revólver no cabra que caiu morto no meio do acampamento.

Zé Baiano ordenou a Demudado e a outro cangaceiro que também o acompanhava, que amarrassem Lídia pois ele iria pensar no que fazer com a mesma.

Esta ficaria a noite toda amarrada e no dia seguinte seria decidida sua morte.

A moça então caiu em si.

Viu o risco de sangue que corria nas garras do amásio ciumento, e implorou para que Maria Bonita a salvasse, que pedisse a Lampião, e ela mesmo rogou pela vida ao rei do cangaço que respondeu-lhe:

— Coqueiro era meu cabra i eu já dei um jeito neli. Ocê é di Ze Baiano e eli faiz u qui quizé.

Quando Maria intercedeu, ouviu-lhe mais ou menos a mesma resposta.

Ninguém mais intercedeu pela jovem. Nenhuma voz levantou-se em sua defesa.

Durante as horas escuras da noite o silêncio só era quebrado pelo choro e peditório da mulher que estava fortemente amarrada.

Ao romper do dia Zé Baiano matou Lídia.

De cangaceiros ouvi duas versões sobre a execução.

Um diz que atirou de revólver na companheira e que depois disso esmorecera. Chorara muito.

A outra versão foi de que teria matado a moça a cacetadas. Fraturara-lhe os braços e pernas com pauladas violentas e repetidas, por fim batera tanto na cabeça que esmagara-a, deixando a bela Lídia irreconhecível e, terminado o massacre, abrira uma cova enterrando-a.

Depois chorou sobre o túmulo improvisado.

O fim de Lídia foi esse, mas e seu temido amante, que fim levou?

Acabou encontrando a morte também, por causa de um rabo de saia uns dois anos depois.

Aliás sua morte também é uma das que são contestadas. Dizem alguns "sebastianistas" que ainda estaria vivo.

No cangaço existiram vários casos idênticos, sendo o da morte ou não de Lampião o mais polêmico, porém os de Sabino, Chico Pereira e Zé Baiano deixam dúvidas e controvérsias.

Vamos saber como foram os últimos dias desse temido filho do sertão baiano.

A título de esclarecimento, Zé Baiano não fora batizado com o nome do famoso santo carpinteiro pai de Jesus, seu verdadeiro nome era Aleixo, embora no bando e nas obras dos que escrevem sobre esse assunto seja conhecido por Zé Baiano, J. B. era a marca de seu ferrete, questão de rima talvez.

Existe a versão de que deixou o cangaço indo usufruir sua riqueza no Sul, e a contraversão com a morte narrada por aqueles que a praticaram. Iremos iniciar por esta.

Após o assassinato de Lídia, Zé Baiano começou a freqüentar com certa assiduidade a casa de Antônio de Chiquinha, no Alagadiço, em Sergipe.

Este, por força das circunstâncias, acabou tornando-se seu coiteiro, e Zé Baiano passou a arrastar as asas para uma de suas filhas.

Provavelmente sua presença era indesejável. Às vezes o cangaceiro presenteava a moça, segundo informações que tivemos de antigos companheiros do mesmo.

E como dinheiro levanta até mesmo um defunto ou faz até falar uma estátua de pedra, a família foi tolerando suas investidas e suportando-o.

Os cangaceiros não sabem qual o motivo que levou Antônio de Chiquinha a matar Zé Baiano e seus comparsas.

Especulam que por causa do dinheiro do mesmo e, também, para livrar a filha de seu assédio.

Outros falam ainda que o coiteiro estava sendo marcado pelas volantes e só conseguiria livrar-se da suspeita com a morte do pequeno grupo. Acrescentam, referindo-se à moça, que a mesma não precisava sujeitar-se a amante de quem não gostava.

Procuramos Antônio de Chiquinha, em Aracaju, em uma das vezes que ali estivemos.

Não estava. Viajara para Alagadiço e não tivemos oportunidade de ouvir sua versão sobre o caso.

Mas o que ocorreu pode ser reconstituído baseando-se nas

informações dos ex-cangaceiros e volantes daquela época, bem como nos retalhos de depoimentos dos habitantes da região.

E o quadro que se desenha é o seguinte:

Antônio de Chiquinha a tempos que vinha desejando dar cabo de Zé Baiano e só esperava que a oportunidade surgisse.

Antes de continuarmos, um pequeno esclarecimento.

Antônio de Chiquinha, segundo nosso informante Zé Sereno, quando começou a ser ameaçado pela polícia, que o acusava de coiteiro, procurou os "cabras" e queixou-se do que estava acontecendo.

Zé Sereno porém, deu logo um jeito na situação. Para afastar as suspeitas que pairavam sobre o amigo, invadiram Alagadiço, depredaram a casa de Antônio e o próprio Zé Sereno lhe deu uma surra com um chicote de três pernas.

Pronto.

Sendo mais uma vítima do grupo, deixava de ser suspeito aos olhos da polícia.

Voltemos agora ao princípio do mês de junho de 1936, quando o coiteiro recebeu um recado de Zé Baiano marcando um encontro para o dia sete.

O portador levou ainda a ordem para que fosse preparada uma fatada (comida forte e pesada que é feita com os miúdos de carneiro).

Esta é uma comida pesada e que pede mesmo o acompanhamento de bebidas fortes, cachaça, conhaque ou outras "de derrubar".

Antônio de Chiquinha previu logo que essa era a oportunidade que estava aguardando e tratou de armar seu plano para dar fim a Zé Baiano e a seus dois cabras, Chico Peste e Demudado.

Já tinha conhecimento de que seus vizinhos e amigos estavam dispostos a acabar com o grupelho.

Por sinal isso nos espanta e encabula ao mesmo tempo.

Não sabemos como tal notícia, da pretensão homicida profilática, lhe chegou aos ouvidos. Veja bem, amigo leitor, Antônio de Chiquinha *era coiteiro,* podia muito bem denunciar toda a trama, dar os nomes de quem desejava eliminá-los, ganhar mais confiança do seu "genro".

Mas como a vontade daqueles paisanos vinha também ao encontro de seus anseios, embarcou na mesma canoa.

Nenhum tabaréu, caatingueiro algum, sertanejo que por essa região do cangaço morasse, em sã consciência jamais iria andar

falando a torto e a direito que acalentava a vontade de matar qualquer um dos cangaceiros. Ninguém era doido a tal ponto, e se o fizesse estaria assinando o seu passaporte para o outro mundo, em uma viagem que não tem retorno.

Ainda mais que só a simples suspeita de uma traição já era uma sentença de morte!

Os moradores daquelas brenhas das caatingas são desconfiadíssimos e precavidos ao extremo. Nos tempos do cangaço muito mais.

Isso vamos relembrar tanto em relação aos cangaceiros como aos soldados das volantes. Tinham receio dos vizinhos, parentes e de que as próprias sombras fossem delatá-los, é bom que se frise.

Porém, como dissemos, Antônio de Chiquinha sabia que Pedro Guedes, Dedé, Birindim, Pedro de Nica e Antônio Conrado estavam dispostos a participar da perigosa empreitada.

Esse pessoal teve uma sorte incrível em não serem descobertos e denunciados antes mesmo de iniciarem o plano. Os cangaceiros sempre tiveram muitos amigos e informantes, mormente no sertão sergipano.

Como se sabe "segredo passou de um, já não é mais segredo" e imaginem só um segredo guardado por seis caatingueiros!

Tiveram mesmo muita sorte!

Reuniram-se os seis e estudaram os vários planos que poderiam ser usados.

Avisar a polícia foi uma das proposições feitas e logo rejeitada, pois, segundo um deles, "macaco" em assunto de paisano num dá certo.

Outra proposta estudada com carinho foi veneno na bebida ou na comida, mas também foi deixado de lado, quando alguém lembrou que os cabras não bebiam nem comiam sem fazer com que o portador provasse primeiro.

Abatê-los a tiros foi outra hipótese aventada mas rejeitada porque jamais um cangaceiro iria ficar descuidado na presença de paisanos armados. Pensou-se até em revólveres escondidos sob as roupas, mas eles sabiam que os cangaceiros tinham olhos de lince para descobrir armas, e acabaram deixando de lado também essa alternativa.

Por fim sobrou a proposta da arma branca, cujo uso era e é difundida até mesmo entre os meninos, e qualquer caboclinho

trazia pendurado na cinta seu facão de arrasto, um punhal ou quicé enfiado no cós da calça. Sem uma arma dessas o sujeito sentia-se nu.

Deliberaram que fariam os cabras beberem e comerem o mais possível. Quando estivessem embriagados seriam atacados. Para cada cangaceiro um par de paisanos, e foi recomendado que evitassem ao máximo a bebida para que permanecessem com os sentidos bem alertas.

E por fim combinaram a senha, a deixa para o início da matança.

Antônio de Chiquinha foi o encarregado de dar o sinal, que seria a seguinte frase:

— "Acorda Marica, tô nos braços de Marinete". Todos concordes com os planos traçados, esperaram a chegada do dia fatal.

Chegou por fim o dia sete de junho e no período da tarde encontravam-se no lugar combinado, perto da estrada que liga Alagadiço com Lagoa Nova, Zé Baiano e seus cabras e Antônio de Chiquinha, cuja casa ficava nas proximidades.

Os outros foram chegando aos poucos, para não despertarem suspeitas.

Mas uma surpresa que não estava nas conjecturas de ninguém, tinha acontecido na noite anterior.

Quando os paisanos chegaram viram que o grupo de Zé Baiano tinha sido acrescido de mais um elemento, Acylino. Este incorporara-se ao trio como mais um auxiliar dos atos bárbaros, sádicos e sangrentos, tão ao gosto de Zé Baiano.

Mas resolveram dar seqüência ao plano, onde deveria morrer três, morreriam quatro.

Depois de comerem e beberem a fartar, quando o escuro da noite já vinha chegando, com os sentidos tolhidos pela bebida servida em abundância, escutou-se a frase combinada para o larga da morte, que entrou em cena.

Apanhados de surpresa, os cangaceiros foram presas fáceis. Os facões e os punhais entraram fundo e cada um ganhou por sobremessa da fatada, três ou quatro punhaladas.

Dizem que Zé Baiano ainda tentou negociar sua vida, pois estava só mal ferido, mas os caatingueiros negaram-se a deixá-lo vivo.

Mataram-no também.

Feito o morticínio trataram de degolar os cadáveres, des-

pojá-los de jóias e haveres outros, e por fim, enterraram os quatro numa cova rasa, aberta em um formigueiro.

Estranha e inexplicavelmente só dezenove dias depois foi que comunicaram o fato às autoridades, que ordenaram a exumação, conforme pode-se comprovar em certidões existentes.

A razão dessa demora não sabemos o motivo. Outrossim, todos os que pesquisam a temática lampiônica, com os quais conversamos sobre o assunto, tão pouco puderam explicá-la.

Até que...

... bem, sobre Zé Baiano, como dissemos páginas atrás, são duas as versões de como teria deixado o cangaço esse temido filho dos sertões de Chorrochó.

Uma pela porta da morte, escancarada pelos punhais dos seis caatingueiros audaciosos, outra a que nos foi narrada por Dadá e particularmente aceita pelo primo da vítima, Zé Sereno e outros antigos companheiros.

Se nos pedirem provas não poderemos fornecê-las, mas que, pelas coincidências e circunstâncias que cercam o caso, essa possibilidade existe, não há dúvida.

Vamos então rastear o que teria acontecido, segundo essa segunda versão.

É sabido e notório que Zé Baiano era o mais rico dos cangaceiros.

Acumulara muitas jóias e dinheiro, a maioria do qual dava, através de alguns coiteiros de sua inteira confiança, a juros para comerciantes de Aracaju.

Pode parecer absurdo que o dinheiro furtado, roubado, tirado, saqueado, levado por bem ou mal, lá do fundo dos sertões fosse parar na capital do Estado, onde servia para fazer girar a roda da economia comercial.

Mas é o que nos conta o escritor, antigo volante e policial Joaquim Góis e também os informes de antigos cangaceiros.

Quando Zé Baiano começou a freqüentar a moradia de Antônio de Chiquinha, este, aos poucos tomou conhecimento das transações do cabra que se lhe impusera como "genro".

Ardilosamente o coiteiro começou a acenar-lhe com a possibilidade de escapar, rico e incógnito, das garras dos inimigos e das malhas da lei.

Ora, Zé Baiano apesar de ser um assassino sem entranhas não era um indivíduo ignorante e burro a ponto de não saber que o fim de qualquer cangaceiro que persistisse a enfrentar

aquela vida seria simplesmente a morte, uma cova rasa no chão bruto dos carrascais.

Já tinha feito seu pé de meia, escapara de muitas emboscadas e tiroteios perigosos.

Talvez já estivesse com saudades dos tempos pacatos de simples paisano, com a família na roça, quando podia quedar-se pacificamente, calmamente, descansando sem receios.

Aquilo foi entranhando cada vez mais na cabeça de Zé Baiano, pela conversa de Antônio de Chiquinha e pelas insinuações da filha do mesmo. Provavelmente orientada pelo pai.

Zé Baiano teria aceito a sugestão do "sogro". Conversaram sobre a possibilidade de abandonar o sertão, para onde ir, como descartar-se da perseguição policial, sugeriram hipóteses e arquitetavam planos.

Chegaram por fim a um acordo sobre como agir.

Em primeiro lugar, Antônio de Chiquinha pediu a um alfaiate que viesse à sua casa e tomasse as medidas para um terno, com o qual o "genro" viajaria.

Era o mês de maio, ainda princípio do mesmo, e o alfaiate pediu quinze dias para entregar a encomenda.

Depois da entrega do terno, foi que Zé Baiano começou a executar sua parte no projeto. Procurou ali pelos arredores alguém que quisesse entrar no seu grupo.

Encontrou por fim um rapaz, morador ali pelos matos circunvizinhos, que vivia só com a mãe viúva...

Quem conheceu Acylino (era esse o nome do caboclo) diz que o moço tinha a estatura e a mesma cor do cangaceiro.

Marcou o dia em que iria buscá-lo. Seis de junho.

Dadá, a companheira de Corisco, quando soube por coiteiros amigos do desaparecimento de Zé Baiano andou, como outros chefes de grupo também o fizeram, procurando informações pelas casas de tabaréus da região e esteve com a mãe de Acylino, que chorando muito lhe disse que Zé Baiano tinha levado o rapaz para morrer.

Por sinal, Dadá chegou a conhecer o infeliz e confirma a semelhança física com Zé Baiano.

Mas os vários bandos que andaram pelos matos procurando alguma pista do gorila de Chorrochó, não obtiveram nenhum sucesso.

Retornemos ao andamento do projeto da fuga do cangaceiro.

Na noite de seis de junho de 1936, ele teria passado no casebre onde residia Acylino e carregara com o mesmo. A intenção do rapaz era ser cangaceiro.

O dia seguinte seria o dia-chave de toda a trama. Marcara a fatada com Antônio de Chiquinha e depois de embriagar os próprios companheiros ajudaria a matá-los. E assim foi executado o nefasto plano.

Acylino, pela semelhança física, foi vestido com algumas roupas de Zé Baiano. Tiraram ou quebralham-lhe um incisivo central superior direito, que caracterizava um sinal de reconhecimento em Zé Baiano. Um outro infeliz, inimigo de Antônio de Chiquinha, também foi morto, degolado e enterrado junto com Chico Peste, Demudado e Acylino.

O cangaceiro combinara com o pai de sua amante que somente depois de vários dias é que o mesmo deveria espalhar a notícia de que tinha eliminado o grupelho.

Viajou para o sul, cabelos cortados, vestindo o terno novo, acompanhado pela filha de Antônio de Chiquinha.

Os dias foram passando e só no décimo nono dia foi que exumaram os corpos.

Estavam em adiantado estado de putrefação, porém foram assim mesmo reconhecidos por Pedro Guedes e...

Antônio de Chiquinha.

Fantasia? Imaginação?

Quem sabe?

O fato é que Zé Baiano tem sido reconhecido. Uns dizem que em local próximo a Poços de Caldas, São Paulo; outros, com restaurante em São Paulo, além de outros mais.

Perante a lei tem valor a primeira narrativa, para os "sebastianistas" a segunda versão.

Agora, em fins de 1982, um nosso cliente viajou para a região e por solicitação nossa colheu alguns dados, com velhos moradores dali, a respeito do desaparecimento um tanto misterioso e confuso de Zé Baiano e seus cabras.

Trouxe uma novidade deveras interessante para quem cultua as histórias sobrenaturais.

Disseram as pessoas que residem perto do lugar onde foram mortos e enterrados os cangaceiros, que durante a noite escuta-se ali perto da cova, o som de gente gritando agoniada, o barulho de tiros, gargalhadas sinistras, xingamentos e palavreado desbocado com que os cabras afrontavam os soldados.

Todos os moradores da região evitam passar pelo local, sobremaneira, se já for noite. Deixam para o dia seguinte a caminhada que os faria aproximar-se daquela tumba improvisada. Adiam encontros, faltam aos arrasta-pés mas não passam por lá.

Geto é o padrinho de casamento desse nosso cliente, e sempre residiu nas imediações, acabou sofrendo ali uma amarga experiência.

Encontrava-se em casa de uns amigos, parece que até meio parentes do mesmo, quando o cair da tarde foi empardecendo os campos, Geto disse que ia retirar-se para sua casa.

O caminho a seguir irremediavelmente, o fazia passar pela "cova dos bandidos", como se diz por lá.

O pessoal alertou o moço. Que dormisse ali e seguisse no outro dia bem cedo, disseram.

Nada. Ninguém conseguiu convencê-lo a adiar a viagem. Tinha que ir de qualquer maneira.

Montou no cavalo e quando seriam umas dez ou onze horas da noite estava chegando perto do lugar assombrado.

Conforme foi se aproximando o animal começou a demonstrar sinais de indocilidade, não queria avançar, refugava bufando e dando mostras de pavor.

O cavaleiro esporeou o animal e bateu-lhe com o chicote, nada de ir para a frente. O cavalo sapateava sobre as patas, queria fugir ao comando das rédeas e abaixava-se, quase sentando-se sobre as pernas traseiras.

Geto ouviu o barulho de tiros, gritos, palavrões e gargalhadas lúgubres. Escutou o xá-xá-xá de alpercatas ferradas raspando o chão duro.

O animal deu um corcovo apavorado, derrubou o dono e fugiu na direção oposta. Voltou para a casa de onde saíra no começo da noite.

No outro dia, ao amanhecer, as pessoas da casa encontraram o cavalo, ainda todo arreado, no terreiro da frente.

Trataram logo de procurar o amigo.

Seguiram o rastro do animal e foram dar como Geto caído no chão.

Estava desmaiado.

Cuidaram do mesmo, que logo recuperou-se e contou tudo o que acontecera na noite anterior.

O barulho que ouvira, o cavalo todo ressabiado e lutando para fugir espavorido.

Era só o que se lembrava.

Agora ali perto da "cova dos bandidos" tudo era silêncio, calma e paz.

Assim foi que fiquei sabendo o que se passa nas noites escuras, lá no lugar onde foram mortos os cangaceiros de Zé Baiano. Que continuam, ainda hoje, trazendo desassossego aos moradores das imediações.

ELEONORA, E SEU TRISTE FIM

Serra Branca era um cabra que não chegou a fazer nome no cangaço. Nunca ouvimos dos cangaceiros ou cangaceiras qualquer referência a atos de coragem, valentia demonstrada nas lutas, ganâncias nos saques, crueldade nos crimes, se os praticou, ou pendores para liderança de bandos.

O que ocorreu na verdade foi que no ano de 1938 ele chefiava um grupelho composto por ele, sua companheira Eleonora e mais dois homens, um dos quais tinha o vulgo de Ameaça.

Pelo pouco que se sabe dessa gente é de se supor que viviam mais acoitados na caatinga brava do que participando dos perigosos entrechoques que a vida do cangaço proporcionava.

O início desse ano foi seco, prometia uma estiagem maior e mais prolongada para os meses restantes, o que acabou não se concretizando.

Mas o que nos interessa na realidade é o que se passou no dia vinte de fevereiro.

O tenente João Bezerra, no dia dezoito, levara sua volante para ser inspecionada pelo interventor dr. Osman Loureiro, da mesma forma que outros comandantes de volantes fizeram, e, colocados estrategicamente ao longo da estrada de rodagem para dar-lhe proteção e segurança na sua viagem aos sertões alagoanos.

No dia dezenove, ocupado na carneação de um boi abatido na fazenda Grade e no dia seguinte já estavam nas proximidades de um riacho seco, em cujo leito havia uma cacimba.

Mas ouçamos a narração que nos foi feita com detalhes por Antônio Jacó, um dos participantes desse episódio. Se bem que, é honesto que esclareçamos, o coronel João Bezerra já nos houvesse contado em rápidas palavras esse fato, quando da visita que lhe fizemos em janeiro de 1969 em sua casa de Garanhuns.

"Foi num tempo seco e de muito sol do ano de 38. O dia era vinte de fevereiro. Deviam ser assim de umas nove ou dez horas da manhã quando se deu o fato. Nós éramos nove

soldados e quem estava comandando era o Juvêncio. Isso porque era o mais antigo da tropa, não o mais velho em idade, mas o que estava na tropa há mais tempo. Como tínhamos nos separado da volante do tenente João Bezerra, o Juvêncio ficou comandando os nove rapazes.

Tanto é que, depois desse ocorrido, Juvêncio foi promovido.

Estava um tempo árido, meio seco, e fomos buscar água numa cacimba que tinha num riacho seco. Isto tudo acontecendo mais ou menos na zona do Inhapi, disso eu me lembro bem, mas não tenho certeza se pertencia ao município de Mata Grande ou de Santana do Ipanema, que era a sede do 2º Batalhão Policial, o nosso batalhão.

Quando chegamos ao riacho, perto da cacimba, ficamos à vontade. Eu vestia uma camiseta de meia e uma cartucheira na cintura com vinte e cinco cartuchos de bala. Havia tirado os bornais, o chapéu, as alpercatas, cartucheiras maiores e tudo o mais.

Havia colocado as coisas, o carrego todo, assim em cima e de lado.

Quando nois tava assim entretido, tirando água, Cornélio tava assim mais prá frenti, na bera do riacho, então eu vi qui vinha descendo um cachorro i tinha uma colera. Si tinha colera, só pudia se di bandido.

Era uns cangacero que vinha vindo prá apanhá água naquela cacimba, i o cachorro veio na frenti.

Nisso que eu vi o cachorro se aproximando pelo veredo que saía ali na cacimba, vi também que Cornélio levantou-se e impunhou o fuzil assim.

Quando Cornélio levantou-se e impunhou o fuzil, eu peguei da cartucheira miudinha que tava na cintura, mais tava folgada, num tava firme, apertei bem essa cartucheira qui tava com 25 cartuchos e aí ouvi o tiro.

Quando ouvi o tiro eu corri pra lá i vi um cangacero correndo assim na frente pro lado esquerdo e outro já tombado ali na berada do veredo.

Pra lá correu Zé Gomes e outros i eu corri pra cá atrais di outro cangacero qui era Serra Branca conforme nóis soubi depois.

Na frente deli corria a mulher Eleonora, mais eu ainda não tinha visto ela, purque o mato iscondia. Eu notei qui eli

carregava alguma coisa nas costa, depois nóis vimo qui era uma banda di bode.

A genti correndo ali nus meio dus mato i eu corria atrais deli i gritava:

— Si vira cabra pra brigá. Si vira cabra pra brigá. Eu atirando, atirando i correndo. Aqui e acolá eli si virava, dava um tiro e corria.

Até que eli si apadrinhou numa caatingueira. Mas ficou assim meio de fora, até com a banda de bode também assim meio fora. E eu tive a oportunidade de atirar bem nele. A bala pegou assim na altura da pá com as costela i saiu do otro lado, eli si torceu, jogô a banda di bodi prum lado i correu.

Aí eu vi qui tinha ferido eli, porque das costas saía sangue.

Quando eli saiu correndo eu saí na carrera atrais deli, di novo.

Adianti tinha um riacho, eli pulou em baixo, já cum pouca força. O riacho tinha assim um metro e meio de fundura, mais tava seco, num tinha água, i eli ficou ali.

Na carreira qui eu ia num deu pra eu pará na ribanceira do riacho.

Eli tava lá com o rifle armado i pronto pra atirá. Num deu pra eu pará naquele impulso qui eu vinha da carreira i eu pulei em cima deli. Qui eu não tivi otro recurso naquela hora.

Eli assombrou-se com o que aconteceu.

Quando eli assombrou-se virou as costas i correu.

Aí eu aproveitei i pá.

Eli caiu dibruçado.

Mais eu vi qui eli num tinha morrido. Quando eli caiu dibruçado, a mulher que corria na frenti deli viu qui eli num podia mais corre, virou-se i abriu os braço.

Não sei o que ela queria quando abriu os braços assim, porque tudo foi muito rápido, não deu nem pra pensa em nada.

Naquele instante Zé Baixinho que vinha atrais di mim chegou. Eu não sabia qui Zé Baixinho vinha atrais di mim, acompanhando aquela correria toda, qui eu não olhava pra traiz quando corria, tava só olhando no cangacero que ia na minha frenti.

Mais quando a mulher si virô i abriu us braço, Zé Baixinho que vinha atraiz di mim atirô i acertô bem no meio da testa.

Foi um tiro só.

A mulher tombô nu chão na mesma hora.

Zé Baixinho feis menção que queria avança, mais eu falei:

— Olhi, cuidado qui u cabra podi tá vivo. Tá di bruço, mais podi tá vivo.

Como di fato estava.

O ferimento era muito grande, um buraco danado, mais eli inda tava vivo.

Com um braço só eli atirou em Zé Baixinho. A bala passou açoitando e Zé Baixinho caiu nu meio du mato qui tinha pur ali.

Quando Zé Baixinho foi pru chão eli virou-se i eu atirei no estômago deli i acabei di mata.

Zé Baixinho levantou-si, meio tonto do açoite da bala, mais na hora mesmo conheci qui não era ferimento nenhum.

Aí fui até o cangacero qui tava enrodilhado no chão, morto, e tirei tudo quanto é qui eli tinha nus bolso i nus borná.

Procurei im tudo quanto é bolso i achei!

Imagini quanto?

Tinha só 400 réis!!!

Aí fui até ondi tava caída a outra pessoa que tinha aberto os braço e vi qui era uma mulher.

Quiseram me acusar de que tinha morto uma mulher mas só vim a saber mesmo que era mulher foi quando virei ela. Que com o tiro que Zé Baixinho deu na testa dela ela deu um currupiu com o corpo i caiu di barriga pru chão. No que virei di barriga pra cima foi que conheci qui era mulher.

Tiramos todas as coisas dos dois, juntemos tudo e trouxemos.

Cortei as cabeça. As duas cabeças.

Amarrei os cabelos uns nos outros e viemos pra bera da cacimba qui é ondi tinha começado tudo. Ze Baixinho adiantou-se i eu vim descendo o riacho pra baixo. Pra direção da cacimba.

Nisso o tenente João Bezerra, qui tava apartado di nóis mais num tava muito longi, tinha escutado os tiro e veio pro rumo até qui chegô ondi tava Juvêncio, Cornélio i os otros rapais nosso.

Quando eli chegou ali, Cornélio já tava com a cabeça do cangaceiro Ameaça separada do corpo, qui eli já tinha cortado ela cum o facão.

Aí, qui eli chegou, vai e pergunta por mim:

— Cade Antonho Jacó?

U Juvêncio vai e fala:

— Olha, vamos atrais di Antonho Jacó qui eli o tá morto o já matô o cangacero. Mané Véio (como também era apelidado esse nosso amigo no seio da tropa policial) num tá dando sinal di vida. Arguma coisa acunteceu.

O tenente meio duvidoso, respondeu:

— É diz que Antonho Jacó é valente mais eu num vejo tiro, num vejo nada.

Juvêncio tornô a fala:

— Seu tenenti, mais vamo lá! O já morreu cangacero o já morreu Antonho Jacó! Qui Antonho Jacó num vai si torce dos cangacero. Inda mais na carrera qui eli saiu daqui. O já matô o já morreu pur lá!

O tenente voltou a responder:

— Hum, num tô cum muita fé em Antonho Jacó. Olha que eli é meio covarde. Num tô cum fé na valentia di Mané Véio não.

Nisso, eu inda vinha descendo o riacho seco, pur dentro du riacho qui tinha areia, pedregulho i pedra, i com as duas cabeças amarradas uma na otra pelos cabelos, qui os cangacero num cortava i tinha elis cumprido, as veis até pelo meio das costas nus cangacero mais véio naquela vida. Era a cabeça da mulher e do marido. Trazia também o rifle, com os pertences tudo, cartucheiras, bornal, i tudo mais qui elis carregava. Até qui depois elis mi deram tudo pra mim.

Quando eu vinha descendo i tava a uns 30 metros o tenente João Bezerra falô alto pra mim.

— Ei Antonho Jacó? É você Mané Véio?

Nu qui ele conheceu qui era eu, levantô a cabeça do cangacero Ameaça qui Cornélio tinha matado.

Di lá eu falei pra eli:

— É essa só? Só tem essa aí? Aqui tem mais!

I arribei as duas pelo cabelo pra eli vê.

Eli tava iscorado numa perna só. Qui nesse tempo o tenente até andava com um jumento, porque eli morava na casa de Correinha e um revólver que tava perdurado numa prateleira, qui tinham deixado ali carregado di bala, caiu no chão i detonou acertando eli bem num calcanhar. Tanto é que eli tinha um salto com 3 dedos di diferença, na altura do outro. Por causa desse tiro que eli levou no pé.

Aí eli ficou espantado di admiração com o que eu tinha feito e disse:

— Mais Antonho Jacó foi atrais dus cabra desse jeito? Discalso, sem camisa, sem chapéu, correu pur aí tudo dessa manera? Mais veja só! Essi rapais é doido! Só pode tá mesmo doido quem entra nus mato dessi jeito assim!

Daí nóis viemos para Piranha, di Piranha fomos pra Pedra, di Pedra seguimo pra Santana do Ipanema qui era ondi tinha o quartel di nosso Batalhão. Aí tavam os coronéis Zé Lucena e Theodureto Camargo du Nascimento quando nóis entreguemo as cabeças e a volante se apresentou.

Elis fizeram questã qui eu continuassi na volanti, purque eu tinha decidido di deixa as volanti. Falaro, falaro.

Num deixaro eu saí.

Mi promoveram a cabo. Nessi dia eu fui promovido a cabo.

Mais eu num aceitei, qui era pra dá pra Juvêncio.

Porque Juvêncio era mais antigo i tava comandando i nóis todos aceitava di bom grado eli como comandanti dessis nove home.

Mas eu, Juvêncio, Cornélio, Zé Baixinho, Elias, Octacílio, parece qui Zé Gomes também, e outros que não me lembro mais qui tavam naquele dia.

Só nóis participamos dessi combati. Só os nove homens.

Nem João Bezerra, nem ninguém mais participou dessi fogo."

E assim Antonho Jacó, o "Mané Véio" de tantas brigadas na caatinga, contou-nos como morreu Eleonora e os outros.

MOÇA, DE CIRILO DE INGRACIA

Antes de falarmos da Moça, necessário se faz que voltemos um pouco no tempo. Para a época em que não se admitia mulheres no bando.

O grupo dos Ingracias foi dos primeiros a juntar-se a Lampião na Bahia.

Eram os irmãos Antônio e Cirilo de Ingracia, Zé Baiano, Manoel Moreno, Luiz e, posteriormente, Zé Sereno que juntou-se ao grupo quando foi jurado de morte por Lau, pai de um soldado de nome Sebastião que havia sido morto pelos seus tios.

Para não pagar com a vida por aquilo que não devia, buscou refúgio na companhia dos parentes, dentre os quais destacava-se Zé Baiano, seu primo.

Certa ocasião, na década de trinta, os cangaceiros estavam em uma festa em determinada fazenda da região da Várzea da Ema.

Baile, bebidas à vontade, mulheres...

Uma das moças presentes estava seriamente comprometida com Antônio de Ingracia, noiva mesmo.

O irmão deste, Cirilo, havia bebido muito e começou a importunar a jovem. Pegava-se com ela, queria beijos e abraços embora a mesma fosse persistente na recusa.

Embriagado, continuou insistindo até que seu irmão, vendo a cena aproximou-se chamando-lhe a atenção.

Que parasse de aborrecer sua noiva, disse Antônio. Cirilo retirou-se a um canto, resmungando e levando o fuzil na mão.

— Antônio, num vá fala cum Cirilo qui eli tá muito di irmão e quando dirigindo-se para o local foi advertido pelos companheiros:

— "Antônio, num vá fala cum Cirilo qui eli tá muito di fogo i podi si zangá.

— É meu irmão, vô fala cum eli.

Quando aproximou-se, Cirilo falou com maus modos:

— Num si achegui qui não quero prosa.

— Que qui é isso meu irmão? — respondeu Antônio e continuou andando na direção de Cirilo que manobrou o fuzil pondo uma bala na agulha dizendo:

— Num si aproximi qui eu ti mato.

Antônio não ligou para a advertência do irmão que estava completamente fora de si pelo efeito da cachaça e continuou andando em sua direção.

Cirilo rapidamente apontou a arma e disparou no peito do irmão que caiu dizendo:

— Me matou, Cirilo!

Ainda não satisfeito com o primeiro tiro tornou a manobrar o fuzil para atirar de novo. Mas os companheiros acorreram rapidamente e o desarmaram, impedindo-o.

Antônio ficou caído no chão esvaiando-se em sangue, morrendo logo em seguida.

Foi enterrado ali na fazenda.

Seu assassino e irmão, Cirilo, ficou como um pária entre os párias da lei.

Nem seus próprios parentes queriam-lhe a companhia.

Todos o evitavam ao máximo; conversavam entre si o episódio terminando a conversa invariavelmente com a seguinte frase:

— Quem tem coragem de atirar no irmão atira em qualquer um!

O único que o recebeu algumas raras vezes e só por poucos dias, foi Corisco.

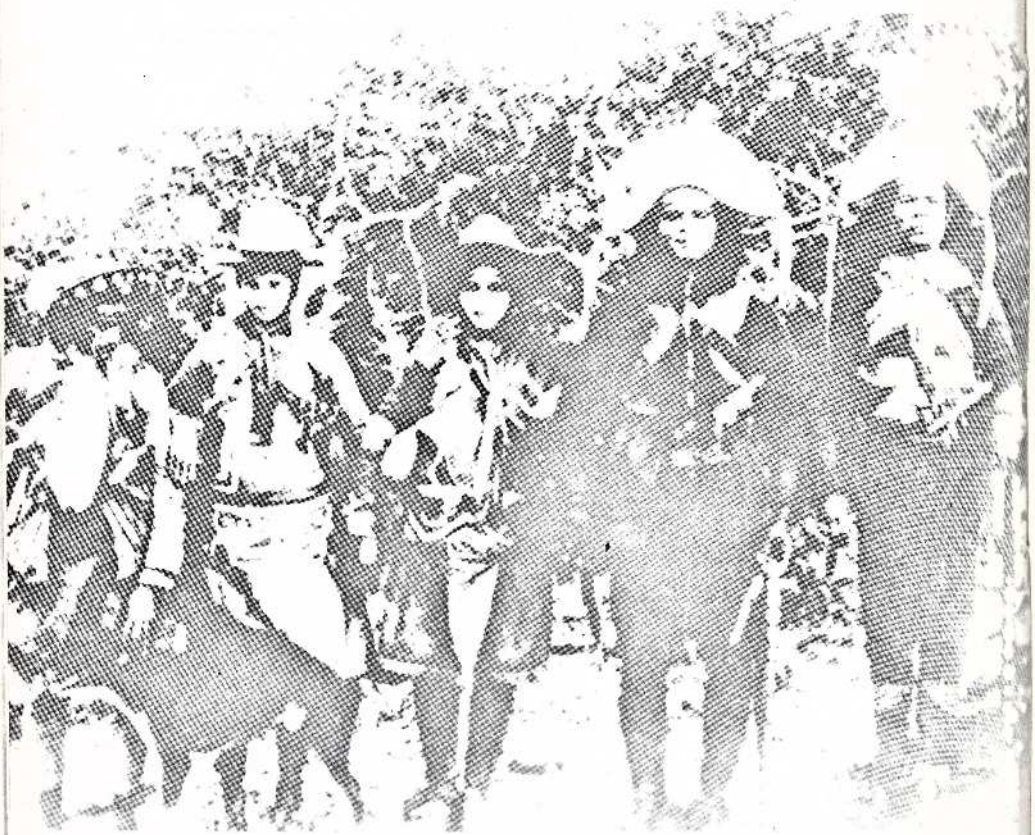
Cirilo nesse tempo estaria com quarenta anos. Era baixo, magro, cor de saúva, barba cerrada. Dadá, a mulher de Corisco o apelidou de "Sagui".

Tempos depois de haver praticado o fraticídio foi que o "Véio" Cirilo (como também era chamado pelos comparsas) arranjou uma companhia feminina.

"Moça", a alcunha, pois seu nome não descobrimos. Nem os antigos companheiros e companheiras recordam-se de seu verdadeiro nome. Todos a tratavam por "Moça" e o apelido colou-lhe como uma segunda pele.

Sarará, cabelos mal assentados, mais alta que seu homem, magra, testa grande, boca grande, olhos saltados para fora das órbitas, eis a descrição da "Moça", que nos foi feita por Dadá.

Segundo declarações de Dadá, nossa informante (feita em minha casa quando aqui permaneceu por mais de cinco meses,



Da direita para a esquerda, de quem olha, vemos Canário, Gato, Inacinha, Moça, e por último Cirilo.

no ano de 1968), "Moça" atirava bem de fuzil e não tinha medo das "brigadas", embora as evitasse.

Também, segundo nos informou Zé Sereno, era geniosa e encrenqueira.

Uma ocasião quando estavam arranchados em terras de certa fazenda, trouxeram uma bacia que ficou no coito para uso geral. O "Véio" Cirilo não estava, havia ido buscar uma encomenda com um coiteiro.

"Moça" disse a Sereno:

— Zé, apanhi água, boti na bacia, boti no fogo pra amorna i lavi meus pé.

O jovem respondeu:

— Ú que? Lava seu pé? Num lavo não! A sinhora tá pensanu u que dona "Moça".

A mulher respondeu-lhe com maus modos:

— Dexi dissu, faça u que to lhi mandanu.

— Qui lavo seus pé u que dona "Moça!" Só lavei us pé foi di minha mãe quandu ela tevi duenti. Num lavo nada!

Ela levantou-se de onde estava acomodada e foi chorar sob uma árvore dizendo:

— Quando Cirilo vortá ocê vai vê si lava o num lava.

No dia seguinte Cirilo retornou trazendo tudo que encomendara ao coiteiro.

Ao chegar notou logo que algo de anormal havia acontecido, perguntou o que havia e a amante contou-lhe tudo o que se passara em sua ausência.

Cirilo, ato contínuo, entrou ali no mato e pouco depois voltou com uma vara comprida com o objetivo de bater em Zé Sereno.

Ordenou:

— U vai lava u vai apanhá.

— Já disse qui num lavo i tá acabado. Respondeu-lhe Zé Sereno que manobrou o fuzil, apontou-o ao tio e disse:

— Si mi bate num conto us buraco. Já tô mesmo sentido du sinhô tê morto tio Antônio. Num lavo u pé di ninguém i num fico mais junto.

Estavam no coito Manoel Moreno e Jararaca, parentes de Cirilo e de Sereno, que se equiparam ao iniciar-se a discussão e estavam com os fuzis nas mãos, atentos à questão.

Cirilo sentiu-se em desvantagem e disse para o sobrinho:

— Ocê deixa o fuzi!

— Qui dexo u que. Dexo u que tem dentro. I num dê um passo qui lhi queimo.

Manoel Moreno, Jararaca e Zé Sereno saíram dali deixando a companhia do casal.

Foi essa a última vez que ele viu Cirilo e "Moça".

Quando em julho de 1935, Dadá no final de sua gravidez, esperando dar à luz, Cirilo e "Moça" estavam presentes. O coito era numa das caatingas brabas lá por um lugar chamado Salgadinho, Estado de Alagoas.

Desde o início da gravidez Dadá andara fazendo umas roupas para o nenê que estava para chegar. Camisinhas, calcinhas e outros paninhos bordados. Espalhara esse enxoval em alguns pontos seguros e que estivessem mais ou menos à mão na data do nascimento de seu filho.

Pois quando começou a chegar esse dia é que acoitaram-se por ali.

Dadá pediu a Corisco que mandasse um dos "mininus" buscar umas pecinhas de roupa que estavam em determinado "ponto".

O cangaceiro chamou Simão, um cabra seu, primo de Dadá e cujo apelido no grupo era Limoeiro, moço alto e forte e deu-lhe as ordens do que deveria trazer do "ponto", onde se localizava o mesmo e que deveria viajar para o lugar no dia seguinte.

Ficou tudo acertado.

A vida no "rancho" dos cangaceiros seguia sua rotina costumeira quando, repentinamente, surge uma forte altercação entre Cirilo e "Moça".

E havia uma razão para tal briga.

Salgadinho era um lugar perigoso em virtude de ser muito visitado pelas volantes. Quando acoitados por ali tinham que ficar ou dentro da casa do coiteiro ou então bem escondidos no mato para não serem descobertos.

"Moça" havia tido criança alguns dias antes. Ninguém quisera ficar com o casal quando estava pra chegar a "boa hora" e acabaram ficando junto com o pessoal de Corisco que, mais uma vez, aceitou-os em sua companhia.

Era tempo de inverno. Chovia e "Moça" ficou na chuva.

Cirilo exaltado, chamou-a para dentro de casa dizendo:

— "Moça", sai já da chuva muié. Tu num tá veno qui tá di resguardu i nu meio dessa chuva tu vais aduece?

— Qui sai da chuva u que. Eu fico adondi eu quero.

— Sai daí, entra pá dentro di casa. Tornou a falar Cirilo.

— Saio nada. Respondeu a geniosa mulher. Cirilo saiu da casa e deu-lhe uns empurrões levando-a a força para o interior da mesma.

"Moça" continuou a falar e a xingar e em dado momento disse:

— Ocê inda vai leva um tiro nus peito i num vai tê tempo nem di dize "Acuda Jesuis".

Os companheiros entraram na briga e acabaram com a discussão.

Cirilo, chateado com o acontecido procurou Limoeiro e combinou que iria viajar em sua companhia no dia seguinte, para apanhar as roupas do futuro nenê de Dadá, que estavam escondidas.

Viajaram logo cedo.

Ao chegarem à Serra da Mata Grande avistaram uma casa e resolveram ir até lá pedir comida.

Chegaram ao terreiro da casa e estavam principiando a falar com os moradores quando foram avistados pelo subdelegado Agripino Feitosa, que por ali se encontrava acompanhado por mais cinco civis armados, José Ignácio, João Henrique, Cícero Ribeiro e mais dois.

Estes tomaram chegada com todo cuidado e atiraram nos dois cabras que correram cada qual pra um lado.

Limoeiro, mais moço, mais veloz, escapou ileso. Cirilo foi ferido e para esconder o rastro, desceu a barranca de um riacho e começou a andar por dentro d'água. Conseguiu despistar os perseguidores.

Mas a hemorragia do ferimento foi minando-lhe as forças e quando tentou sair do riacho, subindo pela margem íngreme, subitamente desfaleceu e morreu.

Depois quando foi encontrado estava ainda numa posição como que em pé, com as mãos crispadas como que esforçando-se para alcançar o topo do barranco.

Ao voltar para o grupo de Corisco, Limoeiro trouxe a nova do que se passara com os dois. Ainda não sabia da morte do "Véio" Cirilo. A notícia correu célere pelo sertão e logo até foto do cadáver do comparsa, amarrado em uma tábua e ladeado

pelos civis armados que o mataram, foram obtidas em Mata Grande.

"Moça" desesperou-se. Gritou, chorou, lastimou-se, julgando-se a culpada.

Os dias se passando e a mulher continuava inconsolável.

Diante de sugestão que lhe foi feita, para que arrumasse outro companheiro, e que o mesmo fosse elemento de um dos outros grupos e não dos que acompanhavam Corisco, recusou-se terminantemente, dizendo não ter interesse em ficar com mais ninguém.

Corisco não gostava de mulher no seu grupo, sozinha menos ainda, tanto não gostava que quando algum "recruta" se apresentava dizendo ter intenção de acompanhá-lo, logo avisava:

— Só aceito homi sem muié! Si ocê quinzé te muié entre notro grupo. Di muié pra da trabaio já chega a minha.

Mas a situação da "viúva" de Cirilo tinha que ser resolvida de alguma maneira.

Corisco procurou-a e disse-lhe:

— "Moça", a mió coisa já qui ocê num qué fica cum mais ninguém, é ocê i pra junto da sua famia. Num quero otra muié, além de Dadá, nu meu grupo.

Ela ouviu calada, depois respondeu:

— É, homi eu num vô quere mais memo, agora u meu receio é a polícia. Si elis mi prendê vão judiá di mim. Vão mi batê, ói eu nem sei u qui é qui elis vão fazê. Vai se uma disgraça.

Dadá ajudou nos preparativos para a viagem, coseu-lhe algumas roupas e caprichou em um vestido escuro, no qual era difícil aparecer sujeira e deu-lhe a seguinte recomendação:

— "Moça", ocê não lavi essi vistido de jeito argum. Nas bainha eu vô bota u dinheiro qui era di Cirilo i us minino dero pra ocê leva.

Assim foi feito.

Chegou o dia da despedida e "Moça" que queria continuar com a companhia de Dadá, porém sem ligar-se a outro cangaceiro, tentou um derradeiro argumento para convencer Corisco a aceitá-la no grupo.

Disse:

— Capitão Corisco, us macaco vão mi batê i eu vô te di denuncia us ponto. Cumu é intão?

— Num tem importância "Moça", si us macaco judiá di

ocê, pódi acusá dois u treis "ponto", qui isso num faiz farta pra genti, nóis arranja otros.

Moça viajou, dirigindo-se à casa de seus familiares e passou a residir ali.

Tempos depois foi presa, talvez denunciada por pessoas dos arredores e por um golpe de sorte suas jóias e o dinheiro que levara foram respeitados e ela foi tratada com humanidade.

Quando deixou a prisão, onde permaneceu pouco tempo, pôde utilizar-se daquela soma de dinheiro, até que bem razoável para a época.

CRISTINA, DE PORTUGUÊS

Essa moça entrou para a vida aventurosa do cangaço quando de uma das viagens do grupo ao Estado de Sergipe.

Sua família morava no sertão desse Estado, em uma fazenda, quando houve a visita do bando.

Chegaram em paz. Conversaram, brincaram e beberam. As mulheres da casa depois de quebrado o susto e a inibição, começaram a namoricar os visitantes, admirá-los. Suas jóias chamavam atenção, anéis de ouro nos dedos, as bandoleiras dos fuzis enfeitadas com moedas de ouro, a testeira e o barbicacho dos chapéus de couro da mesma forma e tendo além das moedas, também algumas medalhas cunhadas com o mesmo metal nobre.

Os lenços coloridos, esvoaçantes e perfumados, os quais traziam amarrados ao pescoço e seguros firmemente por uma aliança ou outro anel de qualquer metal valioso, cujas longas pontas pendentes chegavam à altura da cintura. O porte guerreiro que todos ostentavam, o temor que imprimiam aos paisanos.

Tudo isso juntando-se ao desejo de correr mundo, de viver a vida livre, cigana e perigosa daquela gente fez com que Cristina se oferecesse a um cangaceiro que estava de olho comprido para o seu lado.

Português foi o escolhido e aceitou levá-la por companheira, apesar de que os dotes físicos da mulher eram verdadeiramente desabonadores. Alta, magra, amulatada, olhos vivazes sobrepostos por sobrancelhas grossas e cerradas, encontrando-se por sobre o nariz, os ossos malares salientes, cabelos pretos e compridos, braços finos e bastante longos.

Não era realmente de chamar a atenção pela beleza do corpo ou feições, e, sim, justamente pelo oposto disso.

Aliás, os pesquisadores do assunto "cangaço" já tiveram a oportunidade de constatar tal fato, pois durante o tempo em que o árabe Abraão Benjamim esteve com o bando de Lampião, filmando e fotografando, conseguiu boas fotos dessa cangaceira e que hoje nos servem para analisá-la como tipo físico.

Ao partirem os cangaceiros, ela os acompanhou e em pouco



A menor das duas, Maria Bonita, a mais alta, Cristina que vivia com o cangaceiro conhecido por Português.

tempo já estava vestida e paramentada à moda feminina do cangaço.

Mas de espírito um tanto quanto irrequieto não demorou muito a andar de namoro com os "mininos" dos vários grupos.

Mas foi infeliz, quando Português descobriu que andava de romance com o mais famoso cantor que houve nas hostes lampiônicas: Gitirana, que era do grupo de Corisco, alagoano de nascimento e atendendo pelo nome de Antônio Félix.

O jovem era moreno escuro com cabelos lisos, encantava os companheiros pelos seus dotes vocais e de repentista habilidoso Fora forçado a entrar para o cangaço depois que seu pai foi morto pela volante do sargento De Luz.

No início do mês de julho de 1938, estavam os grupos de Lampião e Corisco reunidos em um coito, no Estado de Alagoas, quando estourou a nova de que Cristina andava traindo Português com o seresteiro do cangaço.

O ar tomou um cheiro de morte. Sempre em casos anteriores de traição, as mulheres haviam sido punidas com a pena de morte.

O pessoal de Corisco juntou-se ao lado do chefe, todos atentos ao desenrolar dos acontecimentos, com os sentidos alertas ao que desse e viesse.

Português aproximou-se do seu cabra Catingueira, cochichou-lhe algumas palavras e afastou-se um pouco como quem não quer nada.

Corisco disse a Dadá que estava a seu lado:

— Vai tê coisa...

Ao que a mulher respondeu:

— É, vai tê.

O casal por certo, naquela hora, lembrava-se de que fora esse cangaceiro o executor da ordem de Português para eliminar o seu companheiro Marreca. Esse alagoano amulatado era um sujeito de reconhecida coragem. Entrara para o grupo em 1936, sob as ordens do próprio Português, mas com o passar do tempo foram se inimizando pelo modo divergente com que agiam.

Marreca mais corajoso, mais homem de palavra, mais senhor de si.

O chefe mais traiçoeiro, mais covarde, não merecendo confiança nem dos seus subordinados.

Às vezes, dizia:

— Marreca faiz isso, faiz aquilo.

E o outro respondia:

— Faiz ocê! Ocê num é homi pra mandá em mim!

Sendo continuamente desobedecido e desmoralizado perante os companheiros, Português resolveu dar fim a Marreca.

Mas pela frente não, que o cabra era valente. Uma parada bem dura.

Chamou Catingueira, orientou-o para uma viagem com Marreca. Viajaram e na volta aquele retornou só.

Matara à traição. Um tiro na nuca quando o cabra caminhava à sua frente eliminou para sempre o Marreca, que caiu na arapuca como um patinho.

Não demorou muito e Catingueira passou para o lado do pessoal do Diabo Loiro e disse para Gitirana:

— Ói, eu preciso fala cum ocê. Vamos inté ali...

Corisco, orelha em pé, atalhou logo:

— Ú que é isso? Boi du cu branco, qué mata meu rapaiz? Tá pensando qui vai faze cumo feiz cum Marreca? Ocê num é homi pra atira im rapais meu!

Catingueira não esperava essa reação.

Ficou sem graça, sem saber o que dizer e nem como agir e retirou-se para o lado dos seus com um sorriso amarelo nos lábios.

Aí o caso ficou feio.

Os dois grupos se defrontaram de armas nas mãos. De um lado Corisco e a sua gente, de outro Português, tendo ainda o reforço de Luiz Pedro, Juriti e mais alguns dos cabras de Lampião.

E esperavam, de armas apontadas, uma palavra, uma ordem, para iniciar a luta.

Nisso aproximam-se Lampião e Maria Bonita que estavam apreciando a encrenca de longe.

Maria deu sua opinião. Que se matasse Cristina.

Corisco retrucou rápido:

— Ela deu u que era dela. Ninguém tem nada cum isso.

— É, mais Portugueis vai ficá desmoralizado. Respondeu Maria.

— Eli qui cuidi da muié deli. Du meu rapaiz cuido eu.

Lampião que permanecia calado até aquele instante, observando tudo, entrou na conversa dando sua sentença.

— Cumpadri Curiscu tá cum a razão. Portugueis qui cuidi di Cristina, qui é muié deli. I cumpadri Curiscu faiz u qui quizé

cum Gitirana. É um mininu qui tem sirvido eli bem. Eli faiz u que quizé.

E fechou com a frase que era, ultimamente, a maneira de terminar as discussões e desavenças internas:

— Já tá tudo si acabano na boca dus fuzi das volanti i inda vão dá essi gosto di si matá a elis?

Acalmaram-se os ânimos.

Corisco mais tarde foi comunicar a Lampião que iriam para outro coito, nas Aroeiras, fazenda situada ali mesmo no sertão de Alagoas.

Foram.

Três ou quatro dias depois chega Cristina. Pediu à Dadá e Corisco que queria ficar com esse grupo. Gostava de Gitirana, afirmou.

O casal sabendo da leviandade da moça, de sua inconstância senitmental, de seus namoros e traições, negou.

Não, não seria possível. E Corisco só admitia Dadá no seu grupo. Seria mais um pomo de discórdia, entre os bandos.

Cristina poderia ficar alguns dias, isso sim, até ir para a companhia de seus familiares, em Propriá, Sergipe.

Lá pelo dia dezenove de julho recebem a visita de um coiteiro enviado por Lampião. Tinha a missão de saber quando Cristina iria viajar.

Corisco disse que no dia seguinte seguiria para a fazenda Emmendadas, do velho Bilé e dali é que a moça viajaria.

Viajaram e quando já estavam na fazenda Emmendadas, Corisco tomou as providências para que Cristina partisse.

Dadá fez-lhe roupas novas. Deram-lhe dinheiro, que foi cosido na barra da saia, para não ser descoberto caso encontrassem alguma volante.

O encarregado de acompanhar a mulher parece que foi "seo" Messias. Coiteiro escolado, astucioso, esperto. Outras informações que colhemos dizem que foi o vaqueiro Joaquim, também coiteiro, perito nas artes de evitar os "macacos" da polícia.

Cristina seguiu viagem, a contragosto, montada num cavalo que deveria ser trazido por seu companheiro, na volta.

Era o dia vinte e um de julho de 1938.

Algum tempo depois da partida, o gado começou a urrar tristemente. Mugiam alto e o eco repetia ao longe.

Corisco mostrou-se inquieto e disse à companheira:

— Acunteceu arguma coisa. Nunca vi um gado assim disinquieto.

Logo mais avistam o coiteiro que voltava com o cavalo a dextro (puxado pelo lado direito) e que antes de apear-se foi contando o acontecido ao casal, curioso e surpreso com seu inesperado retorno solitário.

Falou:

— Capitão, foi uma disgraça, nóis tinha andado quasi nada quando da beira du caminhu sartaro di repenti Luiz Pedo, Juriti i u Candiero i fizero nóis pará i sarta dus cavalos. A muié ficô num piditório danado, chorô, chamô pur tudo quantu é santo qui ai nus céu i us homi num quizero sabe di nada. Dissero qui ela tinha qui morrê pruque si ela ficassi viva i fossi pra dijunto da famia dela, um dia pudia di sê presa i ia caba discubrinu tudo quanto é "ponto" i coiteiro qui ai nu sertão. Intão elis dissero qui só si tinha sigurança si ela morressi agora. I num tevi choramingança qui tirasse elis desse rotero. Mataro nu ferro frio, módi faca num faiz zoera, e elis num quiria fazer baruio ninhum. Mais foi só começa u trabaio i o gado começô cum essi baruio todo. Inté pareci qui cum sentimento du acuntecido.

Corisco, Dadá e os outros ouviram a narração e quando o coiteiro terminou de falar Corisco vaticinou agourentamente:

— É, Luiz Pedro anda cum essa idéia di matá as muié qui perdi us marido i num arranja otro cumpanhero nu grupo. Diz memo qui morreno num vai discubri "ponto" nem coiteiro. I essi gadu cum essi baruio isquisito, vai vê só qui vai si acabá todo mundo.

Dito e feito, na quinta-feira seguinte, vinte e oito de julho de 1938, se deu a tragédia de Angico, e dos três que participaram da morte de Cristina, só escapou Juriti; escapou nesse dia, porque foi morto na fazenda Pedra D'água, um ano e meio depois pelo sargento De Luz.

MARIA BONITA

Foi sem dúvida, a figura mais conhecida, comentada, divulgada, valorizada, adulada, elogiada, dentre todas aquelas mulheres que viviam com cangaceiros.

O fato de ser a amante do chefe supremo lhe dava tal privilégio.

Não se destacava das outras por nenhum atributo físico em particular, e nem por algum sentimento humano superior que pudesse lhe dar uma aura de bondade acima da média de companheiros e companheiras.

Mesmo o vulgo de "Bonita", segundo alguns ex-cangaceiros e cangaceiras, não lhe era aplicado na intimidade do grupo; ali era tratada por Maria, Maria de Lampião (para distingui-la das outras tantas que ali havia) ou Bazé como era chamada por Suspeita.

Afirmam ainda que o "Bonita" quem dizia eram os paisanos e tal tratamento estava se generalizando "mais no fim de tudo", isto é, quando do final do cangaço.

Ao que tudo indica, Maria veio ao mundo em 1908, um ano a mais ou a menos, é a margem de erro que calculamos. Tentamos por várias vezes e por longo tempo obter sua certidão de batismo, mas nossos esforços foram frustrados.

Filha de José Felipe e de dona Maria de Oliveira Déa, que era comumente chamada por vizinhos e conhecidos de dona Déa, moradores na fazenda Malhada da Caiçara, situada nas proximidades da localidade de Santa Brígida, no nordeste baiano.

Além de Maria, o casal procriou uma prole numerosa: José, Ozeas, Ananias, Izaías e Arlindo, os homens da casa, e Benedita, Antonia, Dorzina, Chiquinha, Naná, Dondon, Deusinha e aquela que angariou triste fama pela vida e pela morte, Maria.

A infância e a adolescência correram semelhante a de outras meninas originárias das caatingas.

Convivendo com os irmãos e parentes próximos, suas brincadeiras resumiam-se nas rodas, passa-anéis, bonecas feitas de sabugo de milho vestido com panos, que na doce fantasia infantil fazia as vezes de vestidos, saias e blusas. Qualquer trapinho



Maria Bonita tendo a seu lado direito Lampião. Numeroso grupo de cangaceiros aparecem na foto.

de tecido encarnado ou azulado como lenço de cabeça era parte do improvisado brinquedo.

O que se obtinha da terra era destinado ao consumo familiar. Uma economia de subsistência.

O criatório em maior quantidade era de miunças: cabras, cabritos, ovelhas. Não se deixando de ter também algumas vacas, e o leite para beber puro como também misturado com farinha. Aliás, muitas vezes, pilava-se o piruá do milho de pipoca, isto é, os grãos que não estouravam, e o fubá grossseiro era levado já no fundo da cuia ao pé da vaca que estava sendo ordenhada no curral. Esguinchava-se o leite morno do animal no tosco recipiente e quando o fubá sobrenadava à tona do leite, bebia-se gostosamente.

A feira era feita em Santa Brígida, semanalmente. Quando sabia-se das novidades, acontecidos, boatos, brigas, namoros e se a necessidade obrigava, recorria-se à maior cidade da região, Geremoabo.

Esta velha cidade era o centro econômico, político e comercial da região.

Nos tempos da Guerra de Canudos, contra o povo de Antônio Conselheiro, servira como base de apoio às tropas da República.

Da irmandade de Maria tivemos a oportunidade de conhecer sua irmã Dorzina, casada com Lindolfo, que naqueles tempos bravos da campanha contra o cangaço chegou a participar das volantes na perseguição aos bandoleiros.

Tempos depois mudou-se para o Sul, São Paulo, mais precisamente, tendo se dedicado ao ramo da construção civil.

Sua esposa, Dorzina, respondendo a uma pergunta nossa sobre a lembrança que teria de algum cangaceiro, cuja presença houvesse marcado mais sua memória, disse-nos:

— Lembro-me bem de Zé Baiano. Às vezes eles vinham à noite, a gente acordava e ele passava a mão na minha cabeça e dizia: "Neguinha do cabelo assanhado". Sempre me dava uns bolachões para comer. Não me lembro quase nada porque nesse tempo eu tinha mais ou menos uns oito pra dez anos. Dos outros me lembro pouco, Lampião era alto e tinha óculos.

À título de curiosidade vamos confirmar o fato de que Maria era casada com o sapateiro José de Neném e o irmão do mesmo, Messias, também sapateiro, casou-se posteriormente com Dondom, irmã de Maria.

Duas irmãs, dois destinos diferentes e opostos; dois irmãos, mesma profissão, casando-se com duas irmãs e tendo a vida conjugal de cada um sido desigual. Um infeliz desde o princípio, com a esposa chegando a abandoná-lo para acompanhar um fora da lei; o outro, tendo filhos e uma vida em comum que só foi cortada com sua morte há poucos anos atrás.

José de Déa, creio que o filho primogênito, chegou a desejar enveredar na vida do cangaço, em virtude da injusta perseguição que moviam à sua família as forças policiais.

A casa sendo varejada por soldados broncos e oficiais insolentes, que muitas vezes recorriam ao desforço físico para tentar arrancar alguma notícia de quem nada sabia.

Aquilo foi machucando, aborrecendo, fazendo crescer uma revolta dentro do peito, tornando cada vez maior o desejo de participar também da sorte da irmã e do cunhado.

Mas vejamos o que nosso amigo Joaquim Góis nos escreveu a dezesseis de novembro de 1967, contando a respeito do relacionamento que mantinha com o contratado Zé da Déa, quando sua volante comandada pelo tenente Manoel Ramos estava na cidade de Carira.

Transcrevo abaixo parte da missiva, ei-la:

"E aqui vai mais um fato. Contou-me Zé de Déa, que não suportando as perseguições das volantes, resolveu de uma vez por todas ingressar no grupo de Lampião, até porque, já contava com Maria, sua irmã, pessoa de grande influência entre os cangaceiros que desta vez, muito contra a vontade de Maria, chegara a passar oito dias com eles, desarmado é claro. Sabia ele que apesar da má vontade da irmã, Lampião não se mostrava alheio nem contrário ao assunto, entretanto, para não contrariar Maria mantinha-se calado, intimamente sabia ele da coragem de José e das vantagens que podiam advirem em tê-lo no seu grupo, por isso, não o despedia nem o armava, mantendo-se numa atitude de neutralidade; diante disso, Maria resolveu o impasse dizendo a José:

— Volte e vá toma conta das coisas de meu pai, volte, que desgraçada por desgraçada abasta eu.

Diante dessa atitude de Maria, Lampião voltou-se para José de Déa e disse um tanto penalizado.

— É Zé, já qui Maria num qué, é bom você s'imbora. Eu, o autor, não conheci Zé de Déa, porém, privo da amizade de pessoas que o conheciam bem.

Foram essas pessoas, bem como sua irmã Dorzina, que narraram-me sua morte aqui em São Paulo.

Andava com mais dois amigos por uma rua que naquele tempo não era calçada, cheia de buracos, pedras, mato e na qual os carros tinham que trafegar com a velocidade de uma lesma.

Isso ali pelos lados da Vila Guarani, capital de São Paulo.

Os homens iam caminhando, conversando e fumando, quando um carro que ia na mesma direção dos mesmos, buzinou pedindo passagem, eles afastaram-se do leito carroçável da rua e o veículo avançou normalmente. Quando o carro estava passando pelos três amigos, Zé de Déa, jogou seu cigarro dentro do mesmo. O motorista seguiu algumas dezenas de metros, fez uma manobra e retornou ao encontro dos três.

Ao aproximar-se perceberam que o motorista empunhava um revólver, procuraram escapar e Zé de Déa curvou-se bastante. Foi disparado um tiro que atingiu-o nas costas, parece que afetando sua espinha.

Levaram-no para um hospital onde já chegou em coma.

Avisada a família, todos esperavam o desenlace para qualquer momento e até os médicos admiravam-se da resistência do moribundo.

Passaram-se um, dois e só no terceiro dia lembraram-se que ele tinha uma hóstia no corpo e não morreria enquanto a mesma não fosse retirada.

(Essa hóstia, que muita gente no sertão usava para fechar o corpo, era conseguida durante a comunhão: o fiel não engole toda a hóstia, tira uma partícula da mesma, depois faz uma incisão na pele do pulso ou do braço e coloca-o na fissura que permanecerá ali depois da cicatrização.)

Foi, ao que nos parece, a irmã de José quem lembrou-se da necessidade de abrir o corpo para que o irmão tivesse o descanso da morte.

Assim foi feito e o mesmo partiu em paz, para o além.

Por sinal que a gente de Maria Bonita deve ter sido perseguida pelo signo da violência. Ainda nos primeiros anos da década de quarenta envolveram-se em um conflito gerado por sumiços na criação de cabras.

Foi uma briga de facão que deixou dois mortos e alguns feridos e que explodiu entre sogro, genro, cunhados e familiares.



Dondon, irmã de Maria Bonita, em foto tirada pelo dr. Luis Wanderley Torres e gentilmente cedida ao autor.

Dona Déa, a mãe da rainha dos cangaceiros, deixou o mundo dos vivos mais ou menos no ano de 1964 ou 1965, em virtude de ter sido picada por uma cobra e haver se recusado, terminantemente, a tomar a injeção de soro antiofídico.

Não quis tomar, não tomou e morreu.

Seu marido, José Felipe, acompanhou-a um ano depois, tendo falecido com 85 janeiros, pois era nascido em 1880.

As melhores descrições sobre Maria, durante o tempo em que viveu no cangaço, são as de seus companheiros e companheiras.

Existem opiniões favoráveis ou negativas quanto à figura de Maria, dependendo tal avaliação do grau de amizade ou antipatia entre a mesma e os informantes.

Jovem ainda casou-se com um sapateiro de Santa Brígida, José de Neném, com quem não chegou a ter filhos por ser o mesmo estéril, segundo informações de primos, vizinhos e conhecidos do mesmo.

O casal vivia às turras e toda vez que brigavam Maria refugiava-se na fazenda de seu pai, onde permanecia até assentar a poeira do desacordo.

Primeiro vamos fazer a descrição da moça vista pelos olhos do único escritor do assunto cangaço que teve a oportunidade de conhecê-la em vida.

Referimo-nos a Joaquim Góis, que esteve na casa do casal em Santa Brígida, junto com seu sargento, Manoel Rosendo, quando foram fazer algumas encomendas.

Transcrevemos com suas próprias palavras a figura de Maria, como o mesmo o faz na p. 212 do seu já citado livro.

"E, ao seu lado uma cabocla apagada, rosto de linhas inseguras, olhar vago e fugidio, corpo solto no desalinho e no mau gosto de um vestido barato, de chita ordinária, marcado de cores berrantes, costurado à moda de como costuram as mulheres de fins de rua das cidades pequenas. Pés grandes, esparramados dentro de duas sandálias grosseiras, e rosto comprido, moles, desbotadas; mãos de unhas sujas, mãos pequenas, descuidadas; duas argolas velhas de couro duvidoso caíam-lhe das orelhas; cabelos de um castanho fosco, penteados em um volumoso cocó, bem aprumado, um pouco acima da nuca; pescoço curto, queixo atrevido, boca carnuda escondendo desejos; lábios corados como uma fruta entreaberta, pedindo carícias; seios bambos, caídos quadris batidos; pernas fortes, semblante sem a beleza de um

sorriso meigo, quase duro na sua expressão. Mulher só para ser desejada pela sensualidade pacata do remendão de Santa Brigída ou pelo amor distorcido e violento de Lampião.

De mulheres vulgares como Maria de Déa, está cheio este sertãozão de meu Deus."

Até aqui como o nosso Joaquim a viu na casa do sapateiro, em Santa Brígida; vejamos outras descrições.

Segundo nos declararam, nos fins de 1929, Lampião encontrou-se com a moça, ali na fazenda Malhada da Caiçara, onde a mesma estava curtindo uma das suas inúmeras desavenças conjugais.

Teria ela nessa ocasião vinte e um para vinte e dois anos, morena, cabelos pretos, rosto mais para redondo, nariz proporcional e bem feito, lábios cheios em boca de dentes perfeitos, pernas grossas. O traseiro batido, segundo Balão.

Os olhos, ah! os olhos eram azuis.

Essa confirmação feita a nós pela própria irmã de Maria, a dona Dorzina, que tão bem nos recebeu, na verdade causou-nos espanto.

Já ouvíramos, vagamente, alguma referência sobre os olhos azuis de Maria, mas a maioria das informações sempre falavam na cor castanha.

Quando conversamos com dona Dorzina e ao perguntarmos sobre a cor dos olhos de Maria, a mesma nos disse: — Azuis.

Estranhamos e respondemos: — Mas azuis, de onde viria essa cor azul?

— Vem do sangue holandês de nossa família, respondeu-nos ela.

— Ah, disse eu, os holandeses estiveram na Bahia, Pernambuco, Alagoas, são todos perto, e no período longo, que vai de 1630 a 1654, deve ser hereditário.

— Não dr. Amaury, é que minha avó imigrou da Holanda para o Brasil em 1850, casou-se com um português e foi morar na região de Santa Brígida. O azul dos olhos de Maria vem dessa nossa avó.

Por certo muitos estudiosos do assunto vão duvidar de tal informe. É fácil comprová-lo, é só conversar com alguém da irmandade de Maria que ratificarão.

Depois que Lampião viu Maria pela primeira vez passou a rodear a casa dos pais da jovem.

Apaixonou-se perdidamente.

Foi correspondido de corpo e alma pela jovem, ainda mais que a mesma, repetimos, era mal casada.

Encontraram-se várias vezes ali, nesse fim de 1929 e no ano seguinte.

Dona Déa favorecendo o namoro de todas as formas possíveis. Seu marido José de Felipe, ao contrário, curtia maiores receios, pois atrás dos cangaceiros começaram a surgir as incômodas volantes a roubar-lhe o sossego e a paz.

Viu-se obrigado a pedir ao "rei do cangaço" que espaçasse suas visitas ou mesmo que evitasse fazê-las, em decorrência dos transtornos que estavam causando a todos da sua família.

Assim foi feito.

Lampião tentou refrear seu amor, seu desejo incontido pela carne vibrante da fogosa morena.

Às vezes mandava buscar um tocador de harmônica ou um violeiro que fosse também cantador e ficava ouvindo as canções e com uma dor de cotovelo danada.

O grupo todo ficava escutando e tomando cachaça e às vezes gozavam a paixão do chefe.

Uma noite, quando os vapores da bebida já tinham subido para a cabeça de todos, a saudade deve ter apertado tanto o tirano chefe que tirou o chapéu da cabeça jogou-o no chão e disse:

— Pode cagá aí dentro cambada! Podi cagá por minha conta!

Não aguentou mais e foi buscar Maria para viver em sua companhia no grupo.

Isso aconteceu nos últimos meses do ano de 1930.

Estava aberto o precedente. Dali para a frente, os chefes de grupos e muitos cabras passaram a se fazer acompanhar por amantes, amigas e até esposas.

Esse episódio nos foi contado tanto por cangaceiros e cangaceiras como também por parentes e conhecidos de Maria, que viram e participaram do despontar de seu romance, que deve ter sido assim mesmo, mas o poeta Pereira Sobrinho com a liberdade da imaginação que é permitido aos aedos, sertanejos ou não, viu assim o princípio dessa união.

"E Lampião com o resto
enfrentando a qualquer risco

veio acampar bem pertinho
do Rio São Francisco.
Mandou fazer alpercata
Por Luiz Pedro e Corisco.

Eles foram a Cachoeira
com a maior precaução
na casa de um sapateiro
pediram uma informação
saiu de dentro uma dona
disse Luiz; ô peixão!

Disse a dona: aqui se faz
com a melhor perfeição
meu marido é sapateiro
mas quero uma explicação
a que grupo estão ligados
Luiz disse: a Lampião.

Ela aí mudou de cor
e tomou suspiração
depois disse: eu só queria
ainda ver Lampião
porque foi o único homem
a quem dei meu coração.

Fizeram vinte encomendas
e sem demora voltaram
e lá no acampamento
tudo a Lampião contaram
em risos e gargalhadas
a conversa terminaram.

Com quinze dias depois
Luiz Pedro e Lampião
foram ver as encomendas
para sair do sertão
assim que chegaram ela
disse logo a pretensão.

Meu nome próprio é Maria
embora você estranhe

o que vou lhe dizer
talvez nisso nada ganhe
quer me levar hoje consigo
ou quer que eu lhe acompanhe?

Lampião era de aço
porém diante à beleza
daquela mulher mimosa
com um porte de princesa
Cabelos e olhos grandes
parecendo uma duquesa.

Morena cor de canela
dessas que o vento palpita
Muito bem feita de corpo
lábios da cor de uma fita
disse Lampião: te levo
minha "Maria Bonita".

Mas deixemos os devaneios do poeta e voltemos à realidade da vida cangaceira que fora escolhida pela jovem sertaneja.

Que força estranha tem o amor!

Maria deixou a tranqüilidade de um lar, onde fazia e desfazia, no qual o marido aturava passivamente suas crises de mau humor, e por livre e espontânea vontade para por opção própria, atirar-se na incerta vida de aventuras, sofrimento, percalços e sangue que podia lhe oferecer o senhor das caatingas.

Seria este o seu destino? Já estaria sua sina traçada para passar por tudo isso quando do seu nascimento?

Realmente são imperscrutáveis os caminhos da existência.

Deveria ela prever que a vida com os bandoleiros só poderia terminar no triste fim que sofreu. Como aceitar então sua passividade perante esta terrível possibilidade? Aliás, possibilidade não, quase uma certeza imutável!

Pois partiu satisfeita ao lado do amante, sem ver que o espectro negro da morte caminhava ao seu lado.

Nos primeiros tempos Maria e também as outras mulheres que logo em seguida vieram juntar-se ao grupo, ficaram nos coitos, não acompanhavam os amantes nas razias praticadas.

Ela e as companheiras que optaram por este modo de viver, eram todas filhas daquelas brenhas, carrascais e socavões de

serra. Habituadas à rudeza daqueles matos agressivos, malcriados e perigosos.

Mas, entre viverem ali, terem um teto sobre a cabeça, comida e água a contento, a proteção da família e o morarem em baixo de árvores, sofrendo sede, tendo que disputar o alimento para não morrerem de fome, não há dúvida que a primeira alternativa é a escolha acertada. Enfim a opção foi delas.

O cangaceiro, sempre com excitação sexual, e a morena, amorosa e receptiva, não poderia acontecer diferente do que acabou acontecendo. Lá um dia, nos meados do ano trinta, Maria aparece grávida. O ventre vai arredondando, crescendo, e no ano seguinte, pronto. Nasceu um menino...

Morto.

Essa foi a primeira de quatro gestações de Maria. Somente uma menina teve a sorte de sobreviver.

Essa criança que nasceu em Sergipe, sob um pé de umbu existente na fazenda Enxu, de propriedade de Zequinha A. Tavares e que foi criada pelo vaqueiro ali residente, de nome Severo Mamede e pela esposa do mesmo, dona Aurora, viu a luz do dia no final do ano de 1932 ou início de 1933.

Assistiu à gestante nos trabalhos de parto uma curiosa, a aparadeira dona Rosinha, moradora nas imediações da fazenda Pedra D'agua, e que provavelmente salvou a vida da nascediça, pois os outros três partos foram feitos sem qualquer auxílio e as crianças faleceram.

Foi batizada com o nome de Expedita e viveu ali até pouco depois da morte dos pais.

Por sinal, a trama na qual tomou parte o vaqueiro Severo Mamede foi bem arquitetada. A esposa do mesmo estava grávida e teve uma menina com poucos dias de diferença da filha de Maria. Logo em seguida receberam a criança e espalharam a notícia de que o parto havia sido de gêmeas.

Jamais alguém desconfiou da verdade.

Nas poucas vezes que algum grupo passava por ali para visitar a criança e levar-lhe algum presente, tinha sempre que levar em dobro, pois a menina dizia:

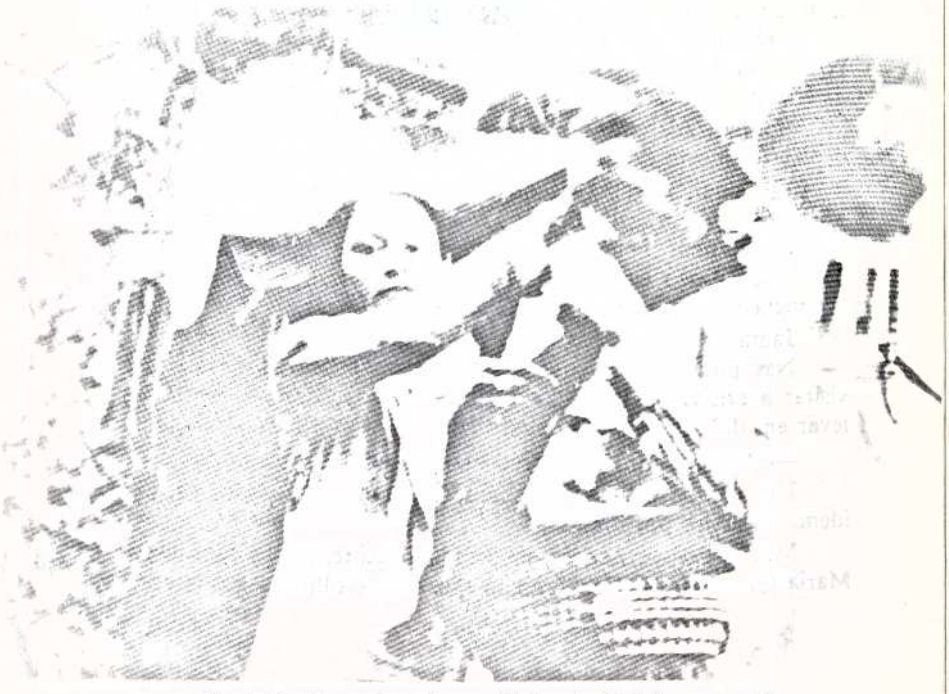
— E o da minha irmã?

Um par de brinco? Tinham que levar dois. Um vestido, idem. E assim por diante.

Muitas pessoas, mulheres principalmente, perguntam-nos se Maria foi sempre fiel ao homem que ela escolheu.



Maria Bonita, grávida, em traje civil, escolhendo algumas correntinhas de ouro que estão no braço do cabra Sabonete.



Maria Bonita penteando os cabelos do "rei do cangaço".

Os que conviveram com eles, tanto os homens quanto as mulheres, são unânimes em afirmar que sim. Nenhum deles tem motivo algum para ter a mais leve sombra de desconfiança quanto ao procedimento da moça para com o Rei do Cangaço.

Quando se comenta com os mesmos as insinuações de uma possível traição com seu cabra de mais confiança, e também compadre, Luiz Pedro, insinuação esta aventada por conhecida coiteira de Sergipe, todos respondem indignados que não, é falsidade, invenção e mentira.

Põem a mão no fogo pela honestidade de Maria.

Agora, já com Lampião a história era diferente, embora amasse Maria não deixou de participar de muitos "gera" (curra) praticado por seus homens, tendo o privilégio de ser sempre o primeiro.

Mas embora tendo essas relações "extraconjugais", seu coração sempre pertenceu à morena da Malhada da Caiçara.

Entregava-se a esses "divertimentos" somente de corpo, jamais de "alma", que realmente estava presa ao amor da companheira.

Mas a vida em comum dos dois amantes não foi livre, contudo, de discussões e rusgas. Talvez o fato de viverem em constante tensão, pois estavam permanentemente acompanhados pelo terrível espectro da morte, impelisse-os às brigas por questões tão simples que, em outras circunstâncias seriam deixadas de lado e esquecidas; mas ali não, os nervos não suportavam e surgiam então as explosões de mau humor.

E tudo indica que o gênio de Maria era difícil de ser controlado.

Os companheiros nos contam, por exemplo, que sempre que Maria e Lampião brigavam, este ficava em silêncio ouvindo-lhe ofensas severas como estas:

— Nêgo canéla di viado (referindo-se as pernas finas do cangaceiro), cégo véio da gota, nêgo véio. E assim por diante, mexendo com os defeitos físicos, a cor e a idade do considerado Rei do Cangaço.

Contudo, amavam-se.

Prova disso vamos encontrar no livro "Lampião", do comandante de forças volantes Optato Gueiros, que conversou com uma pessoa que conviveu com Lampião e Maria Bonita por mais de seis meses, e forneceu-lhe informações sobre o casal.

Esse informante foi o cinegrafista Abrão Benjamim, que contou uma desavença presenciada por ele no tempo em que permaneceu com o grupo.

Diz ele nas pp. 138 e 139, da segunda edição da obra citada:

— "Uma só vez — respondeu — por questão de ciúmes pareceu-me. Fez Lampião uma viagem, deixando-nos em certo lugar, e disse à mulher que sem falta estaria de volta dentro de dois ou três dias; aconteceu, porém, que só regressou com cinco dias depois do trato. Maria Bonita "pegou fogo" e recebeu o amante com os seguintes termos:

— Já sei que essa demora toda foi em casa das Bezerras, não foi? Se eu fosse você, não voltaria mais, de lá mesmo eu me danaria no mundo.

— Deixa de besteira Maria, eu quero é almoçar, que estou danado de fome. E fale mais baixo, que eu soube da macacada na Baixa Grande — arrazoou Lampião.

— E tomara que eles chegassem logo — respondeu — quando eu estou danada assim, só tenho vontade é de ver o diabo levar tudo pra o inferno.

— Acaba com isso — replicou — deixa as valentias pra tropa quando chegar.

— Você já deve ter visto que eu não temo a tropa, nem a você, nem a ninguém de Itacurubá, concluiu. Virgulino, sem prestar-lhe mais atenção, assentou-se numa pedra e Maria, como que nada houvesse acontecido, começou a botar o almoço e a mangar de Lampião que havia rasgado a calça e trazia quase toda a perna esquerda, a qual dizia Maria Bonita, era tão fina quanto um graveto".

O nosso amigo Joaquim Góis quando esteve visitando os familiares de Maria, lá na fazenda Malhada da Caiçara, ouviu da própria boca do pai da cangaceira a seguinte passagem daquela vida cheia de sofrimentos e luta.

José de Felipe contou-lhe o seguinte:

Do coito onde nasceu Expedita, a filha de Lampião com sua companheira Maria, para as terras da fazenda "Inchu", em Sergipe, onde deveria ficar a criancinha, são trinta léguas. Mas trinta léguas dessas de beiço, das que o diabo mediu de cócoras em dia de mau humor.

Era um tempo calorento danado. A caatinga exalava um bafo quente, parecendo boca de fornalha.

Maria tinha tido um resguardo de trinta dias e só na véspera é que tomara o seu primeiro banho frio, agira igualmente como todas as mulheres sertanejas.

Fez uma tipóia de uma tolha, passou-a obliquamente no corpo, tendo por suporte o pescoço, colocou a criança a tiracolo e partiu junto com o grupo com destino à fazenda "Inxu", situada nas margens sergipanas do Rio São Francisco. Aí a criança deveria ser entregue ao vaqueiro Severo Mamede, pessoa indicada e escolhida a dedo para criar a filha de Lampião.

Dizem que o intermediário da escolha desse vaqueiro, em arranjo com o proprietário dessas terras, Zequinha A. Tavares, foi o coronel João Maria de Carvalho, chefe político de Serra Negra e o próprio Rei do Cangaço.

Voltemos porém, a falar da viagem do grupo, no rumo da casa do vaqueiro Severo Mamede.

No segundo dia, os cangaceiros dirigiram-se para umas "pias" com a finalidade de reabastecerem-se de água. Encheram as "borrachas", cabaças e cantis e seguiram o rumo desejado. Maria, por encontrar-se ocupada em cuidar da criança, foi a última a encher sua cabaça. A menina chorava desconsoladamente, talvez em virtude do calor e debalde a mãe tentara amamentar-lhe, atrazando-se em relação aos companheiros que já caminhavam mais à frente.

O sol foi ficando cada vez mais quente, a caatinga parecia que iria transformar-se em uma fogueira a qualquer momento.

Os cangaceiros já estavam a uns duzentos metros adiantados em relação à Maria, que ia ficando para trás, isolada.

A criança continuava chorando, sem que a mãe conseguisse aquietá-la, esta foi perdendo a paciência e começou a praguejar, gritando pelos companheiros que, indiferentes avançavam cada vez mais.

Quando Maria começou a gritar, chamando a atenção dos companheiros, Lampião mandou o pessoal se proteger da canícula infernal sob a sombra de um umbuzeiro.

Sentado em uma raiz dessa árvore, o monarca das caatingas ficou esperando a chegada de Maria. Retirou o grande chapéu de couro da cabeça e colocou-o sobre os joelhos.

Maria vinha caminhando sob o sol ardente e só se ouvia o seu praguejar. A rainha do sertão estava nervosa, irritada e mais brava que onça fêmea acuada com os filhotes na toca.

Ao aproximar-se gritava como uma possessa:

— Cambada de fi'da peste, mundiça miserave. Ocêis num tão veno issu não?

E virando-se para o companheiro, que a olhava em silêncio, gritou:

— E esse outro fi'da peste! Muleque! Canela de viado, tamém num tá veno isso não? Num vê qui a minina tá choranu i qui eu tenho qui anda mais divagá? U qui é qui ocê tá pensano, seu cego véio!

Ninguém se atrevia a responder, só depois de muito xingamento, com Maria falando tudo o que queria e pensava, foi que Lampião, com início de sorriso a despontar-lhe nos lábios, apontando para a criança disse:

— Mate isso...

Foi o suficiente para que, como uma tresloucada, Maria partisse para ele e rebentasse a cabaça cheia d'água na cabeça do Rei do cangaço, que todo molhado, apenas ria da violência e da reação da mulher.

Os cangaceiros acharam o fato jocoso, acharam graça e um dos mais divertidos disse:

— Guenta Capitão! Qui hoji dona Maria tá é virada numa seprente choca! Tá é uma jararaca brava!!!

Com dois dias mais de viagem chegaram na fazenda "Inxu", e dona Aurora, a esposa do vaqueiro Mamede, passou a amamentar o fruto da união de Maria com Lampião.

Um nosso cliente, José Alves Araújo, natural de Pernambuco, contou-nos um episódio acontecido quando tinha de oito para nove anos.

Sua família habitava no lugar chamado Serrota, que fica bem no pé da Serra de Águas Belas, isso mais ou menos pelo anos de 1936.

Não muito distante dali, no topo da serra, morava um amigo do seu pai, conhecido por Mané Belo.

Mané Belo, embora grosso de corpo era baixo em estatura, e aconteceu certa boca de noite de ser surpreendido pela chegada de um grupo de pessoas em sua casa.

Era Lampião.

Perguntou-lhe se conhecia tudo por ali.

— Sim, respondeu o sertanejo.

— Pois eu tô cum um baliado i ocê vai descê a serra cum nóis. Agora.

A serra é a prumo, ribanceiras lisas e perigosas, já difícil de se descer à luz do dia, quanto mais à noite.

— Tá bem. Vamo descê, disse Mané Belo.

Sob o escuro dos galhos de uma árvore que existia ali, aguardavam alguns cangaceiros com o ferido. Lampião disse:

— Vamo pegá o baliado qui ocê vai descê cum ele nas costas.

Foram até onde estavam os outros e Mané Belo assus tou-se.

O ferido era uma mulher.

Maria Bonita!

Mané Belo disse ao cangaceiro:

— Capitão Lampião, assim num dá pra descê. Um homi du meu tamanho carregá ua muié cum essi corpo... Na serra num tem caminho, é di noite num si vê nada cum essi iscuro todo. Num dá capitão.

O cangaceiro não aceitou os argumentos e retrucou sem delongas, seco e ríspido:

— O desci, o morri. Iscolha.

Diante desse triste dilema, Mané Belo fez das tripas coração, encontrou forças no medo da morte e acabou aceitando a incumbência que lhe foi imposta.

Colocaram Maria Bonita em suas costas e desceram. Levando escorregões, dando topadas em pedras, sendo lanhado por galhos secos, às vezes segurando-se nos arbustos espinhosos, lá se foi com sua carga que, vez por outra gemia e reclamava do açoite de algum galho.

Ainda era noite alta quando passaram pelo terreiro da casa do seu amigo Antônio Alves de Araújo, e só foram parar para descansar e comer alguma coisa um pouco à frente da fazenda Curral Novo, na casa de Camilo Calangro.

A madrugada ia embora quando Antônio A. de Araújo levantou-se, tomou café preto e seguiu para sua roça.

Outra moradora da casa era uma tia do nosso informante, Francisca. Durante à noite escutara as pisadas macias dos cabras, todas iguais, cadenciadas e o barulhinho de um guizo que um cachorro de Lampião levava ao pescoço a despertaram do seu sono leve.

Pensou — ou é cangaceiro ou é força — e com medo de que parassem ali na casa ficou deitada no maior silêncio e pedindo a todos os santos do céu para que livrasse sua família da presença de qualquer das duas ameaças.

Logo depois que Antônio seguira para a roça, ela saiu de casa e foi numa mina distante buscar água.



Maria Bonita em traje de cangaceira, ao seu lado (a mais alta) Cristina, sem chapéu o árabe Abraão Benjamin que obteve as melhores fotos dos vários grupos cangaceiros.



Maria Bonita entre cangaceiros que ouvem Lampião falar.

Foi aí que o menino José A. de Araújo levantou-se e quando abriu a porta da casa o terreiro estava cheio de soldados.

Eram quarenta soldados da tropa de Mané Neto.

Haviam ficado vinte homens tomando conta da porta da frente enquanto outros vinte cuidavam da parte traseira da casa.

Esperavam, provavelmente, topar com os cangaceiros ali. Não os encontrando perguntaram ao menino onde era a fazenda Curral Novo e depois de orientados seguiram para lá.

A tropa vinha cansada, estropeada, insone, mal se aguentando nas pernas.

Ao chegarem ao Curral Novo tiveram que parar um pouco para descansar e comer.

Não sabiam que a um e meio quilômetro dali estavam Lampião e sua gente comendo na casa de Camilo Calangro, quando um positivo veio lhe dar notícia da chegada da força de Mané Neto.

E ao saber quem comandava a tropa disse:

— Si aquipi logo rapaziada, qui u "Cachorro Azedo" taí nu Currá Novo. Vambora.

Partiram e poucos dias depois Maria Bonita estava restabelecida.

As pessoas que conheciam Mané Belo se admiravam de como conseguira descer a serra à noite, carregando a mulher baleada.

Só mesmo pelo pavor da morte.

Houve um outro episódio, também envolvendo Maria Bonita, no Estado de Pernambuco onde parece que a sorte não lhe sorria, pois saiu baleada, uns dizem nas costas e outros afirmam nas nádegas.

Foi quando o grupo atacou a vila de Serrinha do Catimbau, nas proximidades de Garanhuns.

Era dia de feira, um sábado do mês de junho, época das festas de São Pedro e São João, bem cedo o grupo tentou avançar, ainda escuro, mas Maria Bonita não se sabe porquê, estava com seu vestido branco de bolinhas e seu vulto se destacava contra a escuridão da madrugada.

A resistência foi feita pelo delegado Antônio Cacheado e mais alguns civis seus parentes, auxiliados pelo destacamento local, composto por dois soldados.

Logo aos primeiros tiros, Maria foi atingida e o grupo pro-

curou retirar-se, deixando ainda, morto, um dos cachorros treinados que possuíam.

Conversei com pessoas da região que ouviram o tiroteio mas, em virtude da época festiva, acreditavam serem estouros de rojões. Ao chegarem, a cidade fervia, aquele alvoroço, comentários, receios de que os cangaceiros voltassem, controvérsias sobre quem havia sido ferido, pois acharam manchas de sangue.

Duas volantes chegaram a Serrinha e caíram no rastro dos cabras.

Uma comandada pelo encarniçado perseguidor de Lampião, Manoel Neto, tão ferrenho inimigo que os cangaceiros o chamavam de "Mané Fumaça", além de entre eles, pelo apelido depreciativo colocado por Maria Bonita, de "Cachorro Azedo".

Os cangaceiros prenderam algumas pessoas que rumavam para a feira e os obrigaram a que levassem a mulher ferida até um lugar cheio de pedras. Lampião posteriormente liberou-os para que retornassem, dizendo-lhes até que poderiam dar informações à polícia de sua pista, não precisavam negar nada. Saiu dali com seus cabras, escondendo o rastro por sobre as pedras e tomou um caminho paralelo ao que fizera quando saíra de Serrinha.

Observou ainda e viu as volantes passarem trazendo por guias as mesmas pessoas e depois seguiu com Maria e os outros. Desceram uma serra quase a prumo, porém ajudados pela luz do dia e foram tratar do ferimento da moça em lugar seguro.

Alguns autores comentam com entusiasmo os dons de Lampião como médico, dentista e parteiro.

Procurei saber da veracidade dessas informações.

Quanto ao cuidar de ferimentos, todos, mas todos eles deviam ter tal habilidade, pois era isso necessário para a sobrevivência coletiva e individual.

Quanto às avulsões dentárias, todos os ex-cangaceiros e cangaceiras com quem falei sobre o assunto negaram que qualquer deles soubesse fazer extrações. Talvez um dente abalado pela paradentose (piorréia) pudesse ser tirado até com os dedos, mas fazer avulsão de um dente bem implantado, sem anestesia e sem boticão? Eu pagaria para ver!

Por mais que digam, eu mesmo, em minha profissão, andei tratando e extraindo dentes daquela gente, em meu consultório, com recursos atuais e mesmo assim vi as dificuldades pela excelente calcificação óssea que apresentam.



Maria Bonita com cangaceiros em viagem pelo interior da caatinga.

Ao terem que cuidar dos dentes (extrações e mesmo algumas coroas de ouro, como aconteceu com Lampião, Maria e alguns outros que as colocaram nos dentes anteriores) entraram em entendimento com o prático conhecido por Mestre Náro que foi convidado e aceitou fazer o tratamento desse pessoal em plena caatinga.

Levou seu instrumental e cuidou o que melhor lhe foi possível naquelas condições.

Quando terminou de cuidar da gente de Lampião, foi levado para tratar do grupo de Corisco.

Corisco junto com o seu compadre Luiz Pedro guiavam Mestre Náro, e os três durante a caminhada tinham que passar pela fazenda Mandacarú, onde encontrara-se com a volante de João Bezerra que, depois de um rápido tiroteio, prendeu o prático em odontologia que foi considerado como um cangaceiro preso em combate.

Ao visitarmos João Bezerra em sua casa, em Garanhuns, tocamos no assunto e o mesmo afirmou-nos que "só depois soube que o prisioneiro era efetivamente um paisano".

Outras mulheres chegaram a ficar disfarçadamente nas cidades para fazerem tratamento dentário ou médico.

Mas vamos ao mais importante em um volume que trata do assunto mulher. E os partos, seria Lampião realmente o parteiro eficiente que se apregoa?

As mulheres do bando com quem conversei negam veementemente tal pendor.

Dizem que quando estava chegando a hora ficavam junto a alguma amiga por quem mantinham mais amizade e que se auxiliavam na "boa hora".

Homem nenhum ajudava no momento de "despachar-se", Lampião menos ainda.

Essas informações são fiéis por provirem de mulheres que viveram no cangaço, tiveram filhos durante esse tempo e sabem portanto o que estão dizendo.

Outrossim, reforçando tal argumento, o único parto de Maria que vingou, como já o dissemos atrás, ocorreu pela presença da curiosa Dona Rosinha.

Por sinal essas cangaceiras demonstravam surpresa quando dizíamos que alguns livros noticiavam Lampião como parteiro.

— Imagine! Num sei disso não!

— Virgi, nunca vi falá nisso!

Foram essas algumas das expressões que ouvimos delas ao tocarmos nesse assunto.

Aliás não foram somente sobre a aptidão obstétrica de Lampião que se cometeu exageros e distorções.

No livro "Lampião", de Ranulfo Prata, entre as pp. 180 e 181 está inserida uma folha com várias fotos, uma das quais da família de Maria Bonita; diz a legenda que ela, Maria, teria se destacado no sangue do povoado Bembom.

No mesmo livro à p. 209, temos: "No dia 8 de julho último, à frente de um bando de dezenove cabras bem armados e municiados (de oito passou a dezenoze) chegou às margens do Rio São Francisco, saqueando os povoados baianos de Bembom, na margem esquerda, e Oliveira, na direita. O primeiro pertencente ao município de S. José de Casa Nova e o último ao de Santo-Sé".

Pois bem, em janeiro de 1977 empreendi viagem até o povoado de Bembom, pois o mesmo estava em vias de ser coberto pelas águas da represa do Sobradinho (como realmente o foi juntamente com Remanso, Pilão Arcado, Casa Nova e Santo-Sé) e conversei com antigos moradores sobre essa notícia do sangue e do saque, realizados por Lampião, Maria Bonita e outros.

Negaram a veracidade de tal afirmativa. Disse-nos um velho morador que Lampião jamais estivera ali, muito menos Maria Bonita.

"Estiveram em Santo-Sé, onde teriam ateado fogo em uma casa comercial, e cuja fumaça subindo aos céus em colunas escuras se via daqui", disse-me um senhor.

Insisti, baseado nos informes do livro, sobre o saque e sangue mas tornaram a negar a veracidade dos mesmos.

Notícias fantasiosas e inverídicas criaram uma imagem falsa e distorcida do casal.

Já bastam os crimes, muitos, de Lampião, para que imputar-lhe os que não cometeu?

Quanto à Maria, a única referência sobre desacertos seus seria esse de Bembom, que como lemos atrás, foi desmascarado por habitantes dali.

Uma outra referência a Maria beber sangue, foi feita por pessoa que dizia ter presenciado tal ato quando pertencera às falanges do cangaço.

Posteriormente esclareceu-se que era um impostor, suas declarações perderam então todo valor, por sinal já se haviam



Maria Bonita, com vestido civil, tendo ao lado o cangaceiro Juriti.

perdido quando recorremos à memória excepcional de uma antiga integrante do bando e que não tinha razão nenhuma de mentir, favorecendo a Maria Bonita por quem não nutria grande simpatia. Sentimento, aliás, recíproco por ambas as partes.

Essa pessoa negou com todas as forças que a rainha do cangaço fosse capaz do ato que lhe imputava o pretenso cangaceiro.

Disse-nos textualmente:

— É aleive, doutor. Maria era uma mulher muito escrupulosa, num faria isso. Nunca vi falá qui tivesse feito e também nunca vi fazê!

Dissera o falso cangaceiro que quando mataram certa pessoa, em Sergipe, a companheira do Rei do Cangaço teria experimentado o sangue que aparara numa caneca. O mentiroso, além disso, afirmara estar presente ao ato vampiresco.

Por sinal o poeta Antônio Teodoro dos Santos escreveu alguns versos descrevendo a defesa da criança que nascera da união, mostrando os bons sentimentos da mulher.

Vejamos a cena que o vate descreve em "A Vida de Lampião":

"Essa elegante baiana
Era a "misse" do sertão;
E por Maria Bonita
Batizou-a Lampião;
A natureza os uniu
Os dois num só coração.

Nasceu um anjo inocente
Desse laço de amizade
Que no berço do cangaço
Sofreu grande crueldade
Tomando o calor do sol
A chuva e a tempestade.

Certa noite essa criança
Chorava com grande frio
Pois estavam abarracados
Na ribanceira d'um rio;
Lampião disse: Nestante
Vou matar este bugio!

Ia direto prá rede
Com grande punhal na mão
Dizendo: Ninguém conhece
O gênio de Lampião...
Nisto Maria Bonita
Manobrava o mosquetão...

Pôs na frente o pé direito
E gritou prá Lampião:
Si quiser mate o menino
Mas vê nossa perdição;
Abriu-se agora o inferno
Hoje se soltou o cão!

Lampião ficou vermelho
Que parecia pimenta;
Criou na testa uma veia
Um murundú sobre a venta;
Mas vendo que estava errado
Não fez sua água barrenta."

Dentre todas as cangaceiras foi Maria Bonita a única a merecer dos vates caboclos a honra de ter sua vida descrita em versos, em um cordel feito especificamente com essa finalidade.

Exaltada teve a rainha do cangaço seu nome citado, versado, rimado, cantado em vários livretos, mas o de Antônio Teodoro dos Santos, que leva por título "Maria Bonita, a mulher cangaço", impresso em 1963 pela Editora Prelúdio Ltda., é o primeiro e único a falar só dessa cangaceira.

Nenhuma outra, das inúmeras sertanejas que viveram aquele episódio, tiveram o merecimento para inspirarem algum vate nordestino.

Como este capítulo cuida de informar sobre a figura dessa sertaneja, vamos transcrever alguns versos do referido livreto para deleite e lazer do leitor.

O poeta inicia falando de outras mulheres, algumas guerreiras também, como Joana D'Arc, Anita Garibaldi, Ana Neri, Maria Quitéria, do lugar de suas origens e dá outros informes e justifica o porquê de merecer ser cantada em versos rimados, neste que se segue:

"Bem perto da Cachoeira
De Paulo Afonso chamada
Pelo lado da Bahia
Essa jovem foi criada
Por seu destino forte
O grau da tirana sorte
Fez sua vida narrada."

Logo depois afirma do conhecimento que todas as pessoas tem do assunto e descreve a região.

"Maria Bonita é
Um nome que radiou
Igual a Estrela Vênus
Que no espaço brilhou
Quase todo brasileiro
Sabe o nome cangaceiro
Que o desespero criou.

A sua terra natal
É bonita região
Onde o Rio São Francisco
Jorra água em borbotão
Geme a água no rochedo
Onde Deus riscou de dedo
Esse rio lá no sertão

Das fronteiras do Nordeste
É o sertão mais falado
Tem montanha, tem planície
E tem terreno ondulado
Onde os verdes juazeiros
E os redondos imbuzeiros
Dão a beleza ao prado.

Calumbi, unha de gato
Lambe-beiço, xique-xique
O carquejo, a palmatória
Os mandacarus a pique
Cunanã e imburana
Onde a onça suçuarana
Dança o samba estremelique

Terra de cenas lendárias
Do barbatão, do vaqueiro
Dos gemedores trovões
Pelo mês de fevereiro
Nesse canto do Brasil
Já houve grande covil
Descanso do cangaceiro.

Chorrochó e Curuçá
Até Pedra do Belmiro
O homem tinha valor
Sendo ligeiro no tiro
Se bebesse pelo ano
Dez litros de sangue humano
Como se fosse vampiro."

Nesse verso acima existe um erro de denominação geográfica: Pedra do Belmiro não existe, o correto é Pedra de Delmiro, em homenagem ao criador dessa cidade e da indústria de linhas "Estrela", o grande Delmiro Gouveia.

Mas continua o vate descrevendo o físico, o modo de agir e pensar da referida jovem.

"Nesse tempo gigantesco
Nasceu Maria Bonita
Cresceu naquele ambiente
Daquela vida esquisita
Mas era linda e faceira
Usando na cabeleira
Formoso laço de fita.

Maria Bonita era
Nos doze anos de idade
O tipo da sertaneja
Que o vate chama beldade
Desde o tempo juvenil
Seria uma "miss" Brasil
Se morasse na cidade.

Era branca amorenada
Os lábios da cor-de-rosa
Olhos graúdos, brilhantes

Como estrela luminosa
Tinha ela a simetria
A graça e a simpatia
De uma jóia preciosa.

Seu busto era burilado
Com capricho e com amor
Pela mão misteriosa
Do soberano escultor
Que fez com carícias ternas
Lindas batatas das pernas
Cada uma era uma flor.

Porém Maria Bonita
Tinha duro o coração
Tanto tinha de beleza
Como de disposição
Montava burro e cavalo
Só se ouvia o estalo
E o estremecer do chão.

Maria já moça feita
Era a flor da redondeza
Diversos foram os rapazes
Que choraram de tristeza
Porque ela assim dizia:
Só casarei algum dia
Com quem não banque moleza.

Casarei com um rapaz
Que saiba quem ele é
Pois eu o experimento
De soco e no cangapé
No punhal e no facão
Na bala do mosquetão
Que o côco vire coité."

Depois de narrar seu namoro e casamento, o poeta fala das primeiras desavenças do casal.

Conta também que a moça achava o marido pacato demais, ameaçando ainda abandoná-lo para viver em companhia de Lampião.

Continuou assim seus versos:

"Nisso Lampião estava
Lá na casa de um coiteiro
Que contou tudo p'ra ele
Quem ali tinha dinheiro
Ou se havia soldado
No mais próximo povoado
Desse Nilo Brasileiro.

Também disse: Capitão
Saiba vossa senhoria
Que tem em fazenda tal
Uma fruta de valia
É uma mulher casada
Não há princesa encantada
Mais bela do que Maria.

Porém é mulher valente
Não dá leite com escuma
O marido não resolve
Em casa coisa nenhuma
Mas, p'ra ter dela a beleza
Aqui nesta redondeza
P'ra primeira falta uma.

Lampião disse: — Eu já tive
Uma moça em companhia
Porque não se portou bem
Já entrou na terra fria
Mas devido a boniteza
Devo me unir à princesa
Do Estado da Bahia.

Lampião pegou a pena
Escreveu para a Maria
Porque era "capitão"
Tinha boa caligrafia
Ajeitou bem a luneta
E com decente caneta
Desta maneira escrevia.

Excelentíssima senhora
Dona Maria Bonita
Vai aqui o meu recado
Sei que a senhora acredita
Eu sou Capitão Ferreira
Que p'ra sua companheira
Da senhora necessita.

Este é meu portador
É de toda a confiança
Vai um cavalo selado
Que marcha com segurança
Se não vier eu vou lá
Pois quando a sorte não dá
Com razão a gente avança."

Descreve a ida do portador acompanhado por Beija-Flor, um dos cabras de sua confiança e a chegada na residência é assim cantada:

"José, o marido dela
Vivia de sapateiro
Grosava no cavalete
Uma pele de carneiro
Ficou bem acelerado
Vendo um homem apetrechado
Bem cedo no seu terreiro.

O cabra nesse momento
Foi entregando a escrita
Maria leu e sorriu
Não mostrou-se nem aflita
Beija-Flor disse: — Senhora
Monte e deixe de demora
Enquanto a bala não grita!

Perguntou-lhe seu marido:
— Que é que esse homem quer?
Beija-Flor lhe respondeu:
— Já falei para a mulher
Não entre nesse apertado
Venho eu aqui mandado
Pior do que Lúcifer.

O pobre daquele homem
Alheio aquela questão
Supunha que sua esposa
Lhe amava de coração
Mesmo prevendo o fracasso
Morresse feita em pedaço
Com firmeza e devoção.

Mas logo viu a pervesa
De repente se trajar
Em um vestido estampado
Como a pele do jaguar
Pôs o cinto de oleado
Lenço bonito encarnado
E um belíssimo colar.

Para o marido falou:
— Zé, você até à morte
Comigo não conte mais
Jesus lhe dê boa sorte
Mas eu prefiro a geena
Sou a gota serena
Pronunciada no Norte."

Comenta a viagem, a surpresa em que permaneceu o marido abandonado, da recepção feita pelo monarca das caatingas. Narra as promessas de amor feitas pelo casal e o decálogo que Lampião afirma ter estabelecido para norma de conduta de seu grupo.

Diz ele:

"Criei comigo uma lei
Esta tenho de cumprir
E todos do meu comando
Dela não podem fugir:
Correr para não morrer
Mas não podendo correr
O recurso é resistir.

Primeiro: Amar só a vida
Sua e de seu companheiro
Encontrando paisano
Exigir dele o dinheiro

Poupar a vida de quem
A nós desejar o bem
Quando é um bom coiteiro.

Segundo: entre o comando
Não haver turundundum
Os "macacos" do governo
Não deve deixar nenhum
Comer bem quando puder
Mas quando a coisa não der
Passar dias em jejum.

Terceiro: nunca dormir
Todos nós duma só vez
Quarto: nunca comer
Carne traseira da rês
E quinto: cumprir a ordem
Só fazer uma desordem
Se topar um mau freguês.

Sexto: nunca comer
Sem primeiro examinar
Sétimo: dormir vestido
E o fuzil não soltar
Oitavo: ter rapidez
Dar dez tiro duma vez
Ferimento não olhar.

Nono: nunca mexer
Com mulher de companheiro
Tratá-la como uma irmã
É a lei do cangaceiro
E décimo: quem vê a morte
Antes de tomar corte
Se puder mate primeiro.

Está aí minha lei
Nesta tabela traçada
Se quiser o meu amor
Pode ficar sossegada
Mas se quiser seu marido
Eu lhe levo, arrependido
Pois a senhora é casada!

Disse Maria Bonita:
— Virgulino, estou ciente
Eu vim por gosto e vontade
Não com medo de vivente
A você simpatizei
Seguirei a sua lei
Sem me dar nem dor de dente."

Prossegue o aedo falando das brigadas que o casal teve que enfrentar, da entrada de mais mulheres e novos "cabras" no batalhão do cangaço, do filho que veio ao mundo "naquele berço de espinho", a entrega da criança para ser criada fora dos perigos da vida aventureira, conta da traição e morte do casal em Angico.

Mas vamos transcrever mais dois versos que dão bem a medida do amor entre os maiores do cangaço. No primeiro Antônio Teodoro dos Santos se expressa assim:

"Os amores de Maria
Com Virgulino Ferreira
Não pode haver escritor
Que, com base verdadeira
Possa fazer um poema
Pois eles deixaram o tema
Nas folhas da quixabeira."

Já comentando a morte da mulher e do amante:

"Assim foi que essa fera
De linda fisionomia
Terminou a sua vida
Numa hora de agonia
Mas dizia Lampião
Morrerei de coração
'Tendo ao meu lado a Maria'."

Já o poeta José Costa Leite escreveu "A vida de Lampião e Maria Bonita", num folheto de dezesseis páginas.

As oito primeiras são dedicadas às aventuras do cangaceiro e na nona página ele inicia assim:

"Caros leitores eu afirmo
que até aqui só falei
no famoso Lampião

mas por direito de lei
falar em Maria Bonita
daqui por diante eu irei.

Maria Bonita era
mulher de um sapateiro
ouvindo falar nas façanhas
do famoso bandoleiro
desejou de corpo e alma
ser mulher do cangaceiro.

E sabendo que Lampião
estava ali arranchado
na casa de um fazendeiro
com toda calma e cuidado
mandou então a mãe dela
a ele dar um recado.

Certo dia uma mulher
foi visitar Lampião
se aproximou sorridente
dizendo: Seu capitão
Minha filha lhe considera
Como o herói do sertão.

Disse que a filha vivia
loucamente apaixonada
somente pensando nele
e queria ser amada
pelo herói do sertão
mesmo já sendo casada.

E o marido de Maria
era um sujeito impotente
e Maria queria um cabra
macho, bonito e valente
que sangra o outro e bebe
um gole de sangue quente

E a velha foi buscar
sua filha com cuidado
para Lampião ver ela

Levou-lhe mais um recado
Lampião vendo Maria
Ficou logo apaixonado."

Bem, até aqui o autor cuida do fato, bastante conhecido e comentado na região de Santa Brígida, de que a mãe de Maria esteve altamente envolvida nos encontros iniciais da filha com o Rei do Cangaço.

Curiosamente, após os elogios rasgados que faz a figura do cangaceiro, chama o legítimo genro de impotente.

Prosseguindo, eis o que nos narra o poeta:

"Lampião deu-lhe um braço
e apertou sua mão
ela disse: É o senhor
o famoso capitão?
há tempos que o senhor é
dono do meu coração.

Ele ainda disse a ela:
— É melhor você ficar
ao lado do seu marido
é bastante você passar
uma semana comigo
e depois tornar voltar.

Maria disse: Senhor
Eu juro lhe respeitar
tenho destreza e coragem
e também sei atirar
eu só voltarei pra casa
se não quiser me levar.

Porém Lampião lhe disse:
— Padrinho Cícero Romão
me aconselhou outro dia
q'ueu fizesse devoção
e não conduzisse mulher
nesta minha profissão.

Maria Bonita disse:
— O senhor tem precisão
duma mulher de coragem

que faça toda arrumação
e estando aperreada
meta bala até no cão.

A mulher tem sete capas
e o diabo perdeu pra ela
Lampião vendo Maria
atraente e muito bela
ficou sem poder viver
um minuto longe dela.

Ele disse: Minha filha
você ganhou na questão
preciso duma mulher
que tenha disposição
e bonita como você
pra ganhar meu coração.

Continuou Lampião
na vida do cangaceiro
durante uns 15 anos
provando ser verdadeiro
ele passou assaltando
no Nordeste brasileiro.

E o povo todo cantava
da Bahia ao Ceará
— olê mulher rendeira
olê mulher rendá
tu me ensina a fazê renda
qu'eu te ensino a namorá."

Aqui o cordelista sugere que o cangaceiro supremo dê conselhos à jovem que quer deixar o marido para acompanhá-lo. Mas não descarta a vontade de passar uma semana com ela.

Recorre até aos conselhos do venerando padre Cícero Romão para tentar convencer Maria Bonita da impossibilidade de levá-la para a vida perigosa do cangaço.

Mas ao final capitula diante da morena faceira. Uma derrota gostosa, uma derrota para a qual contribuiu com satisfação e prazer. Foi derrotado pelo amor.

E o vate continua:

"Lampião era valente
e tinha mau coração
porém Maria Bonita
enfeitiçou Lampião
que ele se embriagou
por sua linda feição.

Com os capangas e Maria
assaltou várias cidades
em regiões sertanejas
semeando crueldades
depois mandava o 'coiteiro'
ir saber das novidades.

No Estado de Sergipe
o bandido Lampião
assaltou Aquidabã
Capela e depois Pinhão
Nossa Senhora das Dores
e em seguida o sertão.

As moças cantavam assim
na região de Sumé
— Acorda Maria Bonita
acorda pra faze café
os capangas na mesa do jogo
e Maria Bonita na máquina de pé.

Lampião pelo sertão
fez sujeito dançar nu
fez valente se ajoelhar
e apanhar de couro cru
fez mulher dar umbigada
em pé de mandacaru.

Cortou fio telegráfico
e arrancou linha de trem
pois ele estando com raiva
não respeitava ninguém
e Maria Bonita só no gatilho
brigava com mais de cem.

Há um deserto de areia
no vasto sertão baiano
é o Raso da Catarina
lá não entra ser humano
porque ao meio-dia
lá o calor é tirano

O deserto é muito grande
e tem pouca vegetação
Lampião lá se escondia
com toda tripulação
nem o Santanás podia
ir atrás de Lampião.

Fez diversos tiroteios
pelas plagas do sertão
deu pisa em fazendeiro
em delegado e capitão
doutor, prefeito e juiz
tudo levou muxicão.

E no Raso da Catarina
Lampião se escondia
2 ou 3 dias passava
com comida e água fria
cantando côco e baião
na hora do meio-dia.

Às vezes ele acampava
nas margens do São Francisco
porque naquele lugar
não corria nenhum risco
e ali traçava os assaltos
com seu amigo Corisco.

Maria teve dois filhos
assim afirma a história
a filha mora em Sergipe
e o filho mora em Vitória
Estado do Espírito Santo
Se não me falha a memória."

Também José Costa Leite segue a constante dos cantadores das histórias do cangaço. Afirma que Lampião apaixonou-se pela cabocla baiana.

Fala de algumas cidades de Sergipe assaltadas (se bem que algumas cidades foram simplesmente visitadas) e coloca as moças da região de Sumé (região esta que nunca foi percorrida por esse grupo cangaceiro) cantando o "Acorda Maria Bonita".

Também dá ares da belicosidade à mulher, que não participava dos combates, dizendo que enfrentava mais de cem.

O célebre Raso da Catarina não foi esquecido. É comentado e dá um pretenso filho do casal como sendo morador em Vitória.

Agora parte ele para a parte final do folheto, em que fatalmente encontrarão a morte, Lampião, Maria e outros companheiros.

Porém, antes do desenlace descreve o susto dado por Lampião em alguém que pretendia passar-se pelo Rei do Cangaço e teve a infelicidade de encontrar-se acidentalmente com o próprio.

Vejamos o fato:

"Uma noite Lampião
na casa dum fazendeiro
dormia na sua rede
quando ouviu no terreiro
uma pessoa chamando
dizendo ser cangaceiro.

Lampião disse: Quem é?
já com rifle na mão;
disse o sujeito lá fora
— Abra a porta, é Lampião
Lampião abriu a porta
e disse: Lá vai mosquetão.

O sujeito conhecendo
o Lampião verdadeiro
deu um salto que caiu
quase no fim do terreiro
inda hoje anda perdido
por dentro do tabuleiro.

Lampião por muitos anos
foi o terror do sertão
com ele nenhum sujeito
passava o pé pela mão
nenhum cangaceiro fez
mais mortes do que Lampião.

Porém tudo tem seu dia
diz um rifão de valor
tudo no mundo tem fim
perde a fama e muda a cor
porque um dia é da caça
e outro do caçador.

Um ano depois da morte
do padre Cícero Romão
que sempre lhe confessava
e lhe botava a bênção
Lampião foi pra Sergipe
foi a sua perdição.

O tenente João Bezerra
da polícia alagoana
localizou Lampião
numa zona sergipana
no lugar chamado Angicos
cercou a fera tirana.

Houve um grande tiroteio
foi uma luta danada
com uma chuva de balas
em cima da capangada
eles também atiraram
porém não serviu de nada.

Cada capanga valente
ali por terra tombou
pra falar mesmo a verdade
nenhum capanga escapou
Maria Bonita morreu
e o Lampião se apagou.

Neste folheto não cito
tudo que Lampião fez
contei só pela metade
afirmando de uma vez
se eu for descrever tudo
talvez não conte num mês.

Contei o que praticou
O cangaceiro valente
Só sabia matar gente
Todo Nordeste enlutou
Até Maria Bonita afirmou
Lampião ser muito ruim
Ele em qualquer festim
Inda cantava baião
E um dia levou fim."

O coronel Felipe B. de Castro, que durante largo espaço de tempo viveu participando da campanha contra o banditismo no nordeste, no estado da Bahia, narra-nos, nas pp. 106 até a 109 do seu livro "Derrocada do Cangaço no Nordeste", um curioso episódio que teria ocorrido entre o rei e a rainha do cangaço.

Jamais ouvimos de elementos pertencentes ao bando referências a esse fato, nem mesmo em Geremoabo onde estivemos foram feitas alusões ao mesmo. Tanto é que ela acompanhou-o de livre e espontânea vontade.

Mas transcrevemos o que nos diz o coronel no seu interessante trabalho.

"José Gomes dos Santos, mais conhecido pela alcunha de José da Fulô, filho do município de Geremoabo, Santa Brígida, compadre de Maria Bonita, quando soube que Lampião a havia raptado para sua companhia, inconformado com o acontecimento cujos pormenores desconhecia, blaterou contra o irregular procedimento de Lampião chegando mesmo a dizer às pessoas com as quais conversava: 'Pra um homi qui furtá uma muié casada contra a vontade do seu marido só hai uma resposta — bala!...' e — continuando — 'esse homi não encontrou ainda um macho qui lhe desse um tiro na cara!' "

A notícia da revolta de José Fulô contra o ato de Virgulino correu célere pelas caatingas até que chegou aos ouvidos de Lampião por intermédio de um dos seus coiteiros, inclusive

censurando o procedimento de Fulô o qual não deveria interferir no caso para condenar Lampião, naqueles termos de frontal ameaça. Além disso, comentava o coiteiro, em presença do bandido: "O povo tá pensando qui o sinhô roubou Maria Bonita contra a vontade dela o que tem provocado um grande desgosto nas caatingas", referindo-se aos habitantes daquela região. Virgulino não se conteve com a insinuação intrigante e disse ao coiteiro: "Após você mesmo qui mi trouxe a notícia desse valentão qui tá tão danado por causo de Maria vim cum eu, fica encarregado de mi apresentá este peste, amarrado nem qui percise dos meu amigo pra isso viu?... eu quero dá uma lição nesse cabra pra nunca mais ele se metê cum a vida aêia!"

Maria Bonita não sabia do ocorrido, estava inocente quanto ao assunto.

Apesar da vida atribulada porque passava Lampião pelas caatingas, só conseguindo furtivamente um repouso quando através de suas artimanhas táticas, ludibriava as Colunas da Polícia com o auxílio dos coiteiros, não se esquecia daquela ameaça. No coito, e descansando ele em conversa com os seus cabras, não escondia o desejo que alimentava de se encontrar com o José Fulô. Isso sem saber, também, que seu algoz era compadre de sua amada e companheira.

Um dia porém, o destino, esse abstrato personagem ao qual a humanidade imputa a responsabilidade dos seus desacertos na vida, permitiu que José Fulô fosse ter as mãos de Lampião, por intermédio de seus coiteiros, ávidos de cumprirem a sua ordem.

É que esse pobre homem, chefe de família numerosa, cidadão de comportamento exemplar estimado pela população daquela região, não sabia que outros desalmados companheiros, caatingueiros como ele, tramavam contra sua vida tão injusta e cruelmente. Vivia como negociante ambulante e matava criação para retalhar nas feiras de Santa Brígida e adjacências. A vida lhe foi ficando difícil em conseqüência das secas periódicas que assolavam, obrigando-o a retirar-se daquela zona para Canudos onde havia chegado o serviço do Açude de Cocorobó, cuja construção se iniciava por ordem do Governo Federal. Acomodado ali com sua família, retorna à atividade no mesmo ramo de negócio. Inicia a viagem pelas caatingas comprando carneiros e bodes para retalhá-los nas feiras de Canudos e Cocorobó, onde consegue em pouco tempo angariar

a estima da população, familiarizado que já estava com o novo meio social em que veio habitar. Numa dessas viagens, despreocupado e esquecido daqueles impropérios que braterara contra o ato de Lampião, foi José de Fulô cair nas mãos de um coiteiro do bando, na própria casa em que costumava usar como rancho para repouso de suas caminhadas.

Eram 18 horas do dia 25 de novembro de 1935, quando chegou do rancho de Antônio do Mocó, residente nas caatingas de Chorrochó neste Estado. Bem recebido, como sempre, não se apercebendo da traição contra si armada pelo dono da casa foi após o café deitar-se e dormiu tranqüilamente depois de longo bate-papo com os seus amigos, para ser surpreendido ao acordar com os pés e as mãos amarrados por Antônio de Mocó e outros elementos da casa. Ao perguntar o que significava aquela brincadeira de mau gosto, o dono da casa lhe respondeu incisivamente: "Você está preso por ordem de Lampião e a ele vai ser entregue". Como insistisse na explicação, certo de estar sendo submetido aos rigores de um trote grosseiro, com a execução daquele ato brusco, viu confirmada a maldade de Antônio de Mocó quando lhe disse:

"Rapais você tem contas a acertá com Lampião e não sou eu qui vou responder pelo qui você fêis". Ficou aí alguns dias amarrado sem que seus carrascos gratuitos se apiedassem das suas súplicas em benefício da família que o esperava. Nada os comoveu, para reconsiderarem aquele ato de traição, responsável, a poucos passos, pela vida de um chefe de família, tão cruelmente sacrificado.

No dia 2 de dezembro, precisamente 7 dias após ter sido amarrado, José da Fulô, chegava na casa de Antônio do Mocó, Lampião acompanhado do seu grupo, inclusive Maria Bonita, sua companheira.

O Rei do Cangaço, já ciente dessa excelente presa à sua disposição, apresentou-se eufórico, certo que estava de executar naquele dia uma grande e ansiada vingança há tanto tempo por ele alimentada. Não quis perder tempo com conversas alheias ao assunto. Por isso mesmo mandou que viesse até ele o presente. Antônio de Mocó retira-se prazerosamente e vai cumprir a ordem recebida. Conduz até a varanda da casa José Fulô, atado de pés e mãos. O pobre homem estava desfigurado e moralmente arrasado, como era natural que estivesse um indivíduo tão próximo da morte, depois de tantos maltratos e

preocupações entregue assim, inopinadamente, às mãos de inimigos que desconhecia.

Lampião recebeu-o alegremente constrangido, pois o riso que esboçava-se dos seus lábios contrastava com o real sentimento que alimentava no seu íntimo, naquele instante revelado pela avidez sádica de praticar a vingança a si mesmo prometida, há vários anos.

Maria Bonita ao reconhecer o seu compadre José da Fulô, ficou atônita com a surpresa que aquele quadro horroroso lhe provocou e, estática, aguardou os acontecimentos. Um silêncio profundo dominou o ambiente. Lampião aproxima-se do preso e, segurando-o raivosamente pelo braço diz-lhe "antão seu, valentão o bandido que furta a muié casada contra a vontade do seu marido, merece um tiro na cara, não é?... pois você agora seu peste vai morrê, qui é pra não se metê mais cum a vida aiêia". Mal vai se aproximando para a execução de sua vítima, esta olhando suplicante para Maria, grita: "Minha cumade pulo amor de Deus mi vala!" Incontinente, saltando no braço de Fulô e agarrando-o num gesto leonino e arrogante, grita Maria Bonita para Lampião: "Cabra, este você não mata!"... e com um solavanco violento arrebata-o das mãos do seu companheiro. Os cabras aí presentes entreolharam-se espantados ante aquele ato de violência, frontalmente exercido contra o seu chefe, pela própria mulher, ficam totalmente parados aguardando silenciosos a eclosão do revide. Mas, Lampião surpreso com aquela atitude, inexplicavelmente assumida pela mulher que até aquele instante o aplaudia, respeitava e o amava loucamente, diz "dexa de bestera Santinha... o qui é isto?..." ao que lhe responde a sua companheira: "Bestera não Virgulino, eu tô ti falando agora com a mesma corage daquele dia qui sartê na anca do teu burro pra ti acompanhá pru amô! ...este homi é di minha terra e é meu compadre!"... Lampião entre contrariado e visivelmente emocionado, olhos rasos d'água, exclama: "Toma benção a tua madrinha peste!... Santinha dá cá lá um bêjo!... Atracando-se com sua amante e abraçando-a efusivamente, diz: "leva o teu compadre pra casa meu amô".

Este episódio, como já o dissemos, não foi presenciado por nenhum dos cangaceiros com os quais travamos conhecimento durante nossas pesquisas, poderá até mesmo ter ocorrido, mas este do qual vamos tratar em seguida realmente acon-

teceu, segundo informações de pelo menos uma pessoa que convivia naquela grei.

Recorremos a informações que nos presta o escritor Manoel Bezerra e Silva, em seu livro "Lampião e suas Façanhas", no capítulo XIX.

Este autor é da região talada pelos cangaceiros e várias vezes escapou por bem pouco de encontros inconvenientes com eles.

Ainda mais, conheceu alguns dos personagens deste fato pessoalmente.

Mas ouçamos o que se passou com o promotor Dr. Manoel Candido Carneiro da Silva e qual a atitude tomada pela companheira do Rei do Cangaço ao ser solicitada sua interferência para salvar o dito promotor:

"Naqueles tempos, as estradas de Mata Grande às cidades de Pernambuco, mormente às de Arcoverde (Rio Branco) eram péssimas e, no inverno, em vista das enchentes do Rio Moxotó, os caminhões que transportavam cereais para o alto sertão de Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí, faziam o trajeto de Negras, Pauferro e Buiqué, passando um dia de penosa viagem de atoleiros, barro escorregadio etc.

Numa dessas viagens, entre Mata Grande e povoado Negras o caminhão de propriedade de Antônio de Amélia foi assaltado por Lampião e seu grupo. Viajavam nesse veículo várias pessoas procedentes de Mata Grande, inclusive o dr. Manoel Candido Carneiro da Silva, que desempenhava o cargo de Promotor da Comarca de Buique, no estado de Pernambuco. Esse Magistrado, além de ser de integridade, sempre se debatia pela moral. Nunca silenciou diante das arbitrariedades praticapadas pelas polícias. Falava escancaradamente, doesse em quem doesse. Poucos tempos antes desse assalto, havia escrito o livro Fatôres do Cangaço, no qual fazia alusão às atrocidades simultaneamente praticadas por Lampião e pelas polícias.

O bandido necessitava de provisões, mas não deixou de fazer o saque de dinheiro e jóias que os passageiros conduziam. Ao ouvir um dos passageiros proferir o nome do dr. Manoel Candido, teve uma extraordinária surpresa e, virando-se, perguntou:

— O Senhor é o Dr. Manoel Candido?

— Sim, Senhor — respondeu o Promotor.

Lampião fêz ar de riso e replicou:

— Venha cá!

Levando-o pelo braço, subiu de riacho acima, e onde existia uma árvore deitada, ordenou:

— Sente-se, Doutor!

Ficando ao lado, perguntou calmamente:

— O livro que o Senhor escreveu sobre Lampião está aí?

A resposta foi afirmativa.

— Então, Doutor, o Senhor vai lê-lo agora mesmo!

O Magistrado, muito nervoso, meio trêmulo, abriu a bolsa e deu início à leitura. A tarefa era muito difícil porque parte que atacava danadamente Lampião. Foi lendo... mas sempre prevenido, quando tocava na parte que ofendia aos bandidos, esta era omitida, mas nos pontos de ataque à polícia o Doutor lia batendo as palavras. De maneira que Lampião se divertia com o que ouvia a respeito dos "macacos". Ficou satisfeito, pois o Doutor saiu-se maravilhosamente bem. Todavia, ainda não estava terminada sua missão. O bandido chamou um dos "cabras", disse-lhe qualquer coisa ao ouvido, apontando para o Promotor, gesto este que o deixou cismado e suspeitando de que ia ser trucidado.

Desconfiado de que estava existindo uma trama contra ele, dirigiu-se à Maria Bonita e perguntou-lhe.

— Dona Maria Bonita, a senhora tem uma filha, não tem?

A bandida ficou surpresa com aquela pergunta e respondeu afirmativamente.

— Pois eu também tenho uma filhinha que é a minha vida, e pelo amor que a senhora tem à sua menina, não consinta que me matem!

Maria Bonita, compadecendo-se do Doutor Manoel Candido, que estava vendo a morte em sua frente, respondeu-lhe:

— Pode ficar descansado que o senhor não vai morrer.

Após essa conversa com a bandida, o cangaceiro chamou-o subindo com ele até mais adiante. Ali fez-lhe uma série de perguntas talvez à busca de contradições.

Enquanto Lampião estava nessa conversa com o prisioneiro, o resto do grupo saqueava os demais passageiros. Antônio de Amélia, proprietário do caminhão, saiu a correr, pois receava soubessem que ele havia tomado parte em diligências; um dos cabras apontou-lhe a arma, não o matando, porém, porque a bala pinou.

Finalmente depois de quatro horas de angústia, sairam-se muito bem porque não foram trucidados.



Maria Bonita em foto tirada em plena caatinga. Ao lado o cachorro Guarani, de Lampião.

Né Rico, um dos prisioneiros, sabia que o fraco da bandida era a sua beleza. Todos aqueles que aplicassem o adjetivo à sua pessoa, estariam à salvo de qualquer sofrimento que porventura Lampião lhe impusesse.

Assim possuidor de grande calma, aproximou-se da companheira de Lampião e sapecou-lhe o verbo:

— O povo tem razão em lhe chamar Maria Bonita, pois a senhora é bonita de verdade!

Usando a cabeça nada sofreu da parte dos bandidos.

Passou todo o tempo ao lado daquela beleza, entretanto não lhe dispensaram o dinheiro!"

Até aqui, o episódio com o Dr. Manoel Cândido; vamos agora a uma informação, que nos foi fornecida por Leônidas Fernandes dos Santos que afirmou ter presenciado o fato, quando ainda com menos de 20 anos fazia as vezes de administrador da fazenda "Cuiabá", em Sergipe.

Vale a pena ainda dizermos ao prezado leitor que a família desse nosso amigo foi bastante ligada aos cangaceiros.

Sua mãe, dona Delfina Fernandes, chegou a ser detida e enviada para Aracajú, onde ficou na casa de detenção por três meses e meio, após a invasão e o "*ferra*" das mulheres em Canindé de São Francisco, tendo depois sido removida para a cadeia dessa cidade ribeirinha onde ficou em companhia de sua grande amiga Rosinha (a mesma que sendo aparadeira ajudou no nascimento da filha de Maria Bonita) e uma tia, Maria, juntou-se por pouco tempo com o cangaceiro Juriti, pouco antes da tragédia de Angico.

Em sua fazenda, os cangaceiros sempre foram bem recebidos, mas vamos ao fato (se o mesmo foi verídico, podemos classificá-lo como um fato verdadeiramente inusitado, curioso, único e surpreendente).

Contou-nos o Leônidas que havia na fazenda Cuiabá um carro marca Ford, do ano de 1924 ou 1925, coisa assim, e que, quando o grupo de Lampião ficava por ali Maria Bonita dirigia o tal veículo.

Juntavam algumas companheiras ou companheiros e ela saía aos trancos e barrancos pelas vias internas da fazenda; com o pessoal sacolejando-se todo quando o carro balançava, como um barco em mar revolto, pela estrada esburacada e cheia de pedras.

Os cabras gritando, rindo e praguejando; as mulheres cha-

mando pelos Santos de sua devoção, dando gritinhos histéricos, pedindo cuidado à motorista aprendiz.

Jamais ouvi referências sobre tal pormenor da boca de qualquer elemento do povo de Lampião. Nem das mulheres nem dos homens.

Damos as informações com as devidas reservas e fiados na palavra do nosso caro Leônidas, que diz ter assistido tais cenas.

Uma outra informação sobre o comportamento dos companheiros para com o casal nos foi fornecida por Dadá, cuja memória sobre os episódios ocorridos no cangaço é simplesmente impressionante.

Contou-nos ela que logo após a entrada de Maria no grupo, outras caboclas também aproveitaram a oportunidade, aderindo à nova vida, vivendo em coitos sabidamente seguros, amaziando-se todos os velhos cangaceiros.

Um mês antes da morte do casal, eles estiveram em uma fazenda da família Brito, nas proximidades de Propriá, e dali Maria foi conduzida à cidade para consulta e exames médicos.

Afirmam que desde o ferimento que sofrera em Serrinha dera para escarrar sangue.

Tuberculose? Conseqüência do tiro nas costas?

Talvez.

Ficamos só no terreno das hipóteses.

Dizem ainda que ela teria se juntado ao grupo um dia antes da tragédia.

Lampião achara ruim porque a mulher cortara os cabelos.

Brigaram.

Foram dormir, com a boca amarga do gosto da discussão azeda que mantiveram, ainda queimando-lhes os lábios.

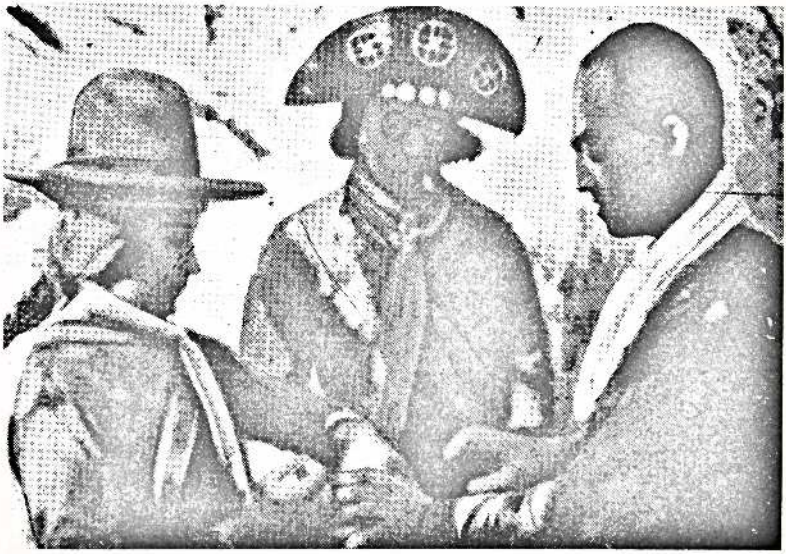
Narramos todo esse episódio em detalhes no nosso livro "Assim Morreu Lampião", já em terceira edição pela Traço Editora, bem como a morte do casal e o degolamento.

Morreram perto um do outro, juntos como haviam vivido nos últimos oito anos.

Ela teria nessa ocasião trinta anos somente.

Seu marido verdadeiro, José de Neném tornou a casar-se e dizem que faleceu nos princípios da década de sessenta.

Nós, durante todos estes anos de pesquisa sobre a gesta lampiônica, jamais encontramos provas irrefutáveis sobre algum crime de morte, e muito menos contra mulher, praticado por Maria Bonita ou executado com seu estímulo ou ordem.



Maria Bonita servindo água ou cachaça ao cinegrafista e fotógrafo Abraão Benjamin; entre os dois, Lampião.

Isso afirmamos e comprovamos através do tempo e de nossas andanças pelos cenários em que se desenrolou essa tragédia.

Mas se durante a vida Maria não foi culpada de nenhuma morte, depois do seu falecimento pode ser acusada como causadora do assassinato e degola de duas infelizes sertanejas.

Estranha tal ocorrência o benevolente leitor?

Vamos aos fatos.

Quando o ataque ao coito de Lampião terminou, naquele alvorecer de sangue do dia vinte e oito de julho de 1938, sobre o chão por entre as pedras, no meio do mato ralo que margeava o riacho seco, ali no Angico, jaziam os corpos de onze pessoas.

Os corpos somente, decapitados, abandonados, revirados, saqueados, largados ao léu, mas as cabeças, nove de homens e duas de mulheres, foram levadas como provas e troféus.

Corisco ao tomar conhecimento do que aconteceu, o que ocorreu praticamente na mesma hora em que os fatos se desenvolviam, procurou saber quem traíra seu chefe e compadre.

Rememorou, e ligando certos episódios, sentiu sua desconfiança aflorar contra o vaqueiro Domingos Ventura da fazenda Patos, por sinal de propriedade de Antônio de Brito, mais conhecido como Sinhôzinho do Gerimum, avô da esposa do comandante João Bezerra, o homem que liquidou o Rei do Cangaço.

Saiu à procura dos coiteiros e amigos para saber realmente tudo que se passara e foi assim que naqueles dias encontrou-se e falou com Joca Bernardo.

Este, que foi o verdadeiro Judas nessa história, tinha ido à cidade de Piranhas procurar o tenente Bezerra para denunciar Pedro de Cândido, o qual era seu amigo até dias antes, mas que em virtude de ter levado uns queijos que eram de encomenda (para o juiz de Direito da Comarca de Pão de Açúcar) melindrou-se e na ânsia de vingar-se disse ao sargento Aniceto (que estava no lugar do tenente que viajara): "Aperti Pedro de Cândido que ele tem Lampião".

E foi o que acabou acontecendo. Pedro não suportou ter unhas arrancadas a ponta de punhal e nem as "furadas" com a mesma arma.

Acabou delatando o lugar onde estava acoitado o grupo e o resultado foi o que se sabe.



Maria Bonita em traje civil. Corrente de ouro e anéis nos dedos.

Bem, nessa altura, o leitor pergunta-se: e onde é que entra a culpa, indireta, de Maria Bonita na morte de duas sertanejas que até aqui nem foram citadas?

Vamos continuar com Corisco procurando saber quem fora o traidor.

A morte de Lampião foi na quinta-feira e no domingo o cangaceiro encontrou-se com Joca para saber de alguma pista.

O próprio Joca Bernardo conta que tremeu de medo nessa hora, tendo à sua frente o Diabo Loiro, Dadá e os outros cabras, mas durante a conversa, parece (segundo dizem algumas pessoas da região), acabou jogando ainda mais combustível na fogueira de desconfiança que havia contra Domingos Ventura.

Para afastar de si uma possível vingança, não teve dúvidas em insinuar que Corisco devia procurar saber onde Lampião passara antes de ir para Angico e ele, o próprio Joca, teria dado a resposta: "Estivera na fazenda Pato".

Foi a gota d'água que faltava.

O cangaceiro foi à fazenda Patos e matou Domingos Ventura e seus três filhos. Mas faltava alguma coisa para completar a vingança e não titubeou em mandar seus homens matarem e degolarem a esposa Guilhermina e a filha Valdomira.

As cabeças foram colocadas dentro de um saco e entregues para João Crispim levar à Piranhas, e junto, o Diabo Loiro mandou um bilhete que dizia o seguinte:

"As cabeças são para o tenente Bezerra fazer uma fritada. As mulheres foram mortas para vingar Maria Bonita e Enedina".

Eis aí, amigo leitor, onde entra a culpa de Maria Bonita. Ela que não mandou, não pediu, não ordenou à ninguém, deu causa como compensação pelo seu desaparecimento a morte de duas infelizes criaturas, que por sinal estavam inocentes do sangue derramado em Angico.

Ao que sabemos foi este seu único e indireto crime.

Interessante notar que com o passar do tempo a imagem dessa mulher, acompanhando também a marcha do companheiro, foi sendo deturpada, mistificada, corrompida, alterada e tornando difícil ao pesquisador a tarefa de separar o mito da realidade, o fato do boato, o real do exagero, o histórico do lendário.

E muitas vezes alguns escritores narrando sem as necessárias filtragens a tais informações, sem passar pela peneira da

verdade, das probabilidades, vão logo colocando em letra de forma toda e qualquer palavra que ouviram sobre o assunto, cometem a grave falta de transmitir aos leitores informações absurdas, distorcidas, incríveis e inverídicas.

Quanto aos que escrevem em jornais, sobre esse mesmo tema, muito menos preparados e geralmente desconhecedores do assunto, então nem é bom falarmos.

Alguns exemplos desses informes deturpados que comumente encontramos em jornais e revistas são dados a seguir.

Na revista Nova, de julho de 1975, encontramos um artigo sobre Maria Bonita em que o autor nos diz que depois da entrada de Maria e de outras mulheres no cangaço tudo aquilo mudou.

É óbvio!

Mas, transcrevamos e analisemos esse trecho pequeno do artigo.

"No princípio Lampião não admitia mulher no bando. Como é que ia ser quando ficassem grávidas? E o choro das crianças alertando as volantes?

Nesse tempo então o negócio era violentar as que cruzassem com eles; agarrar à força as prostitutas nos bordéis. Mas o cangaço vivia acompanhado de doenças venéreas, sem o conforto e a higiene que poderiam vir com um trabalho paralelo das mulheres — cozinhando, lavando e costurando as roupas, — limpando os acampamentos. As mulheres foram-se tornando indispensáveis e foram sendo admitidas."

Bem, até aqui transcrevemos o que nos diz o artigo.

Vamos agora analisar alguns pontos do mesmo.

Afirma que: "Nesse tempo então o negócio era violentar as que cruzassem com eles; agarrar à força as prostitutas nos bordéis.

Que violentaram muitas mulheres e donzelas, não se nega.

Mas afirmar-se que: "o negócio era violentar as que cruzassem com eles", já é um exagero dos maiores.

Contra mulheres e filhas de inimigos, muitas vezes praticaram a curra, o "gera", como diziam, mas nem isso poderíamos afirmar que era uma regra.

Em muitas ocasiões esposas, filhas, outras parentas foram poupadas e protegidas contra a violação, o estupro, pelos cangaceiros.

Não andavam pelos caminhos em busca de mulheres para saciarem seus instintos sexuais.

As ocasiões em que tal ocorria eram mais como exceção do que como norma.

Outro absurdo: "Agarrar à força as prostitutas nos bordéis". Ora, cangaceiro não tinha condição de estar freqüentando casa de "mulheres" situadas em vilas ou cidades.

As raras vezes que tal aconteceu, e foram tão poucas que só em uma ocasião, em Capela, se tem notícia e certeza desse acontecimento, sendo que as "vítimas" entregaram-se prazerosamente ao ato e foram regiamente gratificadas.

A exceção, ao que consta, foi Volta Seca, o único que deixou de gratificar sua parceira, tendo ainda feito este comentário:

— Você pensa qui eu tô lhi querendo? Nem um tico. E mostrando-lhe o punhal, disse:

— Cum essi eu lhi sangrava rindo. Agora mesmo.

E retirou-se do quarto.

A rameira deve ter sentido profundo alívio ao se encontrar livre do "mascote do cangaço".

Outra "profissional", que também comentaremos nestas páginas, é uma mercenária que corria de Corisco a João Bezerra, e vice-versa.

Não foi jamais agarrada em bordel algum, procurava fazer o seu comércio oferecendo-se naturalmente.

Essas duas afirmações, do articulista da revista Nova, são descabidas, inconsistentes e inverídicas.

Continuando em outro tópico diz:

"Mas o cangaço vivia acompanhado de doenças venéreas, sem o conforto e a higiene que poderiam vir com um trabalho paralelo das mulheres — cozinhando, lavando e costurando as as roupas, limpando os acampamentos".

Doenças venéreas não eram privilégios de quem andava no cangaço. Conversei com muitos soldados e contratados que também suportavam estoicamente os dissabores de moléstias sexuais.

A blenorragia, o cavalo, o cancro mole e duro, grassavam no interior e o número de doenças apanhadas eram quase um motivo de orgulho ao portador.

Coisa assim como uma medalha de honra ao machismo do doente.

Mais doença significava mais conquistas amorosas, mais vitórias do galante.

O cangaceiro não fugia ao padrão sertanejo, nesse aspecto, ele não deixava de continuar sertanejo, sofria dos mesmos pecados (gostar de mulher será um pecado?), só que em dose maior pela projeção de sua vanglória, que sua figura propiciava.

Quem entrava para o cangaço já sabia que não teria o menor conforto.

Morar pelos matos, sob sol e chuva, vivendo perseguido, alimentando-se quando possível. Essa perspectiva de vida não mudaria, e não seriam as mulheres, mesmo com sua presença, que iriam modificar.

Como de fato não modificaram.

Em termos de higiene o mesmo pode ser afirmado.

As cangaceiras tiveram que integrar-se ao meio de vida que escollheram.

Por fim este item — "cozinhando, lavando e costurando as roupas, limpando os acampamentos."

Dentre as cangaceiras que conheci, entrevistei, conversei e convivi, jamais alguma afirmou que as mulheres cozinhassem.

Ao contrário, todas afirmavam categoricamente que quem cozinhava, havendo até uma espécie de escala para tal mister, eram os "mininos".

Hoje Fulano, amanhã Sicrano, depois Beltrano. Muitas vezes o mesmo cabra servindo de cozinheiro por vários dias seguidos.

Geralmente o encarregado da cozinha providenciava também a carne (o alimento mais utilizado por ser o de mais fácil obtenção). Pelos carrascais e tabuleiros sempre encontravam reses, caprinos e ovinos que eram abatidos, esquartejados e sua carne assada em pequenos espetos ou até mesmo na brasa. Como nos contou Zé Sereno, que gostava do rim assado na brasa, ligeiramente sapecado e com pouco sal, colocava esse miúdo no bornal e já podia sair caminhando, não sendo necessário ficar ali na beira do braseiro com o espeto na mão perdendo um tempo precioso, para quem tinha que ficar o mais longe possível dos perseguidores, até que a carne corasse. Rapadura, sal, farinha (sempre de mandioca) e café quase todos tinham um pouco. Menos os chefes de grupo e as mulheres, que não os portavam.

Aqueles, porque os seus cabras já os traziam e na hora da comida recebiam sua parte preparada; aquelas porque, ou

seus companheiros carregavam o alimento ou por serem esposas de "chefes" também recebiam partes ofertadas pelos "mininos".

Não existiu, portanto, a figura da mulher cozinheira no cangaço.

Lavadeira menos ainda.

As lutas, as caminhadas, e a sempre presente ameaça de serem descobertos por qualquer volante, forçavam-os a cuidados extremos para evitarem encontros com as forças, aconselhavam e até proibiam a atividade de lavar roupa.

Traziam todos, nos bornais, pelo menos dois conjuntos de roupas sobressalentes, segundo nos informaram Balão, Criança, Zé Sereno e outros.

Lavavam roupa sim (isso quando usrgia essa rara oportunidade, até porque, em virtude da freqüente escassez d'água), mas cada qual cuidando da sua. Os homens, as mulheres, lavando as próprias roupas quando era propícia a ocasião.

Jamais a mulher servindo de lavadeira, para aliviar o serviço aos homens.

Quanto a costurar, é verdade que o faziam. Nem todos porém tinham essa aptidão e vontade.

E mesmo depois da entrada e presença das mulheres, os homens continuaram a costurar como já o faziam anteriormente.

Por exemplo, nos tempos em que andaram no grupo de Sinhô Pereira, Lampião e seus irmãos, a costura geralmente era feita por Antônio Ferreira que demonstrava grande habilidade.

Essa informação nos foi prestada por um de seus companheiros daqueles antigos tempos.

Cajueiro, nos tempos do cangaço, "Quinzão", quando pacato fazendeiro nas imediações de Lagoa Grande, é quem nos forneceu os detalhes.

Ao fazermos uma segunda visita, sete anos depois daquela que fizemos em 1970, "Quinzão" estava largado sobre uma cama aguardando a morte; um derrame cerebral o prostrara definitivamente, irrecuperavelmente para uma vida sadia, com os sentidos funcionando a contento.

"Quinzão" não se mexia, não falava, completamente esclerosado jazia no leito de um quarto escurecido, pois a única janela encontrava-se fechada, a claridade incomodava o doente. Somente a cabeça mantinha um pequeno movimento.



Esta foi uma das melhores fotos obtidas por Abraão Benjamin, quando permaneceu junto aos grupos cangaceiros. Maria Bonita posando com a vestimenta típica das mulheres cangaceiras.

Retornara à primeira infância, somente balbuciava tentando articular algumas palavras que nos eram ininteligíveis.

Suas necessidades fisiológicas eram feitas ali, sobre os lençóis da cama. A esposa robusta e forte, apesar de ser relativamente moça, estaria então em torno dos 40 ou 45 anos, já mostrava traços de velhice e cansaço pelo pesado encargo que o destino lhe jogara nas mãos.

Apesar de não ser muito alto, Quinzão era encorpado puxando até para gordo e no seu estupor não facilitava em nada o trabalho da enfermeira improvisada.

Contou-nos ela, a mim e ao doutor André Capelo, que nos acompanhava, todo seu drama, seu sofrimento para cuidar do doente.

Sem dúvida, salvo a vontade divina, já deve ter falecido o velho cangaceiro que num dia qualquer do final do ano de 1922, salvou a filha do inimigo, que ajudara a matar minutos antes, das mãos do companheiro que tentava abusar da mesma. Não fosse Cajueiro e o veterano Vereda teria consumado o estupro.

Mas deixemos "Quinzão" em paz, cessemos as divagações e voltemos à análise a que nos propusemos.

"Limpando o acampamento".

Jamais os cangaceiros tentaram arrumar seus "coitos" como se fossem casas.

Não havia condição alguma para isso. Ficavam no mais recôndito das caatingas e a coberta que lhes servia de barraca era a mesma que já os abrigara quando nos grupos só existiam homens.

Não houve modificação alguma nos "trens" que utilizavam. Os mesmos canecos, as panelas, as bacias improvisadas de uma metade da embalagem dos "queijos do reino".

Quando se depara com a expressão "limpando o acampamento", a visão que nos vem à mente é a das mulheres com uma vassoura de mato folhudo, tipo guanxuma, varrendo o coito.

Ora, quem dava importância primordial à segurança, jamais poderia deixar um sítio limpo; na caatinga denunciando sua estada ali.

Mesmo as vísceras, ossos, peles e partes não aproveitadas dos animais abatidos para consumo eram cuidadosamente enterrados.

E isso não por questões de higiene ou limpeza, mas sim

para garantir a segurança do grupo. Pois, se não tivessem o cuidado de enterrar os restos, os urubus atraídos pela carniça acabariam mostrando às volantes onde estava situado o coito.

No Raso da Catarina, em verdade, foi encontrado um pequeno espaço de chão limpo de pedras e garranchos. Chegaram a julgar fosse um pequeno campo de futebol (essa é mesmo de se tirar o chapéu) quando em realidade, segundo informação de Dadá, Balão e Criança, era o local onde praticavam luta de peito (peito contra peito para ver quem conseguia empurrar ou derrubar o adversário) e luta livre para distração dos contendores e passatempo aos assistentes que faziam grossas apostas nos lutadores de sua predileção.

Não era, portanto, esse limpo no carrascal, algum sinal de antigo acampamento, mas sim de um lugar de divertimento.

Uma revista de larga divulgação nacional, "Fatos & Fotos", nos fins de 1962, publicou uma série de reportagens intitulada "A aventura sangrenta do cangaço".

Examinamos as fotos e os textos juntamente com Dadá, Zé Sereno, Balão e outras pessoas que tiveram contatos com os cangaceiros.

Descobriram uma série de enganos, no reconhecimento de pessoas e locais mostrados nas fotografias em relação aos textos.

Por exemplo, uma foto enviada para o "Cruzeiro", em 1931, por Victor do Espírito Santo, que retratava duas moças entrando em uma residência de Geremoabo, é mostrada na reportagem de 1962 como sendo uma delas Maria Bonita (que por esse tempo já estava engajada ao grupo), o que foi negado pelos que a conheciam.

Outro, uma foto onde Maria escolhe uns cordões de ouro pendurados no braço do cabra Sabonete é dito que a mesma está trançando fios.

Quanto ao texto...

Vamos nos limitar ao que se refere às mulheres.

Diz a referida reportagem:

"Uma senhora gorda chamada de Déia, agregada de uma fazenda em Malhada da Caiçara, foi numa tarde, conversar com Lampião e revelou-lhe ter uma filha", etc. etc.

Vimos fotos de dona Déia que mostravam-na magra. Não era agregada de nenhuma fazenda e sim mulher do proprietário das terras da Malhada da Caiçara.

Por sinal, em três linhas antes deste trecho que transcreve-



A mulher que tem um bebê nos braços é sobrevivente do morticínio da fazenda Patos.

mos está escrito o seguinte: "proximidades da vila da Malhada da Caiçara uma simples fazenda perdida ali no meio da caatinga".

Adiante lemos o seguinte:

"Falou claro, disse que depois do almoço iria a Santa Brígida apanhar os seus teréns na casa do amásio e avisá-lo que teria de ficar alguns dias com sua mãe em Malhada da Caiçara. E foi franca:

— Pru mode segui caminho cum sinhô eu sô inté capais de fazê um distrato cum meu ome, se o sinhô quisé me levá. Sempre tive uma vontade da peste de me botá no cangaço pra dá uma lição nesse coroné miserave que só véve apirsiguindo a gente.

Lampião ponderou que não ficaria bem ela deixar o amásio. Ela perguntou se ele tinha alguma mulher.

— Ome qui véve nesta vida só pode tê muié de passage. Mermo, hoje tou vivo aqui e aminhã posso tá morto aqui mermo.

— Tem nada, não. Quem tá vivo tem que morrê, e eu nasci foi prá morrê.

— Tem também Padim Pade Ciço que me disse pra não me metê com muié, se não eu saio perdendo.

— Isso é conselho pra biato, num é pra ome.

Lampião não queria levá-la, mas acabou querendo. Ficou acertado então que ela entraria para o bando, passaria a viver com ele. Maria Déia foi à Santa Brígida, arrumou uma trouxa de roupa, consta que brigou com o amásio, e voltou para junto de Lampião, seguindo caminho com ele para Gangorra".

Como já sabemos, de informações dos próprios familiares de Maria e de moradores dali, ela era casada legalmente, não iria portanto andar chamando o marido de amásio.

Além do mais, como era bastante independente e brigavam constantemente, a mulher ficava na casa dos pais sem preocupar-se em dar satisfação ao esposo do lugar onde estava nem de quanto tempo permaneceria fora.

Maria, segundo os que a conheceram, não era dada a rompantes de valentia como este: "Sempre tive uma vontade da peste de me botá no cangaço pra dá uma lição nesse coroné miserave que só véve apirsiguindo a gente".

De forma alguma tais palavras seriam ditas por algum morador daquelas regiões. Porque, até ali, chegava a força de mando do coronel João Maria de Carvalho, de Serra Negra.

Também do coronel João Sá, de Geremoabo, cujo poder e fama estendia-se por toda zona nordeste da Bahia, entrando até por Sergipe a dentro.

O sertanejo, quase sempre humilde, referia-se com respeito ao falar sobre esses "caciques" políticos e econômicos da região.

Maria não fugiria a regra.

Ao que presumimos, a mulher não chegou a viver com Lampião os tempos que este passou "veraneando" na fazenda Gangorra, do coronel Petronillo Reis.

Tempo esse que vai de fins de 1928 até 1929, aí pelo meio do ano talvez, e em que não travara conhecimento, ainda, com a flor do sertão.

Mas vamos prosseguir e ver o que nos diz o texto da revista, mais adiante.

"Maria Déia era natural da Malhada da Caiçara, filha de um cangaceiro conhecido por Casé e neta de um jagunço que lutou em Canudos, defendendo o seu Bom Jesus Antônio Conselheiro. Era morena clara, de olhos castanhos, rosto redondo e usava pega-rapaz nos cabelos castanhos. Gostava de fazer ela mesmo os seus vestidos, com fazenda 'papai-abre-ôlho'. Era bem feita de corpo, e de estatura mediana. Tinha uns 19 anos de idade quando gamou por Lampião.

Os cangaceiros tinham por costume dar às suas armas o nome pelo qual tratavam as suas mulheres. Ao seu fuzil, Lampião deu o nome de Santinha, que foi como passou a chamar Maria Déia."

O lugar do nascimento está certo. Mas José de Felipe (o nome correto de seu progenitor, não Casé como trás o artigo impresso) nunca foi cangaceiro. Quanto a ser neta de antigo seguidor de Antônio Conselheiro, embora desconheçamos tal fato, é até possível, visto que as andanças desse beato abrangeram essa região.

Esse apelido de Santinha, até mesmo para o fuzil de Lampião, era totalmente ignorado pelos antigos companheiros e companheiras. Todos a quem perguntamos afirmam que jamais ouviram tal tratamento de Lampião para com Maria. Ao morrer Lampião, acharam em seus dedos uma aliança, que trazia escrito Santinha. Talvez daí...

Outros tópicos:

"Foi o próprio Lampião quem atendeu Maria Déia no



Maria Bonita ao centro, ao seu lado direito, sem chapéu, Abraão Benjamim, ao lado direito, Lampião.

parto, pois gostava de ser parteiro e, como médico-do-mato, não tirava do dedo o anel de esmeralda".

Como já o dissemos, em outro capítulo deste modesto trabalho, as várias ex-cangaceiras com quem conversamos negaram reiteradamente essa afirmação de que Lampião era parteiro.

Quem melhor do que elas para nos dizer, pois viveram no bando, andaram com ele e tiveram filhos nos matos, nos socavões das serras; se tal episódio fosse verídico, não o esconderiam.

Contariam a verdade, como a têm contado a respeito de outras situações vividas junto àquela grei singular.

Quanto ao anel, usava vários, não só esse.

Prosseguindo:

"Lampião jamais chamou Maria Déia de Maria Bonita. Para ele, ela foi Santinha até a morte. Foram os violeiros e repentistas do nordeste que a imortalizaram como Maria Bonita, depois que o ex-senador, poeta e médico alagoano, Ezequias da Rocha, atual catedrático de História Natural da Faculdade de Medicina de Maceió, cantou, com o pseudônimo de Alexandre Zabelê, os amores de Lampião e decantou Maria Déia como uma Maria Bonita".

Esta questão do vulgo de Maria Bonita já abordamos no início deste capítulo. Tal afirmativa vem valorizar os informes obtidos de Dadá, Balão, Labareda e outros, quando diziam que no grupo não usavam esse apelido, de Bonita.

Mas este adjetivo qualificativo, certo ou não, passou a designar a companheira do Rei do Cangaço com tal freqüência que é aceito por todos como se a moça tivesse nascido com o mesmo.

"Maria Bonita conduzia batom, rouge, talco, pasta, escova de dentes, perfume, algodão, grampos, espelhinhos e pente no seu bogó. Andava com uma pistola que Lampião lhe deu. Nos dedos usava apenas uma aliança de platina. Não gostava de ouro. Era uma cabocla simples."

Aqui tem-se a impressão, pela descrição feita, que ela era a única a levar tais objetos.

É engano.

Todas as mulheres levavam o mesmo nos seus bornais.

Revólver também todas possuíam.

Outro engano é o que diz usar somente uma aliança e não gostar de ouro.

É só olhar qualquer foto tirada de Maria. Tem anéis em quase todos os dedos e várias correntes e trancelins de ouro. Medalhas também do mesmo metal.

Adiante:

"Meteu-se no Raso da Catarina, um desertão de quarenta léguas de comprimento por vinte de largura, entre as cidades de Geremoabo e Monte Santo. Em sua companhia estavam apenas Maria Déia; Volta Sêca; Corisco, também chamado de Diabo Loiro, porque era branco e louro. Dadá, mulher de Corisco; Ezequiel Ponto Fino, seu irmão, Arvoredo e Dalva, uma moça donzela que servia de governanta para Maria Déia".

Quanto à afirmação de que esteve no Raso da Catarina, estamos de pleno acordo mas acompanhada por um número bem maior de companheiros; Luiz Pedro, Otília e várias outras pessoas.

Mas não era esse o ponto que tínhamos a intenção de analisar e sim o referente à Dalva, tida como governanta de Maria Déia.

Nenhuma das antigas companheiras sabe de tal "governanta", desconhecem-na. Umas auxiliavam as outras por amizade, mas sem essa obrigatoriedade do cargo de governanta. Além do mais, a foto da tal Dalva é simplesmente a de Dulce, companheira do cangaceiro Criança. Portanto não era nenhuma "moça donzela".

Mais um exagero.

A revista, continuando, descreve assim um ataque de volantes ao grupo que estava no Raso da Catarina, com o bando, deixando mortos e feridos (quanto ao que sabemos os cangaceiros, saíram incólumes e, dos atacantes, dois comandantes foram baleados, um dos quais o tenente Macedo no pé, (hoje é brigadeiro aposentado e reside no Crato).

"Rajadas de metralhadoras varreram o coito e os cangaceiros, atarantados, não puderam oferecer resistência. Uns caíam feridos, outros, mortos. Lampião colocou Maria Bonita às costas e fugiu pelos fundos da caverna. Com ele fugiram Corisco, Volta Seca e mais uns dez cabras. Na fuga levaram apenas a roupa do corpo. Os soldados penetraram na caverna e recolheram armas, munição, chapéus de couro, bogós, alpercatas de rabicho, perfumes, moedas de ouro e o livro "A vida de Cristo", de Papini, que Lampião havia ganho em Capela. Quebrou-se assim o encanto de Lampião no Raso da Catarina, onde ele nunca mais botou o pé."

Não aconteceu essa luta em caverna no Raso, nem fuga com Maria às costas.

Estive em Capela, por duas vezes; em uma delas conversei com o senhor Jackson Alves que foi a pessoa que presenteou o Rei do Cangaço com o livro "A vida de Cristo", quando o mesmo esteve naquela cidade no interior de Sergipe. O autor do livro não é Papini e sim Helen G. Wells, segundo o presenteador.

A reportagem prossegue, depois, contando o massacre da grota do Angico.

Mas que massacre, nos descreve o autor!

Um ficcionista, preocupado em fazer passar por verdadeiro seu trabalho, ou pelo menos que tenha possibilidades mínimas de ser tido como tal, não chegaria a tanto.

Este nosso despretencioso livro sobre as mulheres que se envolveram na história do cangaço, não pode calar-se quando se trata de episódio em que encontraram a morte Maria Bonita e Enedina, sendo que a primeira foi a figura feminina marcante na vida dos grupos andejos do sertão.

Primeiro, vamos mostrar o que diz a revista "Fatos & Fotos" e depois iremos contar o que os sobreviventes falaram sobre esse combate.

"Foi então arquitetado, no quartel do 2º Batalhão de Polícia de Alagoas, um plano para dar cabo de Lampião.

Pedro Cândido, sob ameaça de morte, recebeu um vidro de estricnina e foi incumbido de envenenar Lampião.

No dia 26 de julho de 1938, Pedro Cândido se dirigiu a Angicos e foi ter com Lampião, no seu esconderijo, numa grota de pedras enormes e pontiagudas, no fundo do riacho do Ouro Fino, afluente do rio Ouro Fino, que por sua vez é afluente do São Francisco. A entrada da grota era coberta por uma armação de lona. Os cangaceiros tinham tudo na grota, inclusive máquina de costura. A grota era tal qual uma fortaleza, encravada entre dois serrotes. Foi combinado que as tropas da polícia ficariam de tocaia nas proximidades do coito de Lampião, à espera de Pedro Cândido, que as deveria avisar do envenenamento do cangaceiro e de seu bando com um sinal convencionado.

Sob o comando do cabo João Bezerra, a tropa formada por oitenta homens saiu de Santana do Ipanema, subiu em canoas o rio São Francisco até o porto de Sinimbu, do lado de Sergipe. Os soldados saltaram e caminharam durante uma

hora, até chegarem às margens do riacho do Ouro Fino, onde ficaram à espera do sinal de Pedro Cândido.

O cabo João Bezerra dividiu os homens em três grupos ficando com a chefia de um. Entregou os outros dois ao comando do aspirante Francisco Ferreira de Melo e do soldado Aniceto Rodrigues da Silva. Apesar de haver um aspirante na força, o cabo João Bezerra a comandava pelo fato de ter experiência em lutas contra os cangaceiros.

A tropa chegou perto do esconderijo de Lampião na noite de 27 de julho e foi na madrugada de 28 de julho de 1938 que o comerciante Pedro Cândido, ao invés do sinal convencionado, foi pessoalmente avisar à tropa que havia conseguido passar o café para os cangaceiros e misturar a ele algumas gotas de veneno.

O cabo Bezerra perguntou-lhe se Lampião havia bebido o café e Pedro Cândido garantiu que os cangaceiros acordaram cedo, trataram logo de beber o café e que os tinha deixado na grota a se contorcerem de dor. O cabo Bezerra ordenou então ao aspirante Ferreira de Melo para avançar e abrir fogo.

O aspirante avançou e cumpriu a ordem. A fuzilaria durou exatamente quinze minutos. Não houve qualquer resistência por parte de Lampião e dos outros cangaceiros, pois estavam todos mortos, envenenados, antes de os tiros de fuzil varrerem o coito.

Com o sol forte, os soldados, já todos reunidos num só grupo, deram mais uma série de disparos e só ouviram mesmo o eco dos seus tiros. Carregando os fuzis e atirando, atirando sempre, foram entrando na grota e encontraram onze cangaceiros mortos. Lampião, Maria Bonita, Enedina, Caixa de Fósforos, Elétrico, Mergulhão, Sexta-feira, Luiz Pedro, Diferente, Cajarana (que logo identificaram) e um outro que não conseguiram identificar; esse passou a ser chamado de Desconhecido.

Os soldados dispararam suas armas contra os cangaceiros e o soldado n.º 145, Antonio Honorato da Silva, conhecido por Noratinho, foi instruído para dar um tiro na cabeça de Lampião e dizer que foi ele quem o abateu, o que lhe dava a importância de herói. Para simular combate com os cangaceiros, um dos soldados, Adrião Pedro de Souza, teria sido assassinado pelas costas e o cabo João Bezerra não vacilou em acertar um tiro, de raspão, na batata da sua própria perna.

Após o massacre e o saque nos cadáveres dos cangaceiros o soldado Sebastião Vieira Sandes recebeu ordens para cortar

a cabeça de Lampião e de Maria Bonita. Sacaram do facão Jacaré e fizeram o serviço. Depois atiraram os corpos degolados no fundo do riacho, que então estava seco.

Colocaram as cabeças dos onze cangaceiros em latas de querosene com água com sal grosso, deixaram Angicos, atravessaram o rio São Francisco, chegaram a Piranhas, em Alagoas".

Bem, até aqui lemos o que nos conta a reportagem, agora vamos analisar os pontos falhos desse quadro ficcionista armado pelo autor, e mostrar ao leitor da impossibilidade de que tenha existido esse envenenamento.

Quanto ao fato do plano ter sido arquitetado no quartel do 2º Batalhão, tudo bem. Centenas, milhares de planos eram elaborados, estudados, pensados, analisados, sugeridos em todo o Brasil.

Nos quartéis, nas casas, nos bares, nas farmácias, nas vendas de beira de estrada, nas conversas de esquina. Ao anoitecer as rodinhas que se formavam nas portas das casas no interior, eram todas celeiros férteis em planos mirabolantes e inexeqüíveis para a eliminação de Lampião e sua gente, quando o assunto cangaço vinha a lume.

Alguém sempre dizia:

— Se fosse eu, fazia assim...

E começava a descrever a maneira mais simples e correta que julgava existir para matar o Rei do Cangaço.

O nome de Pedro de Cândida (por ser filho de dona Cândida, e não Pedro Cândido como erroneamente está ali escrito) tinha que aparecer como o encarregado do "envenenamento" de Lampião, articulado mesmo, porque Lampião estava em terras de moradia de sua família (mãe e irmãos) e o próprio Pedro era o coiteiro.

Muito bem, até aqui tudo poderia ter acontecido, como imaginou o autor.

Diz que Pedro foi ao esconderijo localizado no fundo do riacho e que a entrada da grota era coberta por uma armação de lona.

Eu, autor deste trabalho, estive por duas vezes no local em que morreu Lampião, uma das vezes com netas do próprio.

Todos os cangaceiros que estavam presentes e sobreviveram (sim, porque houve sobreviventes, e muitos por sinal) afirmam que as barracas estavam dispersas pelo leito seco do riacho e pelas encostas. Não havia armação de lona, como que tapando ou disfarçando a entrada.

Máquina de costura?

Não é motivo algum para admirar-se a existência de tais artefatos modernos em coito de cangaceiros.

Mormente quando perto da casa de coiteiro que as possuísse. Nesse dia em Angico não havia uma máquina de costura, mas sim duas.

Aproveitaram sempre as oportunidades que surgiam para costurar roupas, bornais e toda e qualquer peça que fosse necessária.

Em tempo, antes de prosseguirmos é bom lembrarmos que Lampião já fora vítima da tentativa de envenenamento por mais de uma vez. A mais conhecida foi a que sofreu na fazenda Ipueiras, no Ceará, por parte de seu protetor "major" Isaias Arruda, mas isso já é outra história.

Sobre a força, esse número está errado, a reportagem fala em oitenta soldados. Todos os componentes dessa força, com quem conversei, são unânimes em calcular entre quarenta e cinco a cinqüenta homens.

Confrontando informações orais e os noticiários das revistas e jornais de então, chegaríamos à conclusão de que o verdadeiro número dos atacantes, incluindo os comandantes e o municiador de João Bezerra, é de quarenta e nove homens.

"Sob o comando do cabo João Bezerra", etc., etc.

João Bezerra, quando comandou esse ataque, já era tenente, e, portanto, é mais um erro do autor da reportagem.

Diz que a tropa saiu de Santana do Ipanema, subiu, em canoas, o rio São Francisco.

Aqui estabelece um milagre geográfico.

Santana do Ipanema é sertão, não porto, fica muito longe do rio São Francisco que foi "descido" pelas canoas que levaram a tropa, partindo do porto de Piranhas, onde ainda hoje vivem dezenas, ou talvez mais de um cento de pessoas que assistiram o embarque dos militares.

Este é outro engano, realmente grosseiro, em virtude de "mudar" uma cidade sertaneja para as barrancas do velho Chico.

Vamos adiante.

Diz da divisão da tropa e que apesar de existir um aspirante, o "cabo" ficou comandando por sua experiência em lutas contra os cangaceiros.

Quanto ao "cabo", já dissemos que o mesmo era tenente,

na ocasião desses acontecimentos. Agora, por que a escolha de alguém com experiência em lutas com cangaceiros?

Não iam atacar cadáveres? Não estariam todos envenenados? É mais um erro na elaboração da tese do tal envenenamento.

Diz em seguida que Pedro, em vez de dar o sinal combinado, foi pessoalmente avisar do envenenamento.

Bem, se tivesse sido consumado esse envenenamento tal poderia ter ocorrido.

Em seguida, o "cabo" mandou o aspirante avançar e abrir fogo o que foi feito por quinze minutos sem resistência dos cangaceiros que já estavam todos mortos pelo veneno.

Muito bem. Todos os cangaceiros estavam mortos pelo veneno. Não sobrou nenhum para contar a história (segundo o autor da reportagem).

Eu pergunto:

— Todo o Brasil tem acompanhado, há muitos anos, através de entrevistas em rádios, jornais, revistas, TVs, os sobreviventes do cangaço falarem sobre cenas e episódios daquela vida. Muitos dos que estavam em Angico ainda são vivos e estão sempre contando como se deu o fato.

Que o tenente João Bezerra tivesse instruído seus 48 companheiros para mentirem, negando o tal envenenamento, é possível. Que todas essas pessoas, durante mais de quatro décadas, tivessem continuado a mentir sem nenhuma contradição é absolutamente impossível.

Se por essa lavagem de memória, todos tivessem conseguido enganar até pesquisadores e curiosos do assunto, ainda restariam algumas outras fontes de informações.

Mais preciosas, por sinal, por não se verem obrigadas a mentir para salvar as aparências dos militares atacantes.

Por que mentiriam (contando como foi a luta e a morte dos companheiros e parentes), Sila, cujo irmão foi um dos que morreram ali, Marinheirinho, Novo Tempo que são também irmãos de Sila e daquele que tombou em Angico, portanto.

Zé Sereno, marido de Sila, Zé de Julião cuja esposa, Enedina, também morreu nessa madrugada, Criança, Balão que nos mostrou o local e cicatriz do ferimento que tivera na perna. Por bala, não por veneno.

Enquanto existir vivo qualquer um daqueles que estiveram ali, naquele 28 de julho, pode-se mentir à vontade sobre vene-

nos e envenenadores só que corre-se o sério risco de ser desmascarado.

Quando não houver mais nenhum deles com vida, deverá ser mais fácil inventar cenas de envenenamentos no café, na bebida, em comida, mas para que tal não aconteça gravamos com quase todos os que sobreviveram, as informações sobre as horas que antecederam a luta, durante o combate e o que aconteceu depois.

Gravamos também com vários soldados que participaram do combate, que por sinal estão concordes com as informações dadas pelos cabras de Lampião, mas, por serem partes interessadas (caso fosse verdade o envenenamento), imputaríamos maior validade ao que nos contam as vítimas.

Interessante notar que aqueles que defendem essa esdrúxula tese do envenenamento, encontraram uma forma para justificar a presença de um soldado morto. Dizem que Adrião Pedro de Souza foi assassinado pelos companheiros, pelas costas.

É possível?

Sim, até seria. Se fosse verdade.

Foi morto, porém, com um tiro no peito. Por que esses ficcionistas não perguntam, por exemplo, ao cangaceiro Balão, por quem?

João Bezerra, segundo ainda esta reportagem, teria dado um tiro na batata da própria perna.

Possível?

Claro, sem dúvida que sim.

Por que não perguntaram a Zé Sereno, quando ainda vivia esse nosso amigo, quem deu os tiros no tenente? (Que foi ferido não só na perna mas também na mão, cuja cicatriz eu próprio vi, em sua casa de Garanhuns, em janeiro de 1969.)

É fácil criar fantasias.

O difícil é fazer acreditar as pessoas que conhecem o assunto ou que se interessem em descobrir com quem está a verdade.

Não é difícil, repetimos, defender a tese desse pretenso envenenamento, pois existem muitos ainda que dizem Lampião estar vivo.

Diz ainda a reportagem que depois de degolados, os corpos foram atirados ao fundo do riacho.

Outro engano, cada um foi degolado onde caiu, a maioria no leito do riacho.

Esqueceu-se o autor dessas fantasias de usar mais um

argumento (que aliás tem sido usado como "prova inconteste" do envenenamento) e que vou rememorar.

Dias após, uma caravana com alguns estudantes de Direito que veio do Recife, e viram junto aos caráveres, em estado adiantado de decomposição, dois ou três urubus mortos.

Foi a conta!

Levantou-se então a tese de que Lampião e os outros haviam falecido vítimas de forte veneno e as aves teriam morrido por comerem os corpos envenenados.

Falei com moradores do lugar e também com o comandante da primeira volante que esteve no local, depois do combate, o então capitão João Lins, comandante das forças sergipanas para todo o baixo vale do São Francisco.

Devido ao mau cheiro que os corpos desprendiam, jogaram sobre os mesmos creolina. Os urubus comeram, morreram e deram início à fantasiosa versão do envenenamento.

Não que a polícia fosse incapaz de usar qualquer expediente para eliminar Lampião, usaria esse ou outro qualquer, não importando se o mesmo seria julgado escuso ou não.

Simplesmente é que, em verdade, não houve o caso do veneno.

Morreram nove homens e as duas mulheres, Maria Bonita e Enedina no calor da luta, vítimas de tiros.

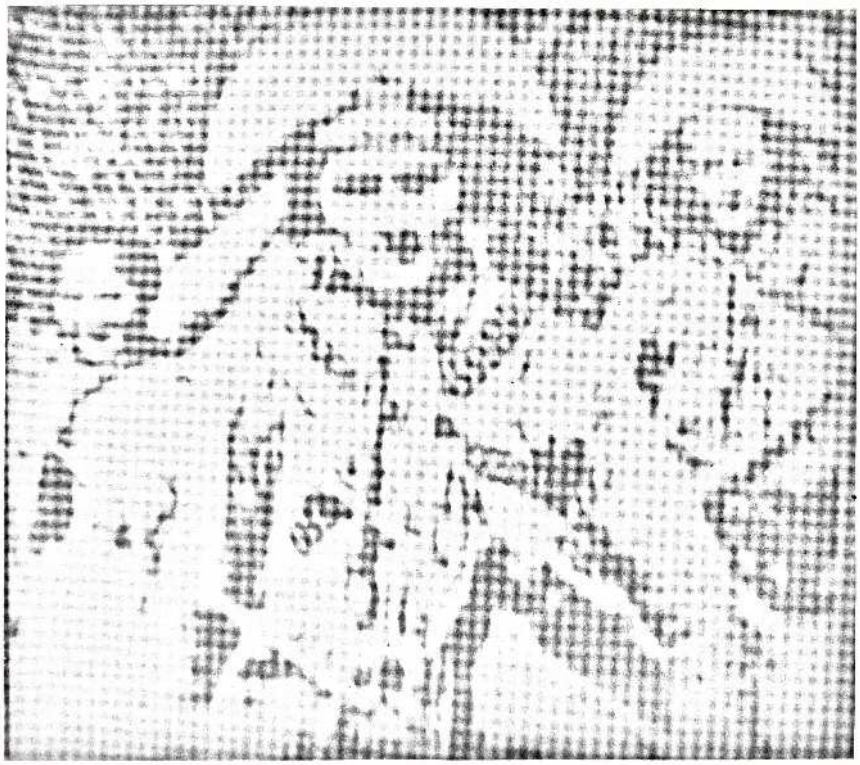
Porém deixemos de lado as mirabolantes fantasias do envenenamento e retornemos à companheira de Lampião.

Maria, da mesma forma que seu companheiro, não escapou ao exagero e a desinformação, originada mais provavelmente pela boa fé daqueles que escrevem sobre a temática cangaço do que mesmo pela intenção de mal informar.

Em livro bastante recente, 1980, intitulado "Lampião e Maria Bonita, seus crimes, seus amores", o autor João Bento dos Santos nos conta a respeito de informação que recolheu em Serra Talhada, "de um certo senhor já avançado nos anos, conforme os cabelos brancos que apresentava, e cujo nome por extenso não guardamos na agenda nem na mente".

Vamos nos ater somente aos tópicos que envolvem a presença de Maria Bonita, deixemos de lado o início da descrição do assalto a uma fazenda, situada no estado de Pernambuco, grave bem leitor, Pernambuco, repito, perto da cidade de Rio Branco.

"Nesse ínterim 'Maria Bonita' entra na sala, onde a gri-



Durvinha, seu companheiro Virgínio, também chamado por Moderno,
e mais ao fundo Luiz Pedro, que morreu em Angico.

taria não é desse mundo, e pergunta: 'quem é a dona da casa?' Na vã esperança de que ela na qualidade de mulher, deseja suavizar a situação por demais aflitiva, a esposa do fazendeiro sobrepõe-se à frente do marido, e nomeia: 'Eu!' e dá o nome.

A interlocutora "arreada" dos pés à cabeça com a vestimenta característica dos cangaceiros; o peito e as costas encruzados de largas tiras de couros cru, contendo cartucheiras e suportes ou penduricalhos para bornais.

Largo cinto portando fivela e ilhoses dourados, com bainhas guardando afiado "rabo de galo" e um punhal de meio metro sobre o busto em sentido transverso. Calçada de alpercatas sertanejas; chapéu de couro, quebrado na frente, e enfeitado com moedas amarelas e brancas. Nas laterais pendentes dos ombros pesados "bizacos" de lona, cheio de indefinidos materiais. No pescoço, colares e trancelins de prata e ouro, além de um rosário de contas "encastoados" e outros sinais muito usados pelo povo, a fim de evitar azares e mandingas. De mulher só apresentava mesmo o cabelo entrançado e enrodilhado sob o chapéu. Um olhar menos arguto não a distinguiria dentre os demais cangaceiros.

Dando-lhe a resposta de que era ela a dona da casa, a aflita senhora foi agarrada pelos cabelos, pela outra, e foi levada aos empurrões até a cozinha e mandada fazer café, aditando-lhe a agressora em grave reprimenda:

— 'A uma hora dessa, o sol no meio do céu, e você ainda não fez café? Que dona de casa é você sua...?'

Quando eu, dona Maria Bonita, mulher de Lampião e disposta pra matar e morrê, desde quatro hora da madrugada que ando no mundo, e de café já tomado! Tenha vergonha, mulhé safada! Dizendo essas palavras, dá-lhe um forte empurrão de costas aJuntando-lhe uma pesada nas traseiras. A vítima sai às tontas caindo por cima dos varais."

Até aqui o trecho que nos interessa.

Todos os cangaceiros sobreviventes do bando de Lampião sabem que Maria Bonita jamais andou pelos lados de Rio Branco.

Ainda mais que, em prosseguimento a esse assalto o grupo é emboscado por uma volante e Sabino carrega Lampião, que fora ferido no pé. Sabino faleceu em 1928 e não chegou a existir mulher nos grupos antes de 1930.

Enfia-se os pés pelas mãos numa trapalhada notável, e o

leitor menos familiarizado com o assunto vai recolhendo esses informes como se fossem verdadeiros.

Depois vem a descrição dos trajes de Maria, com facão "rabo de galo" à cinta. Jamais as mulheres os usaram. E estão aí fotos para comprovar nossa afirmativa. Punhal de "meio metro sobre o busto" era outra arma que as cangaceiras não levavam, era privativa dos homens. "Chapéu de couro quebrado na testa e enfeitado com moedas amarelas e brancas", é outro disparate, — usavam baeta, e não era quebrado nem na testa e nem atrás.

O "cabelo entrançado e enrodilhado sob o chapéu", também é algo que nunca vimos em nenhuma das fotos existentes das que Maria posou durante sua vida no cangaço.

Em resumo, uma descrição completamente desvirtuada da realidade.

Mas, prosseguindo, encontramos no mesmo livro informações que são realmente do "arco da velha". Vamos transcrevê-las e depois comentá-las.

"Lampião e seu grupo campeou largo espaço de tempo, cometendo ao lado do Antônio e do Livino, crimes estarrecedores. Estes seus irmãos logo cedo perderam suas vidas em duelos com as polícias de vários estados nordestinos. E foi num destes combates que ele mesmo veio a ser ferido num olho ainda são, pois que já o outro perdera-o ao espetá-lo num espinho de quixabeira, numa circunstância estranhamente significativa: num momento de intenso amor...

Madrugadinha, o cangaceiro de braço com a formosa Maria Bonita, dirigiu-se a um lago de águas pluviais, onde ela quando ali passava fazia ligeiro asseio. Antes de ali chegarem, pararam um pouco para deliciarem-se num ato de pleno amor, livre e espontâneo. Maria despe-se e no calor do ansioso desejo ela finge fugir dele para mais estimulá-lo. Ele, louco de amor, persegue-a, aos saltos, transpondo touceiras e relevos. Ela, exausta, prostra-se à margem do lago e o amante toma-a nos musculosos braços e a coloca num macio colchão de folhas ressequidas, e ama-a com todas as forças viris de que é capaz. Na expressão mais forte que os envolve o delírio amoroso a fêmea sente o impacto penetrante nas suas entranhas de um reforço substancial em que um novo ser é ali semeado. O macho, igualmente, está consciente da embriaguez sensual que lhe tomara os setores sensitivos, no período sensacional em que teve seu corpo unido ao da mulher amada nos impulsos orgâ-

nicos. Emergindo o órgão sexual na profunda origem do amor e da vida, ele sente ter-se desprendido de suas vivas energias, algo particular de si mesmo, invisível e impalpável pela expressão física. Mas que, unindo-se ao gen feminino na própria fonte, brotará mais tarde num autêntico fruto do amor desse inesquecível momento de um puro, livre e espontâneo ato de amor.

Não há, porém, memória frutífera desse grande momento amoroso, tantas vezes editado nos abrigos, ao luar; nos campos abertos; ou nos esconderijos antes do sol nascer, ou na penumbra do anoitecer. O amor intenso, não escolhe sítio nem mede o tempo. Ocorre a todas as horas. Por entre o sibilar das balas, ou no recesso das lutas, deitados, no amparo das folhas; ou mesmo de pé, encostados numa árvore rocha, ou comprimidos pelo sol ardente; ou sob tempestuosa enxurrada, ao leve apoio de um frágil vegetal.

O amor desse louco casal de amantes torna-se um amor extraordinário. Amor sem medo, e de todos os momentos. Amor duplo, triplo, drádruplo, quíntuplo, sêxtuplo e, por aí afora, sem conta... Entretanto há uma dúvida... Um filho.

Conta-se haver desse constante e permanente amor um único rebento. E que em certa ocasião o bebê desandou a chorar. O pai receoso de ser por ele denunciado, levanta-se cheio de ódio do filho inocente dos perigos que corriam os pais, e ameaça-o de traspassar-lhe o tenro corpo com o punhal já desembainhado em sua mão.

— 'Estais louco, Lampião? — brada Maria Bonita — Queres matar teu próprio filho?! E ameaçadora, com o mosquetão engatilhado: se o fizeres, será a tua vida pela dele!'

E já ia levando a arma a altura do ombro, alvejando o marido, quando ele jogou longe o punhal dizendo à mulher: 'Vê se te aquietas, cobra cascavel! Eu nunca ia fazer uma coisa dessa, matar o nosso filho! Isso é uma simples brincadeira com o safadinho...'

O amor de Maria Bonita por Lampião teve um começo 'sui generis'. Isto é, à sua maneira de conquistá-lo.

Anteriormente à sua convivência com o cangaceiro, era a Maria Bonita, modesta esposa do camponês conhecido por 'Joca Pequeno', gracioso apelido familiar. Senhora de raros dotes de beleza física, a que se prendera o moderado homem do campo. Pais de vários filhos, o casal via transcorrerem os dias, sem maiores pretenções, além daquela que era sem dú-

vida a grande aspiração, como, de ordinário são, as de todos os pais de família: dar à prole, nas limitações de cada um, favoráveis condições de vida.

Pensando e agindo segundo esses pensares, complementava o casal sadios projetos na criação e orientação dos rebentos. E assim a feliz simplicidade encarregava-se do resto. Sim, o resto... Mas o resto que nunca esperou o pacífico 'Joca Pequeno'... E que viesse a ser uma determinante na dissolução de sua união com a bela mulher que tanto amava.

Lampião, na sua juventude, apresentava os atraentes e belos traços característicos de perfeição natural inerente aos seres humanos como alvos recíprocos nas incompreensíveis preferências amorosas entre o homem e a mulher. São segredos que o próprio segredo segreda.

Noutros tempos, ele e a Maria freqüentavam juntos escolas da localidade. Residiam distantes, mas chegavam juntos, sentavam-se juntos, recreavam-se juntos, e saíam juntos. A intimidade juntou-se àquele 'quê', misterioso primeiro amor, alvejado em primeira mão pela seta de 'Cupido', no indefeso coração da jovem Maria. E, igualmente, a afeição indescritível pelo seu corpo e sua graça, sensibilizava o moço Virgulino. Namoram apenas... e separam-se. O tempo passa."

Amigo leitor, até aqui transcrevemos o que nos conta o autor João Bento dos Santos. Os que se interessam pela temática cangaço devem estar espantados com a afirmação do referido autor, de que Lampião perdeu o olho num "espinho de quixabeira" e além do mais "num momento de intenso amor...".

Coitada de Maria Bonita, agora, mais de quarenta anos passados de sua morte é acusada de, indiretamente, ser a causadora da cegueira de uma das vistas do amante.

Conversando com o irmão de Lampião, João Ferreira (recentemente falecido em Sergipe) e com sua irmã Maria, conhecida comumente por "Mocinha", revelaram-nos que toda a família tinha problemas oculares, dos quais também Virgulino não escapou, e que perdeu a vista direita num dos entreveros que teve com a polícia aí pelo ano de 1925.

Dadá, a mulher de Corisco, dona de memória simplesmente fantástica, contou-nos que ouviu da própria boca de Lampião a história de como perdeu a vista direita, ferida por

espinhozinho de quipá, o qual fora atirado pelo impacto de uma bala durante um combate com a polícia.

E mais, Dadá disse-nos que por várias vezes ouviu Lampião contar essa versão.

O mal é que, se alguém ler somente esse autor, vai acabar acreditando em suas fantasias.

Depois vem o caso da criança.

Como já tratamos do mesmo (quando um poeta aproveitou o boato para exercitar sua verve) vamos relegá-lo ao esquecimento.

Agora temos esse tal de "João Pequeno", "camponês" que foi elevado a marido de Maria Bonita e pai de vários filhos.

Ainda bem que o verdadeiro marido da rainha dos cangaceiros já não está vivo, senão poderia morrer de ataque de riso ao ter o nome alterado de José (ou Zé, de Neném) para Joca Pequeno. E mais ainda por se ver livre do problema que o acompanhou do berço ao túmulo: a esterilidade!

Sem dúvida o referido autor jamais conversou com alguém de Santa Brígida, a terra natal de Maria e do seu esposo, senão saberia que o casal não gerou prole, rebento algum houve dessa união.

Prosseguindo, o referido autor conseguiu um milagre no tempo e no espaço.

Diz que Maria e Lampião foram colegas de escola.

O riacho de São Domingos (Sítio Passagem das Pedras), onde nasceu o Rei do Cangaço e situado no então município de Vila Bela, de Pernambuco, encontrava-se separado por algumas centenas de quilômetros de péssimas estradas (estradas?) do sítio Malhada da Caiçara, perto de Santa Brígida, na Bahia, que é o lugar do nascimento de Maria Bonita.

E o milagre se torna maior ainda, já que não bastasse a separação pela distância, que em virtude das péssimas vias de comunicação naqueles longínquos anos do início do século podia ser multiplicada por dez, ainda temos a diferença de no mínimo uma década entre a idade dos dois.

Virgolino freqüentou a escola de Domingos Soriano, somente por três meses, antes de ter completado os nove anos. Maria por esse tempo não havia nem nascido ainda.

São esses disparates que tornam a história do cangaço tão cheia de desencontros e contradições. Já não bastassem os naturais exageros e superdimencionamento de participação que

o sertanejo se outorga, quando mero participante dos episódios, se depara com erros e invenções ditas por escritores. Ora *dasse*!!!

Deveria haver por parte dos pesquisadores e escritores desse tema (e de outros também) um mínimo de bom senso e honestidade para com o leitor. Escrever a torto e a direito é fácil, escrever com base, com conhecimento do assunto já é bem mais difícil.

Segundo o escritor Joaquim Góis, se houvesse uma polícia literária muita gente seria punida.

Mas voltemos ao capítulo VI do livro "Lampião e Maria Bonita".

"Ele segue a vida erradia do cangaço. Um nomadismo sem par, na história dos assaltos à mão armada. Mata, rouba e incendeia. Bate-se em tremendos encontros, em que as repressões policiais não o poupam. O ideal dos perseguidores será sua captura ou morte. Por entre as efervescências dos seus planos, uma vez por outra vem a tona a consoladora lembrança de Maria. Por outro lado, a boa mãe de vários filhos, cuidadosa do lar e colaboradora do marido na administração da economia doméstica, guarda, sem saber a causa, nas ebulições da sua falha mentalidade, partículas bem vivas daquelas doces horas de carinho e meiguice, do primeiro amor do jovem namorado, e colega de escola, nos áureos tempos que não voltam mais... Pensa e sonha com ele.

Um dia ele reaparece diante dela, e...

— 'Maria, — diz-lhe — tenho-te sempre no meu pensamento. Amo-te ainda como naqueles dias felizes de nossa infância. E, se ainda tenho lugar vago no teu coração, acompanha-me. Seremos felizes, tenho certeza. Deixa tudo, e vamos embora. Peço-te querida. Não me negues o primeiro amor de minha vida...'

Maria sentiu, ao ver e ouvir Lampião, as amarguradas lamentações, cujo móvel era não tê-la ao seu lado, uma dor igualmente amarga de viver longe dele, como se o perdera por toda a vida. Pensa nos filhos pequeninos, no marido tão bom e tão cordato... Mas, o amor de Virgulino está plantado no seu coração. Não o esquece nunca... Sonha com ele... E em sonho abraça-o, beija-o.

Ele, antigamente era uma promessa. Hoje é uma oferta. Uma realidade. Perdê-lo agora seria perder-se a si mesma. Pois

morreria de chorar, e de chorar por todas as horas de sua vida. Quem foge, num momento desse, e renega os ditames do seu coração?!

Maria decide-se a acompanhar Lampião, mesmo sabendo que vai encontrar-se com revezes, aventuras dolorosas e atribulações de toda ordem e dias difíceis. Realmente. Na dura caminhada ao lado desse homem cruel e agitado por cujo amor troca o marido pacato e bom, abandona os filhos em tenra idade, e transtorna um viver ordenado numa relativa comodidade que conforta o labor diário das esposas e das mães de família, no cumprimento dos seus deveres. Poderá ou não ser feliz.

Ela sabe de tudo isso, mas, diante das carícias do amante, esquece as negras perspectivas de uma existência sobremodo tumultuada. Da insustentável posição de tranqüilidade e segurança, quando do corre-corre, no fragor das lutas com adversários poderosos. Este não seria um viver ideal para o desfruto de um grande amor. Nem a certeza do dia de amanhã, com relação à permanência da própria existência. Ambos poderiam perdê-la a qualquer momento em que as surpresas de um encontro com as volantes "cartas brancas", ocorressem. Insiste! Mesmo assenhorizando-se desses mínimos detalhes, em que o perigo poderia roubar-lhe a vida. A Maria entregou-se de corpo e alma às lides do cangaço, vestindo-se com o fardamento rústico e digno dessa gente. Armada de mosquetão e punhal. Tomou lições de pontaria, e colocou-se ao lado do amante 'para o que desse e viesse'. E provou sua disposição para as rinhas com 'os macacos do governo'.

Nas horas do entrechoque, ela não media sacrifício para vencê-los. Jamais recuou um passo apenas, quando se tratava de dar cobertura a uma fuga estratégica do bando. Numa dessas tremendas derrotas do grupo a repercussão 'interna' revestiu-se de um prejuízo claramente desmoralizante. Abatedora mesmo. Levando a todos os componentes do bando uma incomparável decepção: qual seja a de verem o seu chefe perder o olho esquerdo. Um tiro.

Falamos acima que um certo momento de lazer, em que se entregara alegremente às incitações amorosas de Maria Bonita, Lampião que só tinha um olho são, tivera este quase vasado quando uma má visão fê-lo esbarrar numa quixabeira, sobre cujos espinhos deixaram-no bem marcado. Tendo um

deles lhe atingido a vista levemente. Mas, perigosa, por ser a única restante..."

Vamos parar por aqui e analisarmos algumas das informações que o autor nos dá em seu livro.

Quanto ao princípio do mesmo, quando falando sobre Maria, diz "a boa mãe de vários filhos", já o dissemos que a mesma não teve filhos com seu marido, José de Neném, nem vamos falar novamente que não foram colegas de escola, etc.

Mais algumas linhas adiante encontramos: "Armada de mosquetão e punhal".

Ora, as mulheres só portavam armas curtas. Saberiam talvez, em virtude do meio em que conviviam, atirar de rifle, fuzil ou mosquetão (como foi o caso específico de Dadá, quando Corisco ficou inutilizado dos braços em conseqüência do tiro disparado pelo soldado volante João Torquato. A mesma contou-nos que "Moça", a companheira de Cirillo, de Ingrácia, também sabia atirar de fuzil mas que não participava dos tiroteios). Mas, que fosse praxe as mesmas andarem com o armamento igual ao dos homens, isso não.

E Maria também não fugia à regra geral.

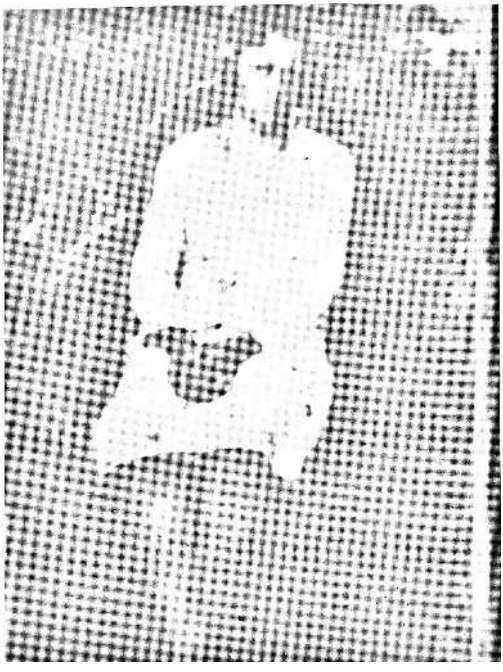
Linhas abaixo diz ainda: "Jamais recuou um passo apenas, quando se tratava de dar cobertura a uma fuga estratégica do bando".

Bem se vê que o nosso ilustre escritor não obteve informações em fontes seguras e límpidas, de como agiriam os cangaceiros no seu lutar e no seu viver. Para fazer tais afirmativas só mesmo abeberando-se em cacimbas de águas bem turvas.

Qualquer sobrevivente do cangaço, dos que acompanharam Virgolino nos últimos oito anos de sua vida nômade, no período em que houve a presença das mulheres nos diversos grupos sabe que nunca, em tempo algum, uma mulher foi incumbida de dar cobertura a uma retirada estratégica ou não.

Quando os homens planejavam uma emboscada, uma luta contra qualquer volante, retiravam para longe as mulheres e se porventura eram atacados de surpresa, sustentavam fogo o tempo necessário para que as cangaceiras conseguissem sair em segurança.

Colocar Maria Bonita cobrindo retiradas do grupo já é exagero, e ainda diz um pouco abaixo: "Levando a todos os componentes do bando uma incomparável decepção; qual seja a de verem o seu chefe perder o olho esquerdo. Um tiro"; já





A baroneza de Água Branca, dona Joana Vieira de Siqueira Torres, a primeira mulher que perdeu dinheiro e jóias para o cangaceiro Lampião. Os transcelins da foto, nove anos depois, foram enfeitar o colo de Maria Bonita.

é uma incongruência. Mormente quando existem muitas fotos do Rei do Cangaço publicadas em dezenas de livros, em centenas de jornais e revistas que mostram o cangaceiro cego do olho direito. E não por conseqüência direta do impacto da bala, que se assim tivesse acontecido teria vazado o olho, mas sim pelo espinho de quipá que atingiu o globo ocular já doente.

E por fim acaba desdizendo o que afirmara páginas atrás ao dizer: "Pois que já o outro perdera-o ao espetá-lo num espinho de quixabeira, numa circunstância estranhamente significativa: num momento de intenso amor".

Pelo visto Lampião tinha vários olhos: um perdido em tiroteio, outro em momentos de euforia sexual, um "terceiro" "quase vazado", um esquerdo perdido por tiro e um que deve ter sido deixado intacto para que não fosse um cangaceiro portando bengala branca ou levado pelas mãos de um desses meninos que guiam cegos.

Mas a continuar-se com essas deturpações constantes chegará o dia em que leremos episódios da gesta cangaceira em que estes combaterão nazistas que preparavam a invasão do sertão pelas tropas alemãs e que Lampião, num rasgo de patriotismo, as vence e que os cangaceiros serão transportados para a África a fim de debelarem uma sangrenta revolta dos Zulus.

Os cangaceiros enfrentando galhardamente a avançada das tribos indígenas do oeste americano, lutando contra invasores extra-terrestres e coisas desse naipe.

Não estranhe, amigo leitor, quando for enterrado o último cangaceiro, quando morrer a última pessoa, daquelas que acompanharam Virgolino e sua gente, quando não existir ninguém mais com conhecimento do assunto para refutar certos disparates, aí então você vai ler histórias de Lampião no mundo da lua, no fundo do mar e outras tantas fantasias "modernas".

Escritores jurarão que obtiveram de "fonte segura" a informação de que Lampião foi visto escalando o Everest, atravessando o deserto de Saara com toda facilidade, porque já estava afeito ao rigor da seca nordestina, lutando contra os esquimós no Pólo Norte, e ninguém haverá para contestá-lo. Pensará o leitor que estou exagerando?

Bem, vamos dar um pequeno exemplo extraído do Jornal *Cidade de Santos*, com data de trinta de abril de 1968, primeiro caderno, na seção Cidade no Esporte, redação: De Vaney.

Lemos o seguinte:

"Esta você não sabia.

Claro, só os especializados, em qualquer coisa, podem saber mais e melhor do que os que não o são. Por isso, nesta seção surgirão detalhes que muita gente desconhecia.

Todos conhecem Lampião. Conhecer, é forma de falar, porque, na verdade, raros o conheceram. Mas saber que ele existiu e saber, também, de suas façanhas, isso — e aí, sim, a frase cabe por inteiro — todos conhecem. Mas há alguns detalhes que mesmo os entendidos em Lampião desconhecem totalmente:

Lampião jogou futebol. E, por sinal, era um zagueiro de respeito.

Valente — pudera... — como ele só, e exímio, perfeito, nas bolas altas e nas antecipações. O seu clube era o Esporte Clube Pedra, da cidade de Pedra nas Alagoas, onde ele nasceu. O triângulo final (goleiro e dois beques) era constituído por Lingario, Doberto e Virgulino. Esse Virgulino como explica a velha canção nordestina "Meu nome é Virgulino mas me chamam Lampião" — era o Lampião, ainda um menino sem as idéias de vingança que lhe tomaram de assalto o espírito quando lhe assassinaram o pai. Depois, já no cangaço, Lampião não esqueceu que fora o zagueiro Virgulino, e sempre que havia local seguro e tempo favorável, ele formava uma pelada, e tome chute na bola. Com uma curiosidade: — Todos os jogadores de revólveres no coldre e cartucheira no cinto.

Pouco a pouco, Lampião foi se cansando daquela vida de corre daqui para acolá. Seu encontro com Maria Bonita, que por sinal nunca foi conhecida por Maria, mas sim 'Santinha', modificou-lhe radicalmente o sistema de vida, tanto que, após o nascimento de sua filha Expedita, recolheu-se a Angicos, onde formou uma fazenda, e onde foi envenenado — e não morto a tiros, como a polícia afirmou — juntamente com 'Santinha' ".

E aqui desfilaram algumas coisas que, possivelmente, você não sabia.

Bem, caro leitor, depois desse "banho" de cultura lampiônica que nos dá o articulista, eu vos digo que: se você não sabia "dessas coisas" que desfilaram, é bom que as continue ignorando.

Porque se você algum dia passar por Poço Redondo, a cidade mais próxima do local onde Lampião morreu, e conversar com algum daqueles velhos coiteiros, volantes, ou elemen-

tos que acompanhavam os grupos, quer homem quer mulher, vai ouvir então a verdade que é muito, mas muito diferente mesmo daquilo escrito por De Vaney.

A começar pela morte, que foi provocada por balaços durante a fuzilaria, com balas policiais. Quanto ao futebol, pode até provocar sua prisão, com suspeitas de loucura, se perguntar para algum caatingueiro se o mesmo sabe que Lampião jogava bola.

Em primeiro lugar, ele não nasceu em Pedra, mas sim lá na ribeira do riacho de São Domingos; em segundo, as vezes em que aí esteve foi almocrevando "peles de bode" (que por extensão corresponde as das fêmeas também) para o coronel Delmiro Gouveia.

Jamais jogou futebol, segundo nos esclareceu o seu irmão João Ferreira dos Santos. Também durante os tempos de cangaço não o fez, segundo o informe insuspeito daqueles que o acompanhavam e que até nos olham com surpresa ao fazermos tal pergunta.

Parecem remoer na mente o seguinte pensamento:

"Será que nosso amigo ficou doido? Será que depois de tantos anos de pesquisas enlouqueceu? Perguntar se jogávamos futebol nas caatingas era só o que faltava!"

Outro disparate, que de tanto ser repetido, copiado, poderá, no futuro, passar por fato acontecido: é essa história de Lampião fazendeiro. E não vão faltar os que dirão: — Um vizinho do primo do meu avô viu Lampião com a enxada no roçado da fazenda dele.

Ou então:

— Meu bisavô ouviu falar que um sujeito ouviu dizer que Lampião vivia correndo o gado lá na fazenda que possuía.

E como quem conta um conto aumenta um ponto, irão enriquecendo a narrativa com detalhes e minúcias que seus cérebros férteis em fantasias irão fornecendo.

Há poucos dias os jornais, revistas, televisão e rádio do mundo inteiro foram inundados com notícias sobre o encontro dos diários secretos de Hitler.

Grafólogos, especialistas em nazismo, pessoas que conheceram pessoalmente o ditador alemão, foram consultadas e estabeleceu-se a polêmica sobre a veracidade dos volumes encontrados.

Por fim, chegou-se a conclusão de que eram falsos.

Com respeito à vida tumultuosa dos cangaceiros também tem acontecido fatos idênticos.

Muita ficção, muita inverdade tem sido escrita e falada, sem que se procure saber se tais fantasias são reais ou não.

Isso estimula a muito pretenso escritor a colocar em letra de forma as mais absurdas idéias sobre o cangaço.

Talvez em breve tenhamos alguém descobrindo em uma água furtada de Paris, ou em um sótão abandonado de velha casa de Lisboa, as memórias escritas pelo Rei do Cangaço pouco antes de morrer de velhice e cercado pelos amigos que angariou.

Esperem e verão.

MAIS CANGACEIRAS

Relembremos agora mais algumas figuras femininas que foram coadjuvantes, com maior ou menor expressão, na história conturbada do bando cangaceiro que teve em Lampião o chefe supremo.

De algumas sabe-se pouca coisa além do nome e do vulgo do "cabra" a quem acompanhara nas correrias pelo sertão.

Já de outras, obtém-se informes mais seguros através de parentes, antigos companheiros ou paisanos, que mantiveram contacto durante o tempo da campanha cangaceira. Também recorrendo-se ao noticiário de jornais da época, pode-se traçar o perfil de algumas dessas mulheres.

Por exemplo, o jornal *A Tarde*, de Salvador, em trinta e um de março de 1932 publicava a prisão de um cabra do grupo de Labareda (Ângelo Roque), Passarinho e da companheira do mesmo.

Lica Maria da Conceição — Companheira do cangaceiro Passarinho, nascida ali pelas fraldas da serra do "Chico", que fica nas proximidades do raso da serra da Catarina. Baiana, portanto.

Foi presa, logo depois do seu amante, e encaminhada para a casa de detenção de Salvador e encontrava-se grávida nessa ocasião.

Sabina da Conceição — Amante do cabra Mourão (Manoel Nascimento de Souza, seu verdadeiro nome), moça de dezesseis anos, forte, baixota, dentes perfeitos. Iludida pelo rapaz que desvirginou-a e levou-a para o grupo.

Ao que consta, cronologicamente, foram essas duas as primeiras das várias mulheres que caíram prisioneiras da polícia.

Maria dos Santos — Era mais conhecida como Mariquinha. Dizem que era muito quieta, introvertida mesmo, franzina e baixa. Afirmam ainda que fora, antes de vir para o cangaço, prostituta no Juazeiro do Ceará. Se verdade, foi a única.

Apanhara grave doença pulmonar, tuberculose ao que parece, e retirara-se para a casa da família no sertão, onde conseguiu pleno restabelecimento.



Em primeiro plano Durvinha, ao seu lado direito Luiz Pedro, atrás do mesmo Nenê. Mais ao fundo Pancada.



Durvinha, Virgínio em primeiro plano e mais ao fundo Luiz Pedro.

Por esse tempo foi que travou conhecimento com Ângelo Roque, vulgo Labareda, e acompanhou-o.

Morreu em cinco de abril de 1940, quando o grupo de Labareda foi surpreendido pela volante do sargento Odilon Flôr, em um intrincado de caatinga nas imediações de Bebedouro, naqueles tempos, Paripiranga hoje.

Estavam sob a barraca quando foram metralhados de surpresa, além da mulher também caíram mortos Mansinho e Sofreu.

Ana — Pouco se sabe dessa mulher, a não ser que acompanhou os remanescentes do grupo de Labareda quando o mesmo entregou-se em Geremoabo. Ana fazia-lhe companhia e dizia ser sua mulher. O curioso é que Labareda entregou-se logo no mês seguinte ao da morte de sua companheira Mariquinha e já foi com outro rabo de saia junto: Ana.

Durvalina — Mais conhecida como Durvinha, baiana, estatura média, bem morena, bonitinha, bonito corpo, vivia com Virgínio apelidado como Moderno, cunhado de Lampião.

Uma das primeiras a serem aceitas no grupo e com isso, indiretamente, acabou acarretando a desgraça da família e a morte de seu pai, Pedro Gomes.

Este foi preso, após o tiroteio do tanque da fazenda Touro, pelo tenente Francisco Moutinho Dourado, que o levou para a cadeia de Geremoabo.

Aí sofreu bastante, sendo espancado violentamente por diversas vezes; não mais suportando as surras contínuas, suicidou-se.

Lembremos em tempo que sua casa na fazenda foi saqueada e incendiada, bem como as cercas destruídas, o criatório requisitado ou morto pela mesma volante.

Depois da morte do seu companheiro no grupo, que ocorreu no Estado de Pernambuco, onde estavam tentando ocultar-se após sangrento ataque à cidade de Piranhas, ela chorou inconsolavelmente durante três dias e, no quarto, deixou os companheiros seguindo com Manoel Moreno, o da Paraíba, que fora cabra de Chico Chicote por algum tempo, Laranjeira e mais dois cabras, tomando rumo ignorado.

Quitéria — Alta, branca, companheira de um cabra por vulgo Pedra Roxa que andava com o valente Moita Brava. Não temos mais informes sobre essa moça.

Maria Cardoso — Sergipana do município de Carira, era quieta, calada e considerada por todos como boa pessoa. Amante do alagoano Gitirana, o cantador repentista do cangaço. Ele entregou-se em 1940 e a moça foi enviada para a casa dos pais.

Uns dois anos depois ele conseguiu fugir da cadeia e foi procurá-la, sendo bem recebido pela família que procurou ajudá-lo, pois estava com tuberculose em grau bem avançado.

Morreu logo depois e foi enterrado ali mesmo na fazenda. Dizem que ela reside hoje no lugar denominado "Travessão", em Sergipe.

Maria Fernandes — Companheira de Mané Juriti, viveu pouco tempo com o mesmo, um ou dois meses no máximo.

Entrou um mês antes da tragédia de Angico. Quando do combate ficou apavorada e estática durante o tiroteio e foi puxada, de onde estava, pelos cabelos, por seu homem, que salvou-lhe a vida.

É da família de dona Delfina Fernandes, da Fazenda Pedra D'água, onde os cangaceiros sempre foram alegremente recebidos.

Curiosamente seu companheiro devolveu-a ao seio familiar alegando para tanto que quando a levara, a mulher já não era virgem.

Por notícias recebidas há pouco tempo, a mesma ainda vive por lá.

Adília — Mulher de Canário. Conheci-a em Poço Redondo, quando a Blimp Filmes fez para a Rede Globo de Televisão o filme "O último dia de Lampião", que inaugurou a série Globo Repórter.

Morena clara, estatutra em torno de 1,65 centímetros ou pouco mais.

Não estavam com Lampião no dia do fogo do Angico, porém, de onde encontravam-se puderam ouvir perfeitamente a zoada toda.

Dizem que a morte de Canário foi "encomendada" pelo coronel Antonio Caixeiro, pai do interventor do Estado, capitão-médico dr. Eronildes de Carvalho, por especial motivo.

Rocha (sobrenome de Canário) enviou um bilhete ao coronel pedindo uma determinada importância em dinheiro, a ser entregue ao portador do mesmo.



Adilia, companheira de Canário, em foto tirada pelo autor no ano de 1973.

— Volte lá e diga ao Canário que os outros que são velhos no cangaço não me pedem nada, agora ele que é novo vem me amolar!

O portador fez o que o coronel Antonio Caixeiro disse, deu o recado direitinho para Canário, repetindo palavra por palavra.

O cangaceiro ouviu em silêncio, mas mordendo-se de raiva. Quando o portador terminou, tornou a mandá-lo à presença do rico fazendeiro avisando-o da seguinte maneira:

— Si o sinhô não mandá o dinhero o Canário vai disapropriá a sua fazenda Santa Filomena.

Esta fazenda era, dentre todas as que o coronel possuía, a mais bem montada, a mais bonita e a melhor. Era a menina dos seus olhos, podemos afirmar.

Ele chamou um dos seus agregados, após a saída do mensageiro, moço de sua inteira confiança e lhe disse:

— Você vai entrá no grupo de Lampião. Quando tivé a confiança delis você vai matá Canário, que eu garanto a sua vida. O dinheiro que ele tem é muito e é todo seu.

O jovem seguiu as ordens do patrão e em poucos dias depois apresentou-se como voluntário ao bando do monarca das caatingas.

Lampião examinou-o com seu olho de lince, analisou-o e deu seu veredito sobre a admissão ou não do moço.

— Não, nu meu grupo num quero não.

Mas, destino traiçoeiro! Naquele coito nesse mesmo dia estava Canário que presenciou toda a conversa em silêncio.

Ao ouvir a negativa do chefe supremo disse:

— Capitão, o minino fica cumigo, nu meu grupo.

Ficou. Seu nome era Teodomiro dos Santos e nascera em Pernambuco.

Batizaram-no com o vulgo de "Penedinho".

O tempo foi se passando e ele sem encontrar uma oportunidade para liquidar com o chefe. Lá um dia de madrugada, estavam no Cururipe, acordaram com um tiroteio danado, para os lados do rio São Francisco e o chefe falou:

— Valha-mi Nossa Sinhora, lá mataro Lampião!

Acertara.

No mesmo dia teve a confirmação de seu pressentimento.

Ficaram todos assombrados, desarvorados no que fazer. Uns quinze dias depois, mais exatamente no dia doze de agosto, Canário disse para "Penedinho":

— Ocê vem cumigo qui nois vamo busca umas incomenda.

Ali no rancho quedaram-se Adília, uma outra mulher, Sabiá, Delicado, Xexéu, Quina-Quina, Pitombeira e mais um cabra.

Empreenderam a caminhada sem pressa, e depois de terem andado um pedaço, o chefe deliberou pararem para comer. Sentaram-se à sombra de uma árvore.

Canário principiou por misturar farinha de mandioca com açúcar em uma cuia e jogava com os dedos pequenas porções na boca quando reparou que Penedinho começava a mexer no mosquetão e perguntou, talvez já com um sexto sentido alertando-o:

— Qui é qui ocê tá fazenu?

E o outro respondeu:

— Tô limpano a arma.

Quando Canário baixou os olhos para a cuia de alimento que tinha na mão, Penedinho puxou o gatilho.

O disparo, de tão perto, atingiu o cangaceiro em pleno peito jogando-o a um ou dois metros, já morto.

Penedinho calmamente degolou seu chefe e quando ia iniciar o saque do cadáver viu um cachorro chegando, pelo mesmo caminho por onde viera. Reconheceu o animal, que pertencia ao defunto que estava aos seus pés.

Em um segundo mil pensamentos passaram por sua cabeça. Conjeturou rapidamente que se o cão estava ali os outros elementos do grupo vinham vindo por perto também.

Com o barulho do tiro eles se apressariam, pensou.

Apanhou seu mosquetão, agarrou a cabeça pelos seus cabelos compridos e fugiu pelos matos em desabalada carreira.

Ao caírem as cortinas escuras da noite ele foi sair, botando os bofes pela boca, na fazenda do coronel Antonio "Caixeiro" de Carvalho, onde narrou o sucedido.

Este mandou um dos seus moradores avisar ao sargento Zé Rufino, que partiu célere com sua volante e quando chegou na fazenda do coronel, conversou com o assassino.

Seguindo as indicações de Penedinho, encontrou o corpo de Canário no local onde o mesmo tombara. Estava frio, com rigidez cadavérica característica, molhado pelo sereno noturno.

Seus homens recolheram as armas, as cartucheiras e os bornais do morto.

Afirmam que Canário trazia consigo nessa ocasião a im-

portância de cento e cinqüenta contos de réis e esse dinheiro, se verdadeira a informação, desapareceu.

Quanto à presença do cachorro de Canário no lugar onde o mesmo foi morto à traição, se deve ao fato do mesmo ter escapado do coito onde normalmente ficava e seguido o rastro do dono.

Adília casou-se tempos depois com um moço ali dos arredores de Poço Redondo, teve filhos, alguns morando em São Paulo, onde a mesma já esteve em visita.

As suas lembranças daquela época se perdem nas brumas do tempo.

Bidio — Essa mocinha baiana era filha de Manoel de Honoria, um pobre caatingueiro.

Quando Antonio dos Santos, o conhecidíssimo "Volta-Seca", desertou do grupo de Lampião, resolveu fundar sua própria "empresa" de cangaço.

Para início arregimentou como o primeiro elemento para a nova "gang" um rapazola sertanejo, e a irmã do mesmo, por apelido Bidio, como sua companheira, afim de aligeirar-lhe as horas de descanso.

Mas a "economia do cangaço" quando exercida por pessoas não devidamente habilitadas só pode dar em fracasso.

E foi o que ocorreu dessa vez.

O "funcionário" Volta-Seca, enquanto empregado do "capitalista" Lampião até que saiu-se razoavelmente, porém ao querer "empresariar" um grupo deu com os burros n'água por falta de habilidade.

Foi um infeliz aprendiz de feiticeiro.

Nem bem se estabelecera e o "negócio" foi à falência com o fundador do novel empreendimento dando com os costados atrás das grades.

O caso passou-se assim, segundo narração de duas pessoas que se envolveram na sua captura, Pedro Barbosa, nosso amigo, e nesse tempo soldado da volante do tenente José Joaquim, e Adão de Souza, a quem conhecemos na cidade de Jequié no ano de 1971 e que foi, junto com seus irmãos e irmãs, o verdadeiro capturador desse cangaceiro.

Aliás, é bom lembrarmos, também tivemos a oportunidade de conversar com a figura central desse episódio, Volta-Seca, mas o mesmo bem pouco nos adiantou, pois tentava aparecer com um destaque, jamais atingido, no seio da horda.

Fazia também grande confusão nos acontecimentos, querendo passar como um "supercangaceiro", quando na realidade era um simples "pau-mandado".

Tanto isso é verdade que quando iniciou seu próprio grupo, este só chegou a existir por menos de quarenta dias. No primeiro embate com a força, perdeu a metade dos elementos atuantes. Eram dois homens e ficou só ele, o chefe, e no dia seguinte sendo este mesmo preso por paisanos.

Mas deixemos de divagações e vamos ao que aconteceu na fazenda Lagoa da Onça, no dia dezoito de fevereiro de 1932.

Adão andava pela caatinga existente nas terras de seu pai, em procura de uma criação, quando acidentalmente saiu no coito de Volta-Seca.

Este estava armado de mosquetão e seu cunhado e único cabra com uma espingarda velha, e a amante presente também.

Quando saiu dali, Adão foi até a vila da Barra onde estava a volante do tenente José Joaquim e contou-lhe que encontrara na caatinga essa gente e foi como guia da volante até esse coito.

Ao chegarem ao lugar, encontraram os homens esfolando um boi que haviam morto e ali à sombra da árvore também estava Bidio.

Mas a força foi pressentida na sua aproximação e recebida a tiros, um dos quais atingiu o tenente numa das mãos, ferindo-o levemente, mas mesmo assim conseguiram prender Bidio e seu irmão enquanto Volta-Seca corria adoidado pelos matos.

A polícia retirou-se com os dois prisioneiros para Barra, e Adão voltou para sua casa.

No dia seguinte, dezenove de fevereiro, uma das irmãs de Adão estava na janela da sua casa quando viu um homem armado que se aproximava. Disse aos familiares:

— Vem vino um homi armado! Ô é força ô é cangacero.

O pessoal da casa já andava desconfiado, pelos acontecimentos do dia anterior, e, Adão chegou à porta, olhou para o recém-chegado que vinha vindo e falou para os irmãos:

— Vem vindo cum chapéu de couro quebrado! É cangaceiro! Cuidado!

Volta-Seca quando chegou perto de Adão estendeu-lhe a mão, não se sabe se para cumprimentá-lo ou para segurá-lo e começaram a lutar. As irmãs do moço fizeram grande alarido; seu irmão Jovino acorreu com um facão na mão e ato contínuo



Nenê, sentada e com o cachorro Ligeiro. Em pé o companheiro da mesma, Luiz Pedro. Aparece ainda Maria Bonita e o cachorro Guarani.

um golpe atingiu o cangaceiro de raspão dos lados da costela, e outro que acertou-o, também levemente, na altura da orelha, derrubando-o.

Foi amarrado e Jovino queria matá-lo no que foi obstado por Adão.

Levaram-no prisioneiro ao tenente José Joaquim, e Adão foi admitido na força, para preservar sua vida, pois tinha-se como certo uma vingança por parte dos outros cangaceiros, o que acabou não acontecendo.

Nenê — Foi a fiel companheira do homem em que Lampião depositava o máximo de confiança, Luiz Pedro.

Era morena, cabelos escuros, rosto afilado, boca rasgada e ao que consta, dava-se muito bem com Maria Bonita. Nascera no interior baiano.

Tombou para sempre, essa sertaneja, ao romper do dia, na fazenda Mucambo, quando estava com o grupo no curral e foram surpreendidos por uma tropa volante.

Seu nome não conseguimos saber qual era. Todos os antigos membros da confraria do cangaço lembram-se somente de seu apelido — Nenê. Esse vulgo tornou-se tão natural para a moça que fez com que caísse no olvido o nome que recebera na pia batismal.

Dizem alguns que atendia também quando acrescentavam ao Nenê o adjetivo de Ouro.

Afirmam que passou a ser chamada assim em virtude de haver ganho do amante um grande e maciço medalhão do nobre metal dourado, que o mesmo lhe dera depois de um assalto violento com tiros e tudo, no interior de Alagoas.

Alguma companheira teria perguntado à moça, quando esta ostentava o dito medalhão suspenso por uma grossa corrente, também do mesmo metal:

"Nenê de Ouro
quem ti deu essa medaia?"

Ela aproveitando a deixa, teria dado a resposta completando uma quadrinha da seguinte maneira:

"Foi meu amô Luiz Pedro
qui trouxe depois da bataia".

Dadá — No início amante, depois companheira leal e posteriormente esposa do famoso Corisco, o Diabo Loiro.

Natural de Belém, cidade situada às margens do rio São Francisco, no lado pernambucano, mas sendo criada no sertão baiano desde os primeiros meses de vida.

Foi raptada pelo cangaceiro quando não tinha ainda os treze anos completos.

Violentada, sendo ainda virgem, sofreu grande hemorragia ficando adoentada por algum tempo.

Memória excepcional para com os fatos, viveu junto ao povo de Lampião, a quem admira. Aliás tudo indica que havia mútua admiração entre essa dupla famosa nas lides cangaceiras.

Deixaremos de dar maiores detalhes sobre Sérgia Ribeiro da Silva porque sobre a vida da mesma escrevemos o livro "Gente de Lampião: Dadá e Corisco", editado pela Traço-Editora.

Simplesmente vamos lembrar que ela e seus familiares residem em Salvador, Bahia.

Dulce Silva — Companheira do cangaceiro "Criança". Bonita, moça clara, natural de Poço Redondo.

Viveu pouco tempo no cangaço, porém esteve presente na madrugada trágica que marcou o princípio do fim daquele modo de vida, e foi mais uma testemunha do início da agonia do cangaço.

Estava também na vila de Pinhão, em Sergipe, quando os grupos de Corisco, Labareda, Zé Sereno encontraram-se ali para combinarem sobre as "entregas" ao governo sergipano.

Dançavam, bebiam e brincavam alegremente quando alguém veio correndo avisar que a força da polícia vinha atacá-los, o que realmente aconteceu.

Saindo dali, Criança resolveu entregar-se para uma volante alagoana, juntamente com Pancada, a amante do mesmo, Maria, Santa Cruz, Cobra Verde e outros.

Estabeleceram contato com o comandante dessa força e quando começaram a viajar para atravessar o rio São Francisco, o sexto sentido de Criança começou a alertá-lo para o perigo que estava correndo.

Quanto mais se aproximava da divisa entre os Estados de Sergipe e Alagoas, mais o cangaceiro se inquietava. Aproximou-se com o animal que montava ao de Dulce, falou-lhe em cochichos orientando-a para que fossem ficando atrasados dos outros da comitiva.

Quando conseguiram ficar atrás, ele disse para um soldado que vinha cavalgando na retaguarda:



Dadá, em adiantado estado de gravidez, e seu marido Corisco.

Nóis vamo até aquela casa acolá prá tomá agua, joviu?

Havia uma casa isolada no meio da caatinga, um tanto quanto acobertada pelo mato denso para quem viajava pela estrada.

O cangaceiro falou apontando para a mesma e começou a dirigir-se para lá, através do veredo que ia da estrada real até o terreno da casa.

Dulce acompanhou-o.

Quando o casal encobriu-se no arvoredo e já não avistavam os companheiros nem aos soldados, deram rédeas aos animais e partiram a galope indo encontrar-se com os cabras de seu grande amigo Zé Sereno.

Houve uma série de encontros com coiteiros de confiança, dentre eles o "sogro" de Juriti, que foram negociar as entregas com os comandantes de volantes que estavam sob as ordens do capitão Anibal Vicente Ferreira.

Tudo acertado, os cangaceiros entregaram-se em Serra Negra e dali foram enviados para a sede dos destacamentos, em Geremoabo.

Mas a luta continuava grassando ainda, com os grupos de Corisco e Labareda talando o sertão e enfrentando as forças policiais.

Logo as volantes incorporaram dois cangaceiros para que os mesmos denunciassem os "pontos" onde estavam escondidas armas e munições, os coiteiros que os auxiliavam e também para perseguir aos antigos companheiros.

As mulheres permaneciam na cidade aguardando o retorno dos maridos.

Maridos sim, porque vários casais foram regularizar "sua situação" na velha igreja matriz.

Algum tempo depois, foram orietnados pelo Capitão Anibal para afastarem-se da área geográfica do cangaço.

Alguns dirigiram-se para o sul da Bahia, a zona cacaueira, lugar de muitas lutas locais pelas disputas econômicas e políticas, e acabaram ficando ali por pouco tempo.

Começaram a separar-se, o elo da solidariedade que unira nos enfrentamentos da vida cangaceira principiou a romper-se.

Os casais Dulce-Criança e Sila-Zé Sereno foram para Minas Gerais e ficaram na fazenda de um antigo amigo que, vindo do sertão baiano, estabelecera-se com uma fazenda na região de Pedra Azul, Jordânia e Palestina.

Ali nas terras do fazendeiro Jacó os dois ex-cangaceiros

permaneceram por pouco tempo. Confabularam e desceram mais para o sul onde uma nova fronteira agrícola se abria na região de Martinópolis, em São Paulo.

É que a Europa estava em rebuliço, iniciara-se no ano anterior a Segunda Guerra Mundial e seu reflexo econômico fez-se sentir imediatamente em todo o mundo.

A gente nordestina desceu em tropelia em busca do novo Eldorado que lhes acenava com empregos nas novas indústrias que brotavam como cogumelos do chão e, para os menos hábeis ou mais desfavorecidos, a lavoura ainda reservava uma oportunidade.

Desciam de cambulhada nos paus de arara, de trem, de barco, de navios e os mais miseráveis vinham a pé mesmo, numa jornada de meses.

Eram antigos trabalhadores da região canavieira, velhos almocreves, calejados rurícolas, vaqueiros, cantadores, barranqueiros do São Francisco, caatingueiros, perseguidores de cangaceiros que não tinham mais a quem perseguir depois da extinção do cangaço, ex-coiteiros abandonando o mundo que fora o reino do falecido Lampião; cangaceiros regenerados ou em busca da regeneração.

Foi todo esse amálgama, mal manipulado, que era o povo nordestino, que marchou em busca de nova vida. Fazendo parte dessa mistura heterogênea os sobreviventes Criança e Zé Sereno.

Os homens deliberaram deixar as mulheres ali, iriam para o sul ganhar dinheiro e, quando possível, viriam buscar as esposas.

Foram.

O tempo passou-se mais rápido do que supunham e só alguns meses depois foi que puderam retornar.

Um dia chegaram de surpresa na fazenda e encontraram na casa somente Sila, pois a mulher de Criança tinha ido lavar roupa numa mina d'água.

Foi um alvoroço.

Sila teve que evitar o encontro do compadre Criança com a mulher, que, após a viagem do mesmo, deixara-se seduzir pelo fazendeiro e nesse tempo já estava em adiantado estado de gravidez.

O antigo cangaceiro queria lavar com sangue a honra maculada, não aceitava ponderações; só a morte de Dulce lhe satisfaria.

Seguro por Zé Sereno e Sila acabou cedendo e no dia imediato viajou com os mesmos para a terra paulista.

Nem chegou a ver a infiel companheira.

Dulce ficou em companhia de Jacó com quem teve vários filhos.

Ao escrevermos estas linhas a mesma ainda vive.

Sila Ribeiro de Souza — Morena clara, cabeços escuros, bonita, estatura média, bem jovem ainda quando acompanhou Zé Sereno. Natural do Poço Redondo, que nos tempos de antanho fazia parte do município de Porto da Folha, Estado de Sergipe.

Foi acompanhada, pouco tempo depois, por três irmãos: Mergulhão, Novo Tempo e Marinheirinho. Este último residindo aqui em São Paulo, e Novo Tempo ficou pelos lados de Montes Claros, em Minas.

O mais infeliz da trindade foi Mergulhão que morreu no combate de Angico.

Sila, nos últimos tempos de Lampião, foi a mais íntima amiga de Maria Bonita. Foi a última mulher a manter conversações com a mesma na noite que precedeu sua morte.

Quando chegaram em São Paulo, foi grande a dificuldade para adaptarem-se ao novo ritmo de vida. Era uma civilização completamente diferente, novos costumes e outros hábitos a serem assimilados e absorvidos.

A marca de gente de Lampião ainda causando problemas e aborrecimentos por quase três décadas.

Hoje não, tal fato é aceito e visto de uma forma bastante simpática, com admiração até.

O desafio da readmissão à sociedade foi aceito e vencido galhardamente. Principalmente por Sila. Radicou-se na capital paulista onde angariou vasto círculo de amizades, fazendo-a esquecer-se daquela vida sofrida no cangaço como quem esquece um sonho mau, um terrível pesadelo.

Laura Alves — Respondia no bando pelo apelido de Doninha, baixota, clara, não era bonita, cabelos castanhos escuros. Natural de Alagoas.

Ocorreu com essa moça um fato curioso. Morava com sua família em uma fazenda e tinha um namorado firme, parece que iam casar-se quando um dia o rapaz desapareceu no oco do mundo.

Não demorou muito e a família acabou descobrindo que a mesma fora desonrada pelo namorado. Uma desmoralização para o velho pai, sertanejo de brio acostumado a guiar-se pelos costumes antigos e que acabou exigindo que a jovem ficasse quase que aprisionada na própria residência.

Algum tempo depois foram visitados pelos cangaceiros e Laura resolveu acompanhá-los.

Deixaria a reclusão a que fora forçada por ordem paterna e teria toda a liberdade que o cangaço pudesse proporcionar.

Conversou com as cangaceiras que estavam presentes, dizendo-lhes de seu propósito, pedindo informações sobre como viviam.

As respostas foram prontas, desanimadoras.

Disseram-lhe:

— É ruim, si sófri muito. Num presta não, é chuva, é sol, é um disassucego danado, as veis nem cumida si incontra. Tem muito pirigo.

Falaram declaradamente sobre os senões que havia, mas nada! Ela respondeu: — Si oceis aguenta eu tamem posso aguentá.

Parece até que os obstáculos apresentados serviam para estimular mais ainda a vontade de Laura em acompanhá-los.

Ela não atendeu as ponderações daquelas mulheres que já tinham experiência naquele viver e resolveu ir também.

Escolheu um dos cabras presentes.

Moita Brava foi o eleito, pois nessa ocasião vivia só.

Mas... o que ela menos esperava, aconteceu.

Ele recusou-a!

Decepção. Porém Laura ao receber a negativa já conversou com outro dos solteiros que tinham chegado ali na fazenda.

Boa-Vista, cujo nome real era Manoel dos Santos, resolveu levá-la consigo e logo depois já estava plenamente integrada à grei.

Ganhou o vulgo de Doninha.

Era quieta, ensimesmada e nunca deu razão a que fizessem comentários a seu respeito. Em princípios da década de setenta fomos até a cidade de Juazeiro do Norte, e em uma loja que vendia artigos artesanais tivemos uma conversa prolongada com o proprietário.

Pedro Gomes de Sousa, o dono, é um alagoano simpático que ao saber das nossas pesquisas sobre a temática cangaço, contou-nos que sua esposa tinha uma irmã que acompanhara

os cangaceiros nos idos da década de trinta e de quem a família nunca mais obtivera notícias.

A velha sogra de Pedro estava muito doente e afirmava aos familiares que não queria deixar este mundo sem tornar a rever a filha que desaparecera no estranho mundo dos cangaceiros.

Perguntamos, curiosos, qual era o nome da cunhada de Pedro e a qual cangaceiro seguira.

— Ela chamava-se Laura e quando deixou a fazenda foi com um cabra de nome conhecido por Boa-Vista. A velha está muito doente e quer ver a filha e dar-lhe a bênção antes de morrer.

Tínhamos algumas notícias sobre a presença desse casal no sul da Bahia, informamos ao Pedro, porém parece que não houve o encontro almejado.

Antonia Maria de Jesus — Era a mulher que acompanhava o cabra Baliza. Era baixa, feia e nascera no lugar conhecido por Penedo, o da Bahia e não a cidade de Penedo de Alagoas que é bastante conhecida e fica na margem do São Francisco.

O verdadeiro nome de Baliza era Gabriel Lima e viera ao mundo no Júa. Um sujeito acaboclado, alto e forte, com os cabelos lisos.

Um dia durante a terrível seca de 1932, Baliza foi apanhar água em uma cacimba.

Desceu ao fundo do rústico poço, bebeu água e encheu as cabaças que levara, quando subiu deu de cara com uma porção de fuzis apontados para si.

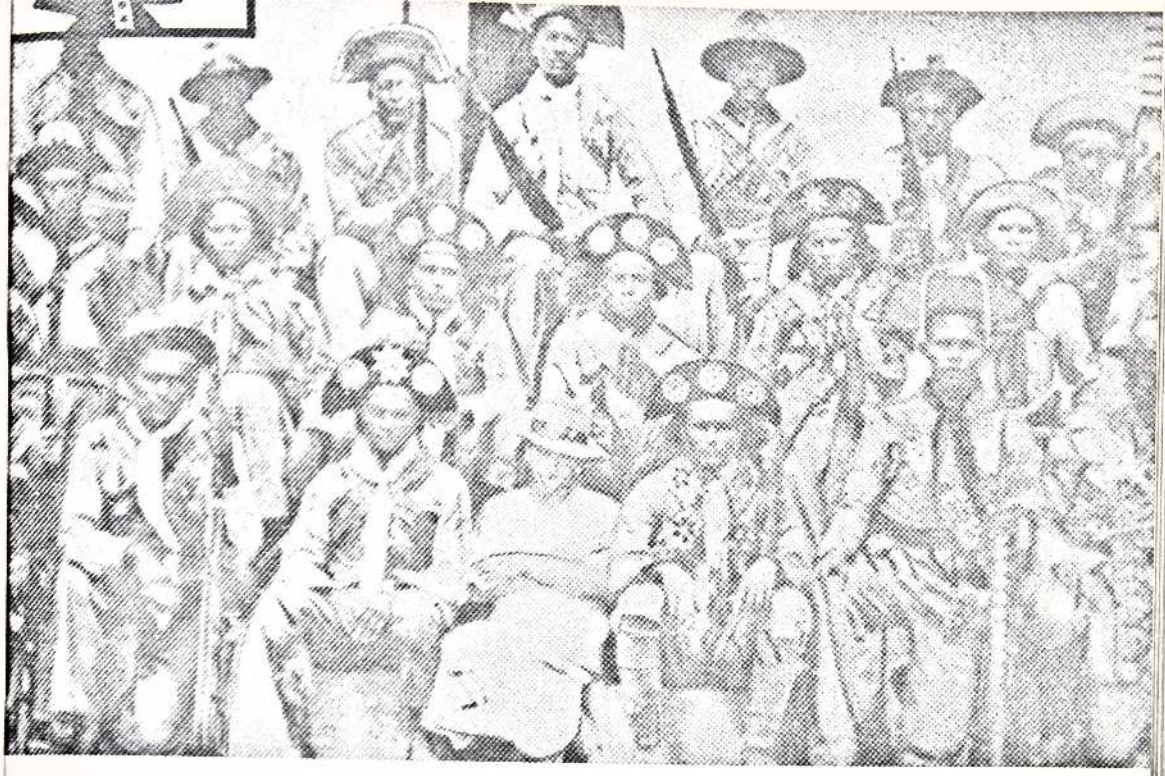
Era a volante de Antonio Justiniano, que destacava ali no Juá. Prenderam-no.

Amarram-no pelos pés no galho de uma árvore, de cabeça para baixo e serviram-se de seu corpo como alvo para que a volante treinasse pontaria.

Antonia, sua mulher, não se sabe que fim levou.

Maria Jovina — É aquela mesma moça que entregou-se por quatro vezes ao amor carnal do cangaceiro Balão, tendo por leito o chão áspero da caatinga e por testemunhas mudas os gravatás, os mandacarús, facheiros e quipás que assistiram todo seu desvario sexual.

Entrou para o grupo ainda bem mocinha, quase menina, era branca e bonitinha.



Maria Jovina ,entre vários cangaceiros, por ocasião das entregas.



O primeiro casal, à esquerda de quem olha, é Corisco e Dadá, depois Pancada e Maria de Pancada, como era mais conhecida Maria Jovina.

Era amancebada com Pancada, cabra de maus bofes e que certa ocasião, havendo-se irritado com a rapariga, fez com que a mesma o acompanhasse, caminhando ao lado do animal, que o mesmo cavalgava. Não deixou que ninguém a levasse na garupa durante essa viagem, que durou todo o dia, o cangaceiro dava alguns trotes com seu animal e fazia a moça acompanhá-lo levando-a puxada pelos cabelos compridos.

Tornou-se muito conhecida como Maria de Pancada.

Participou do atrevido ataque à cidade ribeirinha de Piranhas, liderado por Corisco, Virgínio, Gato e outros.

Assistiu ao último suspiro desse cangaceiro em terras da fazenda Mogiana e foi a pessoa que ouviu-lhe a última frase que foi a seguinte:

— Maria, faiz um cigarro pra mim. Bem finim Maria.

Tinha fama de saber enrolar bem os cigarros. Estava também presente quando da morte de Virgínio alguns dias depois, em Pernambuco. Entregou-se junto com seu amante, durante as entregas do ano de 1938 e ninguém, nem os antigos camaradas de luta cangaceira, sabem o fim que levou essa dupla.

Adelaide — Natural do Poço Redondo, foi para o grupo na mesma ocasião em que sua irmã, Rosinha, acompanhou o chefe de grupo, Mariano.

Viveu o tempo determinado para amar certo cangaceiro, a quem servia como companheira, e engravidar do mesmo.

Por ocasião do seu parto, em improvisado abrigo cuja cobertura era feita por um couro de bode, situado na parte mais recôndita e bruta da caatinga existente no município de Porto da Folha, não foi feliz e morreu.

A criança, uma menina ao que consta, também faleceu.

Em virtude do pedido feito pelo companheiro da mesma deixamos de declinar seu nome ou seu apelido.

Afirmamos-lhe que respeitaríamos sua vontade e é o que estamos fazendo.

Inacinha — Amásia do cangaceiro Gato. Baixa, bem morena, cara sempre fechada, baiana.

Foi, sem ter essa intenção, a causadora da morte de mais de uma dúzia de pessoas e também do próprio Gato.

Aliás esse cangaceiro tinha por máxima uma quadrinha de autovalorização que era a seguinte:



A cangaceira mais alta é Moça, companheira de Cirilo de Ingracia, a de menor estatura é Inacinha, de Gato.

"O Gato nunca matô
pra tutano não comê,
nunca se pois numa coisa
para no fim num vencê".

Queria com essa quadra afirmar sua persistência nas empreitadas a que se propunha e das quais saía sempre vitorioso, segundo seu ângulo de visão das coisas.

Mas dessa vez sua máxima foi desmentida. Só matou, e como! Mas não venceu, pois encontrou a morte.

Mas tudo isso aconteceu porque Inacinha estava grávida de oito meses e teve que ficar acoitada para descansar das andanças intermináveis, dos combates sangrentos, da fadiga da gestação.

Ficou nos matos da fazenda Retiro, no Estado de Alagoas, e mal se acomodavam nas poucas horas que estavam ali, quando foram descobertos e atacados pela volante do então sargento Bezerra.

Durante o assalto, Inacinha foi atingida na altura da nádega direita, havendo a bala saído pelo abdomem sem atingir órgãos genitais, ossos e nem ao ser que carregava em suas entranhas.

Mas a mulher não teve condições de acompanhar Maria de Pancada, o próprio Pancada, Mangueira e Peitica quando estes correram. Seu amásio carregou-a nos braços por alguma distância, mas o peso da companheira, aumentado pela gravidez, fez com que Gato tivesse de deixá-la no chão onde foi presa pelos soldados.

Foi então que Gato, horas depois, à frente dos homens de Corisco, Virgínio e Português e das mulheres de Corisco e Pancada, partiram para um revide.

Gato partiu na frente, deixando os comparsas para trás, e foi espalhando a morte entre os paisanos que encontrou no seu caminho para Piranhas.

Logo de início uma moça levou terrível golpe de facão que atingiu-a da têmpora à mandíbula, um outro profundo no pescoço e vários nos braços, com os quais tentou, inutilmente, defender-se do tresloucado elemento.

Afinal quando entram na cidade e estoura o tiroteio, dentre os paisanos que a defendem ressalta a figura de uma moça: é a esposa do sargento João Bezerra, dona Cirą de Brito.

Lutou de rifle na mão dando significativo exemplo de coragem, mostrando mais uma vez o valor da sertaneja.

E trocou tiros, num duelo espontâneo, sem campo de honra e sem padrinhos, com o chefe dos invasores, Corisco.

Conheci dona Cira de Brito em janeiro de 1969, quando tivemos a honra de sermos hóspedes do casal João Bezerra da Silva e Cira Brito, na cidade de Garanhuns.

Contou-nos pormenores esclarecedores sobre essa invasão de vândalos e de como ela, moça pacata, teve que se transmudar numa Maria Quitéria, de Alagoas, para ajudar a rechaçar a horda desenfreada e violenta.

Disse-nos ainda, confirmando declarações anteriores de Dadá, que quando Gato foi atingido na espinha por um bom escopeteiro, estavam duas cangaceiras dentro de uma casa de família e que as mesmas saíram com uma cadeira de vime, dessas que possuem apoio para os braços e recoberta por um pano florido, que foi levada até onde o mesmo estava.

Colocaram o baleado nesse improvisado meio de transporte e o levaram na fuga que empreenderam.

Por sinal, as duas mulheres que haviam entrado nessa casa, a fim de beber água, foram Dadá e Maria de Pancada e trouxeram de imediato a cadeira para o socorro do ferido.

No ano de 1968, Dadá descreveu-nos o ataque e que durante o mesmo Corisco trocara tiros, dentro das ruas da cidade, com uma mulher armada de rifle. No ano seguinte, dona Cira confirmava tal fato identificando-se como a tal lutadora que defendera seu lar, seus familiares contra a sanha do grupo.

O mais curioso de todo esse tétrico e sangrento episódio é que, se os cangaceiros tivessem tomado a cadeia de Piranhas, mesmo assim não teriam conseguido libertar Inacinha, pois a mesma por artimanhas do destino não estava ainda na cidade, o que na verdade seria o mais lógico e normal nesse caso.

A volante do sargento Bezerra dera uma volta e acabara ficando parada em uma estação por ordem... do governo!

Sim. Ao comunicar o combate e a prisão da mulher, por telegrama à capital de Alagoas, o sargento Bezerra recebera ordens terminantes para aguardar ali, segundo contou-nos quando o entrevistamos em sua residência, e realmente recebeu um telegrama do governo que o promovia a tenente. Essa a razão de Inacinha não estar na cidade, e nem os soldados da volante para lutarem contra os invasores.

Só posteriormente à carnificina desencadeada pela insensatez de seu terrível amásio é que Inacinha foi tratar de seu ferimento; atrás das grades da prisão-quartel de Piranhas.

Talvez até isso lhe tenha sido benéfico pois, algum tempo após foi libertada e passou a viver com um ex-soldado, conhecido por Pé na Tábua.

Essa moça era filha do lugar Brejo do Burgo e dizem que era cheia de "ditados" e se alguém lhe perguntava de onde era, respondia prontamente, colocando ênfase nas palavras.

— Sô do ôco do mundo, tenho trêis irmãs: U'a sô eu, a ôta é paricida cumigo i a ôta só eu merma.

E acrescentava a quem lhe havia interrogado:

— Só quero tê di vida, inté u dia qui u'a fema pizá na minha tampa.

A prisão dessa cangaceira foi a origem do maior e mais estúpido morticínio que se conhece na história do cangaço, em termos de vítimas "paisanos" (civis). Que se saiba, foram dez ou onze pessoas no caminho para Piranhas e mais duas dentro da cidade mortas brutalmente.

Mortes injustificadas, até perante os comparsas de Gato, que o reprovaram pelo rastro de sangue que deixou após sua passagem adoidada e feroz.

Mais algumas mulheres participaram, por pouco tempo, da vida do cangaço ou tendo uma companhia ou atividade na mesma tão apagada que até mesmo entre os antigos amigos suas figuras não são relembradas.

Por exemplo *Lió*, que deve ser o diminutivo de Lionília, de quem não conseguimos saber mais nada e quando perquerimos os antigos membros do bando não souberam nos informar nada.

Loló, a mesma ignorância sobre sua procedência e acompanhante.

Maria Isidoro — Dizem apenas que seria natural da região de Bebedouro, Bahia, e cuja atuação no meio bandoleiro foi sem o menor destaque.

Foi dentre as mulheres somente mais uma Maria.

Existem alguns informes, não de elementos que tenham pertencido a qualquer dos grupos, mas obtidos de outras fontes, que afirmam ter existido uma quadrilheira de nome *Sabina*, natural do Brejo do Burgo, Bahia.

Seria ela uma cabocla grandalhona, com gestos largos, espalhafatosos, cheia de dengues, dichotes, não me reles não me toques, muito melindrosa.

Sua aparência, segundo nô-la descreveram em Sergipe, era de uma mulatona, com lábios grossos, boca grande e rasgada em uma cara de lua cheia.

Sertaneja da "rede rasgada" como se diz por lá. Bebedora de cachaça, mascadora de fumo, jogadora de baralho.

Tocava viola e cantava repentes.

Disse-nos o informante que ela tinha versos como este:

"Fui casada sete vêis,
sete marido acunhici;
Mais agaranto a vocêis,
qui sou Virgi cumu nasci!..."

Aqui vai uma observação nossa, este verso já encontramos em outras regiões e julgamos que Sabina, se realmente o cantava, não seria sua autora e sim simplesmente uma divulgadora.

Mas voltando ao que nos contou nosso amigo tabaréu de Sergipe, ao ouvir semelhante verso algum matuto com veia poética teria completado com esta resposta:

"Se a história num é pêta,
a coisa assim si ispilica:
O a muié num tem b...
O us homi num têm p..."

Porém alertamos, mais uma vez, os leitores para o fato de os dados sobre essa tal Sabina não terem sido obtidos de ex-cangaceiros e cangaceiras.

Agora, para terminarmos este capítulo, vamos ler o que o nosso amigo paraibano, o poeta João de Barros (cujos folhetos são assinados como Jota Barros) diz no folheto "Lampião e Maria Bonita tentados por Satanaz", quando da estada de Lampião no céu e o que acabou acontecendo. Curiosamente o cangaceiro e a mulher morrem em épocas diversas.

Vamos aos versos do cantador repentista:

"Falou São Pedro a Jesus
aí está Lampião
pedindo para ficar
nessa divina mansão
o que é que digo a ele?
que pode ficar ou não!

Disse Jesus a S. Pedro
de Lampião eu preciso
precisamos restaurar
o antigo paraíso
diga a ele, se pecar
não me responsabilizo.

Diga também qu'ele tenha
cuidado ao lado oposto
se der crença a Satanás
sofrerá grande desgosto
se não negligenciar
tem na vida grande gosto.

Satanaz lhe tentará
mais do que tentou Adão
virado em surucucu
para a condenação
ele se apresentara
ao famoso Lampião.

E tem mais, no cajueiro
ele não pode tocar
e se Satanaz puder
a ele incentivar
para chupar um caju
pra terra tem que voltar.

Será este o estatuto
que se regerá por ele
diz S. Pedro a Lampião
que cuide da vida dele
recebendo ele a mensagem
entrou vida nova nele.

Lampião ficou contente
e agradeceu ao Santo
foi para o paraíso
ficou só, em um recanto
lembrou Maria Bonita
começou chorar seu pranto.

O! minha linda Maria
vem prá cá minha morena
estás sofrendo na terra
eu daqui choro com pena
não posso ter alegria
longe de minha pequena.

Um dia ele lembrou-se
do Padre do Joazeiro
exclamou oh! meu padrinho
vós que sois tão justiceiro
Mandai Maria Bonita
unir-se a seu companheiro.

Parece que foi ouvida
a prece de Lampião
de nosso Padrinho Cícero
recebeu a proteção
de ir ao céu, de Maria
palpitou o coração.

Falou para o Padre Cícero
que desejava um passe
pretendia ir ao céu
custasse o que custasse
já tinha sofrido muito
queria um novo enlace.

O padre compadecido
deu um passe a Maria
ela seguiu para o céu
e disse o que pretendia
S. Pedro a recebeu
com bastante alegria.

São Pedro falou pra Cristo
agora mesmo chegou
a mulher de Lampião
Cristo então ordenou
que a levasse ao marido
S. Pedro alegre a levou.

Receba sua mulher
disse S. Pedro benquisto
Lampião a recebeu
e um assunto previsto
S. Pedro lhe fez ciente
do que lhe dissera Cristo.

Comerás todos os frutos
Mas é isento o caju
cuidado em tua mulher
porque um surucucu
mandado por Satanás
enganará ela e tu.

Lampião disse a S. Pedro
garanto de minha parte
Satanaz me aparecendo
farei um grande descarte
o capitão Virgulino
jamais fará uma arte.

O Santo se despediu
e Virgulino ficou
contemplando um novo dia
que Jesus Cristo mandou
ao lado de Maria
tudo se tranquilizou.

Junto com sua Maria
entoava essa canção
"é lampe, é lampe, é lampe
é lampe é Lampião
o meu nome é Virgulino
o apelido é Lampião".

Nas horas de alegria
não paravam de cantar
"olê mulher rendeira
olê mulher rendá
me ensina a fazê renda
qu'eu te ensino a namorar".

Passados dias depois
tudo já correndo bem
o jardim bem conservado
acostumados também
Lampião e sua esposa
começaram com rem-rem.

Maria dizia eu quero
ir naquele cajueiro
tirar de lá um caju
pra ver se é verdadeiro
o recado de S. Pedro
eu descubrirei primeiro.

Lampião dizia não
não tenha tal ousadia
de ir tocar no caju
não faça a rebeldia
ao que nos disse S. Pedro
toma juízo Maria.

Foi assim que a tentação
de repente começou
Maria um dia sozinha
no cajueiro chegou
avistou um surucucu
que com ela assim falou:

Maria vêdes que és
uma santa está previsto
digo-te em viva voz
podes acreditar nisto
se provardes deste fruto
viverás junto ao Cristo.

Participas deste fruto
que ganharás a mansão
irás viver sem trabalho
e não prove sozinha não
um só fruto dá pra tú
e teu homem Lampião.

Maria tirou um fruto
saiu danada pra trás
foi encontrar Lampião
bem saltitante e sagaz
sem pensar que aquela cobra
era o puro Satanaz.

Jesus Cristo avisou com atenção
Organize o novo Paraíso
Tudo faças em seu lugar, preciso
A ninguém darás este galardão
Bem te aviso, cuidado Lampião
Adão caiu no pecado és sabedor
Regala-te com fé e com pudor
Recebeste um lugar inocente
O livre arbítrio está em tua mente
Se errar não serei teu protetor."



Inacinha em foto tirada na prisão. A mulher ainda encontra-se ferida, daí o motivo da perna direita estar apoiada sobre um tamborete.

A ESPOSA FOI TESTEMUNHA

Conheci o paraibano José Nunes quando o mesmo procurou-nos com o fim de servir-se de nossos préstimos odontológicos.

Por ser um nordestino, já com uma certa idade, procurei saber do mesmo se ele, ou elementos de sua família, conheceram os cangaceiros que andaram por tanto tempo pelo alto sertão.

Conversa vai, conversa vem, eis que contou-nos o triste envolvimento de seus entes mais chegados na história do cangaço.

Mas vamos levar até o leitor o drama vivido por aquela gente.

Por aquele tempo o numeroso grupo de Lampião andava desassombradamente entrando pelos sertões do Ceará, Alagoas, Pernambuco e Paraíba. Contando em suas fileiras com uma rapaziada destemida e afoita que não se perturbava, muitas vezes em sair para furtos e saques, em trios ou duplas, tal era a certeza de não encontrar resistência por parte das vítimas.

Mas vez por outra erravam o bote. Em lugar da facilidade que esperavam acabavam por encontrar uma oposição e reações duras.

Rompe Nuvem e Lua Nova foram dois desses elementos que pensaram de ganhar uns cobres facilmente atacando o sr. Justino Nunes, que era morador e pequeno proprietário no lugar conhecido por Aguiar, na Paraíba.

Transcorria o ano de 1925.

Os dois assaltantes partiram para o "trabalho" conscientes de que não encontrariam a mínima resistência a seus "honestos" esforços de ganhar o pão de cada dia, já tão habituados estavam de obter o que pretendiam só com o cartão de visita de "cabras de Lampião".

Mas dessa vez viram seus desejos frustrados pela reação pronta e inesperada de Justino Nunes, que auxiliado por conhecidos e parentes, teve a oportunidade de desarmar os dois cangaceiros, prendê-los e entregá-los às autoridades.

Logo que soube do revés sofrido por seus dois rapazes, durante o exercício do difícil e ingrato "trabalho profissional", Lampião enervou-se e jurou vingança.

Ficou aguardando a oportunidade.

Na noite de vinte e dois para o amanhecer do vinte e três de outubro daquele ano de 1925, a malta passou dançando ao som de uma sanfona tocada por um agricultor que nos fins de semana era chamado para alegrar as festas e bailes dos arredores.

No alvorecer do dia, quando estavam cansados de dançar uns com os outros, naquilo que chamavam de "dançar de marmanjos", resolveu Lampião que era chegado o dia de "visitar" o sítio Aguiar e acertar as contas com Justino Nunes.

No final do arrasta-pé um dos cabras indispôs-se com o coitado do sanfoneiro e tomou-lhe a harmônica.

Quando montaram nos cavalos, que tinham ficado descansando numa roça, enquanto os cavaleiros esquentavam o corpo no xaxado e na cachaça, um dos animais levava além do cavaleiro também a sanfona roubada.

Chegaram no Aguiar já com o sol alto e de surpresa tomaram as casas da família Nunes.

Foi um momento angustioso para os moradores.

Homens tremendo, mulheres chorosas clamando pelos auxílios celestes e crianças se esguelando apavoradas, segurando nas barras das saias maternas.

O grupo apeou-se.

Lampião entrou na casa de Justino Nunes, procurando pelo mesmo.

Não estava, disseram.

Lampião saiu dali e entrou na casa de um irmão dele.

Era a casa de João Nunes (não confundir com o famoso coronel João Nunes que durante muito tempo comandou volantes que lutaram com os cangaceiros, e que pertencia à força pública de Pernambuco) e de dona Antonia, sua esposa.

Este casal tinha sete filhos, sendo que o primogênito era doente e o segundo era o nosso informante José Nunes.

Quando entrou na casa, já estando a família completamente transtornada pela presença no lugarejo da perigosa e indesejável visita, foi perguntando, aos gritos e com ameaças, ao dono pelo paradeiro de seu irmão.

— Não sei, respondeu João, e também si soubessi não dizia ondi ele tava.

O chefe dos cangaceiros ficou mais violento e sacou do punhal ameaçando de morte aquele que tinha a coragem de negar-se a dar-lhe o roteiro do irmão.

Nesse meio tempo dona Antonia, típica mulher sertaneja que destemerosamente permanecia ao lado do marido dando-lhe o apoio moral da sua presença, despertou nos cangaceiros a cobiça pelos anéis e brincos de ouro que trazia pendentes dos lóbulos das orelhas.

— Mi de us ané i as argola di oro, gritou o chefe do bando. Foi prontamente obedecido na sua ordem.

Enquanto isso os outros elementos da malta vasculhavam as casas e casebres em busca de Justino, que poderia estar oculto em algumas delas, e procurando também objetos de valor ou de ouro para roubarem.

Em sua residência João Nunes ainda continuava a fazer finca pé na negativa de não saber, de não contar sobre o destino que seu irmão Justino tomara.

— Mais ocê é um cabra teimoso. Tá querendo iscondê u rumo qui seu irmão tomô!? Um sujeito qui mi prende dois di meus minino i intrega elis prus macaco? Ah, isso num vai fica assim não. Ocê conta u vai morrê. Lampião, todos sabiam, não era de muito falar e nem de voltar atrás depois de ter deliberado sobre algo. Para ele foi quase um discurso essa sua arenga com o prisioneiro.

— I pela ultima veiz! Diz u num diz ondi tá essi cachorro qui feiz uma treição aos rapaiz!

Foi o mesmo que falar com uma estátua. João Nunes sabia que se denunciasse, o mano seria um cadáver. Não tinha por onde, pois os cangaceiros jamais perdoavam uma traição, uma denúncia sobre os esconderijos ou trajetos que fizessem. Qualquer suspeita nesse sentido já cheirava a cemitério.

— Num qué falá não, apois vai vê uma coisa. Podi quebrá tudo qui tivé dentro di casa, disse Lampião aos que estavam ali.

Pouca coisa existia, mas o que havia foi feito em cacos, potes, panelas, bancos e tudo mais foi deixado imprestável. De valor não sobrou nada.

O que não puderam carregar foi destroçado.

As crianças chocadas com a inesperada cena de violência dentro da própria casa. Dona Antonia procurando ficar perto do marido, como tentando evitar o pior, às vezes deixando escapar uma frase solta no meio da confusão de choros, gritos e sons dos objetos quebrados.

— Bandidos! Ladrões miseráveis! Cambada de covardes! Por fim, vendo que não conseguia fazer o teimoso João Nunes

sair do mutismo em que se fechara, no tocante ao lugar em que estava seu irmão Justino Nunes, Lampião disse ao cangaceiro que tirara a sanfona do tocador:

— Mati essi cabra teimoso i vamu s'imbora.

Não foi necessário falar duas vezes. O sujeito sacou do revólver e atirou bem no coração do infeliz que desabou morto no chão.

Antes de sair colocou a harmônica sobre o corpo do morto.

Dona Antonia, com a surpresa e choque da cena, ficou estática como não querendo acreditar no que seus olhos viam.

O grupo deixou o Aguiar a galope. Sumindo na estrada que serpenteava pela caatinga.

ANA ROSA A DESGRAÇA DE JORGE HORÁCIO

Certo ou errado, o fato é que as mulheres têm fama de não saberem guardar segredo, são taxadas de faladeiras.

Não medindo conseqüências por exporem situações que deveriam ser mantidas em sigilo, às vezes levam à desgraça lares felizes e desagregam famílias unidas.

Foi o que se deu com o agrupamento familiar de Jorge Horácio Vilar, pacato lavrador e vaqueiro famoso do sítio Ipueira, que fica perto de Mata Grande, Alagoas.

Era ele nascido e criado ali mesmo. Vivera ali a sua infância e moço casara-se com Bela Tiéte.

Seu irmão José casou-se com uma irmã da mesma, Emília Tiéte, dois irmãos unindo-se pelos laços matrimoniais com duas irmãs, solidificando a amizade.

Um dia seu filho João Horácio, menino de uns nove anos, entrou pelos matos do sítio com um bodoque na mão para caçar passarinhos.

Anda aqui, anda ali, quando de repente, o menino encontrou-se com um grupo de homens estranhos e com trajes diferentes dos que habitualmente via.

Era Lampião e sua gente.

O cangaceiro trazia um bode amarrado e perguntou ao garoto:

— Ocê sabi pur aqui quem sabe matá e cosinhá um bodi dipressa?

— Sei. Meu pai sabi.

— I ondi é a casa deli? — tornou Lampião.

— É logo ali, responde o menino complementando a informação com as indicações necessárias.

— Eli tá im casa?

— Tá. Eli tá lá im casa. Voltou a falar o jovenzinho.

Lampião e os seus cabras dirigiram-se à casa com as precauções normais e chamaram Jorge Horácio.

O cangaceiro falou o que queria, deu suas ordens e retirou-se para o mato afim de ficar esperando o repasto.

Jorge Horácio já tinha morto e picado o caprino quando chegou uma sua comade, Ana Rosa, que tinha fama de ser muito faladeira.

Ela ajudou a assar os pedaços e no prazo determinado por Lampião, dois cangaceiros foram buscar a comida e Ana Rosa os observou bem.

O vaqueiro ficou com medo de ser denunciado como coiteiro. Como quem não quer nada deixou a residência e foi até onde os cabras comiam e contou seus receios a Lampião.

Este escreveu um bilhete para a mulher dizendo que se ela contasse o que tinha visto teria os olhos arrancados. Não falasse nada a ninguém sobre a parada do grupo no sítio Ipueira. Pouco depois Ana Rosa despediu-se do pessoal da casa e foi direta... à polícia de Mata Grande.

Narrou tudo que presenciara.

Jorge Horácio cismou de alguma coisa e resolveu esconder-se num serrote próximo dali. O serrote da Mina Grande.

Antes passou na casa do irmão José, contou tudo o que acontecera, disse para onde ia e combinou que o irmão iria levar-lhe comida e dar notícias sobre o que ocorresse.

Ali na casa de José Horácio as volantes às vezes acampavam até por uma semana. Ficavam descansando, comendo à tripa forra, aproveitavam bem e não pagavam um tostão sequer.

Já fazia mais de três meses que Jorge Horácio estava escondido no serrote da Mina Grande, longe da mulher Bela Tiéte e dos filhos; o irmão levando alimento e contando as novidades.

Foi então que uma volante policial de Inhapi veio até a casa de José Horácio e aboletou-se ali.

O comandante disse ao dono da casa, com maus modos, que tinha que dar conta do lugar onde estava seu irmão Jorge. Sabia do seu paradeiro e tinha que contar, senão ele, sua mulher Emília Tiéte e a filharada iriam sofrer tudo aquilo que estava reservado ao fugitivo.

José negou ao comandante que soubesse onde se encontrava o irmão. Após, mandou que sua esposa Emília lhe trouxesse uns cabrestos porque ia dar umas voltas para ver se achava Jorge.

Saiu só.

Subiu ao serrote onde estava o irmão e este logo percebeu que José estava preocupado.

Perguntou-lhe o que havia e José disse que não era nada.

Insistiu, o irmão continuou negando.

Jorge disse que passara a noite preocupado e que desconfiava que havia algo de errado.

José ainda titubeou um pouco até que acabou contando que a volante estava na casa dele, que o comandante o tinha ameaçado, além da mulher e filhos, se não desse conta dele, Jorge.

O vaqueiro sabia da desgraça que poderia acontecer à cunhada e aos sobrinhos e resolveu entregar-se ao comandante.

Seguiram os dois do serrote para a casa de José, e ao chegarem no terreiro da mesma, o oficial e alguns soldados cumprimentaram Jorge a quem chamaram de amigo e conhecido. Disseram que aquilo que acontecera com ele poderia ter acontecido com qualquer um.

Todos montaram e dirigiram-se para a sede da força, Inhapi, que ficava a cinco léguas de distância.

O comandante disse, na presença de José, de Emília Tiéte e de todos, que Jorge iria só para prestar esclarecimentos às autoridades.

No meio do caminho o comandante mandou alguns soldados cortarem uns paus de catingueira e baterem nas pernas do preso.

Deram prá valer, sem dó nem piedade.

Quando chegaram na cidade mandaram buscar o menino João Horácio, aquele que estava caçando quando encontrou os cangaceiros com o bode, e que estava com Bela Tiéte.

Quando o menino chegou ao quartel os soldados começaram a espancá-lo.

Batiam, o menino chorava e gritava tanto que famílias vizinhas ao quartel começaram a fechar as janelas e portas das casas para não ouvirem.

Isso foi mais ou menos entre duas e três horas da tarde, por fim soltaram o garoto e continuaram a bater só no pai.

Batiam no corpo, chutavam a cabeça, pulavam em cima da barriga e Jorge Horácio pedia que o matassem mas que não judiassem assim.

Os soldados respondiam que não queriam matar, que era só prá machucar, que coiteiro precisava era disso, e outras frases de ameaças.

Ao ser solto, foi até a venda do seu primo Daniel e pediu uns cobertores.

Quando quis pagar, o primo não recebeu e pediu-lhe não voltar mais ali.

Montou no animal e foi direto para a casa do irmão. Não

teve forças nem para desmontar, tiveram que tirá-lo de cima do animal e carregá-lo para uma cama.

A cabeça latejando, o corpo doendo e as pernas tão inchadas que tiveram que rasgar as pernas das calças para os curativos.

Sua mulher, Bela Tiéte, foi avisada e veio visitar o marido doente.

Pensaram que não escaparia, pelo castigo sofrido.

Ficou ali em tratamento durante quase quatro meses. Quando sarou foi para casa e começou a cuidar da roça. Pouco depois, a plantação estava viçosa, bonita, feijão grande, o milho todo dourado.

Num dia qualquer o seu sobrinho José Horácio Vilar (que tinha o mesmo nome do irmão) veio de Pernambuco onde estivera trabalhando e foi visitá-lo na roça.

Cumprimentaram-se e sentaram num tronco de barauna, que existia ali no chão, e ficaram conversando.

José Horácio disse ao tio:

— O senhor tá cum uma roça bem bunita.

Ele olhou para as plantas e respondeu:

— Num vô come nada disso.

— Purque?

— Vô faze uma viagem i num sei prá ondi — respondeu Jorge.

O sobrinho disse-lhe para vender o gado, a propriedade e seguir para São Paulo ou Mato Grosso.

O tio respondeu: — Vô pensá.

Depois continuou: — Diga a Manoel (pai de José e irmão de Jorge) qui vô visita eli quarqué noite antis di viajá. Mas qui eli num si assusti qui vô di noiti i saio di noiti memo.

Não demorou muito tempo e uma noite, lá pelas vinte e uma horas mais ou menos, quando o pessoal já estava deitado, Jorge foi ver o irmão.

Chegou montado em um cavalo e chamou:

— Manoel, ô Manoel.

O irmão ainda não havia dormido e reconheceu a voz de Jorge Horácio. Acordou a mulher Emília Tiéte e foi abrir a porta.

— Ô Jorge, apeie i entre.

— Não, respondeu o outro de cima do animal, só vim mi adispidi qui vô viaja i num sei quando vórto.

— Desça, disse Manoel, venha tomá um café dentro di casa.

— O café eu tomo, mas é aqui memo, qui tô prá segui já, já.

Emília perguntou pela irmã e foi passar o café. Quando este ficou pronto trouxe uma caneca para o cunhado que tinha ficado conversando com o marido.

Jorge Horácio tomou o café, sem mesmo descer do cavalo.

Perguntou pelo sobrinho José Horácio, que estava dormindo, e ao ser informado disso não deixou que o acordassem.

Despediu-se dizendo que ia até a casa do outro irmão, lá na Ipueira.

Foi e chegou na casa de José lá pelas quatro horas da manhã, quando uma fita de luz começava a clarear o horizonte.

Bela Tiéte não conseguira convencer o marido a permanecer ao seu lado. Jorge decidira unir-se ao bando de cangaceiros para vingar-se dos soldados.

Dali foi juntar-se ao grupo de Corisco. Encontrou-o numa quinta-feira e por isso passou a ser conhecido por esse apelido. Acabou, posteriormente, ficando sob as ordens de Lampião e morreu junto do mesmo lá em Angico.

Este fato narramos com todos os pormenores no livro editado pela Traço, "Assim morreu Lampião".

Este episódio da entrada de Jorge Horácio Vilar no cangaço nos foi narrado por seu sobrinho, José Horácio Vilar, quando encontrava-se internado no Hospital Municipal de São Paulo, em 17/12/1973, e no mesmo quarto estava também nosso amigo Zé Sereno.

ASSOMBRAÇÕES

Sem dúvida alguma o cangaço ainda vive.

Melhor dizendo, ainda sobrevive em certos lugares do sertão.

Sobrevive na lembrança de quantas pessoas foram envolvidas naquele torvelinho que sacudiu as vilas, arruados e fazendas das caatingas e carrascais, dos vários Estados que assistiram as arremetidas impetuosas dos cangaceiros.

Nesses envolvimentos, quem participou, de uma forma ou de outra, nos dramas escritos quase no anonimato cúmplice da vastidão caatingueira, a ferro, fogo e sangue, registrou, indelevelmente, cenas chocantes.

No recôndito das matas de arbustos garranchentos, das plantas espinhosas, dos lugares ermos e esquisitos, sítios que lhe serviam de ponto de descanso e trilhas por onde caminhavam incansavelmente, o cangaço ainda sobrevive... no sobrenatural.

Conhecemos dona Amália Maria de Araújo, ligeiramente, em São Paulo, através de sua filha Maria T. de Araújo, nossa cliente. Vivem perto de Mata Grande, Alagoas, quase na divisa com Pernambuco.

Moradores que foram, e são ainda, de uma das zonas mais afetadas pelas correrias de Lampião, seus cabras e de todos aqueles que lhes vinham no rastro, é natural que conversássemos sobre o assunto.

Aqui um parênteses, antes de prosseguirmos, para darmos uma idéia do grau de envolvimento desses desassistidos caatingueiros nos confrontos entre cangaceiros e volantes, basta dizermos que o marido de dona Amália, Artur José (a quem conhecemos também aqui na Capital, quando veio operar e tratar da saúde abalada pela idade e pelo desconforto próprio de quem vive naquelas brenhas) foi preso e amarrado em uma árvore pelas volantes, que lutaram com Lampião no combate do Serrote Preto, sítio este vizinho de sua propriedade e cujos donos "seo" Constantino e dona Maria eram pessoas de suas relações.

Mas, porque Artur José foi aprisionado, inquirido com rigor e amarrado numa árvore, onde aliás, foi deixado aban-

donado, só conseguindo livrar-se muitas horas depois com grande sacrifício?

Queriam os soldados que ele, Artur, desse conta do grupo de Lampião naquele dia de fevereiro de 1925.

Como não sabia, foi amarrado e largado para se livrar, se pudesse e como pudesse.

Tornemos à narrativa do fato acontecido com dona Amália em uma noite do ano de 1956.

O casal é dono e morador no lugar denominado sítio Pau Ferro, que situa-se a mais ou menos uma légua de distância do já comentado Serrote Preto.

Entre as duas propriedades existe, mais ou menos, a uns três quilômetros de distância de cada, uma minação d'água muito boa, limpa e clara.

Em tempo de seca, a água torna-se difícil, então as pessoas por ali residentes vão até essa mina nascente para buscar o precioso líquido que ali nunca falta.

Esse lugar chama-se Avelino.

Foi o que aconteceu no ano de 1956. Tempo quente, dias de sol de fogo, noites de um mormaço angustiante, o sertão ressequido por uma temperatura de boca de fornalha.

Certa noite, coisa de oito horas mais ou menos, de lua clara e brilhante num céu sem nuvens, que prenunciava mais um dia de calor escaldante, dona Amália já tinha servido o jantar para a família, quando lembrou-se de ir apanhar água na minação do Avelino.

Fez uma rodilha de pano, colocou-a sobre a cabeça e sobre a mesma uma lata de dezoito litros, das que antigamente se usavam para fornecer querosene marca "Jacaré", pegou a trilha tão sua conhecida, tantas e tantas vezes percorrida por ela e pelas filhas na dura tarefa de abastecer d'água boa os potes da casa.

O luar era deslumbrante, a luz de prata que iluminava o sertão mostrava o perfeito contorno das coisas, clareando tudo.

Chegou na mina e encheu a lata até a boca, colocou-a cuidadosamente sobre a rodilha de pano que trazia sobre a cabeça e iniciou o retorno pelo mesmo caminho que acabara de palmilhar instantes atrás.

Mal chegara na metade do retorno quando ouviu barulho de gente sob uma árvore situada a vários metros do veredo.

Olhou.

Viu uma fogueira com um fogo grande, bem aceso, e em torno da mesma uma porção de homens e mulheres, conver-

sando, rindo, andando, no típico burburinho de um coito de cangaceiros, quando não há perigo imediato.

Trajavam o uniforme do cangaço. Chapéus de couro, bornais de lado, grandes punhais e fuzis na mão, os homens; chapéus do tipo escoteiro, vestidos e bornais, as mulheres.

Já haviam decorridas quase duas décadas da morte de Lampião!

Quem seriam aquelas pessoas, naqueles trajes tão conhecidos em outros tempos, acampadas ali perto da minação do Avelino e próximas de sua casa?

Amália via toda a movimentação, todo o bulício do rancho de cangaceiros e conseguiu manter o controle dos nervos e músculos.

Não tremeu nenhuma vez, não derramou uma gota d'água sequer, a lata parecia fazer parte de sua cabeça, tão firme estava.

Do grupo de cangaceiros notou que também a observavam atentamente. Analisada e julgada, como tinham por hábito proceder com pessoas que chegavam perto do coito.

Nem sabe dizer quanto tempo ficou ali parada, vendo e sendo vista.

Um minuto? Dez? Não soube contar-nos o tempo que ficou estática.

Em dado momento retornou à realidade, e ouvindo o crepitar das chamas e a conversa solta do acampamento voltou para o sítio Pau Ferro, sua casa.

Quando chegou na mesma, colocou a água nos potes e foi deitar-se. Não contou nada à ninguém, poderiam até pensar que estivesse louca.

Não dormiu.

Ficou o resto da noite pensando em tudo aquilo que vira.

Seria verdade o que seus olhos presenciaram?

Teria sido uma visão?

As horas custavam a passar e parece que arrastavam-se mais preguiçosas com o tormento da dúvida.

Por fim um galo anunciando o nascer de um novo dia.

Dona Amália levantou-se, cuidou rapidamente do desjejum da família e depois pegou uma lata d'água e tomou o veredo que leva à minação do Avelino.

Chegou até a árvore que, na noite anterior servira de abrigo aos cangaceiros, examinou o chão, e nenhuma brasa,

nenhum carvão, indício algum de que ali estivera um grupo numeroso.

Nem cinza, nem marcas de alpercatas foram encontradas.

Voltou para casa e só tempos depois narrou o acontecido.

Maria Bonita, Lampião e os outros companheiros ainda vivem.

No sobrenatural.

Figuras de um outro mundo.

Por sinal, esse não foi um caso único. Muitos outros ouvimos envolvendo Lampião e sua gente.

Em uma das viagens que fizemos à Serra Talhada, pesquisando a história do cangaço, não me recordo se foi a de janeiro de 1969 ou a de janeiro de 1971, conversando com João Gomes Jurubeba, elemento de uma das famílias que mais distinguiu-se nas lutas contra o banditismo no nordeste, para se ter uma pálida idéia de como sofreu na carne essa gente, os anos e anos de luta, não só lhes arruinou as finanças como roubou-lhes as vidas de dezessete membros. Jovens promissores, homens de futuro que tombaram nas refregas cruentas. Os sobreviventes, alguns dos quais conheci, apanharam doenças e neuroses comuns nesse tipo de campanha. Mas, voltemos ao que nos contou o finado João Gomes.

Durante uma das palestras que mantivemos, o assunto tomou um rumo que levou-nos a citar os nomes das tias maternas de Lampião, e João passou a contar como se deu a morte de uma delas, dona Jacosa, uma solteirona.

Disse-nos:

— Quando dona Jacosa adoeceu, ele também morava ali em Carqueja, (antigamente, nos tempos de Lampião esse lugarejo era denominado Nazaré), pessoa conhecida por todos, lugar pequeno, antiga moradora e sempre tinha alguém na casa fazendo-lhe visita, vendo como estava.

Certo dia umas vizinhas estavam lá na casa, dona Jacosa deitada na cama, naquele estado de doente que a gente sabe que só vai sair dali pro cemitério, e de repente as mulheres que estavam lá começaram a escutar um barulho diferente.

Parecia com a zoada de um baile. Os pés se arrastando ritmicamente, cadenciadamente, e vez por outra um som mais forte, mais abafado, como a batida de alguma coisa dura no chão.

E o ruído foi aumentando, chegando, num crescendo assustador, como se tivesse vindo de longe e agora tivesse chegado aonde pretendia.

As mulheres deixaram a casa espavoridas, sem saber ao certo o que vinha a ser aquele som, aquele barulho.

Juntou gente na porta, na frente da casinha, ouvindo o ruído, procurando uma explicação plausível.

Nada que fosse dito, pensado e analisado poderia ser aceito.

As pessoas apalermadas ouviam o som do arrasta-pé dentro do quarto onde estava dona Jacosa.

O barulho agora era mais nítido, de alpergatas ferradas, como aquelas que os cangaceiros usavam, arrastando-se no chão no ritmo do xaxado e batendo com o calcanhar ou com a coronha do fuzil com força no chão.

Ocorreu-nos, nessa altura da conversa, perguntar a João Gomes, se dona Jacosa adoecera durante a vida de Lampião ou se depois de sua morte.

— Foi depois da morte de Virgulino. Muito tempo depois, bem uns dez ou vinte anos após a morte dele.

E voltou a contar o caso que prendia nossa atenção.

— Dentro do quarto da doente o xaxado invisível continuou por algum tempo e depois as pessoas que estavam próximas começaram a escutar o canto de guerra dos cangaceiros.

"Olê Muié Rendera,
Olê Muié Rendá,
Tu mi ensina a fazê renda,
Qui eu ti ensino a guerriá."

Aquilo aumentava e diminuía. Cantavam mais alto e depois abaixavam o tom de voz.

Começaram a trocar idéias sobre o que fazer. Alguém sugeriu que deveriam chamar uma rezadeira para puxar um terço.

Foi feito.

A mulher rezou, os presentes acompanharam e a música e o baile dos cabras invisíveis não parava um só instante.

Sobre a cama dona Jacosa agonizava.

O pessoal começou a entrar na residência, fazendo o que era necessário para cuidar da infeliz, que nessas alturas tinha poucos momentos de lucidez.

As horas passavam, transformaram-se em dias e noites, os habitantes do lugar vinham ver como estava a velha doente, ouviam o canto e o xaxado dentro do quarto e retiravam-se, benzendo-se.

Trouxeram água benta da capelinha existente no lugar, respingaram sobre o chão e nas paredes do quarto, sobre a cama e na moribunda.

Não adiantou também, a cantoria prosseguia.

Já ninguém esperava mais nada, não se tentava mais nada para fazer cessar o baile.

A vizinhança, os conhecidos, a gente amiga esperava o passamento para qualquer momento.

Uma noite, pessoas dentro do quarto, aos pés da cama humilde, outras espalhadas pela sala, cozinha e arredores, as lamparinas acesas, eis que o barulho do xaxado aumenta, um vento forte passa repentinamente pela casa apagando as lamparinas, deixando tudo escuro.

Um perfume de noite sem Lua. Ouviu-se um barulho como um estouro muito forte, e um cheiro de enxofre impregnou o ambiente. Um vulto escuro, indistinto nas trevas existentes passou pelo quarto de dona Jacosa.

A cantoria parou de súbito, não se escutava mais o xaxado nem a "Mulher Rendeira".

Sobre a cama, inerte e angelical, o cadáver da tia de Lampião.

O fato que vamos passar a descrever, foi-nos contado, também, pelo velho inimigo de Lampião, João Gomes Jurubeba. Na época em que nós o conhecemos residente na cidade de Serra Talhada, ao lado da antiga cadeia e que hoje foi transformada em hotel.

Atualmente, o mesmo já é falecido.

Mas como dizíamos, ele contou-nos esse episódio na mesma ocasião em que nos levou a visitar o lugar do nascimento de Virgolino e a fazenda vizinha, propriedade e moradia de José Saturnino.

Conversou sobre o acontecimento naquele fim de 1937, durante a viagem que fizemos, por uma estrada cheia de pedras e buracos que fazia com que o carro sacolejasse continuamente, mais parecendo um burro chucro os passageiros tinham que ficar segurando-se nas alças, nos bancos, nas portas, onde fosse possível para não serem atirados fora do veículo, que por essas alturas perderia em velocidade para a mais lenta das tartarugas.

Por esse motivo nós não tivemos a possibilidade de anotar os nomes das pessoas que participaram desse acontecimento inusitado, curioso e até trágico. ,

O nosso acompanhante conhecera pessoalmente o casal

de velhos envolvidos no fato, bem como o filho dos mesmos, quando de suas andanças em volantes que combatiam os bandidos nos sertões.

Vagamente recordamos que o mesmo nos disse ser "dona Maria" o nome da velha sertaneja, mas como não temos certeza, vamos deixar os três personagens no anonimato dos desconhecidos, embora participando ativamente do episódio.

Posteriormente a esse encontro com João Gomes, trocamos opiniões com Dadá, sobre os fatos ocorridos com os grupos de Corisco e Virgínio após a invasão da cidade de Piranhas.

Ainda em janeiro de 1971, quando estivemos pesquisando na cidade de Juazeiro do Norte, travamos conhecimento com o alagoano Laranjeira, ex-cabra do grupo de Virgínio e que participou do episódio que conseguimos reconstituir baseados no que nos contaram essas pessoas.

O que se passou foi o seguinte:

Após o ataque à Piranhas, com todo o morticínio provocado por Gato, os cangaceiros estavam certos de que a repressão seria violenta.

Decidiram, a conselho do paraibano Manoel Moreno, ocultarem-se nas caatingas da região de Lagoa do Monteiro. Uma zona inóspita e pouco habitada do estado da Paraíba.

Manoel Moreno conhecia muito bem aquela região e foi servindo como guia para o grupo.

Quando já estavam bem próximos da divisa de Pernambuco com a Paraíba deu-se um pequeno choque com uma volante, acabando por morrer Virgínio.

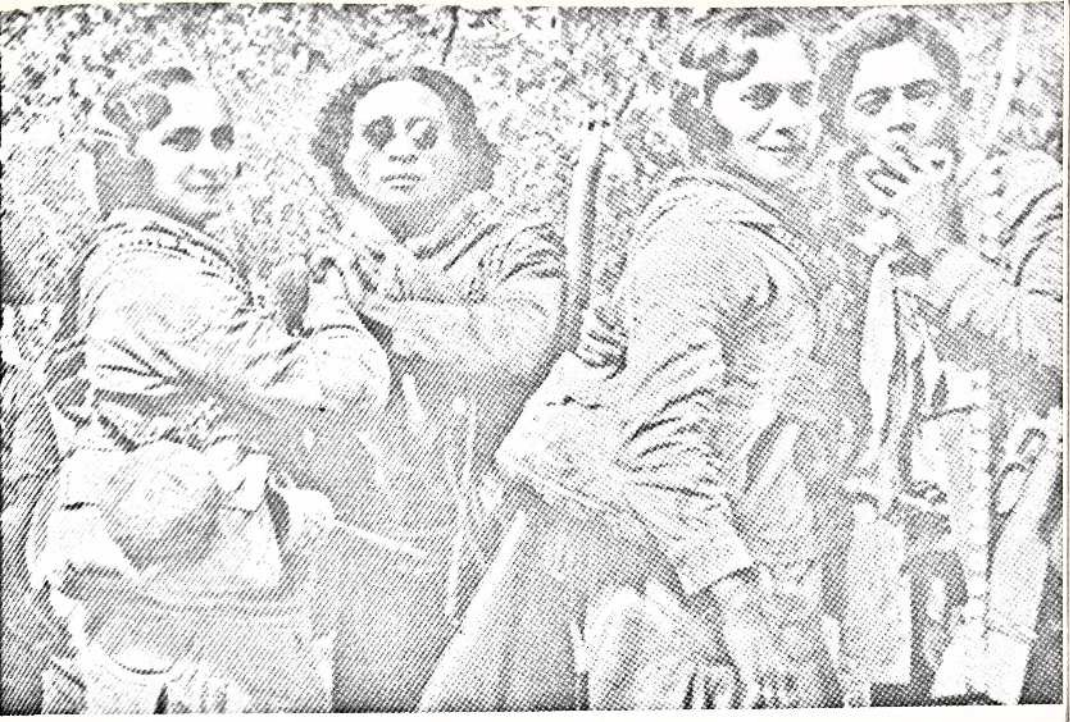
No terceiro dia, após o passamento, com Durvinha inconsolável e chorosa pela perda do amásio, Manoel Moreno achegou-se à Corisco e disse-lhe: :

— Curisco, é mió a gente si separá, qui fica mais faci pra dispistá as volanti. Eu vô cum us mininu du falicido, qui quizé mi acumpanha i mais Durvinha. I us otro qui quizé, acumpanha u sinhô.

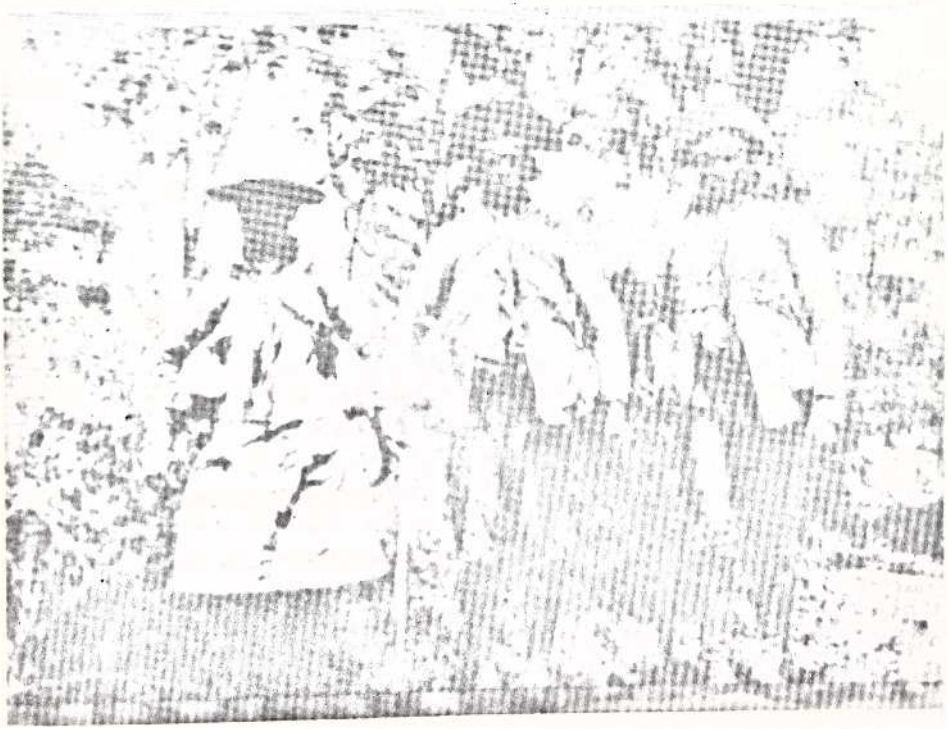
Corisco respondeu:

— Tá bom. Intão vamo marcá um ponto di incontro lá im Alagoa. Daqui prá oito dia a genti si incontra lá.

E marcaram o ponto que tinham em determinada fazenda como o lugar aonde se reuniriam. Alguns dos rapazes de Virgínio preferiram acompanhar o grupo de Corisco. Saíram dali, Manoel Moreno como chefe e levando Durvinha como sua



Durvinha dançando com Manoel Moreno, o paraibano, que está de óculos.
Nenê dança com Barra Nova que toca uma harmônica de boca.



companheira, Laranjeira e outros quatro cabras do grupo de Virgínio.

De uns tempos até essa data, havia uma certa desconfiança sobre o procedimento de Durvinha. Segundo as opiniões dos que a conheceram, tudo indicava que ela já andava de caso com Manoel Moreno. Parece que sua escolha em acompanhar esse cangaceiro após a morte de Virgínio veio somente confirmar as suspeitas levantadas.

Manoel Moreno não era nenhum neófito nas lides do cangaço. Conhecia perfeitamente o sertão central de Pernambuco, que ele percorrera tantas vezes em companhia de Lampião, nos tempos anteriores ao ano de 1928.

Pervagara também pelas caatingas agressivas da Paraíba e quando fora cabra de Chico Chicote, e o servira por bastante tempo, andara pela zona do Cariri, no Ceará, tendo a oportunidade de conhecê-la minuciosamente. Corisco, Dadá e o resto da cabroeira viajaram para o lugar combinado tendo ali chegado no dia marcado para o encontro. Passaram o oitavo dia aguardando os companheiros. Nada. Ficaram mais dois dias esperando, apreensivos, pela chegada do pessoal. Manoel Moreno não veio e nunca mais o viram ou tiveram notícias do mesmo, de Durvinha ou dos que os acompanhavam.

Aqui vai um parênteses. Depois de muitos anos foi que Dadá, através de notícias transmitidas por mim, ficou sabendo o que aconteceu com essas pessoas, de fonte segura, isto é, pela boca do ex-companheiro Laranjeira.

Voltemos porém à jornada empreendida por Durvinha e os outros seis homens.

Quando esse grupinho saiu dali, foi dirigindo-se com todo cuidado, com toda a precaução, escondendo o rastro, evitando habitações, até achar-se em uma caatinga bruta, rude e brava de uma fazenda situada no município de Vila Bela.

Por aquelas redondezas se deram as primeiras façanhas de Lampião. Aqueles, os cenários e o palco dos primórdios de sua vida cangaceira.

Porém, quando embrenharam-se no mais enfezado da caatinga já não eram sete pessoas. Somente restavam Manoel Moreno, Durvinha e mais dois cabras.

Os outros três tinham desertado e caído no oco do mundo.

Ficaram acoitados ali.

Isolados.

Procurando mimetizar-se com o solo e com o mato para não serem descobertos e denunciados.

A uma distância de uns dois quilômetros do coito situa-se o casebre de um casal de velhos que moravam naquelas brenhas juntamente com seu único filho.

O moço teria pouco mais de vinte anos e era quem fazia o trabalho mais pesado da roça e do trato dos poucos animais que possuíam. Isso apesar de não ser perfeitamente dotado de inteligência. Era um tanto quanto retardado ou simplório.

Moreno era sujeito esperto e não queria de forma alguma que as autoridades soubessem que eles estavam escondidos por ali. Mas a comida tinha que ser arranjada de qualquer maneira porque o estômago vazio vivia protestando contra a dieta forçada. Começaram a fazer incursões, sorrateiras, com o maior cuidado, tomando todas as precauções para não deixarem o menor rastro, à residência do casal de velhos. Esperavam escondidos e quando os moradores saíam para o eito ou para o campo eles entravam na casa. Tiravam um pouco de farinha, um punhadinho de sal, um pequeno naco de carne seca, pedaços de rapadura, fazendo tudo com o maior cuidado a fim de não deixar vestígio. Sempre em pequena quantidade para não despertarem suspeitas.

Mas a miséria dos caboclos era tanta que os velhos começaram por notar falta das coisas.

Acreditando piamente em almas do outro mundo, em assombrações, fantasmas e em todas as personagens lendárias que povoam a imaginação dos crédulos sertanejos, viviam os velhos conversando sobre o sumiço das provisões na presença do filho, e jogando sempre a culpa nas almas, sacis, nos mortos.

Antigos cangaceiros que tombaram nos entrechoques travados pelos matos eram lembrados como prováveis freqüentadores da parca dispensa. Não atinavam com o mal que iam causando ao coitado do moço que absorvia aquelas conversas e nelas acreditava. Ainda mais por não ter o uso pleno da razão.

Com o passar dos dias, Durvinha achou que necessitavam de uma panela, e pediu a Moreno que arrumasse alguma na casa dos velhos, quando ali fosse fazer mais uma "visita".

Manoel Moreno não sabia que os velhos já estavam notando falta dos alimentos furtados e argumentou, com Durvinha, que o desaparecimento de uma panela poderia ser facilmente notado. A companheira insistiu no pedido e disse que precisavam

de uma panela por menor que fosse. Ele aguardou a ocasião em que nenhum dos habitantes daquela casinha estivessem próximos e roubou uma pequena panela de barro cozido.

O que o cangaceiro havia previsto acabou acontecendo.

A velha, logo no dia seguinte, notou a falta da panelinha e os comentários foram mais prolongados e mais vivos sobre as almas que estavam perturbando o sossego dos vivos e do lugar.

No dia seguinte o filho saiu para procurar uma vaca que tinha parido e estava escondendo o bezerro num fechado da caatinga. Andou campeando em todos os lugares onde o animal poderia estar e nesse andar daqui para ali acabou, sem querer, desembocando justamente no coito de Manoel Moreno.

A surpresa e o susto dos cangaceiros foi tão grande quanto a do rapaz.

Este, já com a mente saturada pelas conversas da mãe e do pai, de tanto ouvir que as coisas que estavam desaparecendo eram levadas por almas do outro mundo e por velhos cangaceiros que tinham morrido no passado, julgou-se frente aos fantasmas dos mesmos e desabou sem sentidos no solo. Ainda mais que os quatro ofereciam um triste aspecto pelo tempo que estavam desaparecidos do mundo.

Sujos, as roupas rasgadas, os cabelos grandes e eriçados pela sujeira, tudo contribuiu para que aos olhos do infeliz eles parecessem mesmo fantasmas.

Enquanto o moço jazia no chão desmaiado, Moreno, Durvinha e os dois comparsas saíram dali imediatamente, deixando o coitado largado no lugar onde tombara.

As horas foram se passando.

Os velhos começaram a se preocupar com a ausência do filho. Vendo que já se passara de muito a hora em que ele deveria ter retornado, e como o entardecer já estava chegando, muniram-se de um lampião de querosene e foram à sua procura.

Só bem mais tarde, com a lua clara espelhando sua luz baça pelos matos e campos é que foram topar com o filho.

Ainda estava no mesmo lugar e na mesma posição em que caíra ao perder os sentidos. Largado ali sobre o mato existente perto do coito. Os velhos tiveram grande dificuldade em despertá-lo do desmaio. No princípio, jugaram até que tivesse morrido. A mãe teve que ir até a casinha buscar um caneco d'água para molhar o rosto do moço.

Quando despertou, os pais começaram a perguntar-lhe sobre o que tinha acontecido.

O moço tentava articular as palavras, mas só ouviam balbúcios ininteligíveis.

Foram para casa com a esperança que estivesse melhor no dia seguinte.

Nada. Daquele dia em diante, nunca mais falou, ficou mudo para sempre. Levaram-no ao médico, em Vila Bela, mas não foi possível conseguir nenhum resultado positivo.

Calmantes e xaropes receitados não alteraram o quadro clínico. O choque fora muito forte para os nervos abalados do rapaz.

Com o tempo, através da mímica, ele contou o que acontecera naquele dia.

Vira os fantasmas de quatro antigos cangaceiros.

Quanto ao que aconteceu com Manoel Moreno, Durvinha e os dois outros companheiros fugitivos, o que se pode saber é que ao saírem do coito devem ter tomado o rumo do Ceará

Dizem que Moreno tinha o intuito de fazer um "trabalho" com um antigo coiteiro de Lampião, um fazendeiro chamado Antonio Teixeira Leite, porém que era bem mais conhecido por todos como Antonio da Piçarra, que é o nome de sua propriedade.

Nas vezes que o visitamos, em janeiro de 1971 e em janeiro de 1977, contou-nos alguns pormenores dessa pretensão de Moreno.

Não vamos narrar esse episódio para não fugirmos ao tema que nos propusemos neste despretencioso trabalho.

O SEXO

Os informes sobre o sexo, no cangaço, foram obtidos de duas fontes.

A primeira, em bem menor número e com o natural recato feminino, das mulheres.

A segunda, já em volume bem maior e com promenores esclarecedores, dos antigos cangaceiros.

Balão, por exemplo, contou-nos que certa ocasião, Pancada pediu que levasse sua companheira Maria até um determinado "ponto", para apanhar alguns objetos.

Foram.

Mal iniciaram a caminhada, a moça começou a provocá-lo. Disse:

— Balão, diz que ocê é muito macho nas brigada mai eu quiria vê si ocê é homi memo.

— Ôi, Maria, num diga issu não qui adipois ocê pódi si arrependê.

A moça sorriu e continuou falando:

— Qui si arrependê u que, Balão! Ocê tem medo di Pancada?

— Já tô nessa vida disgraçada, respondeu o cangaceiro, lá vô tê medo di que!?

Andaram mais um pouco e a moça pediu para pararem à sombra de uma árvore.

Enquanto descansavam ela prosseguiu a provocação e, na verdade, não teve que forçar quase nada para que se visse fazendo amor no chão morno da caatinga. Descansaram um pouco antes de prosseguirem a viagem e, logo que a reiniciaram, Maria pediu a repetição da aula de amor.

Durante a caminhada daquele dia, Balão teve que possuí-la mais duas vezes, até que ela lhe desse descanso.

Não sabemos se Maria de Pancada teve o mesmo procedimento também com outros companheiros, talvez tenha sido esta sua única aventura "extra-conjugal".

Quem sabe quis aproveitar a oportunidade quando a mesma se apresentou e tenha se contentado com essa.

Não se tem informações, também, do paradeiro desse casal, após as entregas.

Os casais dormiam sempre na sua torda, separados dos solteiros que dormiam aos pares ou isoladamente, recostadas as cabeças nos bornais que faziam as vezes de travesseiros.

Também não se acanhavam em manter relações sabendo da presença de outras pessoas nas proximidades, pois todos agiam assim, naturalmente.

Não existe nenhuma informação, nem a mais leve suspeita, sobre casos de homossexualismo, feminino ou masculino, nos bandos.

Informou-nos Dadá que jamais ouvira falar sobre tal procedimento, e que só tivera conhecimento dessa prática quando passou a residir em Salvador.

Nos tempos de seca, quando a água era obtida com sacrifício, trabalho, e em pequena quantidade, geralmente espremendo-se a polpa da raiz do umbuzeiro, reservava-se uma certa quantidade para as mulheres fazerem sua higiene íntima, segundo contou-nos o cangaceiro Criança.

Os filhos dessas uniões não podiam ficar na companhia dos pais, por motivos óbvios. A segurança do bando estava em primeiro lugar, um bebê vagindo era o mesmo que o toque de ataque de um corneteiro.

Também sabiam as mães que não teriam oportunidade de cuidar a contento do recém-nascido.

Eram estes entregues a juízes, promotores, padres e outras pessoas de gabarito, sempre com a recomendação de que fossem criadas para serem "alguém" na vida.

As mulheres, antes dos partos, preparavam algumas peças de roupa para os nenéns, com maior ou menor capricho, isso dependendo da capacidade de costurar e bordar da futura mãe.

Quando saíam "volantes" (no vocabulário dos cangaceiros, viajando) sem a presença das mulheres, indo somente homens, e acontecia de fazerem um baile, e isto ocorreu várias vezes, durante ou após os meses, as damas mantinham relações sexuais com seus pares.

É bem verdade que, algumas delas, sujeitavam-se de livre e espontânea vontade, e, outras somente pelo temor ou força bruta.

Também as mulheres de "ponta de rua", maneira eufemística de tratamento das rameiras no nordeste, às vezes eram procuradas pelos "cabras" ou mesmo eram levadas para encontrarem-se com eles, em plena caatinga, por motivo de segurança.

Pelo menos, com uma delas aconteceu assim.

Era uma meretriz, se não nos falha a memória, de Piranhas, moreninha escura e bonitinha, e que andou tendo alguns encontros com Corisco.

Para complicar mais a história, João Bezerra se destacava nessa cidade das margens do São Francisco, e era também seu "freguês".

Não se sabe como, a esperta rapariga que parece-nos tinha o nome ou apelido de Santinha, conseguia levar avante seu "romance" ora com um, ora com outro.

Saía dos braços da lei e caía nos braços do crime.

Num vai e vem altamente rendoso, economicamente falando.

Explorava sabiamente os dois pólos opostos, o que vivia do crime e o que vivia do combate ao crime.

Dadá, fiel companheira de Corisco, nos disse que o mesmo andou dando muitos presentes para "aquela negrinha".

E esse romance trouxe uma perseguição implacável ao grupo de Corisco, o Diabo Loiro, pela volante comandada por João Bezerra.

Se estivesse seguindo uma "pista" e a mesma se bifurcasse, indo Lampião ou outro grupo qualquer para uma direção, e para o lado oposto seguisse o bando de Corisco, — ah! João Bezerra não titubeava.

Seguia célere o rastro deste cangaceiro.

Não temos notícia do fim que teria tido Santinha, nem sabemos se a mesma é morta ou viva.

Mas nem sempre o amor era conseguido a peso de ouro ou por simpatia. Vezes houve em que a infeliz vítima tinha que saciar os desejos de um punhado de malfeitores tarados.

E isso acontecia, também, antes da passagem de Lampião para a Bahia, fato que ocorreu em agosto de 1928.

Vamos dar um exemplo, recorrendo à pena brilhante do nosso falecido amigo, Rodrigues de Carvalho, que diz nas pp. 254 e 255 da primeira edição do seu "Serrote Preto", o seguinte:

"Algodões é mísero vilarejo de pouco mais de uma dezena de casas e três dias antes havia sido pilhado pelos quadrilheiros. Eram seis horas da manhã quando os facínoras surgiram inopinadamente, numa fúria tempestuosa. Atiravam a êsmo, no intuito de atemorizar e confundir e, ao mesmo tempo anular qualquer resistência que por ventura se esboçasse. Espavorida,

a maioria dos habitantes, homens, mulheres e crianças fugiu para o mato próximo, abandonando seus domicílios e haveres à sanha destruidora e à cobiça desenfreada dos vândalos indígenas. Preferiram isso a ter que se submeter impassíveis às conseqüências do tão pernicioso contágio. Mas nem todos tiveram a mesma sorte. Muitos caíram inermes nas suas inexoráveis garras de abutres esfaimados.

Senhores da situação portaram-se de forma a mais abjeta e degradante a que pode descer o indivíduo na prática de atos atentatórios à moral. Vivia em Algodões um desventurado homem de nome Joaquim de tal, mas que por força da profissão que exercicia tornara-se conhecido por Quinca Barbeiro. Era ele pai da menor Maria Nazaré, filha única, criatura que já trazia na face o estigma de infelicidade em marcha: a perspectiva da cegueira, pois já havia perdido uma das vistas, minada pela corcoretinite. Essa infeliz mocinha não teve como escapar às garras indefensáveis das sinistras aves de rapina, que a violentaram de uma maneira bárbara. Procederam com a pobre vítima da forma mais infame e desumana, submetendo a infortunada criatura às maiores humilhações que imaginar se possa. Fizeram-na servir de pasto à concupiscente bestialidade de dez ou doze miseráveis e inescrupulosos bandidos! E desse ignominioso atentado (que se não fôra o respeito devido à verdade, preferimos omitir), foi testemunha ocular e obrigatória o desditoso Quinca Barbeiro, desventurado pai da infeliz Maria Nazaré. Abjetos indivíduos. A dor desse desgraçado chefe de família, foi sem dúvida, imensurável. Para sondar-lhe a profundeza nesse pêlago imenso da miséria humana falece recursos dos sentidos e asas à imaginação mais atilada".

Até aqui, à narração de Rodrigues de Carvalho, vamos simplesmente acrescentar, a título de esclarecimento, que tal tragédia aconteceu em 1/2/1925, e Algodões situa-se na região central do Estado de Pernambuco.

Creio, também, que tive a oportunidade de trocar opiniões com o autor de "Serrote Prêto", em um dos nossos inúmeros e proveitosos bate-papos no Rio de Janeiro, sobre esse episódio e teríamos chegado à conclusão de que o mesmo fora praticado pelo grupo de Jararaca (José Leite de Santana), e não pelo próprio Lampião.

Mas, se o chefe supremo dos cangaceiros escapou de ser indiminado pela "curra" de Algodões, não deixa de ser acusado por episódio quase idêntico, ocorrido em Sergipe.

Pelo menos é o que nos conta Ranulfo Prata, nas pp. 120, 121 e 122 do livro "Lampião".

Vejamos o fato:

"J. dos Santos, senhora idosa, morava em Porto da Folha, vila sergipana. Certo dia foi convidado para adjutora nos preparativos do casamento de uma sobrinha de vizinha amiga, criada pelo avô, velho respeitável do lugar.

Nas vésperas do casamento, a horda sinistra invade o povoado.

Todas as mulheres, inclusive a noiva, refugiaram-se em um quarto, cuja chave retiraram da fechadura para despistar os bandidos.

Lampião aprisiona o velho e o intima a dar-lhe o dinheiro. O homem recusa. O facínora, então com três companheiros, faz menção de crucificá-lo na parede, a punhal.

A moça que espia pela fechadura, ao ver o quadro, abre resolutamente a porta e pede a Lampião para soltar o avô, prometendo-lhe 600$000. Ele atende, mas ao embolsar o dinheiro repara na beleza da rapariga e arrasta-a, de supetão, para o quarto, onde estava a velha transida de pavor, escondida entre a cama e a parede. Consumado o ato bestial verifica o bandido que precisa de asseio. E como descobre a velha, agachada no seu esconderijo, obriga-a a fazê-lo, ordenando-lhe a permanecer no quarto para prestar o mesmo serviço aos companheiros, que foram em número de cinco.

Neste entretanto ouviu-se fora uma detonação, e todos correm para ver o ocorrido. A desgraçada mulher aproveita-se do ensejo e foge, vindo, após dias de peregrinar estonteada por estradas e veredas, parar em Dores. Vimô-la em Aracaju, em casa do ilustre advogado Dr. Leonardo Leite.

Alheiada, de olhar sem vida a erra vagamente pelas coisas ambientes, narrava as cenas selvagens que seus olhos viram, em hora maldita, intervalando-as com gargalhadas nervosas e ásperas, seguidas de chôro convulsivo".

Estes exemplos que estamos dando, são de moças e mulheres que sofreram toda sorte de abusos e constrangimentos por parte dos homens dos grupos.

E da parte dos contratados, dos soldados, das volantes, teria sido diferente o tratamento?

Seriam eles mais cavalheirescos, mais humanos com as cangaceiras presas, com esposas e filhas de sertanejos?

Vejamos alguns exemplos e o leitor tirará suas próprias conclusões.

Otília, a companheira de Mariano, quando ficou presa em Geremoabo, era retirada à noite da cadeia e tinha que "servir" aos companheiros dos seus captores.

Era violentada e espancada, depois retornava para a cela.

Quando Nenê, mulher de Luiz Pedro, foi morta dentro do curral de gado, na fazenda Mucambo, os companheiros tiveram que abandonar seu corpo no lugar onde o mesmo tombou.

Na verdade, talvez, nem tenham notado a sua falta no corre-corre da retirada. O dia vinha amanhecendo e ainda estavam com o claro-escuro que precede o despontar do Sol.

As coisas não podiam ser distinguidas perfeitamente, e com a névoa da madrugada ainda não sendo espalhada pelo calor do Sol, as pessoas afiguravam-se indistintas.

Estavam todas agrupadas, pois iam beber o leite que o vaqueiro estava tirando, e isso facilitou aos soldados que atiraram pelo rumo no "bolo" de gente.

Por azar da moça, foi atingida mortalmente.

Os soldados, terminado o combate, fizeram os cães "aproveitarem-se" do cadáver. Os animais foram guiados, estimulados, provocados, para manterem relações sexuais com a morta.

Tal procedimento foi divulgado em todas as feiras das vilas sertanejas, em todas conversas de beira de balcão, nas bodegas, e breve as mulheres dos grupos tinham conhecimento do ocorrido.

Apavoraram-se. Preferiam lutar como feras a serem presas, ou a caírem, mesmo mortas, nas mãos das volantes.

Mas o que nos foi narrado, por nosso amigo Lazaro G., pessoa que merece todo nosso respeito e consideração, não só em virtude do alto cargo que ocupava no IPASE, como também pelo fato de ter sido oficial da Força Pública do Estado de São Paulo, além de ter presenciado pessoalmente a exibição do estranho troféu, nos leva a crer, piamente, na veracidade da informação.

Se tal fato tivesse acontecido no interior africano, a cem anos passados, ou mesmo na Polinésia, onde, os guerreiros tinham por hábito comer o coração do inimigo valente, para adquirir a coragem deste, ou então a sola do pé do veloz corredor, para transferir, com a ingestão deste nada apetitoso acepipe, a rapidez da vítima para suas pernas; se o que vamos narrar houvesse ocorrido nesses lugares, com tribos bárbaras,

e, naqueles tempos, não nos causaria menos espanto, a nós, cristãos e habitantes de um país que se diz civilizado, agravado ainda mais por ter se dado aí pelo ano de 1936, em pleno século XX, portanto.

Época em que, pelo menos, o verniz da civilização já deveria ter sido absorvido pela maioria das pessoas, mormente quando a serviço da sociedade, como é o protagonista deste caso.

Mas, narremos envergonhados, por ter este absurdo sido praticado por um ser feito à nossa semelhança, pelo menos na aparência e forma exterior, o que aconteceu em Alagoas, aí pelos lados de Água Branca, quando uma tropa volante deu fogo com um pequeno grupo de cangaceiros chefiados por Manoel Moreno.

Tiro pra lá tiro pra cá, até que os do grupo conseguem escapar por entre o carrascal, ao cerco que estava se fechando, mas por serem em pequeno número, não conseguiram levar uma companheira que fora atingida logo aos primeiros disparos dos soldados.

Tentaram seguir os fugitivos, procuraram rastros, mas estes logo foram disfarçados pelo caminhar sobre as pedras. Manchas de sangue, denunciando algum baleado, também não encontraram.

Os soldados voltam para o palco do combate e encontram a cangaceira alvejada, tombada na areia quente, com parte do corpo apoiado em calhaus ásperos, tendo por espectadores mudos os xique-xiques, os gravatás, coroas de frades e mandacarús.

Um dos soldados, Abdom, arrancou uma faca da cinta, rasgou as vestes do cadáver e praticando profundas incisões em torno da virilha, baixo ventre, e descolando os tecidos, cortando as fibras musculares e arracando com pêlos e tudo, "o lugar de fazer filhos", como diria depois zombeteiramente, coloca triunfalmente o macabro troféu dentro do bornal de balas, retirando-se então com a volante para Água Branca.

Chegando à cidade, iniciou o tarado o processo de conservação daquela parte do corpo feminino.

Em primeiro lugar salgou-o em abundância e colocou-o, esticado entre varetas, ao Sol até que ficasse bem curtido. Amaciou-o até deixá-lo quase com a flexibilidade do tecido vivo e passou a exibi-lo para quem tivesse estômago para aguentar e coragem de olhar aquela parte do corpo da infeliz sertaneja,

que só Deus sabe o porquê acompanhara o grupo de cangaceiros.

Sempre que saía às ruas da cidadezinha, não se esquecia de colocar no bolso do dolman aquela "recordação" do combate.

Se não nos fosse narrado esse repugnante acontecimento por pessoa amiga e que, além disso, "viu" o sinistro troféu nas mãos (melhor seria dizermos nas garras) do nefando soldado, não acreditaríamos que a tão baixa atitude chegasse um elemento que recebia do governo para manter a "lei e a ordem" no sertão.

Eros, o deus grego do amor, às vezes juntava-se às Parcas, as entidades incumbidas de determinarem a duração da existência de nossas vidas, para zombarem dos cabras de Lampião.

Na zona de Geremoabo existia um sítio denominado Santana, onde vivia uma numerosa família de pretos cujo sobrenome era Venâncio. Esta gente, vez por outra mantinha contato com o pessoal de Lampião.

Influenciado por aquele viver, Duca, um dos filhos do velho Venâncio, resolveu sentar praça na força lampiônica.

Mas a sua intenção, o seu desejo, acabou, não sabemos como, chegando ao conhecimento do tenente Macedo que comandava uma tropa volante que vivia em perseguição aos bandos cangaceiros.

Era o ano de 1931, quando a luminosidade de Lampião espargia-se intensamente pelos sertões e agrestes da região nordestina. Seu nome era um ímã que atraía para seu grupo todo rapaz desejoso das aventuras, desventuras, sorte e azar proporcionados pela vida cheia de surpresa dos bandoleiros.

Num determinado dia desse ano a que nos referimos linhas atrás, Duca Venâncio entrou para o "exército" do Rei do Cangaço e nesse mesmo dia a volante do tenente Macedo chegou no sítio Santana para prender o jovem. Não o encontrando deduziram, acertadamente, aliás, que já havia ido incorporar-se ao grupo de malfeitores.

A viagem porém não foi perdida. Prenderam João Venâncio, um irmão de Duca, que foi levado até um determinado trecho da estrada que levava à Geremoabo e aí chegando fizeram-no cavar uma cova.

Deveria servir como sua sepultura, disseram, pois ele iria morrer para que nenhum outro caatingueiro fosse alistar-se no bando lampiônico.

Nesse entretempo um outro irmão tinha ido até o coito onde estava seu irmão Duca (que no grupo cangaceiro recebeu o apelido de Chumbinho), Lampião e seus cabras, contando tudo o que acontecera e qual o rumo tomado pela volante.

Duca ficou desesperado com o que lhe foi narrado e pediu a Lampião para atacarem a força do tenente Macedo, com a finalidade de libertarem seu irmão. No princípio o Rei do Cangaço não queria, mas Chumbinho tanto insistiu, tanto implorou, tanto azucrinou ao cangaceiro que este acabou cedendo e foram fazer uma emboscada para a tropa em um lugar muito adiante daquele em que João Venâncio cavara a cova para seu próprio uso.

Terminada a lúgubre tarefa, mandaram João Venâncio fechar os olhos para não ver a morte. Ele recusou-se. Disse que não fechava porque queria ver a morte de frente, que podiam atirar na boca, nos olhos, onde quisessem, fechar não fechava.

O tenente Macedo disse aos seus comandados que suspendessem a execução: — Um homem assim não se mata, falou o militar.

Alguns soldados, no entanto, não queriam obedecer, queriam eliminar o prisioneiro.

Mata, não mata, ficaram discutindo até que a vontade do tenente prevaleceu.

Seguiram viagem e lá pelas tantas são atacados pela emboscada de Lampião.

Espalharam-se procurando abrigo e responderam ao fogo dos cangaceiros.

Depois de alguns poucos minutos, os cabras resolveram retirar-se pois não estavam levando vantagem. Com a fuga dos bandoleiros reacendeu-se na tropa a discussão para por fim à vida de João Venâncio, que levou-o até Geremoabo, onde o mesmo foi contratado por uma volante tendo tido sete combates com os cabras de Lampião.

Seu irmão Duca, ou melhor, Chumbinho, como se tornou mais conhecido nas lides cangaceiras, fez nome dentre aqueles que faziam do cangaço um meio de vida.

A sua última façanha guerreira foi participar da terrível investida realizada por Corisco, Virgínio, Manoel Moreno, Gato e outros contra o porto ribeirinho de Piranhas, situado que é na margem alagoana do rio São Francisco, da retirada para o sertão pernambucano, e quando da morte de Virgínio, já

quase nos limites com a Paraíba, resolveu deixar os companheiros, isso nos fins do ano de trinta e sete.

Debandou solitário.

Andava errante pelos carrascais quando Eros e as Parcas resolveram brincar com ele.

E que brincadeira! No seu pervagar sem rumo, Chumbinho encontrou-se com uma moçoila e seu irmãozinho, cuja idade andava em torno de uns onze ou doze anos.

Encontravam-se longe do casebre onde residiam, pois iam levando comida para os familiares que mourejavam em uma roça.

O trilho seguido por eles era percorrido diariamente por duas vezes, tanto pelos que labutavam na lavoura como por quem levava "o di come" aos agricultores, e só.

Ali era bastante ermo.

Chumbinho estava andando por esse caminho, indo ao encontro dos dois tabaréus que vinham descuidados, quando seus sentidos, sempre alertas em razão da vida que levava, o avisaram sobre a presença dos dois jovens. Sua reação foi instantânea, saltou rapidamente para trás de um arbusto folhudo que havia na beira daquela vereda e, de armas nas mãos, aguardou a chegada da dupla que vinha conversando e rindo despreocupadamente.

Chegaram próximos da moita onde Chumbinho se escondera e este apresentou-se repentinamente em frente aos dois irmãos que ficaram estáticos.

Em princípio perguntou de onde eram e para onde iam, a que distância estavam da casa em que moravam e da roça para a qual se dirigiam.

Orientava-se em meio a região que lhe era desconhecida, norteava-se pelas informações colhidas.

Os dois irmãos ficaram trêmulos, calados, temerosos perante o cangaceiro. A alegria de instantes foi extinta como a fumaça que é espalhada por uma lufada de vento forte e repentino.

Foi então que o erotismo de Chumbinho manifestou-se ardentemente. Andava já há muitos dias separado dos companheiros, sem companhia feminina e a presença da jovem acendeu nele a chama do desejo latente, sua erotomania.

Sua incontinência, forçada pelo isolamento, agora podia ser satisfeita e o desejo sexual explodiu violentamente em demonstrações de lubricidade do sátiro. Agarrou-se com a jovem,

abraçou-a, roubava-lhe beijos não correspondidos, acoxava-a fortemente, fazendo-a sentir toda sua virilidade em plena ereção, o priaprismo em seu ponto máximo, todo seu ardor de macho insatisfeito. A mocinha, apavorada, defendia-se e implorava chorando para que o cangaceiro a deixasse em paz.

Lançava o argumento, como se isso servisse para abrandar a fúria do tarado, de que era virgem. Suas roupas foram rasgadas ficando seminua.

Chumbinho conseguiu por fim derrubar a caboclinha na beira do caminho, forçou-se entre suas coxas e sua masculinidade estava próxima a romper o hímem da infeliz, que jamais sonhara em perder sua virgindade em um leito de calhau e espinhos, quando o menino, que a tudo assistia silente e medroso, teve a coragem despertada pela urgência que o ato exigia e puxando rápido da cinta de Chumbinho o longo punhal cravou-o profundamente nas costas do quase deflorador de sua irmã.

Correram até onde os pais laboravam na roça e narraram o acontecido.

Foram à polícia e repetiram tudo.

Chumbinho deixou o mundo dos vivos ao pretender matar sua sede de amor carnal.

Perguntam-nos às vezes, pessoas que se interessam pelo tema cangaço, o que havia de tão magnético na figura dos cangaceiros, que fazia com que jovens sertanejas se apaixonassem pelos mesmos, deixando algumas, até, noivos e maridos, para acompanhá-los.

Em conversa com ex-cangaceiras e também com antigas admiradoras dos mesmos, chegamos à conclusão de que as causas variavam de mulher para mulher.

A vida rotineira e miserável da dona-de-casa sertaneja era completamente diferente daquela que levavam nos grupos, onde o dinheiro, jóias, ouro eram obtidos com relativa facilidade.

Os cangaceiros eram os cavaleiros andantes das caatingas, tabuleiros e carrascais do nordeste.

A aparência guerreira, que desde os primórdios do mundo sempre fez o coração feminino balançar, o temor que o simples anúncio de sua aproximação causava, isso mexia com a sensibilidade das moças interioranas cujos "heróis" eram medidos pelo padrão vigente. Cantadores, vaqueiros de fama, valentões. E qual mais valente que os cangaceiros cujos nomes de guerra

faziam tremer os homens? Cuja presença fazia com que multidões corressem em busca de refúgio nos matos?

O culto à valentia, entranhado no código sertanejo, perde-se nas brumas do passado, na miscegenação das raças branca, preta e na cor de cobre velho dos indígenas.

Quem mais audacioso, valente, despreendido para com a própria vida do que aqueles jovens que desafiavam o governo do Estado, as autoridades constituídas e o poder dos coronéis?

Assim as mulheres os viam.

As suas vestes diferentes e vistosas, dedos cheios de anéis.

Evidentemente que diferiam dos cavaleiros da idade média, que lutavam pela cruz e pelo rei, contra exércitos aguerridos de mouros, tomavam de assalto os castelos, matavam dragões, monstros, e salvavam lindas princesas que encontravam-se aprisionadas em torres de marfim.

Esses nossos infelizes patrícios, rebentos esquecidos da região mais pobre, atrasada e sofrida de um país subdesenvolvido, na falta de exércitos mouros, opunham sua belicosidade contra as forças policiais que os perseguiam. Não encontrando castelos para assediar, invadiam cidades e vilas interioranas. Com a extinção dos dragões que lançavam fogo, andaram queimando alguns automóveis nas estradas desertas em ocasiões diferentes.

Sem monstros nos nossos sertões, andaram enfrentando a ferro e a fogo alguns coronéis e latifundiários endinheirados.

Na ausência de princesas caboclas a quem salvar eles levaram de seus ranchos e casebres algumas moças, moçoilas e meninotas para viverem com as mesmas. Não em castelos e palácios encantados, mas sob a luz do Sol inclemente e debaixo do céu estrelado, entre cactos, arbustos espinhosos e chão bruto de pedras e areia.

Lutavam não pela cruz, mas sob os signos e enfeites que traziam nos chapéus de couro, e prestavam obediência ao Rei do Cangaço, ao monarca das caatingas.

Eram todos debarás (mão aberta, perdulário, gastadores) inveterados com raríssimas exceções, e tinham o poder da vida e da morte.

As moças, quando os conheciam, sentiam-se atraídas por uma sensação estranha e irresistível que as arrastavam para baixo das sombras frescas dos umbuzeiros, e ali, sentiam o impacto das emoções violentas, salvagens, rudes e perigosas

daquele amor com cheiro de suor, sangue e morte, disfarçado pelos perfumes que usavam em abundância. Um amor puro e primitivo, porque sem as peias dos paramentos dogmáticos da igreja e libertado dos preconceitos da sociedade.

Ali, na igreja verde, satisfaziam seus sonhos sendo possuídas, amadas.

Não eram essas mulheres umas simples operárias do amor, no ofício degradante do sexo, ou a comercializarem a carne em qualquer prostíbulo; não mercadejavam o corpo.

Escolhiam o parceiro e viviam intensamente essa união. Entregavam-se de corpo e alma. Talvez, mesmo, até mais de corpo que de alma.

Nas noites quentes, com a Lua cheia iluminando o sertão silente, jogando sua luz de prata sobre a caatinga imensa, os casais não se inibiam com a presença de outros a poucos metros, e entretinham-se no jogo mais antigo do mundo. O jogo do amor.

E o rastejador da primeira volante que por ali passasse, descobriria, na areia onde o casal se deitara, as provas irrefutáveis que seus olhos atilados divisavam, que o deus do amor andara divertindo-se mais uma vez.

Os cultores de Eros (Cupido) entregavam-se à luta sem trégua do amor. Barulhento, buliçoso, desinibido e sem freios, eliminando energias no repouso dos guerreiros.

Mas não eram, é claro, só os cangaceiros que apreciavam fazer sexo, os contratados e policiais também.

Optato Gueiros no seu "Lampeão", p. 164, diz:

"Acontece porém que uma dessas 'hienas' violou u'a mulher, mas prendi-o entregando-o à justiça, pelo que foi sentenciado ao máximo da pena, em Tacaratu".

Ainda na mesma página, diz:

"Como já disse, comandei verdadeiras feras, entretanto minha tropa era considerada como a mais disciplinada".

Vejamos no entanto o procedimento do Cabo Roseno, com alguns comandados, após o tiroteio do "Tabuleiro", contra o grupo de Zé Sereno.

Quando bateram em retirada, os cangaceiros passaram próximos às terras de dona Elvira, uma mulher que, obrigada pelas circunstâncias a morar isolada ali no mato e também pelo fato de ser viúva, algumas vezes lhes prestava auxílio.

Os soldados seguiram o rastro e quando se aproximaram

da fazenda, o cabo resolveu ir até lá, para colher notícias dos bandoleiros.

A viúva não se achava na habitação, somente sua filha estava ali, uma menina de treze anos.

Roseno fez algumas perguntas sobre os cangaceiros.

Quis saber se estiveram ou passaram por ali, e outros informes costumeiros. Por fim perguntou pelo resto da família.

Ao ouvir que não havia mais ninguém ali, resolveu aproveitar da inocente. Esta defendeu-se bravamente, mas não conseguiu preservar sua virgindade, que foi violada primeiro pelo cabo e depois pelos outros.

A infeliz ficou em mísero estado, cheia de sangue e semimorta. Roseno resolveu, então, eliminar a vítima da sua "curra" para evitar problemas.

Mataram a menina.

Tempos depois, quando Zé Sereno e sua gente passaram por ali, a mãe da falecida, chorando, contou todo o caso.

O cangaceiro ouviu calado e em seguida falou:

— Pela menina num posso fazê nada, mais prometo-lhe vingá!

Alguns dias após, o cabo Roseno, convidado por um vaqueiro seu conhecido, foi até uma determinada fazenda e, quando menos esperava, é laçado como um barbatão bravio, arrastado pelo chão pedregoso, por entre arbustos secos, macambiras, coroas de frade e rabos de raposa, com o vaqueiro disparando seu cavalo campeiro pelos trechos mais agressivos da caatinga.

No começo, o cabo Roseno ainda gritava pedindo socorro, implorando a Deus, mas logo foi se aquietando, somente gemendo, até que por fim calou-se e o vaqueiro viu que arrastava um morto pelo carrascal.

Ao passar, de novo, pela casa de dona Elvira, o cangaceiro ouviu da mesma o seguinte:

— Seo Zé Sereno eu sabia qui o sinhô era mesmo um homi di palavra; agora confirmô mais ainda, Deus lhi ajudi i lhi proteja!

Existe muita lenda e muita inverdade sobre Lampião e seus cangaceiros, mormente nos propalados, comentados, divulgados, porém, nunca comprovados: bailes nus.

Todos os antigos componentes do bando, com os quais conversei sobre esse assunto, negaram veementemente tal prática.

Assim foi com Balão, Volta-Seca, Criança, Laranjeira, Zé Sereno, Saracura, Ângelo Roque, ou Labareda como também era conhecido, Deus-te-Guie, Marinheirinho, Pitombeira, já para não nomearmos os da velha-guarda, Sinhô Pereira, Cajueiro, Zabelê, Cearense.

Escusado é dizer que as mulheres foram mais categóricas na defesa dos companheiros. Negaram conhecimento de tal fato Dadá, Adília e Sila.

Alguns deles usaram o seguinte argumento, realmente irrefutável:

— Doutô Amaury, si a gente andava sempre com os volante nus rastro cuma é intão qui a genti podia si desequipá prá dança pelado? Ora, si a força chegassi di repenti, cuma di fato chegô muita veiz, cuma é qui a gente ia corre pelado pelos mato? Num tinha geito. Dansá nóis dansava, i muito, mais sem ropa nunca.

Verdade ou mentira, os arrasta-pé sem roupa?

Polêmica existe, não há dúvida.

Já entraram para o folclore e o anedotário lampiônico os referidos bailes ao natural.

Em carta que recebemos do escritor e antigo perseguidor de cangaceiros, Joaquim Góis, em onze de dezembro de 1967, referindo-se a Zé Sereno nos diz em um trecho:

"Caso ele venha a topar uma conversa com o amigo revelando fatos da sua vida de cangaço, pergunte-lhe ainda se era ele quem comandava o grupo que dançou uma noite inteira com as filhas do velho Zé Catende, todas nuas, quanto ao que aconteceu com o velho, não é preciso perguntar-lhe, aqui lhe contarei".

Outra carta em dezesseis de março de 1968:

"Pergunte também se foi verdade aquela história do velho Zé Catende, que eles mandaram que as filhas do velho dançassem nuas, e que pela manhã, disseram: — 'Seu pai vai fazê u'a viage cum nóis'. E logo adiante mataram o velho e dividiram em quatro, diga a ele", etc., etc.

Mais uma, de vinte e oito de outubro de 1969, falando do mesmo episódio diz: "O ex-cangaceiro 'Criança' este bom mocinho que hoje vive se apresentando nas câmaras de televisão esquecido do que fez na Fazenda Campos Novos, no município de Porto da Folha com o velho José Catende e suas duas filhas mais velhas: Maria do Carmo e Miúda, obrigando-as a dançarem nuas durante toda noite enquanto o infeliz José

Catende a tudo assistia amarrado no pé direito do alpendre da casa da fazenda para pela manhã ser amarrado na cauda dos cavalos e arrastado até que ficasse um molambo de gente, e em seguida esquartejado".

Bem, caro leitor, essas informações que recebemos do escritor acima citado, acompanhadas do pedido de perguntar a Zé Sereno e a Criança, "*se foi verdade*", "*se era ele quem comandava*", demonstra a não certeza dos informes, a dúvida de quem seriam os autores do bárbaro acontecimento. Porque o episódio realmente existiu e o nosso Joaquim foi vizinho de Miúda, uma das vítimas, que não falava sobre o assunto. Estas cartas, como também o que conversamos durante nossos encontros na sua bela Aracaju, inspirou da mesma forma Rodrigues de Carvalho e este, dando asas à imaginação, fez um capítulo em um de seus livros sobre o fato.

Faço, porém, o reparo de que estão sendo acusados de terem praticado o crime, elementos do grupo de Zé Sereno, sem existirem provas reais, só suposições.

Poderia ter sido essa gente a autora de tudo isso?

Sim.

Poderia ter sido gente de uma volante qualquer?

Sim. Pois vestiam-se da mesma maneira, falavam do mesmo modo, e chegaram a esses extremos em várias oportunidades, inclusive matando muita gente mais.

Poderiam ter repetido a façanha.

E, além disso, haviam os "lamparinas", bandidos comuns que aproveitavam a fama de Lampião e de sua gente para praticarem roubos, assassinatos, extorsões, que acabam aumentando a lista dos crimes do Rei do Cangaço.

Mas por falarmos em bailes, naqueles tempos de Lampião, vejamos o que nos contou o sr. Marcolino Alves de Souza, que nasceu no ano de 1909, em Jacobina, cidade do interior da Bahia.

Conhecemos essa simpática e prestativa criatura em 1973, quando foi nosso cliente no sindicato em que trabalhávamos então.

Agora vamos ver, acompanhando a descrição dos que participaram, como eram os bailes promovidos pelos grupos de bandoleiros.

Corisco chegara, acompanhado por seis companheiros, no lugar conhecido como Cavalhada, mais ou menos às nove horas da manhã, de um dia qualquer do mês de junho de 1930.

Era no tempo das festas juninas, fogueiras, milho assado na brasa, bebidas, alegria... e bailes no sertão e vilas interioranas.

Os cangaceiros tinham os bailes como seu principal divertimento, tanto é que, por várias vezes foram atacados, e até mesmo mortos alguns, quando dançavam.

Foi assim nas Abóboras, quando morreu Mergulhão, o que veio de Pernambuco e que teve a "sorte" de ser o primeiro cabra de Lampião a dar o "couro às varas" no estado da Bahia.

Também com Manoel Moreno aconteceu igualmente, quando na casa de Zezinho da Lasca, morreu ele, a companheira e um dos seus cabras durante um animado arrasta-pé. Na vila de Pinhão foram atacados, já depois do passamento de Lampião, em animado baile que promoviam dentro da vila, quando preparavam-se para depor armas.

Mas, quando o grupo de Corisco chegou, já veio predisposto a divertir-se.

Passaram o resto do dia bebendo, conversando, comendo nas bodegas que existiam por ali, e ao entardecer, o chefe ordenou que procurassem mulheres e moças para animarem o baile.

Ali perto da Cavalhada, à distância de um quilômetro, se tanto, fica um lugar chamado por Barracão de Cima e a casa do sertanejo Mané Terto.

Marcolino, nesse tempo um moço de vinte e um anos, trabalhador e disposto, era noivo de uma das filhas de Mané Terto, a que trazia o nome de Alice, e como também morava perto, estava ali noivando, nessa boca da noite, quando bateram na porta.

Ele foi ver quem era.

A porta da casa havia sido serrada ao meio, no sentido horizontal, e quando o moço abriu a parte superior, deu de cara com as bocas ameaçadoras de dois fuzis.

Surpreso, viu que estava à frente de dois cangaceiros e a dois conhecidos seus, que tinham vindo junto para mostrarem as casas onde existiam mulheres. Os paisanos eram Mário e Daniel.

Os cangaceiros eram Beija-Flor e Marreta, como logo ficou sabendo, e os conhecidos falaram:

— Nóis viemo aqui pur ordem du capitão Curisco. É prá Mané Terto si achá cum as duas fia lá nu baile.

— Qui baile? — estranhou Marcolino que não estava sabendo de nada.

— É u baile qui eli tá formando lá na Cavalhada.

Nisso o dono da casa aproximara-se e ouvindo a conversa disse aos rapazes:

— As moça num tão im casa.

Alice, a jovem noiva de Marcolino, estava na cozinha arrumando as panelas que tinha acabado de lavar, quando escutou aquela conversa lá na porta da frente e num instante percebeu o que era.

Assustou-se.

Mas, assim mesmo, teve bastante presença de espírito para, com toda a cautela, abrir a porta da cozinha e adentrar o mato que havia na traseira da casa, sendo tragada pela escuridão da noite.

Os dois cangaceiros resolveram correr a casa para ver quem estava ali.

Marcolino avisou-os nesse instante:

— Di muié, aqui só tem uma véia.

Um dos cabras respondeu:

— Intão vá buscá ela.

Daí a pouco Marcolino trouxe uma anciã, avó de sua noiva, que ao saber o que os cangaceiros pretendiam, negou também a existência de qualquer moça na casa.

Os dois começaram a percorrer a moradia, sala, quartos e outras dependência da casa foram vasculhadas cuidadosamente. Ao chegarem no último cômodo um deles falou:

— Si tivé muié aqui, i corrê, eu atiro.

Abriram a porta e não havia ninguém.

Um deles abriu a porta da cozinha, saiu examinando o terreiro e o mato existente, na traseira da casa.

Andou um pouco, prá lá e prá cá, e de repente, deu um tiro no rumo de umas moitas.

Voltou para dentro e disse para os presentes, que ficaram assustados com o disparo feito:

— A disgraça tá ali, di pé prá riba. Ai si eu achassi a otra.

Num dos quartos estava uma menininha, irmã caçula de Alice, com a qual eles não se importaram.

Já tinham cumprido sua missão, e intimaram as pessoas da casa para acompanhá-los até o lugar do baile, na Cavalhada.

Foram. Marcolino, Mané Terto e a velha.

Mal tinham andado um pouco um dos cangaceiros perguntou para a velha que vinha em passos arrastados:

— I a minina?

A avó da garota respondeu:

— Ficô lá.

— Intão vorti, prá num deixa ela sozinha, sia dona. É de noite i ela podi si assustá. Podi vorta, num tenha sobroço.

Ela voltou vagarosamente.

Quando ela desapareceu no caminho escuro, o cangaceiro virou-se para Marcolino e disse-lhe:

— Acompanhi a véia. Vorti direito prá casa i cuidi di tudo. Tome cuidado, heim cabra! Inda hoji eu vorto cá pra vê si ocê cuidô di tudo direito, uviu?

O lugar que Corisco escolhera para fazer o baile estava cheio de gente.

Os caatingueiros, que no princípio mostravam-se apavorados com os bandoleiros, vendo que não estava acontecendo nenhum desmantelo no lugar, que as bebidas e comidas ao serem consumidas nas bodegas eram pagas sem regateio, ficaram bem à vontade e aproveitaram para participar do baile.

E mais ainda, os cangaceiros renovavam a alegria dos dançarinos mandando vir bebidas das humildes vendas. Mas só aceitando quando as garrafas lhes eram entregues fechadas.

Faziam o portador esperar um instante, sacavam do punhal, arrancavam o selo de estanho e a rolha com a ponta do mesmo, quem trazia provava, e só então bebiam e deixavam os outros beberem.

Vararam a noite naquele arrasta-pé buliçoso, arrochado e só foram embora do lugar quando o Sol já estava bem alto coisa de umas noves horas do dia seguinte.

Antes de partirem deram vinte mil réis para cada uma das damas que dançaram com eles.

Os moradores dali ficaram embasbacados com os enfeites, as indumentárias e os carregos dos cabras.

Uma das moças que dançou nessa "festa do cangaço", hoje residindo na rua Sião, em São Miguel Paulista (SP), é uma viúva conhecida por Maria Preta e comadre do nosso informante Marcolino Alves de Souza.

Como se vê, através do depoimento das "vítimas", não era norma os deslizes que podem ter ocorrido em algumas ocasiões.

Abusos e estupros aconteceram, mas nunca com a freqüência que se pretende fazer crer. Aliás o dito popular afirma que, "quem conta um conto aumenta um ponto", e para a

imprensa da época, cujas notícias sobre o cangaço eram obtidas sempre de fontes oficiais, isto é, da polícia, não ficaria bem divulgar fatos comuns, iguais aos vividos por habitantes das brenhas desassistidas de qualquer recurso governamental.

Poder-se-ia perguntar então: se eram semelhantes aos outros, porque não reagiam todos da mesma forma, indo para o cangaço?

Ora, isso já é ser simplista demais.

A maioria, talvez, tivesse uma dose inesgotável de conformismo para suportar todos os infortúnios e desgraças, aceitando tudo como uma espécie de provação divina, uma fatalidade ditada pelos céus.

Tanto é assim que os surtos de fanatismo na região, tão freqüentes, eram uma válvula de escape para essa energia acumulada e reprimida.

Outro fato é que muitos, a maioria mesmo, entravam nas forças policiais como soldados, contratados, rastejadores ou em outras funções.

E por fim, é bom lembrarmos, que nunca faltou recruta para as hostes do cangaço. Houve, na verdade, muita gente que quis entrar e acabou sendo recusada. Era imensa a quantidade de cangaceiros "mansos", elementos aos quais faltava somente a gota d'água, para escolherem o caminho que as circunstâncias lhes preparava.

Os mais afoitos, mais irriquietos, recusavam-se a continuar vegetando eternamente no limbo da desesperança e da miséria, saíam de uma forma ou de outra, muitas vezes morrendo na boca de um mosquetão quer como soldado, cangaceiro ou fanático.

Os demais, quase todos, aceitavam continuar sofrendo tudo, mas tendo ainda a vida.

O BAILE DOS CANGACEIROS NA FAZENDA

Texto de Érico de Freitas Machado

— Seu Júlio!... Seu Júlio Machado!...

Batidas na porta acompanhavam as rápidas palavras que traíam nervosismo.

— Seu Júlio!... — Outra vez chamou a voz.

— Já vai — Veio a resposta, mansa e lá de dentro.

* * *

Era u'a madrugada de maio, na Fazenda Barra do Ipanema, situada do lado de baixo, na junção do rio que lhe dava o nome, ao São Francisco, na margem de Alagoas. Corria o ano de 1936.

A casa grande, bem situada, tinha uma platibanda bonita e uma calçada larga, toda de laje. A face direita, para quem nela entrava, dava para um jardim tratado e todo murado. O muro da frente, mais baixo — metro e trinta, mais ou menos — era encimado por uma grade alta, de ferro. Nos canteiros eram cultivadas plantas de flores, rasteiras ou baixas e alguns arbustos enfeitavam as proximidades do muro. No canto da casa com o muro gradeado, um jardim viçoso, vizinho a um carramanchão de cabritas, dificultava a visão de quem estivesse na calçada. No muro paralelo à casa, um portão se comunicava com o exterior.

A casa era realmente grande, pois num só bloco se agrupavam uma saleta, quatro quartos, sala, copa e cozinha, banheiro — tudo amplo — além de dependência de empregados. Na entrada, um corredor com uma grade alta no meio. Uma porta e quatro janelas davam para o quintal.

* * *

Naquela hora dormiam no casarão apenas três pessoas: o proprietário, a quem chamavam, e um casal de empregados de categoria, tipo governantes e que há longo tempo cuidava das coisas domésticas. O empregado Antonio, de idade pouco mais que o patrão, acordou e ficou esperando as ordens do mesmo.

Seu Júlio levantou-se, armou-se de um revólver e uma faca de ponta, e disse para Antonio:

— Aguarde aqui que vou ver quantos são. Não acenda luz. Devem ser os bandidos! Uma hora desta só mesmo eles. Os moradores, como você sabe, não chamam deste jeito e só com muita urgência antes das seis e agora o relógio marca três da manhã. Prepare-se e espere.

Aproximou-se depois de uma das janelas que davam para o quintal, sem ruído abriu o ferrolho e em seguida a própria janela. Descalço, pulou de mansinho para fora e quase engatinhando, de revólver na mão, foi, de leve, aproximando-se do muro gradeado. Confundindo-se com os arbustos do jardim e mais escondido pelo emaranhado do jasmim e do carramanchão, ao chegar ao muro ergueu-se lentamente. A um metro ou pouco mais, do outro lado, estava um cangaceiro. Tudo escuro, mas pelos apetrechos volumosos e o cheiro, mistura de suor e perfume barato, ele se denunciava. Mais adiante, em frente à porta, divisou os vultos de quatro ou cinco e ainda outros em baixo do tamarineiro frondoso do pátio. Notou também, de relance, que as janelas da casa e o portão do quintal estavam guarnecidos. Supôs, o que era verdade — que estava cercado. Voltou como tinha ido e penetrou em casa pelo mesmo caminho.

— Antonio!, — falou em voz baixa — são os cangaceiros mesmo. É muita gente e a casa está cercada. Não adianta resistir. Vamos ver o que eles querem.

O empregado apenas escutava.

— Você vai abrir a porta e eu fico atrás da grade do meio. Se eles fizerem alguma violência, bata a porta com força que ela é de trinco e fecha-se sozinha. Eu lhe defenderei de minha posição. Sei que você não tem medo — coisa que nem se cogitava numa hora como aquela — mas se quiser irei em seu lugar e você ficará no meu.

A luz do candieiro, agora já aceso, não foi suficiente para mostrar a expressão incrédula do rosto do homem. Que pergunta mais sem jeito!...

— Não, Seu Júlio, eu faço como o senhor está dizendo — respondeu.

Melânia, a mulher, recebeu ordem de ficar no quarto, trancada por dentro. Ela, coitada, estava quase apavorada.

O fazendeiro, que tinha colocado o revólver na bainha do cinto, armou-se com um rifle e preparou-se para o pior. Por

trás da grade ficou em posição que cobria o empregado e o defenderia de um ataque de surpresa.

Os bandidos, às vezes, recebiam empreitadas e faziam o "serviço" logo de saída. E no abrir da porta o fogo comia. Ninguém poderia imaginar o que ia acontecer.

Antonio tirou a tranca de madeira, puxou o trinco e abriu a porta, acompanhando seu movimento, de costas, até a parede, deixando assim livre o campo para a mira do patrão.

Ainda do lado de fora falou um cangaceiro:

— É o senhor o Seu Júlio Machado?

— Não senhor — respondeu Antonio.

— Mas ele está em casa, não está?

— Está, sim senhor.

— Queremos falar com ele — adiantou o bandido.

— Os senhores podem entrar que eu vou chamá-lo — disse o empregado e concluiu: ele está se vestindo.

Enquanto isso, Seu Júlio saiu de onde estava, já que não havia necessidade de reação, apanhou outras armas que guardava em casa, inclusive munição, e levou tudo para um quarto, que fazia as vezes de armazém, cheio de arroz em casca e a granel, e dentro do cereal escondeu tudo. Ficou apenas com o revólver e a faca. Só mais tarde lamentou não ter também escondido os dois. Acendeu uma placa, que é um candeeiro de querosene, após suspender bem o pavio, para clarear melhor e depois baixou o tubo de vidro para proteger do vento. Abriu em seguida a grade do meio, antes mesmo que Antonio viesse chamá-lo, deparando-se com quatro cangaceiros que tinham penetrado no corredor.

— Bom dia — falou.

— Não sabemos se o dia será bom — respondeu um deles, que parecia o chefe.

— Será como Deus quiser! — disse o fazendeiro.

Ao ouvirem falar em Deus, todos os recém-chegados levantaram de leve os chapéus (costume místico dos sertanejos).

— Seu Júlio, nós mandamos avisar pro senhor que vínhamos comer uma buchada e recebemos um recado, de volta, dizendo que pra nós tinha bala de rifle...

Seu Júlio não se alterou e cortou a palavra do outro:

— Tenho o carneiro para a buchada e tenho o rifle, mas não mandei dizer que receberia os senhores à bala.

A maneira calma e precisa de falar surtiu efeito. E o cangaceiro, menos arrogante, falou:



Cangaceiras que estiveram na fazenda Barra do Ipanema no ano de 1936. Foto tirada pelo fazendeiro Júlio de Freitas Machado. A da esquerda é Aurea, de Manoel Moreno, o baiano, a outra, sorridente e que está grávida é Rosinha, de Mariano.

— Pois se o senhor tem o carneiro, está na hora de mandar buscar. Queremos comer a buchada.

Alguns moradores da fazenda já tinham acorrido em vista do movimento na casa grande àquela hora. Entre eles, Pedrão, fiel servidor, já se encontrava na calçada, em pé, junto ao batente da porta.

O fazendeiro, divisando o empregado, falou-lhe:

— Pedrão, vá buscar o carneiro de engorda que está amarrado aí em frente — no que foi logo atendido.

Naquela região é hábito nas fazendas tratar carneiros novos e sempre tê-los, para, nas comemorações, prepararem um prato típico, muito apreciado, feito de miúdos, sangue e outros ingredientes internos, que é a buchada. Ali não se fugia à regra.

O mesmo cangaceiro continuou:

— Eu sou Mariano e estes dois — apontou para os companheiros mais próximos — são Sereno e Manoel Moreno. Cada um de nós comanda cinco homens. Eu trago minha mulher e Moreno trás a dele também. Estamos sob as ordens do Capitão Lampião, embora fazendo tempo sem nos avistarmos. Queremos cinco contos de réis, um mosquetão e uma caixa de balas para o mesmo, que o senhor tem.

— Aqui não tenho dinheiro e nem a arma.

— Isto nós sabemos, mas pode mandar buscar em Pão de Açúcar.

E num tom um pouco áspero:

— Não adianta querer negar...

Nisso o carneiro que estava sendo conduzido por Pedrão deu um berro.

Sereno interferiu:

— Mariano, não se altere, olhe que o homem tem uma conversa aprumada. O carneiro que ele disse que tinha pra buchada está aí. Acho que tudo vai correr bem.

* * *

A claridade chegava aos poucos. Café tinha sido preparado e estava sendo servido por Antonio. Logo que viesse o leite fresco, do curral, a mesa seria posta para refeição mais cheia.

Pedrão, agora, tinha sido despachado para a cidade, levando um bilhete para o coronel Francisco Machado, pai de Seu

Júlio, dando conta do sucedido e pedindo as providências necessárias: o dinheiro e o mosquetão, solicitados pelos bandidos. Era a mais fácil solução, se bem que houvesse possibilidade de reagir e mais ou menos de sucesso. Mas será que o risco compensaria? Indispor-se com aquela gente. Sofrer represálias, principalmente na matança do gado, além de outros prejuízos materiais, pois sabia não contar com a ajuda da polícia, nem naquela hora e nem nos dias que se seguissem. Só teria seus próprios recursos. E no nordeste todo era melhor ser amigo dos cangaceiros do que tê-los como inimigos. O que eles levavam era muito menos do que os gastos com os aparatos bélicos e com indivíduos da mesma laia, para se defender. E o perigo de ser morto na tentativa compensaria a valentia?!

O portador demoraria pelo menos umas oito horas para fazer o percurso de ida e volta. Eram umas boas dez léguas: cinco de ida e o mesmo caminho na volta. E teria que ser feito a pé. Pelo rio, de canoa, não podia ser. De manhã não havia vento suficiente para a subida, e à tarde, para descer, o vento era forte e perigoso. A cavalo, teria que dar uma grande volta pelo interior. Faltavam pontes nas barras dos riachos e nas portas-dágua — pequenas represas dos canais que ligam as lagoas ao rio. — Só havia um jeito: ir mesmo a pé. E assim foi feito.

Enquanto Pedrão cumpria sua missão, os cangaceiros organizaram um sistema de vigilância distribuindo sentinelas nos pontos estratégicos. Em seguida trataram de arranjar uma diversão para passar o tempo. E a diversão predileta dos cangaceiros era dançar. Dançar ao som alegre da música sertaneja, ou dançar aos pulos, no tinir das balas dos "macacos" das volantes.

Agora o sol já estava de fora e com o claro do dia a tensão diminuiu.

Mariano, sempre acompanhando Seu Júlio, a certa hora perguntou:

— Será que o senhor arranja um tocador de sanfona e u'as moças pra nós dançarmos?

— O tocador é fácil. Agora, as moças, não posso garantir. Os cangaceiros têm fama de não respeitarem as filhas alheias. Não posso dar ordem aos moradores para mandarem suas filhas aqui, para serem desrespeitadas.

— O senhor pode ficar descansado. Meus homens sabem quando pisam em casa de gente de bem e a ordem que eu

der tem que ser obedecida. Pode mandar chamar o tocador e as moças.

Pouco depois chegou Agenor, filho do Môco, que desde menino tocava harmônica e sozinho fazia as vezes de orquestra.

Apenas duas moças[4] tiveram coragem para dançar com os bandidos. Mas nem por isso a festa esteve menos animada. As duas mulheres que acompanhavam o grupo também tomaram parte na dança. Os "cavalheiros" iam se revezando e a animação durou quase o dia todo, só havendo intervalo na hora do almoço.

As cangaceiras demonstravam contentamento pela oportunidade do baile e descontraíam-se com a dança.

Os cangaceiros adotavam um modo "sui generis" de se apossarem das coisas. E começou por Mariano que ao ver um relógio de bolso, pendurado num preguinho próximo à cabeceira da cama, indagou ao fazendeiro:

— O senhor poderia oferecer-me este relógio, Seu Júlio?

Não havia negar!

E em seguida:

— Aquele chapéu, também?

Os cangaceiros diziam: Não roubamos nada. Nós não somos ladrões. Tomamos pelas armas!

Estranha filosofia a desses homens rudes. E ali mesmo, logo depois, iria ser posta em prática, ou melhor, testada.

Com as solicitações, foram embolsando vários objetos, mas só o que proporcionava serventia. Não carregavam peso inútil.

A certo momento, Sereno, que tinha se aproximado, indagou:

— Será que o senhor tem um bom revólver? Ando muito precisado.

— Tenho, sim — respondeu — e ato contínuo tirou o que trazia na bainha do cinto.

Dois cangaceiros, próximos, instantaneamente estavam de fuzis apontados e prontos para reação. O ato surpreendeu mais pela ação instintiva, que propriamente como atitude de ameaça.

Seu Júlio, simplesmente, limitou-se a segurar a arma pelo cano, estendendo-a a Sereno. Este recebeu, olhou, tirou as balas, rodou o tambor, engatilhou, fez pontaria e pareceu satisfeito.

— Deve ser boa arma! Agradeço a gentileza do senhor e desculpe os homens. A gente tem que estar prevenido, o senhor sabe... É um 32. E munição, ainda tem alguma?

— Tenho, aqui na saleta que uso como escritório.

Acompanhados por Mariano foram para lá. Quando Seu Júlio, que ia à frente, abriu a porta que dava para o escritório, avistou um dos bandidos[5], que ali se introduzira e estava junto a escrivaninha, surrupiando de leve e com as pontas dos dedos, algumas moedas, de uma gaveta que fôra aberta pela metade. O homem surpreendido espantou-se e não teve tempo de encobrir o mal feito. Os dois chefes também já tinham visto e Mariano, percebendo que o subalterno traiu o princípio adotado pelo bando, tratou de ali mesmo fazer justiça.

Vociferou:

— Cabra ladrão, você não sabe que não devia fazer isto? Sujeito vagabundo, mundiça, vou lhe ensinar agora mesmo.

E foi sacando um parabelum para pôr em ação as palavras. Sereno já estava também de mira com o mosquetão, mas o bandoleiro antes mesmo que o chefe terminasse as palavras, atirou-se aos pés do fazendeiro suplicando:

— Seu Júlio, me acuda. Não deixe que eles me matem. Pelo amor que o senhor tem a seus filhos, me acuda.

E aquele gesto salvou-lhe a vida. O fazendeiro pediu:

— Não façam isso dentro de minha casa. Não tem importância o que ele estava tirando. Podem deixar que ele leve.

— Não é isso, Seu Júlio — rugiu Mariano. — Esse cabra ladrão devia pedir e não roubar. Não quero ladrão em meu grupo. Vou acabar com ele lá fora.

Só a muito custo Mariano desistiu de sua promessa, mas o cabra ladrão, além de perder qualquer privilégio naquele dia, como corretivo foi destacado para sentinela durante todo o tempo e ficou sem direito a dançar. Até o almoço teve que comer isolado.[6]

* * *

Nesse meio tempo Pedrão chegava à cidade. Deu notícia ao Cel. Francisco. O dinheiro foi contado, todo em notas de cem, duzentos e quinhentos mil réis. E o mosquetão preparado com panos e papéis, sendo depois enrolado com uma esteira. A caixa de balas foi posta num embornal. Pedrão disfarçara tudo, pois se topasse alguma volante não queria levar dificuldade para o patrão. Tendo acertado as encomendas, saiu pelos fundos do quintal da casa do Coronel, para não chamar a atenção, meteu-se pela rua Aurora e botou o pé na estrada, de volta...

* * *

Agenor funcionava no fole[7] e a moçada se divertia. Moradores da fazenda espiavam e até os meninos tinham perdido o medo dos bandidos. Aqueles estavam adotando outro método: Queriam dinheiro, pequenos saques e harmonia com o povo.

A música parou na hora do almoço. A buchada foi servida. Boa e melhor com o acompanhamento de cachaça. Só o dono da casa não bebeu. Não que fosse desonra, mas porque não gostava. O carneiro estava gordo e era novo. Comida tenra e de primeira. Há muito tempo não comiam assim e que fartura d'água! Também com um rio daquele logo ali na frente da porta, não era de admirar...

Depois de espicharem as panças, alguns até foram tirar uma pestana. O dia estava fresco e tudo corria bem. Voltaram a dançar.

Um dos bandidos, de nome Pai-Velho[8], apresentava todas as características do criminoso nato e era criatura de maus instintos. Realmente o mais velho do grupo, embora não chegasse aos 40 anos e embora de estatura meiã, tinha compleição robusta, músculos firmes e agilidade dos jovens. Este indivíduo, que depois soube-se um dos mais terríveis bandoleiros, procurou durante todo o dia uma oportunidade para conversar sozinho com o fazendeiro e logo após o almoço, num determinado momento em que a ocasião surgiu, não perdeu tempo:

— Seu Júlio, tivemos notícias que o senhor tem alguns inimigos, principalmente políticos. Se quiser ficar livre deles, é só ordenar. Posso fazer o serviço muito barato e o pagamento não precisa ser agora.

O fazendeiro ouviu, um pouco surpreso, mas não estranhando a oferta. Para homens como aqueles a vida humana não tinha nenhum valor. Respondeu:

— Não rapaz, não estou precisando livrar-me de ninguém. Muito obrigado pelo oferecimento.[9]

Nisso, chegou Mariano e a conversa foi interrompida.

* * *

A música da sanfona cortava o ar, agora acompanhada por um violão e um pandeiro. Os dois outros músicos, depois de perceberem o pouco perigo que corriam, tinham se oferecido, certos de ganharem alguns trocados. Até se exibiam dema-

siadamente. Mas na parte da manhã mal se aventuravam uma olhadela pelas frestas das janelas.

As duas moças e as próprias mulheres dos cangaceiros já estavam cansadas de tanta dança, mas esta só parou mesmo quase na hora da partida do bando.

* * *

Pedrão voltou logo depois das três da tarde. Tinha andado muito e puxara pelas pernas. Trazia o dinheiro, o mosquetão e a notícia de que a polícia estava a pouco mais de uma légua de distância. Eram uns 15 soldados. A ele não fizeram perguntas, pois era conhecido, mas a novidade dos cangaceiros já corria por lá.

Os bandidos ouviram o que ele disse e Sereno, homem vivaz, ativo e inteligente, logo adiantou:

— Seu Júlio, não tenha receio. Os "macacos" só chegarão aqui quando nós formos embora. Como vamos atravessar o rio, garanto que vão aparecer quando estivermos do outro lado.

Os outros riram e fizeram várias perguntas a Pedrão. Sobre pessoas conhecidas, condições da estrada e até se a guarnição policial da cidade era grande.

As contas foram acertadas e o bando preparou-se para outra jornada. Despediram-se de todos, alegres, como velhos amigos e embarcaram numa canoa[10] para a travessia.

Mal os bandidos saltaram na outra margem, há mais de mil metros de distância, e a canoa iniciava o regresso, surgiram os soldados. Parece até que tinha havido combinação. Acontecia como Sereno dissera.

Ao chegarem ao pátio da casa grande, onde estavam o fazendeiro e vários moradores, encenaram decepção por não encontrarem mais os cangaceiros.

— Que azar, disse o Comandante. Nós vinhemos certos de fazer um bom trabalho, mas fugiram. Alguém avisou de nossa vinda!

Alguns dos empregados não resistiram e começaram a rir. Até gargalhada houve.

Os recém-chegados entreolharam-se e o Tenente-Comandante quis achar ruim e acabar com aquele desrespeito.

Seu Júlio falou:

— Tenente, nós esperamos pelos senhores o dia todo. Estávamos prontos para lutar também na hora que rompesse

o tiroteio. Sabíamos que sua volante estava perto. Apenas légua e meia e só agora é que chega.

Continuou:

— Sereno, chefe de um grupo, disse que os "macacos" só chegariam quando eles fossem embora. E acertou. Agora não adianta mais nada. Devia demonstrar sua valentia era com os cangaceiros. É por isto que o pessoal está rindo. Não preciso mais de sua ajuda. Muito obrigado.

A tropa-volante deu meia volta e saiu pela estrada... levantando poeira.

* * *

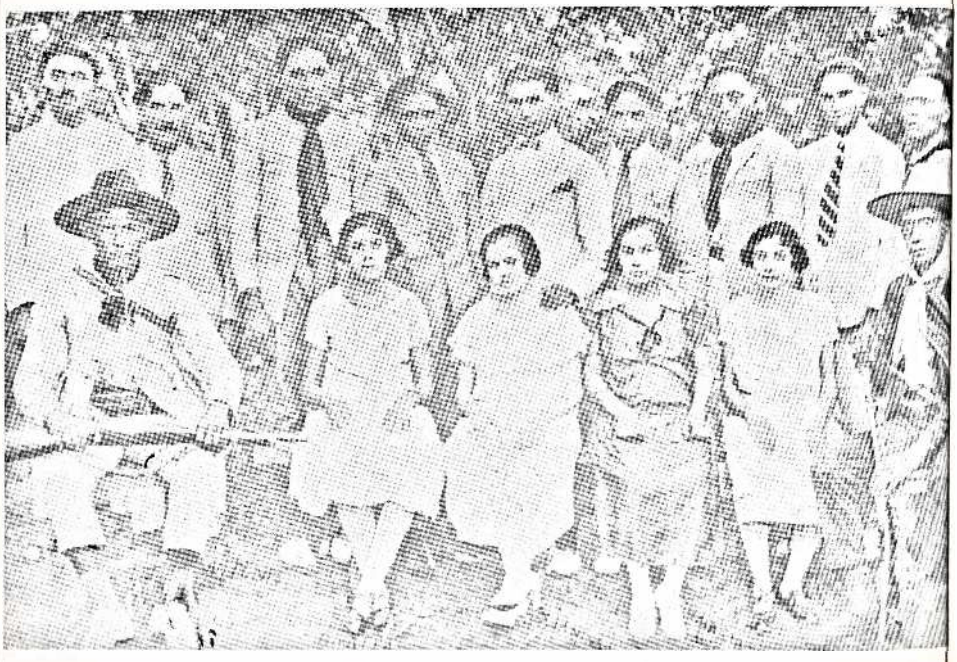


Foto tirada no Juazeiro, quando da estadia de Lampião e seus cabras em março de 1926. Da esquerda para a direita de quem olha. Sentados, Antonio Ferreira, Analia Ferreira, a caçula da irmandade, Joaninha, esposa de João Ferreira, Maria Ferreira de Queiroz, Angélica Ferreira, esposa de Virginio o futuro cangaceiro Moderno e na extrema direita Lampião.

Anexo (Explicativo)

JÚLIO DE FREITAS MACHADO, filho de Francisco de Freitas Machado e dona Maria José Monteiro Machado, nascido a 15 de novembro de 1896 e falecido a 30 de setembro de 1964.

Proprietário da Fazenda Barra de Ipanema — Município de Pão de Açúcar — Alagoas. Fez o curso ginasial no Colégio Salesiano — Recife, Pernambuco, e inclusive, na mesma cidade, chegando a cursar dois anos na Escola (Superior) de Direito.

Era casado com dona Tercília de Freitas Machado e são seus filhos desse matrimônio, Ruy, Érico, Olavo, Cândida e Francisco, de Freitas Machado.

[Francisco de Freitas Machado — o pai — era proprietário das Fazendas Abaiti (a maior e a apenas três quilômetros da sede do município), o Jacarezinho, a Lagoa Seca e o Carmelo (esta, perto do Distrito de Jacaré dos Homens — berço da família Freitas Machado)].

Detalhes sobre a narração:

1 Cabrita. Nome como é conhecida, na região, a Bougenvile, planta trepadeira, ornamental.

2 PEDRÃO — Fiel empregado. Era natural de Garanhuns, Pernambuco e desde bem jovem já trabalhava para o coronel Júlio Machado. De extrema confiança. Tinha muita habilidade pessoal, inclusive, sendo analfabeto, conhecia e desenhava os ferros (marca para o gado) de todos os proprietários da região. Tinha hábito de andar a pé. Dizia que cavalo estropiava. Mesmo quando trabalhava com gado — e era excelente vaqueiro — fazia todo o trabalho a pé. Acompanhou Seu Júlio até os últimos dias de vida do patrão, que foram vividos em Traipú — Alagoas, trabalhando na Fazenda Sacão, próxima à cidade, do mesmo seu Júlio. Faleceu três meses após o patrão ter morrido!

3 Légua — igual a seis quilômetros.

4 Sabe-se apenas o nome de uma das moças, que era Amparo (Maria do Amparo).

5 O nome desse cangaceiro não é lembrado.

6 Correu notícia que este cangaceiro foi morto pelos próprios colegas, logo depois.

7 Pequeno acordeon. Harmônica.

8 Pai-Velho (ou Pai-Véio), morreu junto com Mariano e Zepelim, Cangalecho, por um ataque da volante de José Rufino, da Bahia, pouco tempo depois de ter assaltado Seu Júlio.

9 Um dos políticos que o cangaceiro se referia era Joaquim Resende, na época fazendeiro em Belo Monte, Município de Pão de Açúcar e a apenas uma légua de Barra do Ipanema. Posteriormente Seu Júlio e Joaquim Resende se reconciliaram.

10 A canoa era a Matuta, de propriedade de Seu Júlio. Uma "chata" — denominação dada às canoas de porte médio, sem tolda na proa e que até hoje navegam no baixo Rio São Francisco — a capacidade de carga da mesma era mais ou menos 120 sacos de 60 quilos.

As fotos dos cangaceiros foram tiradas pelo próprio Seu Júlio. Por sorte ele tinha levado para a Fazenda sua máquina Kodak, com filme e não perdeu a oportunidade de fotografá-los.

Algumas dessas fotos foram, posteriormente, enviadas ao Presidente Getúlio Vargas, por intermédio de um cunhado de Seu Júlio, o Professor José de Freitas Machado, que era catedrático de Química Analítica na Escola Superior de Química — Praia Vermelha — Rio de Janeiro, e que, na ocasião, tinha como aluno um dos filhos do Presidente, que foi quem levou as fotos para seu pai-Presidente.

FLORZINHA E OUTRAS MULHERES

Na realidade, o cangaço é uma história triste, cheia de episódios chocantes, sangrentos, que ferem a nossa sensibilidade. Ou melhor, a sensibilidade de quem vive alienado dos fatos que ocorrem no mundo, em geral, e no Brasil, em particular. Quem vê essa onda de crimes, essa enxurrada de assaltos, corrupção, (quantas vezes patrocinados por elementos do governo!), o banho de sangue que é dado ao menor sinal de protesto, quanto a determinadas situações de miséria e ignorância, que parecem perpetuar-se, pois quem vê tudo isso, talvez sinta nostalgia do passado com seus problemas "lampiônicos" e tudo o mais.

Este que vamos relembrar, marca por ser único naquele mar violento de fatos estarrecedores.

Ali pelos lados da divisa da Bahia com Sergipe, morava um casal, em um sítio isolado no meio agreste da caatinga bruta.

José Marques era o nome do homem, que estaria com a idade de uns quarenta anos presumíveis, na primeira metade da década de trinta.

Dizemos presumíveis porque a vida sofrida do habitante da caatinga desgasta-lhe a juventude, consome-lhe as energias, castiga-lhe o vigor físico, mostrando quase que igualmente, a aparência de pais e filhos, de idosos com aqueles que estão na meia idade.

A face fica marcada pelo Sol forte e constante, as rugas aparecem mais cedo e mais profundas, cavando sulcos na pele ressecada pela canícula, pelo vento quente, pela poeira; a epiderme fica mais judiada pelos elementos do que pela própria idade. Mas Zé Marques, como era mais conhecido, vivia feliz com sua mulher Eufrozina Lins, que era moça, bonita, atraente, insinuante.

Ela era conhecida por Florzinha, talvez até porque parecesse como uma flor perdida no meio do mato. Vivera sempre ali, naquelas caatingas bravas, freqüentadas por cangaceiros e volantes. Vendo bem poucas pessoas.

Havia poucos anos, casara-se com Zé Marques, que vivia cuidando do seu roçado, de onde tirava para o sustento, e de

algumas cabeças de gado. Não tiveram o lar abençoado pela chegada de uma criança. Solitários, só os dois, sem parentes nem vizinhos próximos. A distração de Zé Marques, única aliás, era uma caçada de vez em quando.

Foi nessa quadra de tempo que seu rancho recebeu a inesperada visita do grupo de Zé Baiano. Chegaram em sua casa e mandaram-no fazer compras na feira de um lugarejo mais distante, para não despertar suspeitas.

Orientaram-no como agir, o que comprar, a maneira de trazer, onde entregar.

Foi-se.

Trouxe os pedidos e calculou que não teria mais aborrecimentos com essa gente violenta. Pelo menos por algum tempo. Ledo engano.

Os olhos de Zé Baiano quando miraram o corpo bem feito de Florzinha, seu rosto bonito, sua mocidade, que destacava-se mais ainda em confronto com o arcabouço já gasto do seu cônjuge, fizeram com que o erótico crioulo de Chorrochó babasse de lubricidade. Notou, também, que a mulher correspondia ao seu olhar carregado de apelos sexuais. Ela era uma morena fogosa, que devia ter dormido muitas noites insatisfeita, exigindo mais do marido e quando notou que despertara o interesse sexual nesse chefe, passou instintivamente a dirigir-lhe olhares furtivos, e prometedores. Não demorou nada para que o cangaceiro espalhasse entre os outros bandos que Zé Marques era um sujeito solícito e que possuía por esposa uma jovem bonita, que não recusava-se a amar nenhum dos homens.

Sempre que possível os grupos ficavam andejando ali por volta. Aparecia algum cabra na casa, com uma lista de encomendas, e dizia autoritário:

— Zé Marques, ocê vai busca essa incomenda qui nóis temos precisão. Mais num vai aqui perto nas fêra qui us macacu podi adisconfia i lhi dá uma surra pra adiscubri o "ponto" di intrega da incumenda. Ocê vá faze a fêra mais longe que assim us pirigo é menó. A lista tá aqui i u dinheiro tamém. Vá logo.

E o caboclo apanhava um saco vazio, pegava um animal e seguia com o coração aos pulos, em direção à feira de alguma vila onde não fosse reconhecido. Enquanto ele cumpria fielmente as ordens recebidas, sua esposa ficava em casa divertindo-se, desbragadamente, com os integrantes dos vários grupos.

O tempo foi passando e essa Messalina sertaneja, entregando-se com mais assiduidade e furor, a quem quisesse gozar do seu corpo e de seus encantos.

Vieram também os grupos de Zé Sereno, Manoel Moreno, de Labareda e de quem se interessasse pelo solícito coiteiro ou por sua jovem esposa.

Mas acontece que Zé Marques, embora fingindo fazer vista grossa e calando-se perante os bandoleiros, com medo de entrar em choque com essa gente, passou a apoquentar a esposa com seus ciúmes.

Ciúmes, não!

Certeza absoluta e cristalina de que era traído em sua própria casa e na própria cama.

Ele, melhor do que ninguém, conhecia o fogo da jovem, difícil de apagar e fácil de ser ateado.

Florzinha amolou-se com o marido, que passou a ter cenas de ciúmes quando estavam a sós.

Justo com ela que estava vivendo num paraíso de amor! Sempre solicitada, pedida e provada por aqueles homens violentos, brutos, rudes, desejosos de sexo e cuja sede de união carnal não se aplacava nunca.

Agora que ela se encontrara, plenamente como fêmea, vinha o molenga de seu marido atazanar-lhe a paciência com a exigência de que ela contivesse seus arroubos amorosos, sofreasse seus desejos eróticos, matasse seus impulsos que viviam à flor da pele.

Inclusive, ele até acenara com a possibilidade de mudar-se para alguma vila ou cidade distante dali, para não ter que estar servindo, com o risco da própria vida, àqueles cabras ingratos que lhe "enfeitavam" a cabeça quase que diuturnamente.

Florzinha apavorou-se com esse alvitre do marido, e planejou que na primeira vez que um grupo parasse ali, depois dessa conversa que tivera com Zé Marques, solicitaria um macabro pedido ao chefe.

O grupelho que chegou à sua casa foi o de Zé Baiano. O cangaceiro insaciável parecia até que tinha o assanhamento de cavalo de estrebaria quando vê égua no cio. Sempre que a perseguição das colunas volantes lhe davam uma folga, ele passava por ali para fazer uma visita ao coiteiro e relaxar um pouco da tensão em que vivia, "conversando" com a mulher do mesmo que sempre era prestativa, bondosa, amável.

Então, ao chegar na casa nesse dia, quando se viu a sós, com o temido ferrador já preparado na cama para o ato sexual, ela contou-lhe o que estava acontecendo, dos pedidos do marido e da ameaça do marido em deixar o sítio, a caatinga enfim.

Ela não queria sair dali.

Gostava tanto de receber as visitas dele e dos companheiros. Gente compreensiva e que ajudavam-na a passar o tempo que corria tão moroso e monótono naquelas brenhas.

Mas para que tudo continuasse assim, calmo e tranqüilo, ela teria que fazer-lhe um pedido; e pediu cheia de amor e carinhos... que matassem o marido.

Zé Baiano em se tratando de matar alguém, em fazer uma desgraça, estava sempre pronto, sempre às ordens.

Aceitou de imediato.

Ficaram ali pelos matos vizinhos, e no dia seguinte, convidou Zé Marques para acompanhá-lo até um determinado "ponto", onde iriam apanhar alguma munição que estavam necessitando.

Saíram os dois e mais Demudado e Acilino. Entraram no mato e, depois de um certo tempo, só voltaram os cangaceiros.

Zé Marques, o infeliz caatingueiro, ficara enterrado em uma cova rasa no meio do carrascal que o vira nascer, crescer, sofrer e que agora servia-lhe de repouso, de campa ao seu eterno descanso.

Florzinha exultou.

Estava livre para sua vida de entrega desenfreada, sem peias, com os que a livraram dos grilhões do casamento.

Era uma típica Messalina. Só que cabocla.

Se antes ainda tinha o freio da presença do marido, que, apesar de tudo foi inúmeras vezes, e por variados cabras, traído, agora nem esse frágil impecilho existia mais.

Descuidada do perigo que correria com a chegada de qualquer força volante, deixava aos eventuais amantes a tarefa de mascararem sua presença ali.

Por sinal, desde os tempos do marido, como coiteiro, o casal sempre tivera sorte em não levantar qualquer suspeita entre os que comandavam as forças volantes.

Ajudada por essa circunstância, recebia sempre as visitas, principalmente dos que não tinham companheira, e começou a receber pequenos presentes, como cortes de tecido, frascos de "água de cheiro", pó, rouge, o que a deixava mais dengosa e faceira.

Quando as notícias e boatos de anistia varreram as caatingas e carrascais qual um vendaval, e o grupo de Labareda e Corisco permaneceram na liça, a situação de Florzinha não alterou-se. Ainda tinha com quem divertir-se na sua condição de jovem viúva e continuou a entregar-se aos jovens recrutas de Labareda.

Lá pelos meados de março de 1940, as coisas mudaram. Um dia Labareda passou com sua gente pela casa do finado Zé Marques e disse-lhe que iam entregar-se.

Florzinha viu que somente o pessoal de Corisco ia continuar na luta, e como quase não tinha ligação com essa gente, resolveu acompanhar a um dos cabras de Labareda na entrega.

Benício, cujo vulgo no cangaço era Saracura, um caboclo moreno, natural de Carira, foi o escolhido e aceitou-a, pois já tivera com a mesma um intenso relacionamento carnal.

Acompanhou-o. No dia primeiro de abril entregaram-se ao capitão Felipe Borges de Castro.

Deixou o sertão sofrido pelo Sol, açoitado pelas chuvas, as matas agressivas de plantas espinhentas, malcriadas, aquinhoadas pela natureza com defesas mil, aquele mundo que tão bem conhecera, de coiteiros, cangaceiros, volantes, vaqueiros, tocadores de gado, lavradores, fazendeiros, e adentrou no mundo que lhe era totalmente desconhecido da civilização.

E a civilização, caracterizada por sua entrada nas cidades, lhe foi apresentada em doses sucessivamente crescentes. Primeiro a vila de Serra Negra, feudo do coronel João Maria e de seus familiares, proprietários ali de latifúndios imensos e submissores dos habitantes do lugar.

Depois Geremoabo, cidade da qual era o soba político, o coronel João Sá, figura de proa na região do nordeste baiano.

Por fim foram para a capital do estado, Salvador, metrópole grande onde tudo era novidade aos olhos dos caatingueiros recém-chegados.

Mas esse pessoal de Labareda foi enganado, quando da promessa de anistia dos cangaceiros que se entregassem.

Durante as primeiras entregas após a morte de Lampião, ninguém foi preso (embora alguns tenham sido assassinados) e ficaram livres, mas nas entregas do ano de 1940, o pessoal acabou sendo levado a júri, julgados, condenados e aprisionados na detenção de Salvador.

Benício acabou tendo a mesma sorte (sorte? azar, isso sim!) que os outros companheiros.

Florzinha o visitava periodicamente, mas, fora isso, continuava na sua vida devassa de conquistas e aventuras amorosas.

O campo ali lhe era muito mais propício para tal atividade do que no isolamento da caatinga.

Aprimorou-se na arte da sedução e graças aos seus dotes físicos plenamente favoráveis, não ficava nunca sem companhia masculina.

Ainda mais agora numa cidade grande, onde não faltavam homens das mais variadas classes e diversificada conduta.

Logo Benício, mesmo na prisão, foi certificado do que ocorria e jurou-a de morte, quando deixasse as grades.

Ao ser libertado, deu um trabalho insano aos companheiros, para demovê-lo da empreitada homicida a que se propusera.

Conseguiram, afinal, salvar a vida de Florzinha que, depois desse episódio, não sabemos para onde foi nem que fim teria levado, nem mesmo se é morta ou viva.

* * *

Quando de nossa primeira viagem à Aracaju, em janeiro de 1968, tivemos o prazer de conhecer o professor e escritor-poeta, Severino Uchoa, que gentilmente participou de um dos nossos bate-papos com o escritor Joaquim Góis, na casa deste.

A conversa girava em torno dos vários aspectos do cangaço, em dado momento veio à tona a questão dos abusos sexuais cometidos contra as mulheres, que tinham a desgraça de defrontarem-se com o pessoal de grupos.

Citaram-se nomes de vítimas, locais, estupros, ocasiões dessas ocorrências, até que um deles falou... Conta-se que a esposa do Dr. Fulano, (e disse o nome de conhecido profissional liberal), morador aqui na capital, também foi "forçada" pela cabroeira de Lampião.

O outro, manifestando grande surpresa e admiração perguntou:

— Dona Fulana? Mas como foi que se deu isso?

— Bem, eles estavam em uma fazenda no interior, era tempo de férias e tinham ido descansar uns dias ali nas terras dos parentes dele.

Lá, um certo dia, eis que um dos moradores veio correndo, pondo os bofes pela boca, lívido qual um defunto, parecendo

ter visto alma do outro mundo, entrou pela casa adentro e gritou apavorado e apavorando os que o ouviram:

— Si iscondi genti! Lampião vem vindo aí mesmo, si iscondi! Tranqui a casa, sia dona! Us cabra tão aí! — O doutor, para maior infortúnio, não estava presente, pois havia ido até uma vila próxima, e dentro do casarão ficaram, além da sua esposa, uma outra parenta e algumas serviçais, dessas crias da casa, tão comuns no interior, naqueles tempos.

Após dar o aviso, o homem correu para prevenir outros residentes em mais duas ou três casas que existiam ali.

Todos fugiram, espavoridos, para os matos circunvizinhos no que foram acompanhados pelas empregadas da casa grande.

Restaram dentro da casa, a esposa do doutor e sua parenta, que cuidaram de trancar portas e janelas com todo cuidado.

Não demorou muito e ouviu-se o chap-chap de uma porção de alpercatas, que faziam um ruído monótono ao cruzarem o terreiro situado em torno da casa.

Era um grupo numeroso e caminhavam calados. Dentro da casa, a esposa do dr. falou baixinho para a outra mulher "que estava com curiosidade para ver os cabras de Lampião".

Foi até uma das janelas e, cuidadosamente, abriu uma fresta por onde divisava os cangaceiros que caminhavam em fila indiana, ao passarem por seu ângulo de visão.

Mas foi então que aconteceu a desgraça.

Um dos bandoleiros, que sempre andavam com os sentidos mais despertos que cão de caça, deve ter pressentido qualquer coisa e deu o alarme.

Cercaram a casa e, em segundos, já estavam dentro da mesma onde foram achadas só as duas mulheres.

A esposa do dr. chamou logo a atenção por sua beleza, juventude e porte, que demonstrava ser pessoa de alta classe.

Foi levada para um dos quartos e teve que servir de fêmea a vários cangaceiros.

Sua curiosidade foi saciada, muito além da sua expectativa, com relação aos bandoleiros.

Terminada a narração, a qual ouvíamos em silêncio e interessados, o outro nosso amigo perguntou:

— Mas é verdade mesmo? I foi!!??!!

E ele respondeu:

— Pois é, conta-se...

Muitas mulheres tiveram contatos esporádicos e passageiros com elementos que pertenciam aos vários grupos canga-

ceiros, porém suas vidas ficaram, indelevelmente, marcadas por tais episódios.

Por exemplo, no caso de Enedina, mulher que exercia a mais antiga profissão do mundo, em Capela, no ano de 1929.

O fato de ter recebido Lampião em sua casa, transformou-a na mais cobiçada rapariga da cidade.

Ela, que já começara a ser desprezada por seus quarenta janeiros e pelo desgaste natural, que é o tributo pago por tal vida, teve revalorizado seu valor no mercado do amor.

Aqui abrimos um parênteses para um esclarecimento.

No livro "Lampião", do médico sergipano Ranulfo Prata, segunda edição, quando o mesmo cuida da entrada do famoso cangaceiro na cidade de Capela, naquela longinqua noite de vinte e cinco de novembro, diz em certo trecho da p. 151:

"Dali, sempre dominado pelo erotismo, foi ter à casa de uma mulatinha de vida pública, a Enedina.

Ordenando-lhe que deixasse as portas da frente e do fundo abertas, disse-lhe:

— Se aparecê os macaco por uma ou outra tenho que sai pro cima deles.

No quarto, cuja porta trancou por dentro, desfez-se de todos os embornais, cartucheiras e roupas, ficando apenas de alpercatas e de camisa de meia.

Ao despir-se, a rapariga, gentil, quis ajudá-lo. Ele deteve-a com um gesto:

— Não pegue em nada, nas minhas arma e neste borná só pódi se pegá depois de morrê Lampião.

Pôs o fuzil ao alcance da mão e depondo sobre a cama o punhal, teve esta frase digna de um amante:

— Este quarto não cabe a metade dos cabras safado que este aqui tem sangrado!

Deu-lhe 70$000, lamentando o "cumerço" não esta aberto para lhe dar um vestido de seda e bom perfume.

Ao ser perguntado por ela se não tinha mulher, respondeu rindo:

— Não, home qui véve nesta vida não póde te pensão.

Até aqui a narração do encontro que veio a transtornar toda a vida "profissional" de Enedina.

Em janeiro de 1968, estivemos em Aracaju para dar prosseguimento às nossas pesquisas sobre Lampião e o fenômeno cangaço.

Fomos gentilmente recebidos pelo escritor e antigo per-

seguidor de cangaceiros, Joaquim Góis, que prontificou-se em levar-nos para conhecer o irmão de Lampião, João Ferreira, que residia na cidade ribeirinha do São Francisco, Propriá. Fomos.

A estrada, que liga hoje a capital até a referida localidade, estava com obras de asfaltamento, o que nos obrigou a usarmos velhas estradas que atravessavam vilas e cidadezinhas modorrentas do *hinterland*.

Ao passarmos vagarosamente por uma delas, com a velocidade bastante reduzida pelo precário estado das "ruas", com buracos e valetas profundas, vimos uma velha sentada na soleira de uma porta.

Joaquim nos disse:

— Dr. Amaury, sabe do caso de Enedina, quando Lampião entrou em Capela?

A cena descrita por Ranulfo veio de imediato à nossa memória e respondemos incontinente:

— Sim, recordo-me.

— Pois ela é aquela senhora que está sentada ali na porta daquela casa.

Disse eu ao Joaquim:

— Pois vamos entrevistá-la. Deve ter muita coisa interessante a contar sobre a visita de Lampião.

— Não doutor, respondeu Joaquim, faz alguns anos que ela vive com um juiz ou coletor, não sei. Ele não admite que ela converse sobre esse assunto.

— Mas Joaquim, estarmos tão perto de uma pessoa que faz parte da história de Lampião e nem falarmos com ela? Ainda mais eu que venho de tão longe, lá de São Paulo, atrás desse assunto.

— É doutor, infelizmente não dá. Teve gente, daqui mesmo de Aracaju, que quis entrevistá-la sobre o assunto e o "marido" não deixou de jeito nenhum. Destratou mesmo.

E continuou comentando, ele que era da região e tinha fácil acesso às informações sobre a antiga mundana, e que depois dos tempos de volante continuara na polícia como investigador.

Quando assentou a poeira levantada pela passagem de Lampião e sua gente pela cidade de Capela, a vida alterou-se para muitos de seus habitantes.

Calcula-se que meia centena das famílias de maior poder econômico mudaram-se para a capital.

Talvez por medo ou receio de uma nova visita do grupo, que entrou na cidade sem encontrar qualquer resistência e que, realmente, voltou em outubro do ano seguinte.

Mas a vida de Enedina foi a que teve maior modificação.

Usineiros dos arredores, grandes latifundiários, fazendeiros endinheirados, comerciantes abastados, todos, enfim, passaram a cortejar o amor dessa mulher. Desejavam, também, provar dos mesmos afagos ofertados ao cangaceiro.

Queriam esses homens ter a honra de deitar e amar com a rapariga que dera, seus carinhos de cortesã, ao Rei do Cangaço.

É um mundo esquisito, esse nosso!

Estariam esses "fregueses" querendo equiparar-se a Lampião de alguma forma?

Já que não tinham coragem para levar a vida perigosa do cangaceiro, pelo menos, poderiam vangloriar-se de terem tido relações sexuais com a mesma dama que servira Lampião.

Estranho, não?

Mas foi isso mesmo que aconteceu, até que ela passou a viver maritalmente com o coletor ou juiz daquela cidadezinha.

* * *

Outra sertaneja, Maria Santana Ribeiro da Silva, sofreu prisão e torturas.

Não tanto por ter Lampião passado pelo terreiro de sua casa e ter bebido um caneco d'água, mas pelo crime maior de ter uma filha, Dadá, e um filho, Avião, acompanhando o grupo cangaceiro.

Foi presa certa vez, junto com uma filha, e levada para a cadeia de Glória, se não nos enganamos.

Ficou detida, sem comida, e água só lhe davam uma caneca por dia.

Assim foi por cinco dias seguidos.

Apanhou bastante para que denunciasse onde estavam Lampião, Corisco e os outros.

Não sabia. Como poderia contar?

Arrancaram-lhe as unhas das mãos com a ponta de punhal. Uma por uma.

Desmaiava cada vez que lhe enfiavam a ponta do punhal sob a unha, que ia despregando-se lentamente da carne, sob a ação de alavanca que dava o torturador.

Dez vezes repetiu-se a triste cena.

Não falou.

Se soubesse, provavelmente teria delatado o grupo todo. Não aguentaria o sofrimento.

Sua filha também apanhou, porém não teve as unhas arrancadas.

Os cangaceiros evitavam contatos com seus familiares, porque sabiam que no seu rastro chegariam as volantes e os maltratos.

O fato do parentesco acarretar sempre problemas, fazia com que, muitas vezes, os familiares até aceitassem com satisfação e alívio a morte daquele filho ou irmã que participava dos bandos.

Com Maria Santana também aconteceu assim.

Só veio a ter tranqüilidade com o fim de Corisco e o conseqüente término do cangaço.

Mas por muito tempo ainda guardou uma certa mágoa, pelo fato de que a vida da filha ao lado dos bandoleiros lhe haver acarretado tanto sofrimento.

* * *

Na divisa dos estados da Bahia com Sergipe, nas proximidades de Rio dos Negros, tem um sítio conhecido por Calixto, e ali, nos tempos do cangaço, morava uma viúva jovem e bonita cujo nome era Josefa, mas que era chamada por todos de Zefa de Cazusa.

Ao que parece, sua viuvez foi fruto de seu amor por alguns cangaceiros. Teria pedido aos mesmos que dessem fim no seu marido Cazusa, para facilitar-lhe a vida amorosa.

Embora o mesmo fosse um coiteiro prestativo e sincero que estava servindo-os a contento, Labareda ordenou-lhe a morte, o que acabou ocorrendo.

Aí as coisas ficaram mais fáceis para a mulher, que passou a receber com bastante constância, em sua própria casa, a visita dos amantes cangaceiros.

Balão, que por esse tempo vivia no grupo de Labareda, passou a ser o alvo preferido dessa doidivana das caatingas e jamais se fazia de rogado.

Sempre que possível, demoravam-se ali no Calixto que, embora próximo à divisa, ainda está no lado baiano.

Como não podia deixar de acontecer, nesses casos, começaram a comentar à boca pequena, sobre os amores de Zefa de Cazusa com os cabras de Labareda.

Os cochichos ao pé do ouvido aumentavam e o falatório logo chegou ao conhecimento das autoridades da região. Mandaram uma volante para prender ou matar os cangaceiros, quando fossem visitar a viúva.

Assim foi que essa força ficou escondida nas cercanias da casa, aguardando a oportunidade de pegar um dos cabras com a boca na botija.

O disque-disque afirmava que o mais assíduo freqüentador da casa da mulher era Balão.

Uma rica presa para qualquer volante e uma promoção certa para quem o abatesse.

Há pouco tempo havia entrado nas hostes de Labareda, um garoto de treze anos, irmão de criação do cangaceiro Saracura (Saracura, por sinal, conhecemos em Salvador, quando trabalhava no instituto Nina Rodrigues e que faleceu na década de 70) e filho, também, de criação, do velho André.

Esse garoto recebeu, no bando, o vulgo de Cravinho e era, como seu irmão, primo do chefe Labareda.

Mas, ao que se supõe, Zefa de Cazusa tinha planejado dar fim a Balão (pelo menos foi o que o mesmo contou-nos), e em uma das tardes que passou com ela, foi convidado a permanecer a noite toda.

Queria que ele dormisse dentro da casa.

Balão sempre desconfiado, recusou-se, e pegando uma rede entrou uns duzentos metros no mato e deitou-se junto com os companheiros.

Quando o Sol vinha saindo, manchando de carmim o horizonte, Labareda enviou Cravinho até a casa afim de mandar fazer o café para o pessoal.

Foi.

Atravessou o terreiro e já estava no batente da porta quando, a força que estava emboscada, atirou, ferindo-o.

Mal ferido, ainda correu em direção à cerca que havia ali, porém, sem forças, tombou perto da mesma.

Os soldados vieram e acabaram de matá-lo. Cortaram a cabeça e levaram-na para a sede do destacamento.

De Zefa de Cazusa não ouvimos falar nunca mais.

* * *

A tia de Corisco, Maria Cléto, foi uma das mulheres que, embora não tendo acompanhado nenhum dos cabras de Lam-

pião, teve uma influência marcante na vida de alguns personagens dessa saga sangrenta que foi o cangaço.

Foi ela que, inventando uma mentira sobre a menina Sérgia (no futuro seria conhecida por Dadá) fez com que o seu turbulento sobrinho, junto com seu filho Emídio, fossem até a casa de Jonas onde, no curral, mataram o filho do mesmo, o jovem Cazusa, o qual, segundo a mentira da mulher, teria desvirginado a garota.

Depois desse passo, Corisco e Emídio não puderam mais voltar atrás.

Tiveram que seguir pela senda do crime. Pela estrada sem retorno do cangaço.

Além deles, outro irmão de Emídio juntou-se a eles, Manoel Cilílio, que passou a ter o apelido de Jurema.

Emídio Ribeiro deixou de existir e em seu lugar surgiu o cangaceiro Beija-Flor.

Um apelido emprestado por um pássaro tão delicado para um cabra tão feroz.

Arranjou uma companheira chamada Gertrudes. Era uma moça de estatura baixa, bonita e quieta.

Quando aconteceu o tiroteio do tanque da fazenda Touro, em vinte e quatro de abril de 1931, no qual seu companheiro participou, e logo em seguida, Lampião convidou quem quisesse deixar o grupo que o fizesse naquele momento, pois a perseguição iria aumentar, e teriam que esconder-se no Raso da Catarina, este casal foi o único que resolveu deixar o bando.

Separaram-se e foram esconder-se... no Raso da Catarina!

Ficaram ali por mais de oito anos, escondidos.

Asselvajaram-se.

Gertrudes pariu duas meninas naquelas brenhas e teve somente o auxílio do marido.

Quando, após a morte de Lampião, houve as entregas, foram também apresentar-se em Geremoabo. Levaram então as duas filhas, uma com cinco e a outra com três anos.

Como lhes chegou a notícia dessa anistia?

Provavelmente pela boca de algum caçador furtivo ou de qualquer dos moradores das fazendas vizinhas ao Raso.

Prenderam o casal que ficou detido por pouco tempo.

Qaundo foram soltos, caíram no oco do mundo. Na época da construção de Brasília, Beija-Flor morava em uma das cidades satélites e chegou a dar entrevistas para a revista "O Cru-

zeiro", falando uma série de inverdades sobre os antigos companheiros. Inclusive que havia recebido uma elevada soma de dinheiro para roubar Maria Bonita.

* * *

Toda regra tem exceção.

Era norma, para o indivíduo que aderia aos bandos cangaceiros, deixar de freqüentar sua antiga residência e esquecer os familiares para não causar-lhes transtornos com a polícia.

Sabiam que era melhor agirem assim.

Cocada era um cangaceiro branco, de uns quarenta anos ou mais.

Antes de entrar para o grupo de Corisco, vivia com a mulher e três filhos em uma casinha no meio da caatinga.

Ao cair no cangaço, seus cunhados, que eram três irmãos da sua esposa, vieram morar junto com a mesma.

Com o passar do tempo a saudade foi apertando, foi machucando o coração do caboclo. Ele ia remoendo aquela dor e começou a pedir ao chefe que o deixasse visitar a família.

De início Corisco negou. Fez-lhe ver o risco que correria.

Nada havia que pudesse convencer Cocada de que tal viagem era cheia de perigos.

A força do cangaço era sua união na hora da luta, era o apoio que davam uns aos outros, nos combates.

Isolados não tinham vantagem alguma.

Mas Cocada continuou insistindo e, pior ainda, acabou convencendo um outro companheiro para que o acompanhasse.

Tempestade, cujo verdadeiro nome era Antonio Basílio, era um pardo de cabelos lisos, magro, alto, teria então em torno de trinta e cinco anos e também era casado.

Talvez esse último fato é que tenha influído na concordância de Tempestade em acompanhar o outro.

Também deveria saber o quanto dói uma saudade.

O ficar longe dos filhos, da mulher amada, dos entes queridos.

Ele tinha, também, vontade de ver os seus, quem sabe se quando retornasse dessa viagem não poderia ir visitá-los, junto com Cocada.

Faria companhia a ele, agora, e teria a retribuição depois.

Por fim Corisco cedeu e marcaram a data do retorno e o local do encontro. Nove dias seriam gastos entre a viagem, a estadia e a volta.

Foram.

Quando chegaram na moradia da família, Cocada entregou à esposa dinheiro e o ouro que levava.

Mas a traição ao cangaceiro já fora planejada. Seus cunhados tinham combinado com uma força de contratados da polícia que, quando o mesmo estivesse por ali, alguém iria avisá-los, para que fosse preso.

A ocasião chegara.

Na primeira noite jogaram baralho até tarde, beberam e esgotaram a resistência física dos dois bandoleiros.

Combinaram tudo com a irmã e um deles foi até a sede da volante dar o alarme.

A tropa de contratados veio durante a tarde e ficou esperando cair a noite, conforme o plano combinado com os cunhados.

Depois que os cangaceiros, cansados e sonolentos pela primeira noite mal dormida, estivessem ferrados em profundo sono, os cunhados ou a sua mulher deveriam tirar as armas e dar o aviso para que a força entrasse na casa e prendesse os homens sem resistência.

Mas, um dos cunhados adiantou-se, e ao pegar o fuzil de Tempestade fez um barulho qualquer acordando o cabra, pois aquela gente, por mais cansada que estivesse, tinha sono tão leve que podia acordar só com o vôo de um passarinho, e ao ser surpreendido com o fuzil na mão, o traidor não teve dúvidas: atirou em Tempestade, matando-o.

Cocada acordou no ato e no salto que deu, esbarrou no cunhado, fazendo-o cair. Saiu correndo porta a fora, só de calção.

Ao chegar ao terreiro foi recebido à bala, mas, a escuridão da noite, sua velocidade estimulada pelo medo e pelos tiros, fez com que conseguisse entrar no mato e escapulir com alguns ferimentos sem maior importância.

Dias depois chegou ao grupo de Corisco e lamentava-se, ainda com saudades dos filhos e da sua traidora esposa, apesar do que acontecera.

* * *

Como já comentamos alhures, o parentesco ou mesmo os parentescos afins, serviam no nordeste em geral, e no cangaço de maneira mais específica, para cimentar as amizades e fortalecer a união das pessoas.

Mas, também esta norma foi quebrada no grupo.

Vejamos.

Havia um cangaceiro no bando de Lampião com a alcunha de Revoltoso.

Tipo de caboclo, moreno, moço e destemido.

Quando Gato entrou para a quadrilha, ficaram amigos e se davam bem.

Não demorou muito e ficou conhecendo uma irmã do mesmo, por quem começou a arrastar a asa, sendo correspondido plenamente.

Desconhecemos o nome da mesma, pois os nossos informantes, componentes do grupo de então, não chegaram a gravá-lo, dado à sua pouca importância nos acontecimentos.

Dizem apenas que era moreninha, estatura meã e bastante jovem.

Mas Gato, que era tão amigo de Revoltoso, não gostou do namoro.

Interpôs-se, argumentando que não queria gente de sua família levando aquela vida, muito menos ainda sendo mulher.

Não, não iria permitir essa união, disse ele ao outro cangaceiro.

Revoltoso, diante da dificuldade, parece que ficou mais apaixonado.

Cortaram relações e passaram a hostilizar-se visivelmente.

A inimizade foi crescendo e passou a cheirar morte.

Gato prometeu matar Revoltoso e só não o fez pela intervenção da turma do deixa disso.

Ficou aguardando uma oportunidade, mas Revoltoso, alertado e aconselhado pelos companheiros, abandonou o grupo.

Mas não deixou unicamente a comunidade cangaceira. Resolveu deixar também seu campo de ação.

Porém não o fez sozinho, levou como companheira a irmã de Gato, que ficou doido de raiva pelo acontecido e redobrou suas ameaças com relação ao casal fugitivo.

Mas Gato nunca pôde cumprir suas promessas de vingança, pois não conseguiu, jamais, pôr os olhos em cima dos mesmos.

* * *

Como é curiosa a vida! Vejamos agora o contraste desse fato precedente.

Gato prometendo, querendo e não conseguindo matar

Revoltoso, para que o mesmo não se tornasse "marido" de sua irmã e, portanto, seu cunhado.

E, agora, o que aconteceu com dois cunhados, que se davam muito bem antes de entrarem para o cangaço, e cuja amizade aumentou com o viver naquela vida.

Mormaço era casado mesmo, na igreja diante do altar, e no civil perante o juiz e testemunhas; sua mulher, por apelido de Noca, tinha vários irmãos, sendo que um deles era mocinho, de corpo cheio puxando mais para gordo, e era o que melhor se dava com o marido da irmã.

Quando Mormaço apresentou-se como voluntário ao grupo de Corisco, levou o seu cunhado, também.

Foram aceitos como recrutas e o rapaz ganhou o apelido de Barra Nova.

Jovem ainda, vivia sempre a brincar com Mormaço.

Um dia estavam brincando com um fuzil, e no calor do divertimento eis que, acidentalmente, Mormaço dá com o dedo no gatilho e a arma dispara, atingindo mortalmente Barra Nova, que cai morto.

Essa caso aconteceu em um coito que Corisco tinha na Bahia, e sucedeu nos princípios do ano de 1930.

Quem não queria matar, acabou matando, e Gato, que tanto desejava a morte do "cunhado", não o conseguiu.

Como são curiosos os caprichos do destino.

* * *

Conversando com antigas cangaceiras, estas sempre nos afirmaram que jamais faltou mulher que quisesse acompanhar os cabras, e que quando estavam em fazendas ou povoados, muitas moças vinham namorar os mesmos.

Realmente, muitas vezes deve ter acontecido assim mas, também casos houve, em que as vítimas eram forçadas a ceder à sanha erótica do grupo, que vivia superexcitado.

Vejamos alguns casos narrados por Ranulfo Prata, no livro "Lampião", na p. 161:

"No povoado 'Oiteiro Alto', já perto de Capela, o grupo, todo montado, esbarrou à porta da bodega de Alvino, pedindo dinheiro e bebidas. O bodegueiro deu bebidas mas negou que tivesse dinheiro. Lampião invadiu-lhe a casa e rebuscou gavetas e baús, encontrando dois contos em uma latinha, debaixo de uma tulha de algodão.

Enfureceu-se com o achado.

Vinga-se da mentira, espancando-o e violentando-lhe a mulher, ordenando aos cabras que fizessem o mesmo.

Esta desgraçada senhora, casada de pouco, recebera certa educação e era estimadíssima em Capela.

Contou que, quando Lampião a derrubou, perdeu os sentidos, nada mais vendo nem sentindo até o fim.

Sobreveio-lhe grande hemorragia, mandando Lampião que um deles, com o fim de fazê-la cessar, entupisse a vagina de terra, o que foi feito, a socar com o cabo do punhal. Esta pobre criatura, nunca mais apareceu à pessoa alguma, vive metida nos quartos, com evidentes sinais de desequilíbrio mental".

Nas pp. 165 e 166 diz:

"Dali segue Elpídio, amarrado à sela do seu cavalo, até a fazenda Candial onde é assassinado, com requintes selvagens. Deste crime fez-se o respectivo processo, o único que existe em Sergipe contra o facínora.

Nesta fazenda passou a noite com a mulher de Santo, conhecido por Santo Bodegueiro, dentro de uma roça de mandioca, por oferecer boa pastagem para os animais.

Após relações sexuais, amarrou-a por uma corda ao seu pé, para impedi-la de fugir.

Pela madrugada, como ela sentisse frio, deu-lhe uma colcha para se cobrir".

* * *

Porém não era sempre o ferrabraz endemoniado como se afirma. Quando fez a visita à cidade de Capela, em vinte e cinco de novembro de 1929, passou primeiro na cidade vizinha de Nossa Senhora das Dores.

Quando o grupo encaminhava-se para a cidade, na estrada que dali ia ter em Sicupira, topou de chofre com um casal que tinha ido fazer a feira e agora estava retornando, com o saco de compras nas costas do rapaz, que tinha o nome de Artur, e que fazia companhia a sua prima, Rosa. Esta equilibrava com desenvoltura, na cabeça, o saco com os mantimentos adquiridos.

Caminhavam rápidos, pois já passava do meio dia e queriam chegar logo em suas casas.

Rosa era casada, mas uma mulher ainda jovem.

Ao encontrarem-se com os cangaceiros, Lampião cumprimentou-a.

— Boa tarde, senhorita.

— Boa tarde majó, respondeu ela.

— Nossa Sinhóra das Dori é perto?

— É coisa di meia légua, majó.

— Sinhorita, im Doris tem muito macacu?

— Num sei, faço minha feirinha i num presto antenção, retrucou Rosa.

— Di onte prá hoji passô muito macaco na istrada?

— Passô.

— A pé o a carro? — perguntou Lampião.

— Tanto a pé cumo di carro.

O chefe dos cangaceiros despediu-se e falou:

— Gosto da sinhorita qui fala a verdade i num menti.

Caminharam um pouco, mas um dos cabras ficou com o fuzil atravessado sem deixar a mulher passar. Lampião olhou para trás, viu o que estava acontecendo, voltou e disse:

— Sinhorita, num ligue qui eli vai meio variado (bêbado).

E para o assecla:

— Vão imbora, rapais.

E prosseguiram para a cidade, na tarde quente do dia vinte e cinco de novembro de 1929.

Havia alguns dias que estavam de passeio nessa cidade, algumas jovens estudantes de Aracaju.

Tinham ido a convite e em companhia de dona Ilná (hoje esposa do escritor e poeta Severino Uchôa), que era estudante também. O pai da mesma era dentista, e possuía uma máquina fotográfica com a qual estava fotografando as jovens na beira do açude, quando vieram avisar-lhe que o bando havia entrado na cidade. Ele, pesaroso, notou que havia batido a última chapa do filme.

As moças acompanharam o anfitrião, que também quis matar a curiosidade de conhecer o famoso cangaceiro; foram ver os estranhos personagens de tantas histórias, nada lhes acontecendo.

Dona Ilná, ao narrar o acontecido, disse que seu pai lastimou-se por muito tempo, pelo fato de não ter mais filmes para bater uma foto do Rei do Cangaço e de seus companheiros de luta.

AS MÃES

Maria Vieira da Soledade, Maria Sulema da Purificação, Maria Vieira do Nascimento, Maria Lopes da Conceição, Maria Santina da Purificação, Maria Ursulina da Purificação.

Quantas Marias, não leitor?

Nada disso.

Trata-se da mesma pessoa, com variações do sobrenome.

Por que razão?

Desconhecemos o motivo.

Temos ciência de que no interior são comuns os erros e enganos, ao se fazerem registros, em cartórios, e nos livros de assentamentos de casamentos, batizados das igrejas.

Até mesmo com parentes nossos, tais descuidos ocorreram, e não foi há muito tempo e no próprio Estado de São Paulo.

Em nosso poder estão cópias de certidões de casamento, batismo e de nascimento que demonstram serem, todos esses nomes citados, pertencentes a uma mesma mulher.

Quem é ela?

Nada mais, nada menos, do que a mãe daquele que se tornou conhecido em todo o Brasil, como o Rei do Cangaço.

Nascida e criada às margem do Rio São Domingos, um dos muitos afluentes temporários do Rio Pageú que corta o sertão pernambucano, indo desaguar no Rio São Francisco, zona famosa, desde os tempos passados de séculos, como um fértil viveiro de cangaceiros e valentões desabridos.

Vivendo, desde criança a ouvir histórias e casos de "heróis" da região, comentários sobre feitos arrojados, contado em prosa e versos, como os fatos sendo perpetuados pela história, guardada através da tradição oral, foi formando sua personalidade na escola de que: "não se leva desfeita para casa"; na teoria que ali então era largamente praticada, do "olho por olho, dente por dente"; na das vinganças que tardavam, mas aconteciam; das dívidas de sangue cobradas com prazer; da regra já antiga de que "o filho desmoralizado não recebe a bênção paterna"; no culto largamente difundido, segundo o qual outros preceitos seguiam a mesma orientação drástica.

Após seu casamento, com o crescer da prole, tornou-se autoritária, dominadora exigente, no sentido de que os seus filhos tinham que viver sobre os mesmos princípios e jamais deixar de seguir essas antigas normas, vigas mestras de um rígido modo de convivência social.

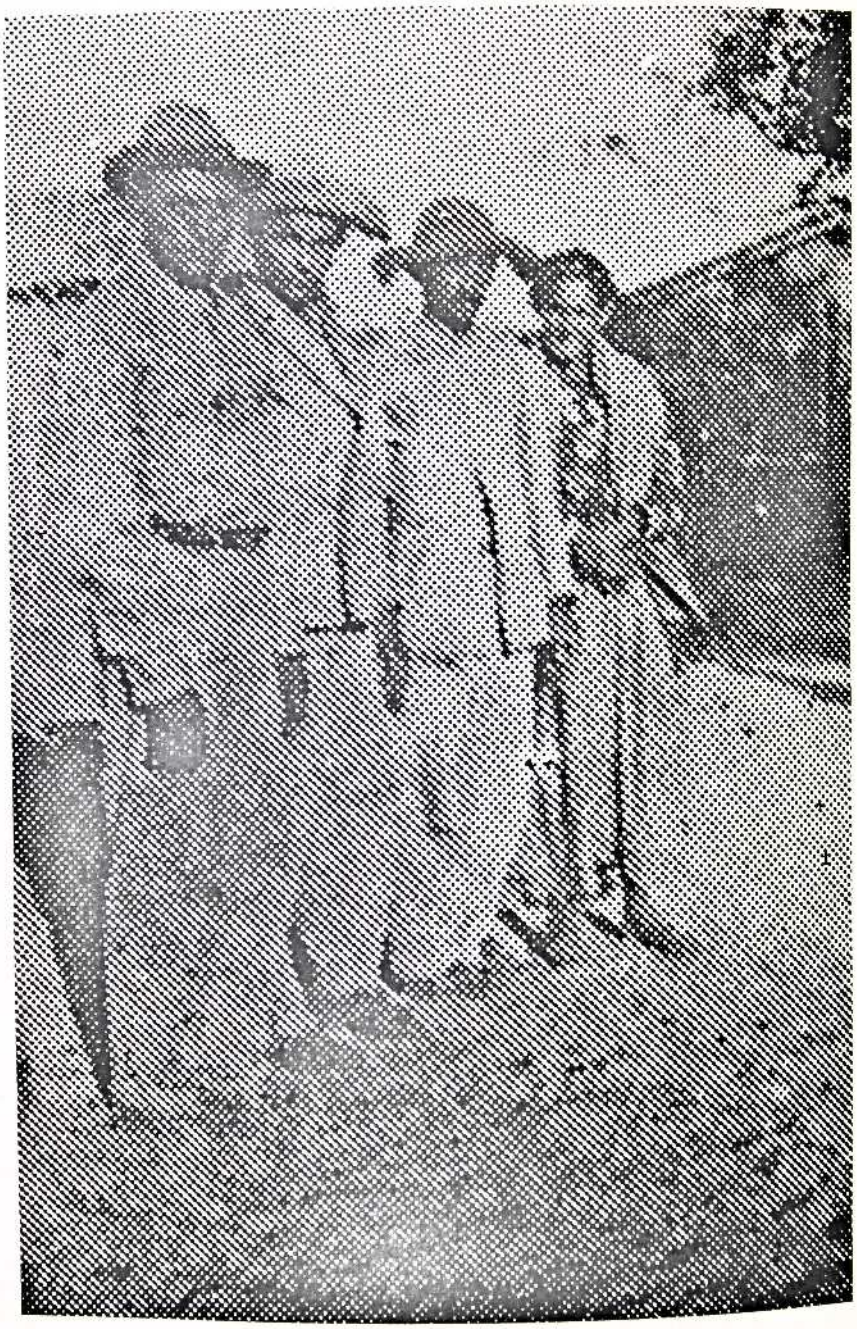
E ia até contra a vontade de seu pacato marido, José Ferreira dos Santos, que era um homem calmo, desejoso de paz, tranqüilidade, inimigo de rusgas e contendas.

Nas vezes que estive em Carqueja (naqueles tempos, da meninice e juventude de Lampião, era denominada Nazaré) e arredores, ao conversarmos com antigos moradores que conheceram, conviveram e sabem bem como foi o dia-a-dia da família dos Ferreiras (como eram mais conhecidos naquela ribeira) contavam-nos esses antigos vizinhos, inimigos ou amigos dos mesmos, que durante os primeiros entrechoques acontecidos no sítio Passagem das Pedras, os quais por sinal foram se prolongando desde a segunda metade do ano de 1915, marcado na memória de todos por ser o de calamitosa seca, até a mudança para Poço Negro, propriedade situada a uma distância de tão-somente um quilômetro da Vila de Nazaré, que fora adquirida pelo irmão de dona Maria, Manoel Lopes, e para cujas terras mudaram, a fim de evitar a continuação do conflito com José Saturnino Nogueira e seus moradores, acatando e honrando o tratado de paz estabelecido pelo chefe político do município de Vila Bela (hoje a mesma teve seu nome mudado para Serra Talhada e é uma cidade das mais progressistas do sertão), o coronel Cornélio Soares.

Aqui pedimos licença ao paciente leitor para falarmos desse curiosíssimo tratado de paz, cuja transgressão pela parte contrária, levou Virgolino (auxiliado por alguns outros incidentes de sua vida) a transformar-se no temível cangaceiro que assolou os sertões.

Esse tratado (não escrito, mas sustentado pela palavra dos interessados e sacramentado pela presença do "coronel") não foi o primeiro a celebrar-se nos sertões, palco de lutas e picuinhas sertanejas, daqueles tempos e de anteriores, também.

Mas esse acordo é algo (restos do feudalismo, sobras da velha aristocracia rural européia transportada para o novo mundo?) que não podemos deixar ser recoberto pela poeira do tempo, ficar no esquecimento. É uma das mais curiosas passagens acontecidas na estranha, temerária e cheia de surpresas vida do companheiro de Maria Bonita.



Familiares de Maria Bonita, dona Déa, o pai José Felipe e irmãos.

João Ferreira dos Santos, o irmão de Lampião, falou-nos muito sobre o tal tratado. Outro também que nos fez várias referências sobre o mesmo foi João Gomes Jurubeba, membro combativo da família, que mais elementos perdeu na luta prolongada e cruenta contra os cangaceiros.

O pacto patrocinado pelo "coronel" Cornélio Soares, para cessação de hostilidades, entre José Saturnino Nogueira, proprietário da fazenda Pedreira Velha e Pedreira Nova, seus parentes e agregados, e o clã de José Ferreira dos Santos (mais conhecido como "os Ferreiras") proprietários e moradores no lugar conhecido como "Sítio Passagem das Pedras", não teve a pomposidade e ressonância que cercam as delegações de países em litígio e que buscam a paz.

Sem esplendores de embaixadas, sem documentos de longos e complicados textos, sem palavrório supérfluo, mas procurando o essencial, resolvendo da melhor maneira possível o problema existente, cuidando de ser imparcial e tentando agradar ambas as partes, o tratado do chefe político de Vila Bela estabelecia o seguinte:

Cessavam as hostilidades entre José Saturnino e os Ferreiras.

A família de José Ferreira dos Santos teria que mudar-se imediatamente para o sítio Poço Negro, propriedade de Manoel Lopes e próximo a Nazaré.

Os filhos mais velhos não poderiam retornar às suas terras no sítio Passagem das Pedras para cuidar do gado e nem para fazer roça. Quem faria tal mister era o velho pai e o irmão João.

Uma outra propriedade da família, situada na Baixa Verde, lá para os lados de Triunfo, poderia ser alcançada passando-se nas proximidades das fazendas de José Saturnino, também somente poderia ser cuidada pelo velho José Ferreira e por seu jovem filho João, que não estavam envolvidos nas brigas e tiroteios.

Quando os Ferreiras fossem à feirinha de Nazaré, teriam que deixar as armas na primeira casa da vila (uma pequena bodega), não podendo entrar armados ali em hipótese alguma.

José Saturnino não iria (armado ou não) à Vila de Nazaré, para evitar encontros que poderiam levar à quebra do tratado.

Foram estas as deliberações tomadas e impostas às duas partes pelo coronel Cornélio Soares.

A parte mais pesada, fora de dúvidas, recaiu sobre a família Ferreira, que teve que abandonar suas terras, seus bens, a casa que assistiu ao nascimento de todos os filhos de dona Maria, à morte de duas de suas garotas, Maria da Glória e Maria do Socorro, os altos e baixos da vida, enfim.

Visitei essa casa, ou melhor dizendo, as poucas ruínas que restavam dela, em janeiro de 1969. Uns restos de parede em pé, uma porteira escorada em um mourão, um forno a lenha em precárias condições e nada mais sobrava.

Nem um pedaço de telhado, nem uma parede inteira, nem uma folha de porta ou janela.

Informou-me um neto de José Saturnino, que no momento servia-nos de guia (a mim e ao escritor dr. Luiz Wanderley Torres, acompanhados ainda pelo tenente da reserva João Gomes Jurubeba, da polícia pernambucana) que a casa fora desmantelada aos poucos por pessoas que estavam construindo e vinham até ali para abastecer-se de material, gratuitamente.

A velha moradia, com o passar do tempo, descambara para tapera e agora estava sendo transformada em nada.

Tudo era solidão.

O terreiro, onde nos encontrávamos no momento, fora tomado pelo mato rasteiro, espinhento e agressivo, típico da região que naquele mês de janeiro ainda não vira a chuva.

A pouco mais de cinco décadas tudo ali era diferente. As crianças brincavam alegremente naquele limpo. Cabriolavam os borregos irrequietos, com entrechoques de cabeças, imitando os combates mais sérios dos velhos bodes "pais de chiqueiro". Cabras baliam, pedindo alimento ou chamando as crias, enquanto espantavam as moscas com a cauda.

Os animais da tropa de almocreve de José Ferreira davam vida e movimento às cercanias da residência.

Ferramentas de uso próprio da roça jaziam encostadas pelas paredes, num testemunho eloqüente de que nessa casa morava gente ativa e trabalhadora.

Roupas recém-lavadas ficavam estendidas pelas cercas de vara, quarando e secando ao mesmo tempo.

Vacas de leite, com bezerro ao pé, mugiam nas proximidades, quase que num aviso de que o alimento estava próximo e garantido para o amanhecer seguinte.

Nos tempos de inverno bom havia fartura, abundância de jerimuns, melancias, macacheiras, e tudo era verde, florido e alegre.

Mas se o inverno tardava ou não aparecia com as chuvas e trovoadas, a seca instalando com seu cotejo de misérias e desgraças, tudo mudava.

O verde desaparecia, castigado e expulso por um sol de fogo e quem olhasse para os campos e matos veria, até a linha do horizonte, um cinza contínuo, monótono, persistente, ofendendo a vista.

A água passava a ser escassa e obtida em poços existentes nos leitos arenosos dos riachos. Isso quando se tinha a sorte de existir algum mais à mão.

Senão, o remédio era cavar uma cacimba.

Uma não!

Geralmente duas. A de água melhor para o povo da casa, outra, que às vezes era mais salobra, para o gado e as criações menores.

A família se unindo mais, para enfrentar a adversidade.

Lutando solidária contra a natureza.

João Gomes Jurubeba, com já o dissemos, era nosso acompanhante, conhecera aquela casa e a família nos tempos anteriores à desgraça que a vitimara. O seu forçado despencar no abismo da desagregação familiar, da fuga, da morte e por fim a carreira do crime para alguns deles.

E João dava-nos detalhes minuciosos e esclarecimentos importantes.

Aqui era o curral das cabras, do outro lado o campo da tropa de Zé Ferreira, por ali tinha um veredo que dava num poço do riacho, onde tinha água até em tempos de seca, apontava, e tudo mostrava com gestos e palavras.

Preciosas informações de quem conviveu com aquelas pessoas e depois, levado pela união familiar e a "dívida de sangue", tornou-se num dos mais ferrenhos inimigos de Lampião.

Deixamos o lugar conscientes de que estivéramos, por um rápido momento, em uma janela aberta para o passado e aproveitáramos a oportunidade mirando o quadro animado, vivo e colorido de antanho, dos habitantes daquela casa, da vida que levavam, a labuta contínua do seu dia-a-dia.

Quase três qüinqüênios já se passaram desde essa visita. Provavelmente, hoje somente encontraríamos ali os tênues ves-

tígios de que, num passado distante, uma família numerosa e feliz vivera às margens do riacho de São Domingos.

Poderíamos continuar falando ainda sobre como foi rompido o acordo ditado pela sabedoria do "coronel" Cornélio Soares, das conseqüências trágicas que isso gerou, das mortes (quantas e quão cruéis) e desgraças inúmeras ocasionadas por tal fato.

Mas não é esse o intuito e a finalidade deste livro. Voltemos à progenitora de Virgolino, o célebre Lampião.

Dona Maria, ainda segundo informações do amigo João Gomes Jurubeba, foi a causadora da degringolada de toda a família Ferreira.

Justificou seu modo de pensar dizendo:

— Nos princípios da questão, entre os Ferreiras e José Saturnino, quando aconteceram as primeiras lutas, o pai de Lampião, o Zé Ferreira, fazia de tudo para acalmar a situação, ele queria evitar as encrencas. Não era homem de questões nem gostava delas. Não deixava os filhos saírem de casa armados. Tirava-lhes as armas antes que saíssem para qualquer lugar. Mas a mulher, dona Maria, já fazia tudo ao contrário.

Ele tirava-lhes as armas na frente da casa, e, ela tornava a entregá-las pela porta dos fundos. Os rapazes passavam pela traseira da casa, pela cozinha e recebiam das mãos da mãe, o armamento e a munição. Ela dizia que não queria ver os meninos serem "desfeiteados". Por essa razão dava as armas. O velho era boa pessoa, mas a mãe jogou os meninos na desgraça, por ser muito opiniosa. Depois, também, chegou num certo ponto em que eles não podiam mais voltar atrás.

A irmã de Virgolino, Maria Ferreira de Queiroz, nossa conhecida e amiga desde o segundo semestre de 1967, quando veio morar na cidade de São Paulo e, por casualidade, nas proximidades de nossa residência, deu-nos muitas informações sobre os anos de paz da família Ferreira e, em particular, sobre sua mãe.

Era uma mulher mais escura que o marido, puxando provavelmente por algum sangue indígena de seus ascendentes. Sua estatura também era um pouco superior à do consorte.

Até o surgimento das questões viviam da mesma maneira que as outras famílias de igual nível social e econômico.

A vida rústica, simples e de trabalho intenso, que o lugar e a época exigiam.

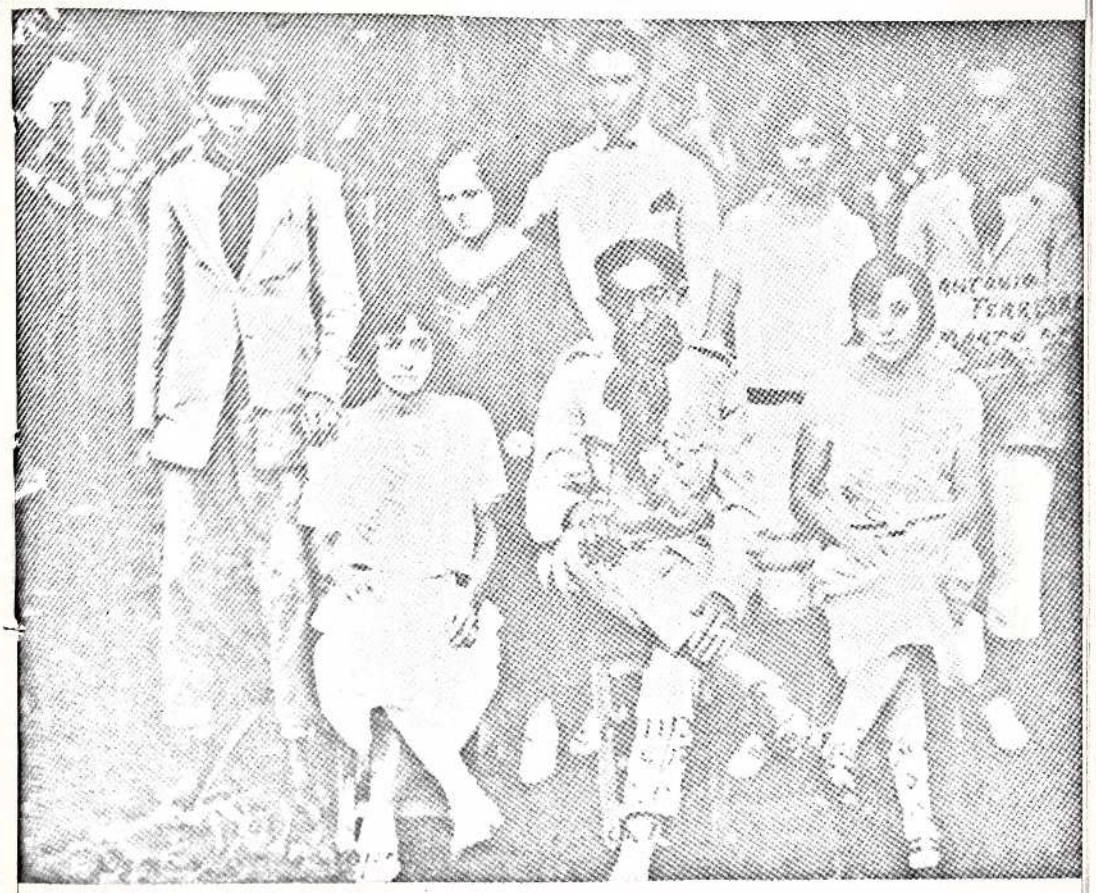


Foto tirada no Juazeiro do Norte, provavelmente no dia cinco ou seis de março de 1926. A primeira moça sentada, à esquerda de quem olha, é Angélica, a irmã de Lampião, o próprio e a última é Maria M. de Oliveira, filha do poeta popular João Mendes de Oliveira. Em pé, na mesma ordem, Joaninha, esposa de João Ferreira, o próprio, Anália a irmã caçula dos Ferreiras.

Somente dois episódios marcaram mais os Ferreiras nos seus anos de paz.

Foram os falecimetnos de suas irmãs pequenas. Uma vítima de infecção auditiva e a outra, de terrível acidente com uma lamparina que estava acesa e, que a menina, de seus três ou quatro anos, puxou de cima da mesa, incendiando sua camisolinha.

Com os gritos da garotinha, os familiares, que estavam cuidando das cabras e de outros afazeres fora de casa, correram para dentro a tempo de apagar as chamas.

A pequena vítima não faleceu imediatamente. Seu sofrimento prolongou-se por uma semana mais ou menos.

Remédios caseiros para queimaduras foram aplicados. Banha de porco era a mais comum, depois enrolavam a pessoa queimada em folhas de bananeira para refrescar.

Porém, no fim, acabou morrendo.

Outro episódio que marcou a vida da mãe dos Ferreiras, foi a visita da família toda ao Juazeiro do Padre Cícero, no primeiro semestre de 1915.

O ano da seca trágica para os sertanejos, violenta, cruel, martirizante.

Somente um dos filhos homem ficou em Passagem das Pedras, cuidando da criação.

Qual?

Nem João Ferreira, nem dona Mocinha sabem dizer quem ficou.

Antônio Ferreira? Livino Ferreira? Virgolino Ferreira?

O certo é que um desses três permaneceu em casa e não teve a oportunidade de conhecer a Meca Sertaneja, nem o famoso "padim Ciço".

Passemos agora a uma outra Maria, também de fundamental importância na história do cangaço, quando este, representado por uma figura suprema, cruzou o Rio São Francisco e invadiu o interior baiano.

Falamos daquela sertaneja da Malhada da Caiçara, dona Maria de Oliveira Déa, mais conhecida por ali como Déa, mãe de muitos filhos, dentre os quais destacou-se uma filha, pelo fato de haver acompanhado, até na morte, ao rei dos sertões, e que recebeu o apelido de Maria Bonita.

Todos os informes levam a crer que aquela também colaborou plenamente para que sua filha fizesse parte do bando



Inacinha ao lado de Gato. Como a mesma está grávida a foto deve ter sido tirada pouco antes de sua prisão.

cangaceiro, na qualidade de amante do chefe. Tal como a mãe de Lampião, fez, talvez inconscientemente, que os filhos seguissem a rota do crime, dona Déa, conscientemente fez o mesmo com sua filha.

Duas são as hipóteses levantadas para tal atitude.

Uma, a do desejo de ficar "bem" com os bandoleiros que percorriam os matos e cerrados, agradá-los em seus pedidos e necessidades, conquistando as boas graças dos donos da vida e da morte.

Com isso atrairia, como de fato atraiu, as perseguições e a ira das forças volantes, mas tal desassossego aconteceria fatalmente com qualquer atitude tomada.

Não estava cansada de ver e ter notícias sobre arbitrariedades e violências cometidas por contratados e soldados?

A outra hipótese parece-nos mais viável.

Lampião sempre fora visto pelos humildes caatingueiros como um homem de dinheiro, como um cangaceiro muito rico.

Quem tivesse acesso à sua carteira estaria bem.

E quem poderia estar mais perto de seu tesouro do que uma mulher que vivesse com ele, que o acompanhasse como amante fiel e devotada?

Além de que, sua filha, já lhe manifestara suas simpatias pelo chefe da grei bandoleira.

Dona Maria ao invés de colocar obstáculos a essa união (porque sua filha já era casada com Zé de Neném), estimulou-a, propiciou encontros, aplainou o caminho que levava Lampião aos braços de sua filha.

E o coração de aço do monarca das caatingas acabou amolecendo com o calor das carícias da morena faceira.

Cada vez que dona Maria acertava uma reunião entre os dois namorados era acrescentado mais um elo na corrente que os estava unindo.

É interessante analisarmos o modo de proceder da progenitora de Lampião e o da progenitora de Maria Bonita.

A primeira levou os filhos a seguir um caminho escuro, no princípio, do qual não se sabia onde iria terminar, qual seria o seu ponto final, e que acabou sendo o cangaço.

A segunda não, já tinha pleno conhecimento do que esperava por sua filha, caso a mesma acompanhasse aquele grupo de homens "fora da lei".

Já sabiam de sobejo da repressão que sofriam. Da perse-

guição intensa e persistente por parte de policiais e de civis que tinham contas a acertar com os bandoleiros.

Pois com todos os exemplos e histórias que chegavam aos seus ouvidos, com todos os perigos que avultavam naquele triste viver, mesmo sabendo de tudo isso, ainda facilitou para que sua filha seguisse a senda do cangaço.

É realmente intrigante esse proceder.

O dinheiro e jóias, frutos de saques ou mesmo adquirido através de conhecidos, não podia ir parar impunemente nas casas de parentes de quem vivia no cangaço.

A polícia sempre presente. A qualquer hora do dia ou da noite invadindo as casas e vasculhando tudo.

Segundo Dadá, dona Mocinha, Sila, Criança e outros, as volantes chegavam e exigiam saber a origem de cada garfo, de cada prato, de cada panela. Jóias e dinheiro, então, já não levantavam mais dúvidas, já eram provas de que tinham contato com os parentes cangaceiros.

Se agiam sempre assim, nós ficaríamos num beco sem saída na análise da causa que levou dona Maria de Oliveira Déa a entregar a filha ao Rei do Cangaço.

Quando nosso amigo Joaquim Góis esteve na fazenda Malhada da Caiçara, visitando a família de Maria Bonita, isso na segunda metade da década de sessenta, os pais da rainha dos cangaceiros o receberam muito bem, dentro da tradicional hospitalidade sertaneja, mas evitavam a todo custo as perguntas sobre o assunto.

Principalmente a mulher.

Zé, de Felipe, ainda contou algumas passagens mais amenas, mas sua esposa caiu num mutismo de estátua de pedra.

Teve essa velha sertaneja a triste sorte de ser picada por cobra venenosa.

Recusou-se terminantemente, teimosamente, a ser socorrida, a tomar o soro antiofídico e acabou morrendo.

Fato que aconteceu pouco depois da visita feita por Joaquim Góis.

Dona Maria, ao que sabemos, jamais contou a qualquer pesquisador ou a pessoas interessadas nos acontecimentos do cangaço o "porquê" do seu proceder no episódio dos encontros, por ela própria facilitados, entre sua filha e Lampião.

Se havia algum segredo nisso, ela levou-o para o túmulo.

Esses os acontecimentos culminantes das existências secas daquelas duas mulheres, que foram designadas pelo destino a serem mães do casal que deixou triste renome na história do cangaço.

Mas não foram as únicas, é claro.

Cada elemento, homem ou mulher, que era admitido nas hordas lampiônicas, deixava atrás de si u'a mãe.

Saudosa, preocupada, temerosa, angustiada, contente?

Talvez com um pouco de cada um desses sentimentos.

Um exemplo típico foi a mãe de Balão, que deu-lhe a bênção e vários conselhos de como deveria proceder, quando o mesmo fora para o grupo de Corisco.

A mãe de Beija-Flor, Maria Cleto, é uma das que devem ter ficado alegres com a atitude do filho, pois não esperava ela que o mesmo fosse acertar contas com vizinhos desafetos da família?

Outra mulher que estimulou o filho foi a mãe de Luiz Padre, que também esperava vingança pelo assassinato de seu esposo, conhecido como "padre" Pereira, e arranjou até uns cabras para acompanharem o jovem na "vendetta".

Chico Pereira também foi auxiliado por sua progenitora na luta que empreendeu para lavar com sangue a morte do pai. Fornecia-lhe armas, munição e gente aguerrida e aventureira para acompanhá-lo.

Essa e tantas outras sofreram as conseqüências de terem dado à luz filhos e filhas que foram para a companhia de Lampião ou de outros chefes de bando.

Quanto mais humilde a família, de menor expressão social ou econômica, maiores eram os vexames, os castigos e as atribulações que sofriam em mãos da polícia.

Embora, sejamos honestos, tenham havido raras e honrosas exceções.

Uma, vamos deixar registrado aqui, aconteceu com dona Mocinha, a irmã de Lampião.

Certa vez ela foi intimada a comparecer na delegacia de Pedra de Delmiro.

Foi.

Chegando lá, entrou na sala e quando ia sentar-se em uma cadeira, foi impedida por um soldado que estava presente e lhe disse com maus modos:

— Num precisa sentá não. Irmã di bandido fica di pé memô!

O oficial, que também estava presente, respondeu imediatamente:

— Pode sentá sim. Ela não tem culpa do irmão ser bandido. Pode sentá minha senhora.

O soldado ficou desapontado com o acontecido.

Mas de uma forma geral, como dissemos anteriormente, eram os paisanos tratados com "casca e tudo".

Coisas assim sempre acontecem mesmo, é esse o ônus que pagam os deserdados pela sorte.

AS ORIGENS DAS MULHERES NO CANGAÇO

Como já o dissemos, a primeira mulher a ser admitida no bando de Lampião foi Maria, isso nos princípios da década de trinta.

Com esse "Abre-te Sézamo", dado pelo chefe, imediatamente foram sendo "convocadas" novas sertanejas para as fileiras do "exército" lampiônico.

O clube fechado, o círculo no qual se permitia somente a presença masculina fora rompido.

Quando se fala sobre o assunto cangaço, é necessário esclarecer que a presença da mulher nos grupos andantes, só se fez notar na segunda fase da vida cangaceira de Lampião, isto é, depois da sua travessia, que serviu como uma marca na sua vida, do Rio São Francisco em agosto de 1928. Muitas pessoas, lendo sobre esse assunto, vendo falar tanto em Maria Bonita, Dadá, Lídia e outras tantas bandoleiras, podem julgar que elas viveram sempre andejando com seus eleitos. Que tenham percorrido os caminhos dos sete Estados nordestinos marcados pelas alpercatas dos cangaceiros e volantes que os perseguiam após seus assaltos e correrias.

Tal porém não se deu. Os tabuleiros, carrascais, caatingas, serras e descampados do Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba jamais tiveram a "felicidade" de serem pisados pelos pés delicados dessas mulheres que viveram a aventura do cangaço.

Contentaram-se as mesmas, em delimitar o seu pervagar cigano de andarilhas incansáveis aos chãos baiano, pernambucano, alagoano e sergipano.

Com grande predileção, é bom que se ressalte, aos territórios do primeiro e do último Estado.

Ali na Bahia ficaram percorrendo as regiões Norte-Nordeste, principalmente. Beirando com assiduidade as margens do São Francisco.

Dadá contou-nos que várias vezes passou pertinho da Cachoeira de Paulo Afonso, junto com seu marido Corisco, olhando aquele mundo d'água despencando lá para baixo. Houve uma viagem de Lampião até às serras do Angelim e Grande, que foram cruzadas e, após, foram atacar Santo-Sé, na margem



Maria Bonita, em estado de gestação, tendo Lampião a seu lado.

direita do "velho Chico", esse o extremo que as andanças cangaceiras atingiram, não o atravessaram nesse ponto. Entre o rio e as divisas com Goiás e Piauí não estiveram.

Todo aquele mundo semideserto, quase desabitado ainda hoje, não foi explorado por Lampião ou sua gente. Para os lados do Sul já é mais difícil afirmar-se até onde eles andaram. Mas faço uma observação, creio, ainda, que a melhor maneira de conhecer-se essa história é falar com os personagens que participaram da mesma, de uma forma ou de outra.

Ouvir quem usava as cartucheiras recheadas de balas de fuzil, conseguidas de políticos ou fazendeiros poderosos, com os chapéus enfeitados e seguindo as ordens de Lampião ou levavam nas cartucheiras as balas fornecidas pelo governo estadual, com perneiras da Força Pública e sob as ordens de um tenente ou sargento que saía à frente das volantes.

É ouvindo o coiteiro ardiloso, de outros tempos, o paisano vítima das forças em luta, é por esse caminho que podemos chegar à verdade. Verdade seja dita, que muitas vezes encontramos obstáculos quase intransponíveis, no exagero, na mentira, e principalmente na lenda.

Porque Lampião e os seus entram para o folclore ainda em vida. É difícil separar-se o mito da realidade. Mas deixemos este instante de fugaz divagação e voltemos aos prováveis pontos, os situados mais ao Sul, que esse bando cangaceiro atingiu, na Bahia. Cangaceiros andaram pelo município de Ipirá, tendo até provocado algumas mortes na ribeira do Rio do Peixe, que cruza essas terras.

Existe um outro Rio do Peixe situado próximo da divisa entre Bahia e Sergipe, em lugar bastante freqüentado pelos grupos que viviam passando de um Estado ao outro. O extremo sudoeste, das terras do cangaço, foi atingido por Corisco e Dadá, quando estavam tentando deixar aquela vida, em Barra do Mendes, ali em Barro Alto. Foi, ao que tudo indica, a única vez que algum cangaceiro pisou com suas alpercatas ferradas em terras da Chapada Diamantina, e não em expedição guerreira, é bom lembrarmos ao leitor. Ali, na Bahia, morreram Maria de Azulão, Mariquinha de Labareda, Nenê de Luiz Pedro e outras foram presas.

O Estado mais procurado, visitado, conhecido, percorrido, revirado, perlustrado e todos os outros qualificativos que possamos dar, foi o de Sergipe. Neste Estado, podemos afirmar com toda a certeza, pelo menos um dos grupos de cangaceiros,

o de Zé Sereno, para sermos mais explícitos, chegou até a pancada do mar. Ele próprio contou-nos que certa vez andaram desarvorados entre Capela e Malhada dos Bois. Perseguidos, foram-se embrenhando para os lados do Baixo São Francisco e indo parar em uma fazenda situada entre Neópolis e Ilha das Flores, nas margens do rio e viram, segundo ele, até a maré do mar subindo.

Por sinal que nessa fazenda, que tinha energia gerada por motor, foram recebidos pelo dono que estava a cavalo e que ao divisar o grupo armado galopou em direção ao mesmo gritando:

— Eu sou o dono!

Foram com o mesmo até a casa grande, onde comeram e, a esposa do fazendeiro, depois, tocou violino para os cabras, que emocionados, choraram.

Zé Sereno disse que abasteceram-se e após partiram em paz.

Toda a extensão do Rio São Francisco, isto é, da Cachoeira de Paulo Afonso descendo em direção à foz, foi fortemente explorada pelos cabras de Lampião. Mas não só a zona ribeirinha, o sertão e o agreste também viveram intensamente o fenômeno do cangaço. Até mesmo Capela, então uma das principais, senão a principal cidade do interior, teve essa "honra", perfeitamente dispensável, aliás.

Quando queriam descansar de suas correrias, combates e andanças, vinham para o pequeno Estado. Onde até as pedras eram amigas, segundo falou-nos Sereno. Mas apesar de toda essa amizade dos habitantes, de todo o apoio recebido de poderosos coiteiros, foi em suas terras que o mais famoso casal do cangaço acabou terminando seus dias. É bem verdade que por mãos estranhas ao povo dali. A morte cruzou o rio, vindo do Estado dos marechais, e acabou com o reinado desse líder caatingueiro.

Nesse mesmo dia morreu também Enedina, Áurea fora morta antes, também neste Estado. Encontra-se enterrada em terras sergipanas a cangaceira Adelaide, vítima de parto trabalhoso.

Talvez, se vivesse fora do cangaço, conseguisse sobreviver, talvez não, porque os recursos médicos naquelas paragens eram precários, difíceis de alcançar naqueles rincões distantes. Talvez ficasse assim no terreno do possível, das probabilidades, da hipótese.

Embora os cangaceiros tenham chegado até a Zona da Mata (recordemos que, dos Estados percorridos pelas mulheres dos bandoleiros, Sergipe foi o único em que tal fato aconteceu) o agreste foi bastante visitado por eles.

Quanto à região da caatinga, principalmente a das zonas noroeste do Estado, pela sua vastidão, por sua pequena densidade populacional, pelos grandes latifúndios utilizados na pecuária especialmente, foi, é obvio, um ótimo "pasto para o cangaceiro", que é como se diz por lá.

Quem pega um mapa desse Estado hoje em dia, vê o quanto é despovoada essa zona seca. Imagine-se como seria bem mais deserto há cinqüenta anos atrás. Era a continuação dos ermos do nordeste baiano. Uma zona vasta, semi-árida, sempre castigada pela inconstância das chuvas, com rios temporários, que na maior parte dos meses do ano transformavam-se em leitos pedregosos, arenosos e secos, esquecendo-se de que sua finalidade era dar vazão às águas.

Não eram ainda, nos tempos do cangaço, suas fazendas e propriedades divididas pelas cercas de arame farpado. Só posteriormente é que a liberdade do gado caatingueiro principiou a ser tolhida por essas cercas modernas.

O Estado de Alagoas também foi muito freqüentado pelas cangaceiras. Mormente sua zona ribeirinha e o sertão. Alguns dos mais trágicos dramas da história interna do cangaço ocorreram em suas terras ou até mesmo em suas águas. Como a morte de Rosinha, a "viúva" de Mariano, que foi assassinada por Pó Corante, dentro de uma canoa que já se aproximava da margem alagoana. Uma eliminação física de quem conhecia coiteiros, pontos, e que vinha sendo defendida (a eliminação dessas pessoas) por Luiz Pedro. Também o assassinato de Cristina, de Português, foi tramado e executado nesse Estado. Não esquecendo-se os casos de Eleonora e o da infeliz mulher que teve sua vagina dissecada e curtida após aquele pequeno tiroteio próximo de Mata Grande. Aqui também, como em quase todas as regiões percorridas pelos grupos, as estradas são poucas e péssimas, o que dificultou a perseguição policial e favorecia, sobremaneira, a sobrevivência dos bandos erradios.

Traçando-se uma linha reta da pitoresca cidade ribeirinha de Pão de Açúcar até Santana do Ipanema, toda a zona situada à esquerda da mesma, e que vai até o Rio Moxoto, marco da divisa entre os Estados de Pernambuco e Alagoas, é escassamente povoada.

O que dissemos em relação à zona noroeste de Sergipe vale também para o alto sertão alagoano. Se hoje é assim, imagine-se meio século atrás.

Nos tempos do cangaço, essa região era preponderantemente utilizada para a criação de gado. Nasciam, cresciam e proliferavam os bovinos nos carrascais ínvios. Criados ao Deus dará. Não exigindo maiores cuidados, um vaqueiro com sua família, tomando conta de fazendas enormes e daí termos a pequena densidade populacional reinante então.

Viviam insulados pelas distâncias e pela falta de meios de comunicação. Tão bravios e brutos quanto o gado semi-selvagem que cuidavam.

O semi-árido das caatingas de Alagoas e Pernambuco fazia-se um só, era um dando continuidade ao outro, sem diferença de porte a distingui-lo ou separá-los.

E o Estado de Pernambuco, que serviu de berço a Lampião e de palco para suas primeiras escaramuças guerrilheiras, foi o que menos visitas teve por parte das mulheres que acompanhavam os grupos de cangaceiros.

Com toda certeza, comprovadamente ali esteve Maria Bonita, naquela infrutífera tentativa de entrar em Serrinha do Catimbaú e na qual a mulher foi baleada pelos defensores.

Outras que também ali estiveram com toda a certeza foram Dadá e Otília, a primeira companheira de Mariano, no ano de 1934, como já dissemos em capítulo anterior.

Dadá voltou, posteriormente, a outras regiões desse Estado e a última vez em que ali esteve foi após o ataque à cidade de Piranhas. Nessa viagem estavam também mais duas mulheres, Durvinha e Maria Jovina, e aconteceu um rápido tiroteio com uma tropa volante, que aproximava-se do grupo por dentro do leito de um riacho seco, situado já bem próximo com o município de Lagoa do Monteiro, na Paraíba. Trocaram bem poucos tiros, mas um deles atingiu o "marido" de Durvinha no alto da coxa, bem na veia femural; a hemorragia foi imediata e violenta e em poucos minutos Virgínio esvaiu-se em sangue, morrendo.

Ao que sabemos, somente estas mulheres estiveram percorrendo a zona agreste, com poucas e péssimas estradas, mais ou menos central das terras pernambucanas.

A região pela qual viajaram esses grupos, era uma zona também agreste, com poucas e péssimas estradas, mais dedicada à criação intensiva do gado miúdo, mas resistente. A vegeta-

ção é semelhante a de outras partes do semi-árido nordestino. Facheiros, mandacarús, quipás, coroas de frade, rabo de raposa, gravatás, e outras, da espécie. As serras e serrotes alterando-se e abaixando-se nas distâncias, dando quase a impressão de um maior encapelado, oferecendo muitos lugares onde grupos errantes poderiam esconder-se facilmente. Mas, comparando-se com o quase deserto humano das terras do nordeste baiano, do noroeste de Sergipe e Alagoas, essa região de Pernambuco era bem mais habitada. E isso desgostava a qualquer chefe de grupo cangaceiro. Os ermos lhes eram mais propícios. Por fim, como já estamos chegando ao término da jornada, vamos divulgar qual a procedência das mulheres cangaceiras. Procedência no sentido geográfico, não no modo de agir. Não sabemos, com toda certeza, o local de nascimento de todas, que vaguearam na vida perigosa e sangrenta do cangaço, vamos portanto, relacionar somente aquelas cujas origens foram investigadas por nós ou por outros pesquisadores idôneos.

Vamos iniciar pelo pequenino mas valente Estado de Sergipe, que deu para as fileiras de Lampião um numeroso e diversificado grupo de sertanejas. Sobressai por todas as formas, pela juventude, pela beleza, pelo número relativamente avultado, por participarem ainda da época em que ouviu-se o "toque de finados do cangaço", o contingente proporcionado pela Vila de Poço Redondo. Aliás, segundo ouvimos da boca de pesquisadores e estudiosos do tema cangaço, em encontro que tivemos em Aracaju, como pilhéria é claro, o seguinte:

— Poço Redondo deveria chamar-se Poço dos Cangaceiros.

Também na mesma ocasião esta afirmativa galhofeira:

— Se o cangaço durasse mais meia dúzia de anos, não iria sobrar mais nenhum jovem ali, nem moço e nem moça, iriam todos para os grupos. O cangaço em Sergipe era até uma brincadeira.

Dali saíram, atendendo ao bizarro apelo dos homens do cangaço, para incorporarem-se, as seguintes jovens:

Dulce e sua irmã Rosinha. A primeira acompanhando a "Criança", e a segunda ao chefe de grupo, Mariano. Sila, para a companhia do chefe de grupo Zé Sereno. Curioso neste caso é que três irmãos da mesma também "assentaram praça" no mesmo grupo, e no mesmo tempo.

Adília, que foi para junto de um jovem também ali do Poço, que trazia o vulgo de Canário. Adelaide, cujo compa-

nheiro, muito nosso amigo, pediu-nos que não declinássemos o seu nome. Prometemos que não o faríamos e estamos honrando a palavra empenhada. Essa jovem faleceu vítima de parto trabalhoso em um recanto de caatinga brava.

Enedina, a única esposa que acompanhou seu cônjuge quando o mesmo teve que abraçar o cangaço.

Sabemos de outras que tornaram-se esposas, pela lei da Igreja ou civil, durante a vida como cangaceiras ou então logo após as entregas. A única a cumprir o juramento, que se faz ao pé do altar, de acompanhar o marido nos bons e maus momentos, na felicidade e na tristeza, na alegria e na dor, até que a morte os separe, foi essa cabocla de Poço Redondo que acompanhou Zé de Julião, batizado como Cajazeiras no grupo. E acompanhou-o fielmente até tombar morta no Angico.

Outra do magote de moças de Poço Redondo foi Maria Fernandes, que viveu pouco mais de um mês no bando ao lado de Mané Juriti, ou simplesmente Juriti, como era mais conhecido. Mas apesar de ter vivido tão pouco tempo como cangaceira atuante, já há bastante tempo mantinha ligações com os vários grupelhos que "invernavam" no solo sergipano, e além do mais estava presente quando do combate da fazenda Angico onde morreram vários companheiros e companheiras, e ela, em estado de choque e paralisada pela surpresa do acontecimento, teve que ser arrastada pelos cabelos para fora da zona de combate.

A última das que sabemos ter visto pela primeira vez à luz do dia ali no Poço foi Áurea. Essa jovem amancebou-se com Manoel Moreno (o da Bahia) e perdeu sua vida durante o baile do qual participavam animadamente. Deixou este mundo provavelmente em estado de euforia, pois é sabido que gostava muito de dançar.

Maria Cardoso, já não era do mesmo lugar das anteriores, nascera e morava com sua família no interior do município de Cariri, onde seu homem, Gitirana, acabou morrendo tuberculoso após ter fugido da penitenciária de Salvador.

Das terras secas, ensolaradas e sofridas do nordeste baiano veio um outro contingente de moças morenas, vivazes, e algumas delas em verdade muito bonitas. A título de lembrete vamos dizer que, por uma estranha coincidência, o maior número de cangaceiras (aliás, tal afirmativa é também válida em relação aos homens que integraram os diversos agrupamentos cangaceiros) advinham das regiões mais açoitadas pela miséria,

pelo descuido das autoridades, pela falta de estradas dignas desse nome, com irrisório número de escolas, com população auferindo renda baixíssima e sendo explorada pelos que detinham maior poder econômico. Sendo que, em Sergipe, essa zona abrangia o sertão, mormente o vasto município de Porto da Folha, onde se inseria o povoado de Poço Redondo.

No Estado da Bahia eram os municípios de Bebedouro, Paripiranga, Geremoabo, Chorrochó, principalmente, e outros, a maioria dos quais lindeiros com as caatingas sergipanas. E foi dessa zona esquecida da vastidão da Pátria, do mais recôndito dos carrascais, que brotou o nome máximo dentre as mulheres cangaceiras. Aquela que abriu, inconscientemente, involuntariamente, a porta para a entrada de todas que vieram a seguir seus passos e adentraram no mundo do cangaço, que até então era vedado ao sexo frágil. A rainha dos sertões, a companheira fiel do monarca dos tabuleiros e carrascais, a amante devotada do comandante supremo dos bandos andarilhos, a companhia constante nos bons e nos maus momentos, na vida e na morte. Maria Bonita, a filha do solo de Santa Brígida, a sertaneja natural da fazenda Malhada da Caiçara, que deixou o seu torrão, seu lar, seu esposo, para ir junto com o homem que escolhera para companheiro e com o qual escreveu, ou melhor dizendo, marcou seu nome na história do banditismo sertanejo com letras de fogo, sangue, suor e lágrimas.

Mas esse destino foi fruto de sua opção pessoal, seu desejo e vontade de levar uma vida incerta e perigosa em conjunto com aquele que seu coração elegera. E o Estado onde aportou a esquadra portuguesa de Pedro Álvares Cabral acabou dando o maior número de acompanhantes para os cangaceiros. Dali também veio a famosa Lídia para viver com o bronco Zé Baiano.

Florência, a amásia de Rio Branco, que conheceu de perto as últimas horas de Corisco. O casal estava presente quando soaram os dobres de finados da saga cangaceira, lá na fazenda do velho Pacheco.

Otília, a primeira companheira de Mariano; Bidio que tão pouco tempo andou com Volta-Seca; e Maria Jovina, a mocinha que vivia com Pancada, também eram baianas. Gertrudes, que escondeu-se com o amásio Beija-Flor naquele deserto inóspito que é o Raso da Catarina; Durvalina, a amante do cunhado de Lampião, o norte-riograndense Virgínio, vulgarizado com o apelido de Moderno, também eram filhas do interior baiano.

Outras mais, que ali nasceram, foram Liónila, apelidada Lió, que não sabemos com quem convivia. Moça, a arrelienta amásia de Cirilo de Ingracia; Lili, a jovem bonitinha que acompanhou Lavandeira até a morte do mesmo e depois escolheu Moita Brava como "marido", sendo assassinada por infidelidade. Quitéria, amigada com Pedra Roxa; Lica a de Passarinho, e Sabina a de Mourão. Mariquinha, de Labareda, engrossava essa legião de baianas destemerosas e acabou morrendo em um "fogo" com uma volante, nos princípios da década de quarenta; Ana que a substituiu e que quase em seguida entregou-se com o mesmo. Nenê, de Luiz Pedro, que acabou vendo o fim de seus dias no curral da fazenda Mucambo. Antônia Maria, mulher de Balisa, e Maria, de Azulão, que teve a desgraça de ser degolada juntamente com o mesmo, e acabou sendo, portanto, a primeira das mulheres a ser morta pelas forças volantes.

Terminando, temos Inacinha, que acompanhava o cangaceiro Gato; Eufrosina, mais conhecida pelo vulgo de Florzinha, e que foi uma mulher de muitos homens, acabando por entregar-se junto com Saracura e a tal da Maria Izidoro, que afirmam ser baiana e é essa a única informação sobre a mesma. Do Estado de Alagoas nós também temos algumas representantes nas falanges de guerreiras caboclas. Por exemplo Laura, apelidada por Doninha, e que andou se oferecendo para acompanhar qualquer um dos cabras que a quisesse e que no fim acabou sendo aceita por Boa-Vista, um elemento que, segundo os companheiros, não teve a menor expressão no mundo dos cangaceiros.

Cristina, reconhecida por quase todos que a conheceram de perto como a mais feia das mulheres do bando. Sem dúvida alguma um título que não envaideceria ninguém e muito menos uma mulher. Foi morta, para que não denunciasse coiteiros e pontos, por ordem de companheiros e morreu em terras do Estado que a vira nascer.

Sebastiana foi uma moça nascida no interior alagoano e que o cangaceiro Moita Brava escolheu para sua amante, após os acontecimentos que culminaram com a morte de Lili. Juntaram-se e quando foi na ocasião das entregas a mesma acompanhou-o.

Aí temos, portanto, a plêiade de moças, meninas-moças e mulheres que viveram, participaram, fizeram a história de amor do cangaço.

Flechadas por Cupido ou propiciando ao deus do amor o

treinamento de sua pontaria no coração de seu eleito, elas ajudaram a tornar mais amena a existência dos guerreiros no mundo das alpercatas ferradas, dos chapéus de couro quebrados na testa e na nuca, das cartucheiras recheadas de bala de fuzil ou parabellum, dos punhais de 75 cm, dos bornais encruzados no peito, nos anéis vistosos, no mundo queimado pelo sol ardente, qual tocha de fogo suspensa na vastidão do céu, com os mandacarús, facheiros, xique-xique, coroas de frade, alastrado, unhas de gato defendendo o solo, o mundo de invernos intensos, com as chuvaradas transformando regos em riachos, riachos em rios e rios em um lençol infindável e intransponível.

É aquela vastidão dominada pela civilização do boi e do couro.

A terra dos vaqueiros, tangerinos e aboiadores, almocreves, ciganos, repentistas e tocadores. Das disputas violentas, das vinganças encomendadas, dos códigos de honra, velhos de séculos e acatados como se tivessem surgido ontem.

Esse o mundo que foi dos cangaceiros e cangaceiras.

GLOSSÁRIO

Termos usados pelos cangaceiros e, muitas vezes, pelos soldados que os combatiam.

Os civis da região também se utilizavam do mesmo vocabulário, pois, mantendo contato com uns e outros acabavam se familiarizando com o seu palavreado.

Aliás, muitas palavras foram adaptadas a uma nova situação, já que eram utilizadas pelos sertanejos, provavelmente há séculos.

A discubrir — Revelar, contar
Arreio — Cartucheira, por extensão outros equipamentos
Assuntar — Observar
Armocreve — Almocreve, pessoa que faz transporte de mercadorias em animais
Aprecata — Alpercata, tipo de calçado sertanejo, tipo de sandália com tiras cruzando o peito do pé
Assituado — Localizado
Abrir o cerco — Escapar, fugir
Avexado — Apressado
Baraiá rasto — Desmanchar o rastro
Barrero — Barreiro, buraco, no chão, de onde se retirou o barro para construção
Botada — Ataque de surpresa
Brigada — Combate, luta
Cangaceiro de bode — Indivíduo cuja coragem só dá para furtar bode
Catinga — Caatinga
Caatingueiro — Habitante da caatinga
Carrego — Bagagem de cangaceiro (também de soldado)
Cabo verde — Escuro ou preto de cabelos lisos
Carderão — Caldeirão, cavidade na rocha, onde a água se armazena. Existem dos mais variados tamanhos e formas
Cabra — Componente de grupo, cangaceiro, capanga
Cacimba — Buraco na terra, de onde, em tempos de seca, tira-se água

Coiteiro — Pessoa que ajudava aos cangaceiros das mais variadas formas

Coito — Lugar onde escondiam-se os cangaceiros; por certo tempo era chamado coito velho, quando pouco era coito novo

Corta rastro — Cruzar com pegadas de outros para achar pista

Contratado — Civil admitido para perseguir cangaceiros. Recebiam soldo, durante o tempo combinado

Confessá — Fazer contar segredos, por bem ou mal

Costurera — Costureira, metralhadora

Cuberta — Servem tanto para armar a torda quanto para cobrir

Choto — Pequena carreira, andadura intermediária entre andar e correr, corresponderia ao acelerado do Exército

Cabra de peia — Que só serve para apanhar

Cabelo bom — Cabelo liso, não crespo, não pixaim

Distambocô — Sair em cima de repente, surgir de surpresa

Desapropriá — Desapropriar, destruir propriedade de inimigo

Desassituado — Vazio, deserto, ermo

Emboscada — Sentinela, vigia

Fogo — Tiroteio, combate

Força — Grupo de elementos armados; soldados contratados ou ambos. Por extensão chamava-se também força a indivíduos isolados que perseguissem os cangaceiros (quando já tivessem pertencido à lei)

Fuzil de gancho — Fuzil metralhadora

Fuzil Brasileiro — Arma do Exército nacional que os cabras usavam

Ferro frio — Punhal, faca

Furar o cerco — Sair do cerco, escapar de um cerco

Grupo — Bando de cangaceiros sob as ordens de um chefe. Aliás, o grupo toma o nome desse. Exemplo: Grupo de Corisco, de Zé Sereno, de Mariano, etc.

Incumenda — Encomenda, compras

Macaco — Soldado (o próprio contratado levava, por parte dos cangaceiros, esse apodo)

Macacada — Vários soldados

Maiada — Malhada, lugar onde o gado se deita para descansar e no qual não nasce mato

Moderno — Jovem, novo (rapaz "moderno", de pouca idade)

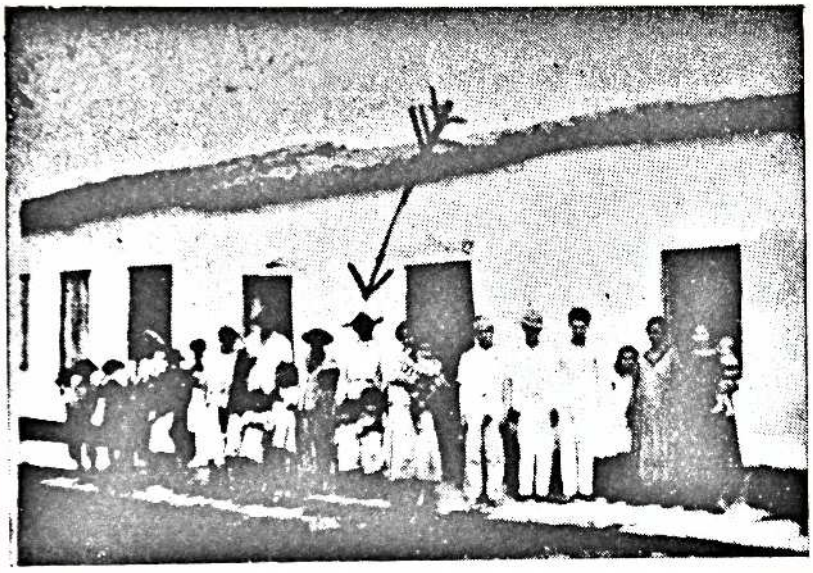
Moderna — Feminino de moderno

Mínimo — Tratamento amistoso, carinho (ex.: os mínimos de Corisco)

Praciano — Morador em cidade grande
Paisano — Pessoa que não é nem cangaceiro nem da força
Palitando — Procurando, pesquisando
Papoco — Estouro, barulho
Pipocar — Barulho igual ao estouro de pipocas
Priciga — Perseguição
Positivo — Pessoa que leva recado, mensageiro
Poso — Pouso, lugar onde dormiam
Ponto — Lugar onde escondiam armas, munição, remédios. Lugar de encontro
Rancho — Acampamento
Recuruta — Recruta, elemento novo, recém-admitido no grupo
Retaguarda — (em combates) atacar o inimigo pelas costas, envolver por detrás
Rua — Cidade, vila, lugarejo
Sorta — Solta, pasto cercado para animais
Sorta de gado — Idem, para gado vacum
Sangrá — Matar apunhalando na fossa supra-clavicular
Sangradô — Sangradouro, região da fossa supra-clavicular
Sóca — Quando se corta a planta e deixa-se um toco pequeno para tornar a crescer
Tabaréu — Caipira, matuto
Tanque — Bebedouro, lugar onde existe água armazenada
Torda — Barraca de chita
Tirar na aprecata — Andar a pé
Tabaroa — Feminino de Tabaréu
Volar — Sair de viagem
Volante — O mesmo que força. Viviam sempre deslocando-se atrás dos cangaceiros. Tanto em grupos ou isolados, recebiam o nome de volante
Vulgo — Apelido
Zuada — Barulho, ruído



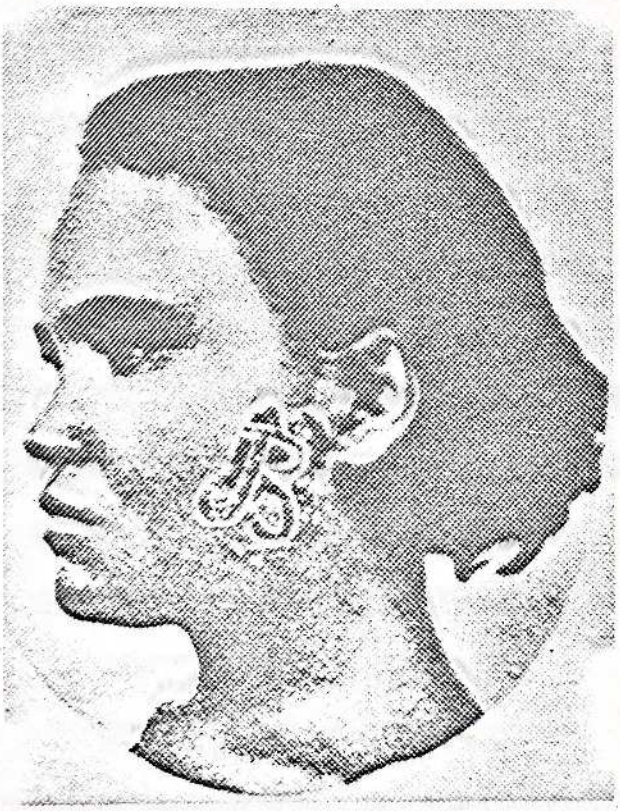
Analia Ferreira, irmã do cangaceiro Lampião.



Típico grupo familiar do sertão. As cangaceiras provinham de famílias iguais a esta.



Humildes sertanejas que eram vítimas tanto dos cangaceiros quanto das volantes.



Outra vítima do carrasco José Baiano. Ferrada igualmente na face e não sendo das que residiam em Canindé.

Apesar de algumas figuras míticas, como
Maria Bonita ou Dadá, a literatura do cangaço
sempre girou em torno do homem e seus feitos.
Sabíamos da existência de várias mulheres ligadas a ele,
participando da luta ou como companheiras
de cangaceiros. No entanto, estas mulheres estavam
sempre em plano secundário ou tratadas com romantismo.
Faltava a busca em maior profundidade que mostrasse
realmente como era o relacionamento cangaceiro-mulher.
De que modo a parceira era tratada, considerada,
os comportamentos morais, a vida sexual, os códigos
que regiam, como lutavam. Não sou especialista
do assunto, mas sou rato de livraria. E ao que me parece
esta é a primeira vez que o assunto vem englobado,
abordado sob vários aspectos e de modo abrangente.
Amaury escreveu seu trabalho numa forma
quase de romance que a gente vai lendo interessado,
querendo saber o que vem no capítulo seguinte.
E ele traz informações curiosas, fascinantes, loucas,
engraçadas. Um livro que pode ser ponto de partida a um filme,
seriado de televisão e mesmo romanção.
Comecem a ler. Se acharem chato, podem mandar
uma volante atrás de mim.

IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

TRAÇO EDITORA